

UM ROMANCE FANTÁSTICO DE  
**IZE CHI KIOHAAN**



**A**  
HERDEIRA  
DO MAR





UM ROMANCE FANTÁSTICO DE  
**IZE CHI KIOHAAN**



**A**  
**HERDEIRA**  
**DO MAR**

# A HERDEIRA DO MAR

2013-2020 Todos os direitos reservados  
2ª edição revista e atualizada

Copyright © 2020 by Ize Chi Kiohaan

**Projeto Gráfico:** Ize Chi Kiohaan

**Projeto da Capa:** Marcus Pallas

**Revisão:** Da Autora

Este livro foi editado segundo as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente.

CATALOGAÇÃO NA FONTE - PCAC

---

K56h Kiohaan, Ize Chi 1989-

A herdeira do mar / Ize Chi Kiohaan – 2 ed. (revisada e atualizada) – Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2020.

ASIN: B07YK4H4S5

1. Literatura brasileira - Prosa. 2. Romance. 3. Fantasia urbana. I. Título.

CDD: B869.3

CDU: 82-31

---

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização do autor

*Dedico este livro a meu marido, inspiração para cada cena romântica descrita.  
Ele é a prova de que o destino existe e que, há sim, alma gêmea neste mundo.*



Se esta é a primeira vez que você tem contato com “A Herdeira do Mar”, sintá-se livre para pular inteiramente esta seção, pois ela é dedicada àqueles que leram a primeira versão desta obra – e a quem devo tanto agradecimentos quanto desculpas.

Agradeço porque, sem o apoio desses leitores, a obra jamais teria chegado ao estágio em que se encontra atualmente, e eu não teria nem mesmo cogitado escrever a continuação. E foi pela motivação deles que quis continuar, insistindo no “volume dois” para acompanhar Cordélia e Morgan em suas aventuras pelo mar.

E me desculpo porque, infelizmente, não consegui entregar essa continuação a eles – não com a obra do jeito que se encontrava. Desde o início, “A Herdeira do Mar” me incomodava em uma série de fatores. O que, admito, é estranho, já que eu sou a autora!

Esquisitices à parte, acontece que eu visualizava o livro de uma forma simples: queria entregar um romance entre uma garota que se descobre sereia e um tritão. A questão é: de alguma forma, a obra evoluiu. O primeiro *briefing* do livro era extremamente simplificado, escrito com uma personagem em primeira pessoa (e, salvo meu marido, ninguém nunca leu *essa* versão). Depois dela escrita, eu resolvi incrementar, trocando a visão da personagem, e saiu a versão que meus antigos leitores conhecem, e que esteve disponível por um bom tempo.

“A Herdeira do Mar” era um volume de quinhentos e cinquenta e seis páginas (um “potocão de respeito”), contendo *muita* informação sobre sereias e o povo do mar. Tudo que eu havia desenvolvido em minha mente sobre essa nova sociedade que criei, eu escrevi e entreguei aos meus leitores. O problema? Era

informação *demais*.

E isso me incomodava. Ter “entupido” os leitores com tanto de uma vez (ainda que, por um lado, fosse uma entrega “completa”), me deixava... Desconcertada. Junto a isso, eu não me sentia satisfeita com o desenvolvimento da Cordélia como personagem principal, nem mesmo em seu relacionamento com Morgan.

E, durante os capítulos da continuação em andamento, esses fatores me incomodaram, ao ponto de eu parar de escrever diversas vezes. Até que em um momento eu simplesmente pensei “por que não corrigir tudo que me incomoda?”.

Era loucura. O que começou apenas como uma revisão para “enxugar” algumas informações, se tornou uma verdadeira reescrita da obra inteira. Deu trabalho, principalmente do ponto de vista de informações: até onde eu havia “enxugado” demais? Revisei dezenas de vezes para ter certeza que o principal estava ali, e não havia deixado furos com toda essa reescrita.

E eu gostei dessa nova versão final. Me deixou satisfeita e *feliz* com o resultado. Agora, consigo visualizar a continuação muito melhor do que visualizava antes, e tenho dentro de mim que ela *vai* sair dessa vez, pois com essa reescrita, me sinto muito mais segura da forma como pretendo desenvolver.

Vocês, leitores que já conheciam a obra, inevitavelmente, farão uma comparação mental. Perceberão as diferenças nas atitudes da Cordélia e Morgan, bem como de cenas que foram retiradas ou modificadas por completo. Mas não se enganem: a história é exatamente a mesma, porém, entregue de uma forma diferente.

Espero, do fundo do coração, que meus antigos leitores gostem tanto dessa nova versão como eu gostei de escrevê-la. E que encontrem dentro de si um pouquinho de *perdão* para fornecer a essa autora desiludida, que resolveu mexer na obra que eles gostavam apenas para satisfazer sua “escritora interior”.

A única promessa que posso fazer é: dessa vez, vocês terão uma continuação da obra, e ela não demorará anos para sair.

Com amor,

*A autora*





|                                                             |  |
|-------------------------------------------------------------|--|
| <a href="#"><u>Prólogo</u></a>                              |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 1 – Rainha do gelo</u></a>          |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 2 – O estranho misterioso</u></a>   |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 3 – Explicações</u></a>             |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 4 – Histórias da família</u></a>    |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 5 – Boas vindas ao mar</u></a>      |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 6 – Uma noite encantada</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 7 – Nova rotina</u></a>             |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 8 – Descobertas inesperadas</u></a> |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 9 – Pequenos avanços</u></a>        |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 10 – O peso das tradições</u></a>   |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 11 – Imaginação fértil</u></a>      |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 12 – Aprendizado</u></a>            |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 13 – O povo do mar</u></a>          |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 14 – Erros e acertos</u></a>        |  |
| <a href="#"><u>Capítulo 15 – Um povo corrompido</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>Epílogo</u></a>                              |  |



### *Cornualha, Reino Unido*

UM PEQUENO GRUPO TURÍSTICO escolar aproximou-se do Museu de St. Ives, localizado em uma península homônima. Era formado por crianças entre oito e dez anos, e dois professores as guiavam pelos corredores, apresentando as histórias e lendas locais, logo depois as levando para um passeio pela baía, onde poderiam brincar na areia. Estavam proibidas de entrarem no mar, pois as ondas estavam fortes e não haviam salva-vidas por perto, e poucos momentos depois, todas se divertiam montando castelos e escrevendo seus nomes na areia.

Uma das crianças, uma garotinha ruiva em seus oito anos de idade, parou o que estava fazendo, concentrando-se repentinamente no som das ondas que quebravam na baía. Podia ver alguma coisa brilhosa perto da água; ignorando o aviso dado por seus professores, caminhou até estar bem próxima, e agachou-se para pegar o objeto: uma concha. Ficou maravilhada com o que tinha nas mãos, pensando que nunca havia visto uma concha tão bela: era maior que seu punho, e possuía um brilho que nunca havia visto antes.

Estava tão distraída que não ouviu os gritos ao seu redor. Quando deu por si, foi arrastada por uma onda para dentro do mar, e em poucos segundos perdeu o ar que prendia nos pulmões. Não entendia o que estava acontecendo, ou mesmo o significado de se afogar. Sua consciência já estava se esvaindo, quando sentiu um braço a envolver, levando-a para a superfície e nadando de volta até a baía. Uma boca encostou na sua, assoprando forte, e logo começou a tossir água; mas quando finalmente abriu os olhos, não viu ninguém ao seu redor. Estava deitada

na areia, na extremidade da praia, bem longe do grupo em que se encontrava.

Nenhum dos professores soube explicar o que havia acontecido naquele dia, pois a garotinha jurava que havia sido salva por alguém, apesar de nenhuma pessoa ter entrado na água para resgatá-la. Quando contou ao seu pai, alegando que possuía um anjo da guarda, ele entrou em desespero, pois sua esposa havia morrido afogada anos antes. Se mudou pouco depois com a filha para outro país, e a menina não deixou de perceber que sempre moravam em lugares que não possuíam acesso ao mar.

Na medida em que os anos passavam, uma ansiedade à tomava; precisava visitar o oceano, mas seu pai sempre procurou mantê-la longe. Porém, quando estava próximo de seu aniversário de dezoito anos, mudaram-se para uma casa em zona litorânea, com vista para o mar. A menina, já quase uma mulher, sentia internamente que sua vida estava prestes a mudar para sempre.



capítulo 1

# *Rainha do gelo*

O QUARTO TRIMESTRE COMEÇAVA no início de outubro, no colégio Resilio House, uma instituição de ensino privada localizada em North Bondi, New South Wales, Austrália. Os alunos chegavam aos poucos, reencontrando seus amigos após o recesso, com um sentimento de saudosismo preenchendo os que cursavam seu último ano do ensino médio, pois não mais passariam por aquele momento no ano seguinte.

Os corredores estavam cheios de jovens jogando conversa fora, adiando ao máximo a ida para suas salas. Um rapaz estava de costas, cumprimentando alguns colegas, quando alguém esbarrou nele.

– Oh... Desculpe.

O rapaz olhou para a dona da voz, e a resposta que estava na ponta de sua língua se perdeu. De repente, se esqueceu até mesmo de como falar, de tão encantado que ficou. Na sua frente estava a garota mais maravilhosa que já vira na vida: sua pele era branca aveludada, sem nenhuma sarda no rosto fino e delicado; seu cabelo era comprido e ondulado, em um vermelho escuro que destacava sua face, e o uniforme a envolvia espetacularmente, destacando suas medidas proporcionais em um corpo esbelto.

E os olhos: se perdeu naquele olhar, cinza como uma tempestade, que dava um ar sério em sua face, apesar do sorriso contido que ela demonstrava.

– Me chamo Cordélia – ela estendeu a mão – prazer.

Forçando o próprio corpo a responder, ele correspondeu o gesto.

– Eu sou Josh – ele se apresentou, esquecendo por completo que falava com

outras pessoas antes de ela surgir – hum, você é nova aqui?

Era impossível que ele não a tivesse conhecido, em todos os seus anos de colégio, mas, ainda assim, precisava confirmar.

Ela abriu um sorriso desconcertado.

– Transferida, na verdade. Estou no último ano.

A informação fez um sorriso enorme surgir no rosto de Josh.

– Eu também. No último ano, quero dizer – pigarreou para disfarçar o nervosismo, e notou um papel na mão da garota – hum, gostaria de ajuda para achar suas salas?

Ela o olhou de cima a baixo, como se o avaliasse, e sem perceber, Josh prendeu a respiração. Modéstia à parte, sabia que era bonito, se considerasse a quantidade de garotas que se interessaram por ele até o momento, especialmente depois que se tornou o capitão do time de polo aquático. Mas, por algum motivo, a aprovação *dela* parecia mais importante do que de qualquer outra pessoa do sexo feminino.

Ela pareceu satisfeita com o que viu, pois seu sorriso se alargou.

– Se não for muito incômodo... Gostaria, sim.

Caminhou ao lado dela pelos corredores, e não pôde deixar de notar como os olhares pareciam ser atraídos para sua pessoa; como se, apenas por existir, ela exercesse uma força magnética ao seu redor.

– Então... Você não parece ser daqui. Digo, do país – ele engoliu em seco, se chutando mentalmente pelo nervosismo.

– Meu pai trabalhava com aquisições de empresas, e acabei me mudando muito – ela explicou, a voz melodiosa parecendo hipnotizá-lo – morei boa parte da infância na Europa, e depois, na América do Norte.

– E a Austrália é a aquisição da vez? – não se conteve em perguntar.

– Não – ela sorriu – acho que dessa vez ficaremos mais tempo. Ele se tornou o CEO da filial daqui.

Josh comemorou internamente, mas tentou agir de forma indiferente enquanto a deixava em sua sala.

– Bom... É aqui – ele apontou a porta, ligeiramente decepcionado; já havia olhado o horário dela, e sabia que não tinham muitas aulas em comum – nos vemos no almoço?

Sua pergunta saiu quase como uma afirmação, e se indagou mentalmente se não estaria pressionando demais. No entanto, ela abriu um sorriso sincero em resposta, fazendo seu coração parar por um momento.



– Claro.

Cordélia não olhou para trás enquanto caminhava para uma mesa vazia, onde depositou sua mochila e se sentou. Conteve um suspiro, sabendo que provavelmente ainda estava sendo observada; nunca soube o que possuía, mas desde que se entendia por gente, sempre fora assim. Um olhar, no máximo algumas palavras, e conquistava quem estivesse ao seu redor.

Tudo na sua vida era fácil, às vezes até *demais*, por conta de sua beleza. Crescera sendo mimada pelas pessoas a sua volta, embora seu pai fizesse um esforço para que ela não abusasse tanto de seus atrativos. Na infância, era mais difícil; que adulto se negaria a dar um doce para uma garotinha tão encantadora? Mas na medida em que envelhecia, porém, tomou consciência de suas qualidades, e tentava exercer um controle sobre o charme que possuía.

Ainda assim... Nem sempre conseguia controlar, e acabou por usar um pouquinho com o rapaz que acabara de conhecer, Josh. *Hum...* Ele definitivamente era bonito: alto, com um porte atlético, cabelo loiro desfiado e olhos verdes gentis. Pensava em dar uma chance a ele e descobrir se ele poderia lhe causar uma sensação maior do que o simples *carinho*.

Ao longo da adolescência, nunca namorou a sério com ninguém; sua vida amorosa se resumia a poucos beijos com alguns corajosos o suficiente para a convidarem para sair, mas nunca passou mais do que alguns dias com o mesmo rapaz.

Se fosse perguntada, jamais assumiria, mas internamente, ela buscava *faíscas*. Queria sentir aquela atração épica que via em livros e filmes de romances, queria sentir seu coração disparar, queria dormir e acordar pensando *naquela* pessoa. Havia tido diversas amigas que passaram por sentimentos semelhantes, mas ela própria, nunca chegou perto. O oposto, contudo, era o usual: já havia recebido diversas declarações de “amor eterno” por conta da sua aparência.

Cada vez mais, achava que havia algo errado em si mesma; como se a própria beleza criasse uma barreira entre ela e o mundo real, impedindo que ela vivesse plenamente tudo o que deveria viver. Ter amigos de verdade, se apaixonar... não passou por nenhuma dessas experiências ao longo da adolescência. Verdade seja dita, costumava se tornar popular em todo lugar que pisava: em poucos dias, conquistava uma gama de colegas, embora tenha tido poucos que pudesse chamar de “amigos” – e nenhum mantinha contato no momento em que se mudava.

E ainda assim, se sentia... *vazia*. Sempre cercada de pessoas, mas sem se

conectar de verdade com nenhuma delas. Costumava sentir como se sua vida não tivesse um real significado, ou mesmo uma meta; mantinha as notas escolares altas por ser o que seu pai esperava dela, mas afora isso, não possuía nenhum sonho além de simplesmente *viver* de uma forma mais plena, onde pudesse *sentir* mais.

Sua manhã de aulas passou sem nenhum problema, ainda que sentisse os olhares de outros alunos sobre si. Acompanhou o fluxo de jovens na hora do almoço, e logo avistou Josh na porta de entrada do refeitório, que olhava atentamente para as pessoas que passavam. Quando notou Cordélia, um enorme sorriso surgiu em sua face, e ela mordeu o lábio inferior para se impedir de rir. Rapazes bonitos que ficavam nervosos perto dela eram sempre uma gracinha.

– Oi – ele a cumprimentou, desconcertado – achei que gostaria de companhia.

Envolvendo seu braço ao dele, e estando ciente do próprio charme que exercia, Cordélia o puxou em direção à fila que se formava.

– Gostaria, sim.

Josh provou ser muito mais divertido do que imaginava. Quando terminaram de preencher suas bandejas, ele a levou para uma mesa onde já haviam duas pessoas: um rapaz que, visualmente, era bem semelhante a Josh, e uma bela garota, com cabelos escorridos na cor de ébano.

– Estes são amigos meus – Josh apresentou, enquanto se sentavam – Dylan e Nathalie.

– Você é a novata que todos estão falando? – Dylan estendeu a mão – prazer.

A reação de Nathalie foi melhor do que Cordélia esperava: de forma efusiva, ela segurou sua mão e sacudiu, e seus olhos pareciam brilhar enquanto a observava ao lado de Josh. Estava acostumada a não ser tão bem recebida pelo público feminino – à parte a falsidade existente com a inveja –, mas aquela garota parecia genuinamente feliz em conhecê-la.

Posteriormente, entendeu melhor a relação entre eles: eram amigos de infância, tendo crescido juntos. Passou o almoço os conhecendo melhor, aprendendo que a grande diversão dos jovens na cidade era visitar a praia e surfar – duas coisas que ela passava longe de considerar um hobby.

– Na próxima vez que formos à praia, você pode ir com a gente – Nathalie a convidou – reduzimos o ritmo por conta dos estudos, mas podemos marcar essa semana!

– Bem... Desde que seja em alguma área que tenha salva-vidas – Cordélia comentou, ligeiramente embaraçada – eu meio que não sei nadar.

A informação surpreendeu os três jovens, e Josh logo se prontificou.

– Posso ensiná-la, se quiser – ele ofereceu, um sorriso tímido no rosto.

A ruiva sorriu, encostando um dedo em seu queixo, como se o avaliasse, deixando o rapaz paralisado em seu lugar.

– Estou tentada a aceitar essa oferta, mas me deem um tempo para avisar ao meu pai – sorriu como quem pede desculpas, afastando a mão – digamos que há um certo trauma na família em relação ao mar.

Nathalie franziu o cenho.

– Você já se afogou?

Cordélia deu de ombros.

– Aos oito anos, e minha mãe faleceu assim – respondeu, tentando soar indiferente. Aquele não era o melhor assunto para uma conversa com pessoas que havia acabado de conhecer.

Os três jovens ficaram em choque com aquela revelação, mas antes que começassem com os pêsames, Cordélia sorriu novamente, se virando para Nathalie.

– Vou precisar de sua ajuda para refazer meu guarda-roupa – declarou – acho que não tenho nada que sirva para uma ida à praia.

Percebendo que aquele era um assunto a ser deixado de lado, a morena percorreu sobre as melhores lojas que poderiam visitar, e acabaram marcando de ir juntas ao shopping no dia seguinte.

No todo, Cordélia gostara da companhia que arrumara. Os três pareciam genuinamente simpáticos com sua pessoa, além de Josh estar simplesmente encantado com ela. Assim, aceitou a carona de carro que ele lhe ofereceu, e, ao estacionarem em frente à sua casa, demorou com a mão na maçaneta, esperando.

– Você... Hum... – Josh pigarreou – gostaria de... Sair comigo?

Cordélia tinha a impressão de que ele não costumava ser tão tímido, mas na presença dela, ficava nervoso. Sabendo que tinha apenas dois meses antes do ano letivo acabar, em um impulso ela se inclinou, encostando seus lábios aos dele.

*Nada.* Nenhuma faísca, nenhum sentimento. Seus lábios eram quentes e macios, e apesar do beijo não ser ruim, não despertava nenhuma emoção dentro dela. Se afastou, guardando a decepção para si, vendo o quão maravilhado Josh estava.

– Obrigada pela carona – murmurou, saindo do carro.

Demorou alguns segundos para Josh se recuperar do choque de ter sido

beijado por ela, antes de finalmente dar a partida e ir embora. Cordélia acenou, contendo o suspiro. Já deveria saber; ela era a *rainha do gelo*, incapaz de sentir algo de verdade por alguém. Josh aparentemente seria mais um amigo com intenções que ela não pretendia corresponder.

De costas para a rua, estava mexendo na fechadura quando sentiu sua nuca pinicar, como se estivesse sendo observada. Imediatamente colocou a chave entre seus dedos, conforme havia aprendido nas aulas de defesa pessoal que frequentou desde nova, e olhou ao redor. A rua estava vazia em um final de tarde, e não havia ninguém por perto. Ainda prestando atenção, entrou em sua casa, trancando a porta em seguida.

Por vezes, sentia aquela sensação estranha de que era seguida, mas nunca se deparou com nada de diferente. Até certo ponto, estava acostumada a ser observada: sua beleza sempre atraía olhares. Ainda assim... Nunca sentira isso estando sozinha, e sua adrenalina disparou naqueles poucos segundos em que achou que corria algum perigo.

Deixando aquela sensação de lado, olhou à sua volta, ainda desabituada à casa em que vivia a menos de uma semana. Foi uma surpresa pra Cordélia quando seu pai anunciou a mudança para a Austrália, já que Henri Dolphin sempre procurou morar longe de zonas litorâneas, evitando se lembrar do acidente que ocorrera com sua esposa.

Mas não tinha como não gostar de sua nova moradia, localizada no pontal da praia de Tamarama, em um penhasco que dava vista para todo o oceano que se estendia à frente. Era uma casa moderna e já mobiliada, com duas suítes, uma sala enorme, cozinha, lavanderia e um escritório que seu pai poderia utilizar para trabalhar quando estivesse em casa.

Retirou o paletó azul escuro de seu uniforme escolar, além de soltar a gravata; seu novo colégio poderia ser considerado um dos melhores do país, mas possuía um vestuário um tanto conservador, semelhante a um terno. Largando as peças e a mochila no sofá, se dirigiu para a varanda, que ficava na beira do penhasco, dando a visão da praia logo abaixo.

Teve poucas chances de observar o mar ao longo de sua vida, e agora que podia, simplesmente não conseguia se conter. Desde que se mudara, passou horas naquela varanda, apenas observando, sentindo como se o oceano a estivesse chamando. Era um sentimento de ansiedade e calma ao mesmo tempo, e simplesmente não conseguia explicar aquela sensação.

Distraída, deixou seu olhar percorrer pelas pessoas na areia, bem como as que

estavam nos rochedos que rodeavam o local. Quando estava para sair dali, seus olhos se prenderam em um indivíduo solitário, que estava em cima de uma rocha afastada da praia.

Franziu o cenho, sem conseguir desviar o olhar. Daquela distância, podia perceber que era um rapaz de pele branca, com cabelos negros curtos bagunçados pela brisa, trajando apenas uma bermuda. E, se o sol no horizonte não estava lhe pregando peças, também tinha um físico espetacular. Do nada, o rosto dele se virou, e pareceu encará-la diretamente. Mesmo distante, podia notar que seus olhos eram claros, mas não conseguia identificar a cor.

Ele abriu um sorriso, e o coração de Cordélia disparou. Viu quando ele tomou impulso e mergulhou no mar em um pulo perfeito, e observou por vários segundos, esperando ele emergir, mas não o localizou. Perplexa, se apoiou no beiral da varanda, tentando entender o que havia sido *aquilo*.

Ele simplesmente havia dado um sorriso e seu coração havia disparado, o que era *ridículo*. Descartou aquele pensamento; provavelmente, havia sido pelo susto dele a ter pego no flagra o encarando. Riu consigo mesma. Como se um estranho qualquer pudesse derreter a *rainha do gelo*! Só podia ser uma piada. Não era como se não estivesse acostumada a admirar rapazes bonitos; estava sempre cercada deles, e Josh era apenas o mais recente. Um mero estranho não seria capaz de despertar nela aquilo que outros não conseguiram.

Deixou aquele pensamento de lado e tomou um banho, preparando o jantar e fazendo hora até que seu pai chegasse. Quando a chave tilintou na porta, correu para a sala, o encontrando ainda no portal. Via de regra, ela e seu pai se davam bem; ele sempre procurou conversar com ela como adulta, e não tratá-la como uma criança, de forma que ela possuía mais maturidade que outros jovens na mesma idade.

– Você está animada – Henri observou, deixando a chave no aparador – gostou do novo colégio?

– Bom... É realmente cheio de regras que eu detesto, mas conheci algumas pessoas legais – deu um sorriso travesso – até consegui uma carona para voltar para casa.

Seu pai franziu o cenho.

– Achei que já havíamos superado a conversa sobre “não aceitar nada de estranhos”.

A garota riu.

– Relaxa, pai, é um colega de sala. Até parece que me faria algum mal – o

olhou especulativamente – mas se está tão preocupado... eu estaria muito mais segura se dirigisse um carro próprio.

Cordélia faria dezoito anos dali a três semanas, a idade legal para dirigir na Austrália. E, por ter morado parte da adolescência nos Estados Unidos, já possuía habilitação, embora faltasse o veículo.

– Espertinha – seu pai a olhou de forma brincalhona – essa é a sua indireta de presente de aniversário?

– Mais direta do que isso, impossível – replicou, dando os ombros.

Rindo, os dois jantaram juntos pouco tempo depois, onde conversaram mais sobre o dia. Henri parecia realmente satisfeito desde que assumira seu posto de CEO em Sydney, a apenas trinta minutos da casa onde moravam, e, como filha, se sentia feliz por ele.

Ao longo da vida, seu pai sempre havia se dedicado apenas ao seu trabalho e a ela, sem nunca nem mesmo arrumar uma namorada. Considerando a quantidade de vezes que se mudavam em um ano, parecia difícil para Henri se prender a qualquer relacionamento e, agora que tinham chances reais de estabilidade, torcia para que ele conhecesse alguém que lhe fizesse companhia.

Desconfiava que o motivo para seu pai nunca ter namorado era outro; e como nunca se cansava de observar, não se conteve em levantar o assunto durante a conversa.

– Eu sou mesmo muito parecida com a mamãe?

E lá estava. No olhar de Henri, um novo brilho surgia quando o assunto era sua falecida esposa, um sorriso brincando em seus lábios pelo mero pensamento dela. Cordélia se encantava ao observar aquela reação: a de quem ama tanto outra pessoa que não consegue controlar as próprias reações com a menção de seu nome.

– Você é igualzinha à Corália – ele reafirmou, estendendo a mão por sobre a mesa e segurando à sua – às vezes, mais do que eu gostaria.

Cordélia nunca entendia aquela afirmação, mas era o máximo que seu pai dizia sobre sua mãe: do quão parecidas eram fisicamente. Por ela ter se afogado pouco depois de seu nascimento, não possuía sequer uma foto dela com a qual pudesse comparar. E, sempre que perguntava mais sobre ela – o que fazia, quantos anos tinha quando engravidou –, seu pai desconversava.

– Você... – seu pai começou a falar, mas fez uma pausa – eu só... acho que nunca me desculpei com você pela vida que levamos, filha.

Cordélia sorriu docemente. Aquele era seu pai: eternamente preocupado com

ela, ao invés de pensar em si mesmo. O trabalho dele com aquisição de empresas os fez se mudarem mais do que qualquer pessoa normal, e se não fosse a capacidade inconsciente dela de se adaptar e conquistar quem estivesse à sua volta, teria sofrido muito mais.

– Está tudo bem, pai, mesmo – tentou passar confiança em suas palavras – se tudo der certo, ano que vem será a última vez que serei a “novata” em um lugar, quando eu entrar em alguma faculdade.

Henri sorriu em retorno, mas seus olhos haviam perdido o brilho. Isso costumava acontecer quando Cordélia falava sobre o futuro: por mais animada que tentasse ser sobre o assunto, seu pai sempre parecia melancólico nessas horas. Era uma reação que não conseguia entender: que pai não gostaria que a filha tivesse planos de continuar seus estudos?

– Eu só quero que você seja feliz – ele declarou, ainda segurando a mão dela – não importa o que escolher.

Assentindo, continuaram a conversar sobre temas mais leves, e Cordélia se esqueceu por completo sobre o estranho que avistara na praia, se concentrando apenas em seu pai.

\*\*\*\*\*

O dia seguinte foi similar ao primeiro, com a diferença de que agora ela já era cumprimentada por alguns dos estudantes. Tão logo esbarrou com Josh, fingiu que nada havia acontecido no dia anterior; ele podia ser um doce de pessoa, mas definitivamente, não havia *química* entre eles. Mesmo sem nunca ter se apaixonado em sua vida, de uma coisa Cordélia estava certa: se um beijo não despertava nenhuma emoção, então não havia porque insistir.

Josh, no entanto, não parecia ter pego os sinais. Estava tão solícito quanto o dia anterior, a levando até a porta de sua sala e aguardando para almoçar, novamente junto de seus amigos. De certa forma, Cordélia já havia imaginado que isso iria acontecer, e se sentia desconfortável que fosse assim; mas, realmente, não havia nada que pudesse fazer além de deixar o tempo passar e ele entender que nada ocorreria entre eles.

Quando as aulas finalmente acabaram, Nathalie cumpriu o prometido e a acompanhou em sua renovação de guarda-roupa. As duas pegaram um ônibus perto do colégio e foram para o shopping Westfield, em Bondi Junction, a apenas dez minutos do colégio. Passaram uma tarde agradável entrando de loja



em loja enquanto conversavam, descobrindo que possuíam muitos gostos em comum: mais de uma vez haviam escolhido a mesma peça de um cabide, o que fazia as duas rirem com a coincidência.

Quando já estavam cansadas, se sentaram em uma mesa na praça de alimentação e, apesar de a conversa estar fluindo muito bem até aquele momento, passando por assuntos triviais, houve uma pausa desconfortável. Percebeu que Nathalie se revirou em seu assento antes de finalmente falar.

– Cordélia... – a morena começou – qual o seu interesse no Josh?

A ruiva parou de tomar o sorvete, abaixando o braço e avaliando a situação. Como deveria responder? Optou pela honestidade.

– Eu o beijei ontem – viu a morena arregalar os olhos – não foi nada demais. Só queria saber se tínhamos alguma química ou não.

– E vocês tem?

– Nenhuma – a ruiva negou com a cabeça – ele está livre para você.

– Oh, não, você entendeu errado! – Nathalie quase pulou de seu assento, enquanto falava – eu não...

Ela parou, suspirando, enquanto a ruiva a encarava com uma sobrancelha levantada.

– Deixa eu começar do início – ela suspirou – Josh e eu namoramos ano passado, mas as coisas entre nós não deram certo. Eu... não correspondia ao que ele sentia.

Aquele comentário despertou o interesse de Cordélia. Se Nathalie não queria Josh, então por que parecia tão empenhada em saber sobre a vida amorosa dele?

– É só que... Eu segui adiante, e ele não – ela continuou – e quando eu vi ele interessado em você, bem...

– Você achou que assim ele não ficaria magoado quando descobrisse – a ruiva completou, entendendo – deixa eu adivinhar, você já está com outra pessoa.

Nathalie assentiu.

– É o Dylan, não é? – a ruiva adivinhou.

A morena arregalou os olhos.

– Como você...?

Cordélia deu de ombros.

– Sou boa em observar.

A verdade é que ela havia notado por outros motivos. Tanto no dia anterior, como naquele, havia percebido que Dylan não ficava encantado por ela da

mesma forma que Josh, e isso só acontecia em duas situações: quando um rapaz não gostava do sexo oposto – e a atração que ela naturalmente exercia não fazia efeito –, ou quando ele já estava apaixonado por outra pessoa. Ela sempre ficava maravilhada com essa última opção, pois a levava a perceber o quanto um sentimento *verdadeiro* podia ser forte, a ponto de bloquear o charme que ela exalava.

– Não conte para o Josh, por favor – Nathalie pediu – ele acha que não deu certo entre a gente por sermos amigos de infância, mas...

– É o velho ditado do “não se pode mandar no coração” – Cordélia comentou, entendendo onde ela queria chegar – mas você pretende manter segredo até quando?

A morena deu de ombros.

– Pensei em até ele arranjar uma namorada – a morena a olhou intencionalmente – mas pelo que você falou, não tem chance entre vocês, né?

Cordélia a olhou como quem pedia desculpas.

– Ele é um doce, mas... Não desperta nada em mim – olhou para sua nova amiga com curiosidade – como é entre você e Dylan?

A morena franziu o cenho.

– Como assim?

– Digo... Você cresceu com ele e Josh ao lado. Como você soube que queria estar com ele? – ia parar por ali, mas não se conteve em perguntar – foi quando o beijou?

Nathalie pensou por um momento, um sorriso surgindo em seus lábios. Na mesma hora, Cordélia pensou na reação de seu pai, quando falava da mãe.

– Acho que... Eu meio que sempre soube – ela deu uma risadinha – mas definitivamente tive certeza quando nos beijamos pela primeira vez. Simplesmente pareceu... certo.

Cordélia conteve um suspiro, pensando que gostaria de ter a mesma sorte que sua nova amiga. Já havia beijado diversos rapazes, e não só nenhum deles parecia certo, como não eram capazes de despertar absolutamente *nada*, nem mesmo em um nível de resposta física.

E não era como se não se sentisse atraída por homens. Chegou a cogitar, pelo meio de sua adolescência, que poderia gostar de garotas, mas sentia ainda menos atração ao pensar em alguém do mesmo gênero. Por isso, continuava apostando em rapazes, esperando que um deles fosse capaz de derreter a *rainha do gelo*.

– Bom, prometo não contar nada para o Josh – declarou, terminando seu

sorvete – mas vou estar ao seu lado quando você quiser contar.

A morena abriu um sorriso, estendendo a mão por cima da mesa e segurando a dela.

– Obrigada.

Voltaram a conversar animadamente sobre outros assuntos, e Cordélia sentiu que havia conquistado uma amiga de verdade naquele dia, e não apenas mais uma colega. Não sabia se era por conta daquele segredo que agora compartilhavam, mas estava feliz pelo simples fato de se sentir mais próxima de alguém.

\*\*\*\*\*

Após se despedir de sua nova amiga, a ruiva se arriscou em voltar sozinha; acabou pegando o ônibus errado, parando mais distante de casa do que gostaria, e resolveu caminhar pela avenida Gaerloch.

A vista era linda de se olhar; a rua era paralela ao mar, e ao lado haviam diversos rochedos onde as ondas quebravam. Tinha a impressão de que não só Tamarama, mas a Austrália inteira era linda; haviam reservas florestais por todo lugar que olhasse, um misto de civilização com natureza difícil de encontrar pelo mundo.

Tentando aproveitar a brisa daquele final de tarde, tirou o paletó de seu uniforme para colocá-lo dentro de uma das sacolas que carregava. Estava tão distraída com a tarefa que não notou que havia alguém em seu caminho e, quando deu por si, havia esbarrado com tudo no indivíduo, deixando todas suas sacolas caírem no chão.

– Ah, me desc...

Sua voz ficou presa em sua garganta. Porque ali, na sua frente, estava o estranho que havia avistado de sua varanda no dia anterior. Se já o havia achado bonito ao observá-lo à distância, de perto, ele era espetacular. Os cabelos negros estavam bagunçados, agitando-se com a brisa, e seus olhos eram de um azul claro, quase na cor do oceano ao lado.

Ainda sem fala, observou ele recolhendo as bolsas caídas no chão, sem conseguir tirar os olhos dele. Estava descalço e sem camisa, trajando apenas uma bermuda na cor cáqui e deixando o peitoral musculoso e definido à mostra, sem um único pelo. E quando ele se endireitou, notou como era mais alto que ela,

pelo menos uma cabeça. Pôde observar melhor seu rosto, que parecia ter sido desenhado à mão: o queixo retangular e todos os traços bem feitos e delicados, como se estivesse olhando para uma pintura realista.

– Acho que isso é seu – ele falou, estendendo para ela.

Sua voz era melodiosa, ainda que máscula. Com o coração disparado, sem acreditar que ele era a causa, Cordélia estendeu a mão, seus dedos esbarrando nos dele levemente, sentindo uma corrente de energia passar por seu corpo inteiro.

*Arrepios.* Nunca sentira antes por ninguém.

– Eu... – Cordélia se forçou a falar algo – ahn, obrigada.

Ele deu um meio sorriso que o deixou, se era possível, ainda mais estonteante.

– Deveria tomar mais cuidado, princesa.

*Princesa.* Cordélia piscou algumas vezes, desacostumada a ser chamada de uma forma tão... cafona. As mulheres costumavam ser chamadas assim em cantadas usadas no século passado, mas nunca ouvira uma única vez em toda a sua vida. E agora estava ali, sendo chamada daquele jeito por um completo estranho que despertou nela sensações nunca sentidas antes.

Ele fez um sinal com a cabeça e continuou andando calmamente na direção oposta à que ela vinha. O afastamento dele parecia ter acordado Cordélia, que se virou rapidamente.

– Espera!

Não fazia ideia do que faria, mas deixou que seu inconsciente a guiasse. Andou até ele com pressa, entrando na sua frente. Ele a olhou curioso, inclinando a cabeça ligeiramente.

– O que foi?

Cordélia não sabia como agir. Verdade seja dita, o que pretendia fazer naquele momento era distante de qualquer padrão que ela costumava adotar, mas precisava saber. Seu coração disparando, arrepios pelo corpo... Tinha que ter *certeza*. Então, sem ele esperar, ela se pôs na ponta dos pés, apoiando a mão livre em seu peitoral, e o beijou.

O mero toque de seus lábios descarregou uma corrente de energia por todo o seu corpo, e sentiu como se seu sangue fervesse em suas veias. Seu coração estava com os batimentos tão acelerados que achou que poderia desmaiar quando se afastou ligeiramente, mal abrindo os olhos, se deparando com o olhar surpreso dele.

– Você...

Ela não deu a chance para ele falar, voltando a unir seus lábios, dessa vez, aprofundando o beijo. Sentiu as mãos dele envolverem sua cintura, a puxando para si; ele *correspondia*.

Era a sensação mais maravilhosa que já sentira na vida. A boca dele na sua, se movendo como se necessitasse *sentir* tudo o que ela sentia... A mente em branco, seu corpo tomado por sensações que jamais imaginara vivenciar... Era como se o mundo simplesmente parecesse *certo*.

Mas assim como o beijo repentinamente começou, também terminou. O rapaz se afastou dela, as mãos firmes em sua cintura a empurrando para longe. Seus olhos se encontraram: os dele, assustados; os dela, surpresos.

– Nós... não devíamos ter feito isso – ele murmurou, a soltando.

Cordélia piscou, se sentindo completamente desnorteada, e tudo que conseguiu fazer foi observar o rapaz correr em direção às rochas, onde em um salto ele mergulhou no mar. Continuou parada vários minutos, ainda tentando entender o que havia ocorrido.

Começou a rir; um riso nervoso, quase histérico, vindo de dentro do seu ser. Se ajoelhou, sem controle sobre o próprio corpo, as sacolas largadas ao seu redor, os braços ao redor da barriga. Quando o riso finalmente passou, olhou na direção em que o rapaz havia sumido, observando o oceano.

A rainha de gelo, aparentemente, era capaz de *sentir*. Um sorriso surgiu em seus lábios. Não via a hora de descobrir até que ponto poderia derreter.



capítulo 2

## O estranho misterioso

— ESTAREMOS TE ESPERANDO AMANHÃ, Délia!

Cordélia sorriu automaticamente para o aluno que gritara a frase, acenando em seguida. Havia virado algo habitual ser chamada por aquele apelido, mesmo por pessoas com quem mal tinha contato. Quando se afastou o suficiente pelos corredores, seu sorriso sumiu.

Queria estar mais animada com a festa que teria no dia seguinte. Seria um grande evento que os jovens do último ano haviam preparado, em um estilo pré formatura, e, ao descobrirem que aquele sábado também era o dia do aniversário de dezoito anos dela, os que a conheciam pareceram se animar ainda mais, reiterando o convite diversas vezes.

Ela já estava certa que iria à festa, mas não conseguia se sentir feliz com a perspectiva. Como previra, nas últimas três semanas acabara se tornando popular no colégio, com os alunos procurando sua companhia, ou mesmo agradá-la de algum modo. E ainda assim... Era mais do mesmo. Ela continuava *vazia* por dentro, sem sentir *nada*.

A frustração voltou a surgir dentro dela com o pensamento. Era tudo culpa *dele*. Aquele maldito estranho que havia beijado, e que simplesmente sumira naquelas semanas. Por dias, observou a praia a partir de sua varanda, procurando algum sinal dele; por dias, passeou pelas ruas ao redor, esperando esbarrar com ele novamente.

Mas ele simplesmente havia *sumido*. Após aquele beijo que virara seu mundo de ponta a cabeça e a fizera perceber que era capaz de *sentir*, não tivera um

vislumbre sequer de sua pessoa nas últimas três semanas. Se sentia frustrada ao pensar nisso, e até mesmo com raiva; afinal, quem aquele estranho pensava que era? Podia ser bonito – não negaria que ele era estonteante – mas ela também possuía beleza. Quando muito, era *ele* quem deveria estar atrás dela, como todos os outros rapazes faziam.

Só que, aparentemente, seu charme não produziu efeito nele. Já havia pensando bastante a respeito do que acontecera, e o motivo de, aparentemente, não ter atraído ele da forma como usualmente atraía os homens. Ele definitivamente gostava de mulheres, já que havia correspondido ao beijo; só a lembrança das mãos dele segurando firme sua cintura fazia seu sangue ferver e seu coração disparar. Não... Ele não era homossexual, isso era fato. O que só deixava a segunda opção: ele amava outra pessoa.

Era a única explicação plausível. Por ter pego ele de surpresa com o beijo, ele correspondeu de forma automática, mas deve ter se lembrado de sua namorada quando a afastou. E esse pensamento deixava um desconforto enorme na boca de seu estômago; jamais imaginou que a primeira vez que se sentisse atraída por alguém seria logo por um cara comprometido, e que seria capaz de fazê-lo cometer uma traição.

E mesmo considerando isso... Aquele estranho a fez se sentir *viva*. Naquela noite, ela havia visto o mundo ao redor de outra forma, como se antes tudo estivesse apagado, e agora, estivesse iluminado. Na manhã seguinte ela ainda retinha aquele sentimento, e passou o dia no colégio com uma ansiedade dentro de seu peito, esperando as aulas acabarem para tentar encontrá-lo novamente – e quem sabe, descobrir o seu nome.

Mas se decepcionou quando, ao anoitecer, ainda não o havia encontrado. Não desistiu; *finalmente* sentia algo, *finalmente* seu coração disparava ao pensar em alguém. Com o passar dos dias, ainda sem encontrá-lo, aquele sentimento se transformou dentro de si em mágoa. Não exatamente por ele, mas sim, dela mesma; não queria ficar sofrendo ao pensar numa pessoa que não a correspondia.

Assim, se convenceu de que aquela era uma experiência de vida que vivenciava tardiamente: a paixão platônica. Teve muitas colegas ao longo da adolescência que passaram por um quadro semelhante, e sabia como poderia ser ruim; uma delas chegou a realizar cortes nos pulsos quando descobriu que o objeto de seu afeto não sentia o mesmo por ela.

Não, não seria dramática a esse ponto. O estranho havia despertado algo nela,

o que só provava que não era tão frígida quanto pensava. Mas se recusava a acreditar que ele seria o único com aquela capacidade; continuaria a buscar por alguém que pudesse despertar aquelas sensações dentro dela novamente e que, dessa vez, a correspondesse.

– Vamos lá, Délia! – uma voz a chamou – se demorarmos muito, vamos perder as melhores ondas!

Um sorriso surgiu em seu rosto ao ver quem a chamava: Josh. Nasquelas três semanas, apesar de falar com diversos outros alunos, se manteve próxima dele, de Nathalie e de Dylan, que agora considerava como seus amigos. Depois do primeiro beijo que dera em Josh, não haviam trocado mais nenhum, porém, ele não dava sinais de que desistiria. Aceitava estar naquela *zona de amizade* no momento, mas claramente tinha intenções de avançar para o lado romântico.

E, por enquanto, Cordélia não impedia. Gostava da forma como era olhada por ele: como se tivesse medo de que ela evaporasse no ar a qualquer momento. Sabia, no fundo, que estava sendo egoísta; se não pretendia ter algo com Josh, deveria se afastar, e deixar que ele se interessasse por outra garota. Só que, frente às atuais circunstâncias... Enquanto não superasse aquela *frustração* ao pensar no estranho, precisava se distrair, e a melhor forma era mantendo por perto alguém que queria a *ela*.

– Estou indo! – respondeu, apressando o passo.

Depois de muita enrolação, seus amigos finalmente haviam chegado a um consenso sobre uma ida à praia depois das aulas, e marcaram para aquela sexta feira, véspera de seu aniversário. Sob muitos protestos, Cordélia acabou concordando, sem, contudo, avisar seu pai. Sabia que ele ficaria preocupado pelo simples fato de ela encostar os pés no oceano, depois de quase ter se afogado aos oito anos. Não gostava de mentir para ele, e evitou ao longo da vida ter que agir assim, mas não queria preocupá-lo.

Até porque duvidava que um incidente assim pudesse acontecer novamente; estava indo a uma praia muito frequentada, que possuía salva-vidas em sua extensão, e ainda por cima, acompanhada de dois excelentes nadadores, Josh e Dylan, que faziam parte do time de polo aquático do colégio. Isso sem considerar o fato de que era adulta, maior e mais forte, não sendo facilmente levada por uma onda, como aconteceu em sua infância.

Não, não havia motivo para se preocupar, e contar ao seu pai sobre aquele passeio só o faria se lembrar sobre sua falecida esposa, que perdera também para o mar. Assim, deixou aquele pensamento de lado e se concentrou no presente, correndo até o carro de Nathalie e sentando no banco de carona. Sua amiga não



possuía um veículo próprio, mas quando precisava, podia usar o da mãe, como naquele dia.

Tão logo se sentou, a morena olhou com pena para o carro de Josh, estacionado ao lado.

– Você realmente deveria dar uma chance a ele – comentou – poderia se surpreender.

Cordélia olhou também, vendo o quanto o rapaz parecia decepcionado por ela escolher não ir com ele.

– Não posso dar mais esperanças do que ele já tem – replicou – me sinto mal, mas não há nada que eu possa fazer – olhou pelo canto do olho – e quando é mesmo que você pretende assumir seu namoro?

Nathalie não respondeu de imediato, dando a partida no carro. Cordélia sabia que sua amiga e Dylan mantinham o relacionamento escondido por conta de Josh, com medo de como ele reagiria; a princípio havia sido por medo de que ele ainda sentisse algo pela morena, e agora, era pela perspectiva de ele se sentir traído, já que seus dois melhores amigos mantiveram aquele segredo dele por meses.

– Quando for a hora certa – a morena murmurou.

Cordélia se manteve em silêncio. Naquelas três semanas, ela e Nathalie se tornaram muito próximas, fazendo várias aulas juntas e frequentando a casa uma da outra. E, ainda assim, não conseguia entender sua amiga, talvez pelo fato de que nunca teve relacionamentos profundos ao longo da vida. A única pessoa por quem nutria algo era seu pai, mas não fazia ideia de como lidar com amizades de tantos anos, como acontecia entre Nathalie e os rapazes. Se ela achava melhor não contar... A ruiva não tinha como opinar de forma útil.

Chegaram ao local, estacionando bem no pontal da praia de Bondi, por onde ficariam. Havia diversos rochedos ali, tal como em Tamarama, mas também diversas piscinas naturais localizadas entre as pedras. As ondas eram fracas naquele pedaço, se tornando boas para o surfe apenas quando se afastava da costa, em direção ao alto-mar.

Josh e Dylan já as esperavam com as roupas trocadas, cada um segurando uma prancha de surfe. Combinaram de eles montarem o guarda-sol que Nathalie trazia em seu porta-malas enquanto as duas visitavam o banheiro do quiosque ali perto, onde trocariam seus uniformes por biquínis.

– Espere para ver, Délia – Josh falou, os olhos brilhando, enquanto pegava o guarda-sol – vou fazer um *cutback* só pra você!

– Vai é tomar um caixote, isso sim – Dylan comentou, rindo.

Nathalie meneou a cabeça, vendo os dois rapazes implicarem entre si, e Cordélia deu de ombros. Sabia que Josh estava apenas tentando chamar sua atenção, e não queria desmerecê-lo ao dizer que pouco sabia sobre a linguagem utilizada no surfe.

As duas foram para o banheiro do quiosque, que só tinha espaço para um por vez. Cordélia se trocou primeiro, saindo com um biquíni na cor azul cobalto, e um vestido branco semitransparente por cima, comprado exatamente para aquela ocasião.

– Te espero aqui – falou para Nathalie, enquanto ela entrava no banheiro.

Deixou sua mochila ao lado da porta e olhou para a praia, vendo quão cheia estava. Ao observar o oceano, sentiu aquela mesma ansiedade que sempre a atingia, como se estivesse sendo chamada para ele. *Em breve...* Mal via a hora de tentar novamente. Seu trauma de ter se afogado na infância havia definido uma mácula em sua vida, e queria superar aquele medo logo.

Distraída, só notou que havia alguém perto de si quando uma mão encostou em seu ombro. Se virou com o susto, e quando seu coração disparou loucamente, não soube definir se foi pela surpresa ou pela presença em si: o estranho estava parado na sua frente, da mesma forma como semanas atrás, tão estonteante quanto se lembrava.

– Princesa.

Confusão a abateu. Dentro de si, foi tomada por um misto de sentimentos, e não conseguia identificar um ao qual se apegar: a felicidade por vê-lo de novo estava no topo, junto da mágoa por ele ter sumido sem deixar rastros.

– Você – foi tudo o que conseguiu dizer.

Os dois se encararam por longos segundos, ele com uma expressão ilegível, e ela, tentando definir o que sentia. Teriam continuado assim, se não tivessem sido interrompidos pela porta do banheiro se abrindo.

– Estou pronta, Dél...

A voz de Nathalie morreu, notando que possuíam companhia. Olhou de um para o outro, seus olhos permanecendo no estranho por mais segundos do que deveria. Percebendo a tensão existente, ela pigarreou para disfarçar.

– Hum, me chamo Nathalie, sou amiga da Cordélia – ela se apresentou, tentando sorrir – e você é...?

O estranho ainda permaneceu em silêncio por alguns instantes, antes de responder.

– Morgan.

O coração de Cordélia voltou a disparar. *Morgan*. Era um belo nome, e de alguma forma, combinava com ele.

– Bom, Morgan... Nós estávamos indo para nossa barraca – Nathalie continuou, olhando de esguelha para a ruiva – se você quiser nos acompanhar...

Antes que ele pudesse responder, Cordélia recuperou sua capacidade de fala.

– Nathy, poderia ir na frente? – olhou para a amiga rapidamente, antes de voltar o olhar para o rapaz-que-não-era-mais-um-estranho – eu tenho alguns assuntos para tratar com o *Morgan*.

A morena percebeu que a tensão não havia se dissipado, mas sim, aumentado, e olhou preocupada.

– Tem certeza...?

Sem conseguir tirar os olhos de Morgan, Cordélia assentiu. Definitivamente, tinha algumas coisas a dizer para ele, e não queria que sua amiga ouvisse. Apesar de terem ficado próximas nas últimas semanas, nunca contou que havia beijado um estranho na rua, e nem que desconfiava que ele já fosse comprometido. Não queria que sua amiga a olhasse diferente por achar que ela não se importava em ser *a outra* em uma relação.

Ainda meio indecisa, Nathalie se afastou em direção à barraca, olhando para trás diversas vezes no processo. Feliz ou infelizmente, era longe o suficiente para que não pudesse ver os dois daquela distância, já que a entrada do banheiro era para o lado de trás do quiosque.

Eles permaneceram em silêncio se encarando, perdendo completamente a noção do tempo. Ainda tentando controlar aqueles sentimentos mistos dentro de si, Cordélia se forçou a dizer algo.

– Então, *Morgan*... – deu um sorriso de escárnio – quer dizer que você tem um nome.

Ele permaneceu com o mesmo ar de indiferença.

– Você nunca perguntou.

A resposta acendeu uma fagulha de raiva dentro de Cordélia, mas ela se forçou a não demonstrar. Depois de três semanas sem sequer aparecer na sua frente, ele surgia logo *ali*, agindo como se nada tivesse acontecido entre eles. *Que seja*.

– Quer saber? Não me importo – ela declarou, dando as costas pra ele – volte pra sua namorada, seja lá quem ela for.

Uma mão envolveu seu braço, a impedindo de se mover. Lentamente ela virou o rosto, sentindo arrepios percorrem seu corpo com o toque dele. *Não* deveria estar sentindo isso, caramba! Ele já tinha alguém na vida, ele...

– Eu não tenho namorada – ele falou, franzindo o cenho – da onde tirou isso? *O quê?* Cordélia piscou diversas vezes.

– Noiva? Esposa...? – murmurou.

Ele negou com a cabeça, a olhando confuso. A mente de Cordélia girava; ele não era comprometido...? Se ele não estava em um relacionamento, por que diabos não se sentiu atraído por *ela*?

– Mas então... – ela olhou para a mão dele, ainda encostando nela e lhe causando arrepios – por que você...?

Ela não conseguiu se forçar a fazer aquela pergunta. Soaria tão metida e cheia de si, que seria ridículo. No entanto, ao encará-lo novamente, viu o entendimento em seus olhos, e viu quando seu olhar desceu por seu corpo, cujo vestido semitransparente não escondia muito bem o biquíni por baixo. Seu sangue ferveu com aquele olhar, uma pontada em seu estômago respondendo.

Quando seus olhares se encontraram novamente, visualizou aquela mesma atração que sentia, e não se conteve. Em um impulso, deu um passo para frente e se colocou na ponta dos pés, unindo seus lábios aos dele.

A resposta foi automática. As mãos dele envolveram sua cintura, a puxando para si, e ela passou os braços ao redor do pescoço dele. As mesmas sensações que sentira semanas atrás voltaram com força total: seu corpo pegava fogo, grudado ao dele; seu coração disparava como se estivesse em uma maratona, e sua mente... estava completamente em branco, de tão focada que estava em *sentir*.

Ela não teve noção de quanto tempo passou enquanto o beijava, mas pareceu muito pouco quando se separaram, interrompidos por uma voz.

– Opa!

Lentamente, Cordélia olhou o dono, seu olhar enevoado se demorando a focar em Dylan, que parecia completamente sem graça.

– A Nathy estava preocupada, e eu, hum... – ele olhou para o chão, fingindo uma tosse – vou deixar vocês a sós.

Seu amigo se afastou, sumindo de vista, mas a interrupção gerou outros efeitos indesejados: Morgan também se afastou dela, se virando de costas e respirando fundo. Com o coração acelerado, observou seu perfil, na expectativa

de voltarem ao que estavam fazendo *antes*.

– Não foi para isso que eu vim aqui – ele murmurou.

Cordélia levantou uma sobrancelha, entrando imediatamente na defensiva.

– É mesmo? – cruzou os braços – e por falar nisso, o que você faz aqui?

Depois de ter procurado tanto por ele nas últimas semanas nos arredores de sua casa, a garota não podia acreditar que esbarraria logo em sua primeira visita à praia de Bondi.

Ele a encarou, e viu como seu semblante estava sério.

– Vim lhe dar um aviso – ele se aproximou, e as batidas do coração da garota dispararam – não entre no mar hoje, Princesa.

Ela piscou diversas vezes, confusa. Definitivamente, não era aquilo que esperava ouvir.

– O quê?

Ele suspirou, fechando os olhos, antes de voltar a olhá-la.

– Eu explicarei em breve, mas... Por ora, ouça o que eu estou dizendo – ele pediu – não entre no mar.

Cordélia até tentou controlar a risada incrédula, mas não conseguiu. Percebendo que ele ainda permanecia sério, ela não se conteve em falar.

– Você surge depois de três semanas sem dar sinal de vida, e quer me dizer o que fazer? – ela estava cada vez mais indignada com a audácia dele – acha que um ou dois beijos te dá o direito de mandar na minha vida?

Ele ainda permaneceu sério enquanto mexia no bolso de sua bermuda. Lentamente, pegou a mão dela e colocou um objeto na palma.

– Não, não acho – ele murmurou, afastando a própria mão para que ela visse o que era – mas meu dever é protegê-la.

Confusa com aquela resposta, Cordélia olhou para o objeto que agora segurava.

– Uma concha – ela constatou – o que tem de...

As palavras ficaram presas em sua garganta, pois com um baque, uma memória surgiu: já havia visto aquela concha antes, muitos anos atrás. De repente, achou difícil respirar, pois olhava para o motivo de ter se afogado em sua infância. Era impossível esquecer dos detalhes, de como era brilhosa e colorida; de como se sentiu atraída por aquela concha, se aproximando demais do oceano e sendo levada por uma onda em seguida.

– Não chegue perto do mar – Morgan repetiu, colocando uma mão em seu

ombro.

Atônita, Cordélia o encarou, sem conseguir falar. Ele se afastou sem dizer mais nada, e ela permaneceu parada no mesmo lugar, sua mente em pane. Quando finalmente conseguiu raciocinar, já era tarde: Morgan havia sumido. Olhou ao redor desesperadamente, mas não viu sinal dele em lugar algum.

Voltou para onde deixara sua mochila e encostou as costas no quiosque, deslizando até o chão, sem saber o que pensar. Sua primeira constatação é que estava assustada feito o inferno com tudo aquilo. Primeiro, se depara com um estranho que era capaz de causar sensações até então desconhecidas por ela, mas que aparentemente era compromissado; segundo, ele afirma ser solteiro, e ainda a olha como se a desejasse da mesma forma; nas duas ocasiões, trocaram um beijo avassalador, que pareceu virar seu corpo ao avesso.

E então... Olhou para a concha, ainda na palma de sua mão. Não era possível que fosse a mesma, simplesmente não era. Ela morava na Europa quando se afogou, e fazia um passeio escolar pela Cornualha. Como alguém que acabara de conhecer poderia ter aquela concha...? Fechou os olhos, se recordando do incidente: a sensação horrível da perda de ar; seus pulmões se comprimindo, como se estivesse presa, e...

Abriu os olhos, lembrando de algo crucial: ela havia sido salva por alguém. Contou a todos que tivera um salvador, mas ninguém acreditou nela, e ela própria havia se esquecido do fato até se concentrar no momento. Olhou novamente para a concha. Seria possível que Morgan fosse o seu herói de tantos anos antes...?

Tentou se concentrar nas palavras que ele lhe dissera: “meu dever é protegê-la”. Mas do que ele estava falando...? Ela acabara de conhecê-lo. A não ser... Sua mente trouxe à tona os diversos momentos em que sentiu como se estivesse sendo seguida, e um calafrio percorreu sua espinha. Poderia ser ele? Teria ela um *stalker* pessoal que a acompanhava por toda a vida...?

*Meu dever é protegê-la.* As palavras que ele dissera não serviam para assustar, mas para avisá-la de um fato. Não conseguia entender. De que *dever* ele estava falando? E quem diabos era ele, afinal?

Sua mente estava uma completa confusão, e teria continuado assim, agachada junto ao banheiro, se Nathalie não tivesse ido verificar como ela estava.

– Ah, você ainda está aqui! – a morena exclamou, alegre – está meio difícil distrair o Josh. Eu falei que você encontrou uns conhecidos e...

Ela parou o que dizia, pois seus olhos encontraram os de Cordélia, vendo

como a garota parecia... *perdida*. Se ajoelhou ao lado dela, estendendo a mão lentamente para tocá-la.

– Você está bem...?

Cordélia demorou a entender aquela simples pergunta, sua mente funcionando devagar. Sua amiga não fazia ideia do que estava acontecendo com ela, e não se sentia pronta para relatar. Além disso, tinha a sensação de que estava enlouquecendo com as voltas que sua cabeça dava.

Uma única certeza permanecia, contudo: teria suas respostas. Morgan dissera que em breve explicaria do que tudo aquilo se tratava, e se ele sumisse novamente, intensificaria sua busca até achá-lo. Perseguidor ou não, estaria pronta para a próxima vez que o encontrasse.

Pensando nisso, sua mente se acalmou, finalmente focada em algo.

– Estou bem – respondeu enquanto se levantava, a concha ainda na palma da mão – vamos?

\*\*\*\*\*

No fim, Cordélia acabou seguindo o desejo de Morgan e não chegou perto do mar. Ficou na areia com Nathalie, e chegou a jogar uma versão de vôlei de praia sem rede com ela, Josh e Dylan. Mesmo que seu corpo estivesse implorando para se refrescar na água a poucos metros de distância, ela não o fez, como medo do que poderia causar. O aviso para que não encostasse no mar ainda ressoava em sua mente, e toda hora seu olhar ia para sua mochila, onde deixara a concha guardada.

– Ei, você está bem? – Josh perguntou, em dado momento – está meio distraída.

Ele e Dylan haviam desistido de surfar naquela tarde, pois as ondas não estavam tão fortes quanto gostariam. Cordélia sorriu, tentando ao máximo usar seu charme para distraí-lo. Levantou a mão, encostando em seu rosto, e Josh pareceu paralisar, com seus olhos fixos nela.

– Eu estou bem – ela respondeu – mas gostaria de fazer outra coisa. O que acha de irmos para a casa de Nathalie?

– Certo – Josh murmurou, parecendo engolir em seco.

Com ele ao seu lado, foi fácil convencer os outros dois a irem embora da praia tão cedo. Em uma inspiração de última hora, Cordélia culpou o seu trauma de

quase ter se afogado quando nova, o que convenceu seus amigos de vez, considerando que a garota sequer molhava os pés no oceano. O que não passava longe da verdade; ela estava realmente assustada com o que poderia acontecer se desobedecesse Morgan.

Pararam em uma lanchonete no meio do caminho, pegando lanches para viagem, e dali, foram para a casa de Nathalie; o imóvel era quase uma mansão, localizada em North Bondi, próximo ao colégio em que estudavam. De lá, ligou para o pai avisando que estava na casa da amiga e que chegaria mais tarde, para que ele não se preocupasse. A verdade é que só queria se distrair, pois sabia que no momento em que ficasse sozinha com seus pensamentos, sua mente novamente estaria presa em perguntas sem respostas.

Toda a situação envolvendo Morgan a assustava. Desde a atração que sentia por ele, junto das sensações que ele causava, como aquela maldita concha que ele lhe entregara. Só queria esquecer tudo por um momento, e seus amigos eram excelentes distrações.

Contudo, evitou ao máximo ficar sozinha com Nathalie. Sabia que, se ela tivesse a chance, lhe bombardearia com perguntas. Àquela altura, Dylan já deveria ter contado para ela do flagra que pegou, e a morena deveria estar morrendo de curiosidade para saber *quem* era Morgan, e ainda por cima, *por que* Cordélia ficara tão distraída depois.

Considerando que a própria garota não tinha respostas para aquelas perguntas, preferiu evitar sua amiga por aquele dia, esperando colocar a cabeça no lugar antes de encontrá-la novamente. Assim, se divertiu com eles na piscina que Nathalie tinha em seu quintal – sempre permanecendo na parte rasa –, e depois, assistiram a um filme sentados no chão da sala dela.

Quando deu por si, já era bem mais tarde do que pretendia voltar, e sabia que seu pai ficaria chateado por aquele atraso. Ainda fugindo de Nathalie, acabou aceitando a oferta de Josh, o que foi um erro: ele a olhava cheio de expectativa ao estacionar em frente à sua casa.

Se chutou mentalmente por ter pedido aquela carona. Foi exatamente assim que ele ganhara um beijo dela anteriormente, e repetir a cena não estava em seus planos; não quando seus lábios ainda lembravam a sensação de ter beijado Morgan.

– Então... me desculpe por ter estragado a praia hoje – ela começou – acho que ainda não superei meu trauma.

– Sem problemas, Délia – Josh sorriu timidamente – sabe que pode sempre



contar comigo.

Cordélia sorriu em resposta, uma sensação desconfortável dentro de si.

– Nos vemos amanhã na festa – se despediu, saindo do carro com a maior rapidez que conseguia.

Ele esperou até que ela já estivesse com a chave na porta antes de dar a partida, o que foi muita consideração de sua parte, levando em conta a fuga da garota. Cordélia suspirou, enquanto entrava e trancava a fechadura. Realmente, gostava de Josh, mas apenas como *amigo*; não queria, de forma nenhuma, dar esperanças para ele quanto a algo amoroso.

– Mais uma de suas conquistas?

Seu coração disparou. Reconhecia a voz, e era de uma pessoa que, definitivamente, não deveria estar em sua sala. Lentamente se virou, se deparando com Morgan sentado em uma das poltronas; as luzes estavam apagadas, e somente o abajur ao lado dele se encontrava aceso.

– O que faz aqui? – murmurou, ao mesmo tempo em que colocava a mão no bolso da mochila, procurando o celular – esqueça, estou chamando a polícia.

– Eu não faria isso, se fosse você – Morgan comentou, em tom entediado – você queria respostas. Eu estou aqui para fornecê-las.

A mão da garota parou de se mexer.

– Como você entrou na minha casa?

O olhar do rapaz foi para a varanda, antes de retornar para ela.

– Ah tá, até parece – ela comentou, incrédula – estamos metros acima do mar, camarada. Ninguém consegue entrar por ali.

Um meio sorriso surgiu no rosto dele, e Cordélia sentiu uma pontada no estômago. *Droga*. Perigoso ou não, ele ainda era capaz de causar reações em seu corpo com as quais não estava acostumada, e sua mente não estava conseguindo lidar com aquilo.

– Você não respondeu minha pergunta – Morgan comentou, se levantando e caminhando em direção a ela – a pessoa que te trouxe era outra de suas conquistas?

Cordélia franziu o cenho. Apesar da situação bizarra, não se sentia em perigo na presença de Morgan. Não gostava de dar satisfações a ninguém, e aquela pergunta era de cunho extremamente pessoal. E, no entanto... Havia indagado a ele sobre seus relacionamentos, e nada mais justo que assumir os dela.

– Não que seja da sua conta, mas ele é só um amigo – respondeu, cruzando os braços – o que, meu *stalker* está com *ciúmes*?

Ele parou a poucos centímetros dela, próximo *demais*, ainda com aquele meio sorriso arrasador. Com o coração disparado, viu ele levantar a mão, encostando em seu queixo e a fazendo encará-lo.

– *Ciúme* implica a existência de um relacionamento – ele murmurou – nunca haverá nada entre nós dois, Princesa.

Cordélia ficou paralisada ao ouvir aquelas palavras. E, antes que pudesse sequer pensar em uma resposta, ouviu o relógio que ficava na parede da cozinha apitar, indicando ser meia-noite. Morgan abriu um sorriso que fez seu coração disparar.

– Feliz aniversário – ele desejou, a fazendo arregalar os olhos – está na hora de você descobrir quem você é.

Em choque, Cordélia viu Morgan estender o braço e abrir a porta atrás de si.

– Venha comigo se deseja respostas – ele completou, passando por ela em direção à rua.

E sem pensar duas vezes, ela largou sua mochila ao lado da porta e o seguiu, sua cabeça girando com a quantidade de perguntas que ainda precisavam ser respondidas.



capítulo 3

## Explicações

A BRISA DA NOITE ATINGIU Cordélia, que ainda usava o mesmo vestido de praia. Ela estava enlouquecendo, tinha certeza. Era a única explicação para ter aceitado seguir um rapaz misterioso no meio da noite, e, ainda assim, não sentir medo.

Seu coração disparava, e não sabia se era pela presença de Morgan a poucos metros de distância, ou se pela expectativa do que estava por vir. Os dois caminharam pela Avenida Gaerloch sem dizer nada, descendo as escadas que levavam aos rochedos à beira mar. Quando pararam, a vários metros um do outro, Cordélia olhou para a rua, vendo que a iluminação era tão fraca que, mesmo que algum morador estivesse na janela olhando, não seria capaz de vê-los. A noite estava completamente silenciosa, e somente o som das ondas quebrando preenchia seus ouvidos.

Olhou atentamente para Morgan; parecia calmo e um tanto satisfeito, como se estivesse aguardando aquele momento chegar. Era isso; ou seria morta e ninguém saberia de seu paradeiro, ou teria as respostas que tanto procurava.

– Onde você arranjou aquela concha? – ela perguntou.

Se chutou mentalmente; entre todas as perguntas que reviravam sua mente, aquela havia sido a primeira a sair. Recebeu um sorriso misterioso como resposta, enquanto Morgan se virava de frente para ela.

– Você sabe o significado de seu nome? – ele respondeu com outra pergunta.

Surpresa, Cordélia só conseguiu negar com a cabeça.

– Significa “a Descendente do Mar” – ele continuou, caminhando lentamente até ela – sua mãe era Corália, a “Donzela dos Mares”, filha do Rei Tritão e

Princesa de Atlântida.

*O quê...?* A mente de Cordélia girava com aquelas informações.

– Permita-me me apresentar corretamente – ele parou a poucos metros dela, se ajoelhando em uma reverência – eu sou Morgan, o Guerreiro dos Mares.

Ele levantou o olhar, encontrando o dela.

– Fui designado para ser o guardião da última Descendente do Trono de Atlântida e futura Governante de Todos os Mares – uma pausa – *você*.

Cordélia piscou. Alguns segundos depois, começou a rir. Morgan apenas olhava pacientemente aquela resposta histérica, enquanto se colocava de pé.

– Droga... eu sabia que tinha algo de errado com *você* – ela falou, tentando conter o riso – ninguém tão bonito assim seria normal.

O riso diminuiu.

– *Você* é louco – ela completou.

Morgan soltou um suspiro. Deveria ter imaginado que a primeira reação não seria positiva; não via outra escolha a não ser partir para o plano seguinte.

– Nunca se perguntou por que é tão atraente para os homens? – ele falou, andando em sua direção – por que *você* consegue tudo facilmente com um único olhar, um único pedido?

Cordélia prendeu a respiração com a proximidade dele. Engoliu em seco.

– Por que sou bonita...?

Sua resposta saiu como uma pergunta, de tão nervosa que estava. Havia acabado de chamá-lo de “louco”; o que ele pretendia fazer com ela?

Morgan deu um meio sorriso, sem quebrar o contato visual. Inclinou o rosto, quase encostando seus lábios aos dela.

– Sua beleza é definitivamente única, mas... – ele fez uma pausa – *você* é muito mais especial do que pensa, Cordélia.

As mãos dele envolveram sua cintura, e por um instante, Cordélia recordou de outros momentos onde aquele mesmo gesto se repetiu.

– Está na hora de *você* descobrir quem é de verdade – ele completou.

Antes que tivesse a chance de absorver o que ele dizia, Morgan a abraçou e pulou no mar logo abaixo deles. Pega de surpresa, Cordélia não reagiu, sentindo o choque ao entrar em contato com a água morna, ainda envolvida pelos braços dele. Tentou se soltar, mas ele a manteve presa enquanto afundavam cada vez mais, até atingirem o solo.

Teria prestado atenção ao fato de que, mesmo sendo de noite, visualizava

Morgan perfeitamente embaixo d'água, se seu desespero não estivesse aumentando por ficar sem ar. Morgan parecia calmo; um sorriso divertido estava em seu rosto enquanto a observava.

Não podia acreditar no que estava acontecendo. Ela, idiota que era, havia seguido um completo estranho no meio da noite, e agora estava ali, morrendo afogada. *Idiota, idiota, idiota!* Se amaldiçoava mentalmente por ser tão estúpida, e amaldiçoava Morgan também.

Queria xingá-lo de tudo quanto é nome enquanto se debatia, sem sucesso; a força com que os braços dele a envolviam era forte demais, e o ar se esvaía de seus pulmões com velocidade. Quando não mais conseguiu aguentar, abriu a boca, pronta para a própria morte.

Só que, diferente do que pensou, não sentiu a sensação de afogamento. Surpresa, olhou para Morgan, cujo sorriso aumentara; via seus dentes resplandecendo, assim como seus olhos, brilhando em uma tonalidade mais clara que o mar naquele momento.

– Não tenha medo, Princesa – ouviu Morgan falando – isso é o que você é.

Ele a soltou, deixando que encostasse os pés no solo. Cordélia boiou no mesmo lugar, os olhos arregalados de medo, enquanto o observava melhor; havia alguma coisa em seu pescoço que antes não reparara: parecia uma mancha, em ambos os lados. Mas o que fez seu coração parar com o susto foi perceber suas pernas: da bainha de sua bermuda para baixo a pele dele estava acinzentada, parecendo coberta de *escamas*; seus pés haviam sumido, e no lugar, parecia um acessório típico usado por mergulhadores, chamados de “pés-de-pato”.

Se antes tinha dúvida de que estava enlouquecendo, agora confirmava que seu estado mental estava abalado. E, para incrementar ainda mais sua alucinação, sentiu as próprias pernas começarem a aquecer. Olhou para baixo, vendo sua pele brilhar e se transformar: da cintura para baixo, sua roupa sumiu, substituída por uma cauda de peixe enorme, coberta por escamas de uma tonalidade azul escura.

Tentou mover os próprios pés, acreditando que a cauda era uma alucinação; mas ao invés, sua barbatana se mexeu, a fazendo girar no mesmo lugar. Ouviu a risada de Morgan, que observava suas reações atentamente.

– Vai se acostumar a se mover com ela – ele comentou, divertido – acho que essa é uma boa hora para explicações, certo?

A boca de Cordélia se abriu de surpresa. Só agora reparara que ele não estava *falando*; os lábios dele não se moviam para formar palavras. Ela tentou dizer

algo, mas tudo que saiu foi um som indefinido, parecendo um guincho; e, ainda assim, ele pareceu *entender*.

– O que... O que você fez comigo? – gaguejou, arrancando uma risada dele.

– Eu não fiz nada, Princesa – ele explicou – essa é a sua verdadeira forma.

A garota permaneceu o encarando, tentando absorver toda aquela loucura.

– Minha verdadeira.... – murmurou para si mesma, a ficha finalmente caindo – você só pode estar brincando!

Morgan riu novamente. Ele definitivamente parecia estar se divertindo com tudo aquilo, contrastando com o desespero da garota.

– Você é uma sereia, Cordélia, a Descendente do Mar – ele declarou em tom solene.

Por um momento, Cordélia achou que ia desmaiar. Piscou diversas vezes, olhando novamente para sua cauda. Estendeu a mão, parando a centímetros de suas próprias escamas, com medo de tocá-las. E se fossem mesmo reais...?

Notando seu nervosismo, Morgan se aproximou, e Cordélia observou melhor o que antes pensava serem manchas em seu pescoço; eram na verdade pequenas membranas esburacadas, por onde a água entrava e saía. Levou a mão ao próprio pescoço, Tateando e sentindo o mesmo na própria pele.

– São suas guelras – Morgan respondeu antes que perguntasse – vão aparecer junto das suas barbatanas quando estiver no mar.

Tudo aquilo era demais para Cordélia; fechou os olhos e tentou respirar fundo, mas tudo o que sentiu foram bolhas causadas na água por conta de seu gesto. Queria desesperadamente sair dali e visitar um hospital psiquiátrico.

Morgan a olhou com cautela, esperando por alguma reação. Ao ver que ela não se movia, envolveu seu corpo e nadou até a superfície com ela nos braços. Quando emergiram, Cordélia puxou o ar, tendo certeza de que seus pulmões estavam funcionando novamente. Olhou assustada para Morgan, mas suas guelras haviam desaparecido. Ele a pegou no colo sem dificuldade e, em um impulso, pulou até uma das rochas, saindo completamente do mar.

Cordélia piscou algumas vezes, tentando entender como ele havia feito aquilo; estavam boiando na água e não havia lugar para dar impulso para um salto. Mas aquela era apenas mais uma das peças que sua mente lhe pregava, obviamente.

Olhou para a própria cauda, a vendo brilhar e se transmutar em suas pernas, a parte debaixo de seu biquíni voltando a aparecer. Flexionou os pés para ter certeza de que conseguiria andar novamente; depois, olhou para baixo,

esperando ver as barbatanas de Morgan, mas suas pernas estavam humanas novamente.

– O seu corpo reagirá naturalmente à água do mar – Morgan explicou enquanto a colocava em pé – com o tempo, você terá controle da sua transformação, e poderá ter sua cauda em água doce, ou suas pernas quando estiver no oceano.

Cordélia se afastou, os joelhos fraquejando. Era muito para absorver, e, seria mais fácil se *realmente* estivesse enlouquecendo. Mas a sensação que sentiu quando viu seu próprio corpo com uma cauda de peixe... Internamente, apesar do susto, também havia sentido *alívio*. Como se finalmente tivesse resolvido um enigma que nem sabia que existia.

Respirou fundo, se sentando em uma pedra que havia perto. Depois, colocou a cabeça entre os joelhos, tentando organizar seus pensamentos. Ela não estava louca. Todo aquele tempo, a sensação do mar a chamando, a forma como atraía os homens, o sentimento de estar sempre *deslocada*... De alguma forma, tudo passara a fazer *sentido*.

– Melhor? – Morgan perguntou, se sentando ao seu lado – achei que a essa altura você estaria me enchendo de perguntas.

Cordélia levantou o rosto, o encarando. Mesmo após tudo o que ocorrera nos minutos anteriores, era impossível não se sentir atraída por ele, como se uma força magnética a puxasse em sua direção – ainda que o tivesse visto com barbatanas no lugar de pés e guelras no pescoço. O que já dizia muito sobre sua sanidade naquele momento.

– Ainda acho que enlouqueci – não resistiu em comentar – e que este é o sonho mais realista que já tive em minha vida.

Ele riu, meneando a cabeça.

– Isto não é um sonho, Princesa – ele afirmou – mas a sua real natureza.

Ela o olhou com mais atenção, e notou que um desenho negro havia surgido em seu bíceps esquerdo. Curiosa, ela se inclinou para ver melhor: tatuado em sua pele havia a cabeça de um tridente envolvido por uma coroa e, embaixo, duas lanças cruzadas.

– Esta é a prova de que sou o guardião de um dos membros da Família Real – Morgan falou calmamente, vendo o que a garota observava – ela ficou oculta até que você assumisse suas barbatanas, mas agora, enquanto estamos em terra, não consigo escondê-la.

Cordélia fechou os olhos por um momento, inspirando fundo. Respirar

embaixo d'água, ter uma cauda de peixe retrátil... O que era uma tatuagem mágica a mais? Sua imaginação estava superando todos os limites naquela noite. Resolvida a continuar com aquela loucura, aceitou o inevitável.

– Então, eu sou uma... sereia – ela constatou.

Afirmar em voz alta parecia tornar tudo realidade, o que foi um choque para Cordélia. Mas não havia como negar o que uma cauda de peixe em metade de seu corpo significava.

– Exato – ele confirmou.

Ela franziu o cenho.

– Você também é – sua afirmativa saiu mais como um questionamento.

Ele negou com a cabeça.

– Eu sou um tritão – ele esclareceu – toda a espécie masculina do povo do mar é designada assim, enquanto as fêmeas são chamadas de sereias.

Uma *sereia*. Ela era uma sereia. E, de alguma forma, aquela revelação não parecia tanto um choque, mas uma confirmação de algo que ela sempre soube dentro de si – o que era, racionalmente, ainda mais difícil de absorver.

Sacudiu a cabeça, tentando organizar seus pensamentos.

– Certo, eu sou uma sereia, e você, um tritão – reafirmou, franzindo o cenho – mas o que é... “o povo do mar”?

Para essa pergunta, Morgan ficou calado por alguns instantes, formulando uma resposta.

– Os humanos possuem lendas sobre a própria origem, certo? – ele começou – nós também possuímos. Já ouviu falar em Zeus e Poseidon?

Cordélia assentiu.

– São deuses gregos.

– Isso. Zeus era o deus dos trovões e governava o céu, enquanto Poseidon era o deus dos mares e governava os oceanos. Ambos eram irmãos e estavam sempre em divergência sobre as escolhas que deveriam ser feitas. A principal foi quando Zeus resolveu dar uma centelha de seu raio para a raça humana, que foi chamada de “racionalidade”. Ela era necessária para que os humanos se tornassem seres pensantes e pudessem dominar as outras espécies, uma vez que não possuíam um habitat reservado para eles.

Morgan fez uma pausa, tendo certeza de que Cordélia estava acompanhando. A garota absorvia sua fala, se lembrando vagamente de já ter lido algo similar quando estudara mitologia grega na escola.



– Isso não agradou Poseidon, pois os domínios de Zeus estavam avançando do ar para a terra – ele continuou – além disso, os humanos idolatravam o deus dos trovões por este ter provido a tão necessária sabedoria. Enfurecido pelos domínios de seu irmão terem avançado também para a terra, Poseidon afundou a cidade de Atlântida que, à época, era a civilização mais avançada que existia, talvez mais do que qualquer uma que existe nos dias atuais.

– Eu já ouvi mitos sobre Atlântida ter sido afundada por Poseidon, mas em um contexto diferente – ela comentou, pensativa – li que Poseidon havia se enfurecido por ter perdido a cidade de Atenas para a deusa em questão, e só então resolveu afundar outro local.

Morgan sorriu, divertido.

– A história contada pelos humanos não é a mesma que a nossa, Princesa. Tenha sempre isso em mente – ele respondeu, antes de continuar – após afundar a cidade, inspirado pelo irmão, Poseidon concedeu parte de seus poderes aos habitantes para que eles fossem capazes de viver embaixo d’água.

– Metade humano, metade peixe – ela murmurou, entendendo.

– Isso mesmo – Morgan assentiu – e assim foi criado *o povo do mar*. Para não interferir diretamente em sua evolução, Poseidon achou justo se retirar da vivência, indo morar no monte Olimpo com os outros deuses. Mas antes, ele tratou de ter um filho com a habitante mais bela de Atlântida, chamada Anfitrite, a fim de perpetuar seu sangue divino por seus descendentes. Dessa união nasceu Tritão, o primeiro Rei legítimo do povo do mar.

Ele fez uma pausa, dando tempo para que a garota pensasse sobre o que falara. Era difícil; Cordélia se sentia em uma experiência fora do corpo, onde as coisas aconteciam ao seu redor, mas não diretamente com ela. Parecia ser a única forma de ouvir tudo o que Morgan dizia sem entrar em pânico.

Pensou no que ele já havia dito até o momento, principalmente no início. Ele disse que sua mãe, Corália, era filha de...

– Minha mãe é filha desse Tritão? – não resistiu em perguntar – o filho de Poseidon?

Parecia loucura considerar isso, e foi com alívio que observou Morgan negar com a cabeça.

– Não. O título “rei Tritão” é dado ao descendente que sobe ao trono e exerce o poder de governar o mar, perpetuando a linhagem divina de Poseidon para comandar o nosso povo – ele fez uma pausa, escolhendo as palavras – gerações se passaram desde que Poseidon se retirou de nossa vivência, e o último rei Tritão que tivemos gerou uma filha, Princesa Corália, a Donzela dos Mares.

– Minha... mãe... – Cordélia murmurou, incrédula.

– E essa princesa teve uma filha... *você* – ele completou, delicadamente – a futura Herdeira do Trono de Atlântida, última Descendente Real com o sangue de Poseidon correndo nas veias.

*Descendente Real.* Cordélia voltou a apoiar a cabeça sobre os joelhos dobrados, tentando raciocinar. Se o que Morgan dizia era verdade – e até aquele momento estava parecendo que sim, apesar de suas desconfianças –, significava que ela própria era uma *princesa*, descendente de um *deus* da mitologia grega. Parecia absurdo de se pensar naquela hipótese.

Dezenas de perguntas inundaram sua mente com aquela constatação: o que fazia ali? Por que nunca soube sobre o povo do mar? Onde estava sua mãe, seu avô ou outros familiares? E, com um baque, analisou a expressão dita por Morgan: “última descendente”. O que havia acontecido? Sua expressão deveria tê-la denunciado, pois Morgan lhe deu um sorriso consolador.

– Você terá muito tempo para ouvir as respostas que procura, Princesa – ele falou – eu não irei a lugar algum. E, por hora, acho que seria bom que descansasse, já que muitas coisas foram ditas, mas poucas foram absorvidas.

Ele estava certo; Cordélia estava sentindo que sua mente iria explodir se continuasse recebendo tanta informação de uma vez. E, no entanto, ao se colocar de pé, se deu conta do que ele havia acabado de dizer.

– Quando você diz que não irá a nenhum lugar... – começou, incerta.

Ele sorriu ao também se levantar, e pôde notar o brilho orgulhoso em seu olhar.

– Eu sou seu guardião, Princesa. Meu dever é estar sempre por perto para guiá-la e protegê-la.

Surpresa com aquela informação, a garota levou alguns segundos para tentar compreender suas implicações.

– O que envolve ser um guardião? – perguntou de repente. Precisava entender ao menos isso.

Ele inspirou fundo, possivelmente pensando no mesmo que ela: nos beijos que já haviam trocado. E pelo olhar sério que ele lhe deu em resposta, podia agora entender a reação inicial dele quando comentou que não deviam ter feito *aquilo*.

– É uma função de grande honra e responsabilidade se tornar guardião de um membro da Família Real – ele explicou, em tom sério – significa que eu, de bom grado, darei minha vida para protegê-la.

Cordélia engoliu em seco.

– Não precisamos chegar a tanto – comentou, em voz fraca – mas, então, sobre o que fizemos...

Morgan olhou para o mar, o semblante sério.

– Não ocorrerá novamente – ele a encarou, e podia notar a seriedade em seu olhar – eu sou seu *guardião*, e não estarei ao seu lado por diversão.

Aquelas palavras doeram. Cordélia podia tê-lo conhecido não havia muito tempo, mas estava atraída por ele; pela primeira vez, havia *sentido* algo por alguém, como se estivesse efetivamente *vivendo*. Passara semanas esperando encontrá-lo de novo, e ouvir aquelas palavras... Ele não precisava ser tão direto.

Com raiva sem nem mesmo entender o motivo, lhe deu as costas e começou a seguir o caminho de volta para casa. Parou de repente, se virando para encará-lo.

– Só pra lembrar, *você* correspondeu – afirmou, em tom vitorioso.

Morgan permaneceu com o mesmo semblante inexpressível.

– Tritões também são homens, *alteza* – ele frisou seu título, o que gerou uma pontada de mágoa na garota – e você não é a única que pode ter... *Curiosidade* sobre algo.

Cordélia franziu o cenho; não gostou nem um pouco daquela resposta.

– Mas você...

– Eu a observei sua vida inteira – ele a interrompeu, se aproximando até seus rostos estarem quase colados – como seu *guardião*, sempre estive por perto para protegê-la, mesmo que não soubesse da minha existência.

Novo choque. Antes que a garota tivesse tempo de absorver aquela informação, ele continuou.

– Sei como age com os machos humanos – sua voz estava pontuada por desaprovação – sei que brinca com os sentimentos deles, e sei que não pode evitar, pois parte de nossa natureza é atrair os humanos mesmo que não desejemos.

Ele não quebrou o contato visual enquanto falava.

– Mas eu *não* serei um de seus brinquedos, Princesa – completou, em um tom sério – e peço que se lembre bem disso de agora em diante, quando estivermos juntos.

Se encararam, em silêncio. A mesma *tensão* que havia entre eles estava de volta, mas Cordélia fez força para ignorar. Havia entendido o recado: ele não estava, e nem estaria, disponível para ela – não *daquela* forma.

Só que, em toda sua vida, nunca ouvira um “não”, e não estava disposta a

ouvir agora – não quando tudo dentro de si parecia se sentir atraída para ele. E apesar das palavras ríspidas que ele dissera, não podia deixar de comparar mentalmente com suas reações anteriores: ele havia *correspondido*, com muita intensidade, inclusive.

Confusa, voltou a caminhar, um silêncio desconfortável entre eles. Cordélia remoía suas últimas palavras, e não conseguiu deixar de comentar.

– Você me trata como se eu fosse uma destruidora de corações – o acusou – e não é assim, sabe? Eu... – interrompeu a frase, pensando se devia continuar – bem... Eu *queria* sentir algo pelos caras com quem eu saía – deu de ombros – quando não dava certo, eu seguia adiante e tentava com outro.

Morgan a olhou com certa diversão no olhar.

– Você ainda tem muitos anos pela frente – um meio sorriso surgiu em seu rosto – a média de vida de nosso povo é de trezentos anos.

A garota parou de andar, o olhando assustada.

– O quê?

O sorriso dele alargou.

– Vai descobrir que sua vida será bem longa como sereia. Nosso povo se desenvolve de forma diferente dos humanos, e nossa aparência não muda com frequência depois que atingimos a idade adulta, só alterando a cada cinquenta anos.

Em choque, Cordélia voltou a andar. *Trezentos anos*. Toda sua perspectiva de vida mudava com aquela informação; não precisaria se apressar para entrar na faculdade, ou se casar, ou...

Franziu o cenho. Se era uma sereia, não deveria estar ali, deveria? Parecendo ler seus pensamentos, Morgan continuou falando.

– Há um motivo para que tenha vivido com os humanos desde que nasceu, Princesa, mas contarei quando tiver compreendido melhor sua natureza – ele explicou, pacientemente – da mesma forma, você não podia saber sobre mim ou sobre o que era antes que completasse dezoito anos e pudesse tomar sua forma de sereia, ou jamais me deixaria fazer parte de sua vida.

– Eu não teria tanta certeza disso – ela murmurou consigo mesma, pensando no quão obcecada ficara por ele nas últimas semanas – mas estou curiosa... Quantos anos você tem?

Recebeu um novo olhar divertido dele.

– Por que quer saber?

– Você parece novo, mas fala como um velho – respondeu prontamente, arrancando uma gargalhada dele.

Sentiu uma pontada em seu coração ao ouvir seu riso; desde que o conhecera, ele sempre esteve com o semblante sério, mas agora que assumira quem era, agia com mais leveza ao seu redor, como se o fato de não existir mais o segredo sobre sua natureza influenciasse diretamente em seu humor.

Eles pararam em frente à porta da casa dela, e ele a encarou com aquele meio sorriso sexy que fazia o sangue de Cordélia ferver. Seu corpo, aparentemente, parecia ter ignorado o recado que Morgan tentara passar.

– Tenho vinte e quatro anos – ele respondeu.

Um novo franzir de cenho.

– Você não é muito mais velho do que eu – ela acusou.

Ele deu de ombros.

– Mas cresci de forma diferente de você – ele replicou – depois lhe conto sobre como uma criança-peixe se desenvolve.

Estava pronta para abrir a boca e perguntar o que era uma “criança-peixe”, mas ele a calou com um olhar.

– Nós ainda temos muito o que conversar, Princesa, mas por hora, vá dormir, e absorva tudo o que falamos hoje.

Ela assentiu fracamente, sentindo aquela tensão crescer entre eles novamente. Apesar de tudo o que Morgan havia dito, não podia deixar de pensar quando ele disse que também tinha *curiosidade*. E que, se não fosse pelo papel que representava em sua vida, talvez...

Suspirou. Aquela história estava muito mais complicada do que esperava; só queria encontrar alguém por quem sentisse *algo*. Sua mente estava confusa com as implicações do que significava ter Morgan como um *guardião*, considerando suas palavras sobre não terem nenhum tipo de relacionamento. Precisava entender o que ele significaria em sua vida naquela função – assim como suas barbatanas recém-descobertas.

E, ao refletir sobre isso, outro pensamento lhe veio em mente. Olhou para Morgan especulativamente, e quando seus olhares se encontraram, ele franziu o cenho.

– O que foi?

– Você disse que me observou a vida toda – ela comentou, semicerrando os olhos – isso faz de você um *stalker*.

Ele revirou os olhos, cruzando os braços.

– *Guardião*. Eu sou seu *guardião* – ele frisou – meu dever nos últimos anos foi manter você protegida até que atingisse a maioridade e soubesse quem realmente é. E isso significou, em grande parte, segui-la durante seu dia a dia, sem que você percebesse minha presença.

Cordélia refletiu por um momento sobre aquelas palavras, um sorriso malicioso acompanhando seus pensamentos. Era um excelente momento para testar sua teoria quanto à veracidade do que ele dissera a pouco, sobre a *não repetição* do que haviam feito.

– Então, se você me observou a vida toda, você está dizendo que... – ela se aproximou dele lentamente – não se importou *nem um pouco* em me ver beijando outros rapazes.

O semblante inexpressivo de Morgan se alterou por um momento, um brilho perigoso em seu olhar, e o coração da garota disparou ao observar aquela reação. *Bingo*. Ele podia alegar que não repetiria os beijos, mas parecia algo dito da boca para fora.

– O que você faz em sua vida pessoal não me diz respeito, Princesa – ele murmurou, tentando recompor sua seriedade.

Ela se aproximou ainda mais, quase grudando seus corpos, lentamente levantando as mãos e apoiando em seus braços. Bem devagar, ela se pôs na ponta dos pés, sua boca chegando mais perto da orelha dele.

– Você está me dizendo que não se importa... – ela sussurrou em seu ouvido – se eu procurar outro para me *satisfazer*.

Viu como ele prendeu a respiração com aquele comentário, e deu o golpe fatal: delicadamente, lambeu o lóbulo de sua orelha. No segundo seguinte, ela estava pressionada na parede, suas mãos presas pelas dele acima de sua cabeça.

– Eu disse que não serei um de seus brinquedos – ele murmurou, em tom de ameaça.

Mas Cordélia não se importou com as palavras dele. Seu coração disparava loucamente, e seu corpo inteiro estava pegando fogo com aquele contato. Nunca havia sentido aquela *excitação* antes, e simplesmente não conseguia controlar suas reações à proximidade dele.

– Você diz isso – ela respondeu, ainda sorrindo maliciosamente – mas desde que saímos da água, eu sei que já me deu uma conferida mais de uma vez.

Ela sabia que, desde aquele momento, seu vestido branco estava completamente transparente, grudado em seu corpo. E só chamou a atenção para

o fato para ver a reação de Morgan: ele automaticamente a olhou de cima a baixo, se demorando em determinadas partes, e viu quando ele engoliu em seco.

Repentinamente, ele a soltou, se afastando alguns passos para trás.

– Alguma vez na vida você já ouviu um “não”? – ele acusou, rispidamente – sabe sequer o que significa?

Ela o olhou, pensativa, enquanto baixava os braços.

– Eu entenderia o seu “não” se ele fosse sincero – ela respondeu, honestamente – mas... isso – ela sinalizou os dois com o dedo – não é algo que você consegue negar, não é?

Suas palavras pareceram ter acertado no ponto fraco, pois Morgan ficou completamente sem reação. Satisfeita, Cordélia voltou a se aproximar, um passo de cada vez.

– E para constar... Eu nunca disse que você era um *brinquedo* – ela parou a centímetros dele – o que sinto por você... não é apenas diversão.

Ele parecia completamente perdido enquanto a encarava.

– Eu sou seu guardião – ele reafirmou, com a voz fraca – posso ter pensado apenas como homem em um momento de fraqueza, mas isso não pode se repetir – sua voz endureceu – não podemos ter nada entre nós, Princesa.

O sorriso malicioso voltou a surgir nos lábios da garota.

– Veremos – ela se apoiou em seu peitoral, se colocando na ponta dos pés – neste momento, gostaria que voltasse a pensar como *homem*.

Deixou seus lábios a milímetros dos dele, sem encostar. Precisava saber qual seria a reação dele, e não se decepcionou: como se tivesse perdido uma batalha interna, ele uniu suas bocas, envolvendo sua cintura e a puxando para si.

Isso! Se deixou embalar por aquela sensação maravilhosa, como se seu corpo inteiro tivesse despertado para a vida e uma completude a preenchesse, da mesma forma que nas vezes anteriores. Seu coração disparava e seu sangue fervia; estava simplesmente viciada em Morgan, e seu beijo era a droga que precisava para acalmar aquele vício.

– Nós não devíamos fazer isso – ele murmurou, mal afastando sua boca da dela, enquanto buscava respirar.

– Nunca ouviu falar que o que é proibido é mais gostoso? – ela respondeu prontamente, sua respiração entrecortada.

Morgan a observou por alguns segundos, vendo o olhar enevoado dela, antes de voltar a beijá-la. Ela estava completamente entregue, e uma parte dele se

regozijava com aquela reação, como se não conseguisse acreditar que ela reagia a ele *daquela* forma.

Havia apenas testado, por curiosidade, esbarrar com ela antes que se apresentasse como seu guardião. Depois de vê-la *novamente* conquistando um humano, quando mal havia começado em seu novo colégio, seu lado egoísta venceu, e no dia seguinte surgiu em seu caminho. Era para ser algo simples, apenas para alimentar seu ego: só queria, ao menos uma vez, receber um olhar de interesse da parte dela, como viu ela lançar para diversos humanos ao longo da vida.

Só não esperava que ela agisse de forma tão impulsiva de primeira; sabia que ela era impetuosa, mas tê-lo beijado quando nem se conheciam ultrapassou seus delírios mais profundos. E havia sido tão perfeito, tão incrível que... Ele simplesmente não conseguia parar. Por conta disso, agora estavam naquela situação: ela, querendo *mais*, e ele, precisando se conter.

Um deles precisava ser responsável. Ao contrário dela, Morgan sabia que uma relação entre os dois era impossível; ainda por cima, desconfiava que ela só se sentia tão atraída por ele por ser algo completamente diferente da vida que conhecia. Afinal, era o primeiro tritão com quem convivia; estava deslumbrada agora, mas com o tempo, aquele *deslumbramento* passaria, e ele seria o único a sofrer.

Mas enquanto ela o quisesse, mesmo que temporariamente... Toda a dor futura que sentiria valeria a pena; desde que não fizesse nada *tolo*, ainda poderia satisfazer sua parte egoísta. Interrompeu o beijo, mal afastando seus lábios, observando a respiração dela acelerar.

– Deveríamos estabelecer alguns limites – ele sussurrou, descendo os lábios até a orelha dela – apenas por segurança.

Ela apertou as mãos que envolviam seu pescoço, e ele observou maravilhado a pele dela se arrepiar.

– O que você quiser – ela murmurou – só não pare com isso.

*Hum...* Quer dizer que ele tinha algum poder sobre ela, afinal. Testou descer os lábios por seu pescoço, e ela inteira se arqueou em resposta. Ele precisava ter cuidado, ou aquelas reações o fariam esquecer completamente de suas responsabilidades.

Usando toda a sua força de vontade, ele afastou o rosto, assim como seus corpos. Viu o olhar confuso dela, e precisou se controlar para que sua razão permanecesse no lugar.



– Eu estarei sempre ao seu lado como seu guardião, Princesa – ele afirmou lentamente, dando um passo para trás e esperando que suas palavras fossem absorvidas por ela – e preciso que se concentre em aprender o que necessita como Herdeira.

Viu ela piscar diversas vezes, como se estivesse com dificuldades de pensar. Depois, observou ela fechando os olhos e suspirando.

– Certo – ela pareceu concordar de má vontade, cruzando os braços – “limites”, você disse?

Sorte a sua ter exercido o autocontrole por tantos anos, ou teria sido impossível Morgan não sorrir; Cordélia agia naquele momento como uma criança mimada, seus lábios fazendo um beicinho. Foi com muito custo que se impediu de voltar a beijá-la.

– Um beijo ao dia – ele declarou, em tom sério – e você vem comigo para o mar.

Os olhos dela se arregalaram por um momento, antes de semicerrarem. Podia ver seu cérebro em funcionamento, enquanto ela tentava pensar em uma contraproposta.

– Uma hora ao dia, sem limite do que fazer – ela contra-atacou – e quanto a ir com você... Não posso abandonar minha vida assim, do nada.

Ele refletiu por um momento.

– Lições diárias, então – ele concordou – durante todas as tardes, até que esteja pronta.

Cordélia ficou pensativa, avaliando se aquilo seria suficiente. Estava concordando que, em algum momento, abandonaria a vida que conhecia por completo. Uma parte sua sentia medo de uma decisão como aquela, mas desde que ela nunca se sentisse *pronta*, poderia adiar indefinidamente.

E quanto ao limite de uma hora diária... Tinha certeza que poderia expandir aquele tempo, se considerasse como Morgan respondia a ela. E, se fosse ser honesta consigo mesma, ela não era a única a exercer algum controle ali; estava completamente nas mãos dele, e se ele a negasse de verdade, não sabia como reagiria.

– Combinado – sorriu para ele – ao menos, por enquanto.

Ele sorriu de volta, e antes que ela pudesse fazer algum comentário sobre como ainda não haviam aproveitado completamente a uma hora daquele dia, uma luz em cima deles se acendeu. Assustada, olhou para a porta, ouvindo som de passos se aproximarem pelo lado de dentro.

*Droga.* Havia se esquecido completamente que seu pai estava em casa, e não fazia ideia do que dizer.



capítulo 4

## *Histórias da família*

— FILHA? É VOCÊ? — Henri chamou.

Piscando desesperadamente para se acostumar com a luz, Cordélia tentou pensar rápido, mas nenhuma solução vinha à sua mente. Estava na porta de casa até então no escuro, acompanhada de um rapaz usando apenas uma bermuda, os dois com as roupas molhadas, já bem depois do horário que havia avisado que chegaria. Sua única sorte é que não estava mais com a língua dentro da boca dele, ou a situação poderia ser ainda pior.

— Pai, eu...

Ela não tinha palavras para explicar, especialmente considerando tudo que aprendera naquela noite. Mas, para sua surpresa, viu os olhos de Henri pararem em Morgan, o reconhecimento surgindo em sua expressão.

— Há muito tempo que não o vejo, Morgan.

Chocada, viu seu guardião assentir.

— Henri — o cumprimentou — dezoito anos se passaram.

Um sorriso melancólico surgiu no rosto de seu pai.

— Era a hora, huh...?

Cordélia piscou, olhando de um para outro, antes das implicâncias daquela cena a acertarem com força total.

— Você sabia — murmurou, olhando para o pai — todo esse tempo e... você sabia que eu era uma sereia.

Seu pai não conseguiu pronunciar uma palavra; apenas assentiu.

— Você... — ela não conseguia encontrar palavras para definir o que sentia

naquele momento – você...

Sentiu a mão de Morgan em seu ombro.

– Princesa, se acalme.

Mas Cordélia não conseguia. Todos aqueles anos, se mudando de lugar em lugar por conta do trabalho de seu pai, sem conseguir criar nenhum *vínculo*... Sentindo que havia algo errado com ela, por ser incapaz de se sentir *viva*, sempre com um vazio dentro de si que não conseguia explicar. E todo aquele tempo... Seu pai sabia, e mentira descaradamente para ela.

– E minha mãe? – ela perguntou de repente – você mentiu também sobre ela ter morrido? – riu amargamente em seguida – é lógico que mentiu. Uma sereia não morreria *afogada*.

– Querida... – Henri tentou, mas não parecia achar palavras.

Vendo a situação em que se encontravam, Morgan resolveu intervir.

– Princesa, vá dormir – ele sugeriu – você ainda não teve tempo de absorver tudo o que eu contei, e é melhor que converse com seu pai quando estiver mais calma.

– Me obrigue – ela respondeu, com raiva – porque eu só dormirei depois que ouvir o que *meu pai* tem a dizer.

Seu guardião suspirou.

– Você não me dá outra escolha – ele a olhou tristemente – é para seu próprio bem.

Antes que Cordélia entendesse ao que ele se referia, Morgan começou a cantar, sua voz melodiosa preenchendo o ambiente. Tentou prestar atenção à letra, mas começou a ver tudo embaçado, e seus olhos ameaçaram se fechar.

– O que...

Sem nem mesmo completar a frase, sua mente desligou, e ela apagou por completo. Morgan já estava pronto para isso, apoiando suas costas e a pegando no colo sem o menor esforço. Não havia outro jeito; se Cordélia confrontasse seu pai naquele momento, tudo o que conseguiria era se magoar ainda mais, e ele não podia deixá-la se machucar intencionalmente.

– Não faz ideia de como essa sua habilidade fez falta – Henri comentou, coçando o queixo – teria sido muito útil em vários momentos da adolescência dela.

Morgan conteve o sorriso; por sempre ter protegido Cordélia de longe, sabia que ela era *teimosa*, o que deve ter gerado várias situações desgastantes com seu pai. E como ele fizera parte da vida dela apenas quando bebê, a canção

encantada pela Princesa Corália acabou sendo usada somente para niná-la, perdendo seu uso com o afastamento dele, já que só podia ser cantada por alguém do povo do mar.

– Onde posso colocá-la?

Henri o guiou pela casa até o quarto da garota, onde Morgan a depositou em sua cama. Ele a observou por um momento e, estendendo a mão, fez toda a água que estava na roupa e cabelo dela saírem, flutuando no ar; com mais um movimento, jogou a água para fora da janela. Quando usava a canção encantada por sua mãe, Cordélia apagava por completo, e só acordaria dali a umas boas horas; seria injusto deixá-la molhada todo aquele tempo.

– Como ela recebeu a notícia? – Henri perguntou em um sussurro.

Morgan refletiu por um momento. De certa forma, ela parecia ter aceitado a informação de ser uma princesa sereia mais fácil do que a ideia de que não poderiam ter nada entre eles. Pensamento este que gerava um completo paradoxo dentro de si: seu coração se aquecia de felicidade, ao mesmo tempo em que afundava de tristeza. Havia falado sério quando dissera a ela que os dois não poderiam ter um relacionamento; só não havia contado o motivo, pois quando ela soubesse, possivelmente discordaria.

– Ela vai se acostumar – murmurou em resposta.

E torcia para que aquela afirmação fosse verdade, especialmente no que se referia à sua posição como Princesa Herdeira.

\*\*\*\*\*

Cordélia despertou lentamente, se sentindo grogue de sono. Piscou algumas vezes, olhando para o relógio em seu criado-mudo: já passava das dez da manhã. Se sentou na cama, coçando os olhos e, ao perceber que ainda usava seu vestido de praia e biquíni, franziu o cenho.

Só então as memórias da noite anterior vieram à sua mente, o que a fez acordar por completo. Assustada, correu para o banheiro, onde parou em frente ao espelho, observando o próprio reflexo. Sempre se considerou bonita; seu rosto chamava a atenção de todos à sua volta, principalmente por conta de seus olhos grandes, como de uma boneca, em uma cor que considerava especial – um cinza escuro, que remetia à aparência de uma tempestade se formando no céu.

Às vezes tinha momentos narcisistas em que passava incontáveis minutos

olhando o próprio reflexo, tentando encontrar um defeito aparente: mas não possuía. Seu nariz era pequeno e delicado, formando um ângulo perfeito com o resto do rosto fino e sem nenhuma marca; nunca nem mesmo teve uma espinha, um milagre após passar pela adolescência. Sua pele era branca leitosa, dando uma aparência aveludada e, apesar da falta de melanina e do cabelo ruivo, não possuía uma única sarda.

Humanos não tinham uma aparência tão perfeita. Humanos *possuíam* defeitos. Mas em seus momentos narcisistas, ignorava tudo isso, se considerando diferente das pessoas normais, mas de uma forma boa. E agora, entendia o motivo de não ser como os outros: era uma *sereia*.

Abriu a torneira, molhando o rosto, cogitando se tudo aquilo não havia passado de um sonho. Será que havia imaginado toda aquela história sobre ser uma sereia, ou mesmo sobre ter o sangue de Poseidon? *Não*. Mas era estranho pensar em si mesma como sendo da realeza e possuidora do sangue de um deus; mesmo que não fosse verdade, que fosse apenas uma lenda, era divertido pensar a respeito. Principalmente porque não descartava completamente a veracidade da história: se as sereias existiam, por que não os deuses gregos? Quantas outras lendas no mundo poderiam ser verdade..?

Tentou se lembrar mais sobre a noite anterior. *Hum, Morgan...* Havia feito um acordo, em que passaria as tardes com ele aprendendo mais sobre ser uma “herdeira” – seja lá o que isso queria dizer –, e garantiria ao menos uma hora ao dia onde poderia aproveitar aqueles lábios tentadores.

Pensou em como seu guardião era realmente lindo, enquanto se desfazia de suas roupas e entrava embaixo do chuveiro para um banho rápido. Naqueles poucos encontros que tiveram, não conseguiu visualizar um único defeito em sua aparência: seu rosto era másculo, mas a pele era branca aveludada como a sua, passando certa delicadeza; seu corpo possuía músculos tão definidos que tinha vontade de acariciar apenas para descobrir se eram reais; seus olhos eram de um azul tão profundo como o oceano, o nariz reto e perfeito, com uma boca carnuda e rosada, tão deliciosa de ser beijada...

Ela poderia ter vivido cercada de rapazes bonitos ao longo da vida, mas nenhum chegava perto de ser tão estonteante como Morgan. Era como se houvesse algo a mais nele que a atraísse, além da beleza óbvia; sempre que estava perto, sentia aquela *força* a puxando para ele, e após tantos anos querendo *sentir*, ela não se esforçava para negar: simplesmente obedecia àquele impulso.

Pensou a respeito enquanto usava a toalha para se secar. Ele havia dito que

atraíam humanos mesmo quando não desejavam, e que isso fazia parte da natureza deles. Seria isso? Morgan seria tão atraente para ela por conta de sua natureza como tritão? *Não...* Ela também não era humana, mas uma sereia; ele não deveria exercer esse tipo de poder sobre ela.

Se aquela atração por ele tivesse diminuído após suas barbatanas aparecerem, ela até entenderia que havia sido algo gerado pelo seu lado humano; afinal, só se tornou oficialmente sereia depois da meia-noite. Mas ainda estava firme e forte – prova disso é que ignorou completamente a negativa dele, e agora, estavam em comum acordo sobre terem ao menos um momento ao dia onde poderiam explorar aquela atração.

Não fazia ideia de onde aquilo ia dar. Morgan parecia muito relutante com a perspectiva de um *relacionamento*, e se perguntou mentalmente se haviam razões ocultas para aquela negativa inicial. Seria ele o tipo de homem que possui medo de se prender? A relutância estaria ligada à sua posição de guardião? Havia muitas perguntas sem respostas, muitos assuntos que ainda precisava aprender e, por enquanto, não se importava em manterem uma relação *casual*, onde não havia uma real definição.

A única certeza que tinha é que queria *ele*, no tempo presente. Quanto ao futuro... Bom, ele chegaria em algum momento.

\*\*\*\*\*

Já havia terminado de se vestir quando se lembrou do que ocorrera no final da noite anterior: de alguma forma, havia sido posta para dormir por seu guardião, após descobrir que seu pai sempre soubera sobre sua natureza de sereia. Ao pensar sobre isso, sentiu uma pontada de mágoa dentro de si; ela e seu pai sempre tiveram uma relação sincera um com o outro, e jamais achou que ele mentiria deliberadamente.

Ainda assim... Lembrou do olhar magoado dele, e pensou no quão difícil deveria ter sido para ele ocultar um segredo tão grande de sua filha. Nesse ponto, Morgan estava certo: após ter dormido, sua mente estava muito mais clara, e a raiva que a havia tomado antes não existia mais. Agora, tudo o que sentia era vontade de *aprender*: queria conversar com seu pai e entender o motivo de ele ter ocultado uma informação tão importante como aquela.

Andou em passos silenciosos pela casa, parando na porta da cozinha. Ali,

encontrou seu pai de costas para ela, fritando panquecas. Ele ainda não havia percebido sua presença, e o observou carinhosamente por alguns minutos. Henri era um *péssimo* cozinheiro, mas em todo aniversário dela, ele se esforçava para fazer panquecas com gotas de chocolate – suas preferidas.

Quando ele queimou mais uma, tentando desgrudá-la da frigideira, Cordélia não conseguiu segurar o riso. E quando seus olhos se encontraram, a garota pôde ver o amor que seu pai tinha por ela, na forma como a olhava cheio de expectativa sobre como estaria seu humor naquela manhã.

Assim, ela caminhou calmamente até o congelador, puxando um pote de sorvete de dentro. Pegando duas colheres na gaveta, ofereceu uma para seu pai, que abriu um sorriso em resposta. Aquele era o gesto de paz dos dois: ao longo de toda sua vida, sempre que tinham alguma briga, quando queriam se desculpar simplesmente ofereciam sorvete um para o outro, antes de conversarem com calma sobre a situação que gerou a desavença.

Se sentaram na mesa da cozinha, um de frente para o outro, ainda sem dizer nada. Cordélia pensou qual seria a melhor forma de iniciar aquela conversa, e optou por uma pergunta direta.

– Como era a mamãe?

Henri parou levando a colher à boca, olhando para o sorvete, aquele mesmo meio sorriso de sempre surgindo em seus lábios quando pensava em sua falecida mulher. Desde sua infância, Cordélia já havia feito aquela pergunta várias vezes, mas ele nunca dava muitas informações; agora, no entanto, sabia que a resposta seria diferente.

– Sua mãe foi a mulher mais incrível que já conheci. A primeira vez que a vi foi na baía de St. Ives, onde você se afogou na infância – ele relatou, voltando a comer o sorvete – na época, meus pais já haviam morrido e eu estava formado, mas dava continuidade aos meus estudos. Tinha meu primeiro emprego de verdade, e nos finais de semana, costumava passar a tarde na baía observando a paisagem. E foi quando a vi.

Ele parou por um momento, mergulhado em suas próprias recordações.

– Ela usava um vestido amarelo como o sol, o cabelo ruivo esvoaçando com a brisa da tarde. Meu primeiro pensamento foi se ela não estava sentindo frio – Henri deu uma risada nervosa – mas logo em seguida só consegui pensar que eu havia morrido, e um anjo havia vindo me buscar. Era tão linda! Eu não consegui acreditar que era real, até ela se virar para mim e perguntar meu nome.

Cordélia apenas ouvia o relato, maravilhada com as expressões que seu pai



fazia enquanto contava sua história.

– Não preciso dizer que agi como um completo idiota naquele momento. Aliás, acho que sempre perdia a razão quando estava próximo de sua mãe – ele cogitou, brincando com a colher – Corália era simplesmente... *Perfeita*. E isso me assustava feito o inferno.

Cordélia podia entender muito bem essa sensação; ainda não havia conseguido descobrir um único defeito em Morgan. E, sendo uma sereia, ao menos sabia que estava no mesmo “patamar” que ele, por assim dizer; mas se fosse humana... Possivelmente se sentiria muito mais insegura ao seu lado.

Começou a olhar para seu pai com novos olhos. Henri sempre foi um homem confiante, e tentou imaginá-lo inseguro sobre sua aparência; apesar de já estar próximo dos cinquenta anos, seu pai ainda mantinha os traços de sua juventude, com os olhos verdes e o cabelo castanho penteado para trás, sua barba bem aparada o fazendo parecer um nobre das cortes medievais europeias.

Não... Mesmo sendo uma sereia, sua mãe teve mais do que motivos para se apaixonar por seu pai. Podia não se comparar àquela beleza *perfeita* de um tritão como Morgan, mas possuía, sim, o seu charme.

– Em um primeiro momento, não quis saber de nada, apenas que ela estava ao meu lado – Henri continuou seu relato, alheio ao que se passava na mente da filha – só queria vê-la, tocá-la, ouvir sua voz maravilhosa e o som da sua risada que fazia meu coração disparar. Eu ignorava coisas simples, mas que fazem toda diferença. Por exemplo, o que ela fazia quando eu estava no trabalho? Quando eu voltava para meu pequeno apartamento, ela estava me esperando na porta, e não me passava pela cabeça perguntar onde ela estava antes disso. Havia dias em que ela usava a mesma roupa da tarde anterior, e na maioria das vezes estava descalça também.

– E você não se importava com o que ela fazia da vida? – Cordélia perguntou, surpresa.

Seu pai sempre fora um homem muito precavido, e era difícil visualizá-lo ignorando tantos detalhes.

– Bom, eu era um homem apaixonado – Henri deu um risinho – sei que isso não é desculpa, mas acho que sua mãe era capaz de mandar todo o meu juízo para longe.

Cordélia refletiu por um momento, e quase riu. Estava ela ali, julgando seu pai por ter agido de forma tão despreocupada com uma mulher que acabara de conhecer, quando ela própria havia agido do mesmo jeito em relação à Morgan.

Afinal, quando o conheceu, ele era apenas um estranho passando por ela na rua; isso não a impediu de pensar nele por semanas, ainda que sequer soubesse seu nome. E quando ele surgiu novamente na praia de Bondi, usando a mesma bermuda que o vira usar anteriormente, sua única preocupação era se ele tinha ou não namorada; o resto sequer passou por sua cabeça.

Definitivamente, não podia julgar seu pai: sereias e tritões eram mesmo capazes de fazer uma pessoa esquecer até mesmo o básico.

– Como você soube o que ela era? – resolveu perguntar.

Henri suspirou, pensativo.

– Foi quando a preocupação sobre *quem* ela era começou a me tomar. Eu a enchia de perguntas, e Corália sabiamente desviava de todas. Mas teve uma hora que não aguentei, e simplesmente ameacei acabar com tudo se ela não me dissesse ao menos um fato real sobre ela – ele explicou, coçando a barba – confesso que eu fui um tanto grosseiro nesse ponto. Mas veja bem, eu já estava achando que ela era uma alucinação da minha mente. Precisava confirmar se era de verdade ou não.

Cordélia deu uma risadinha, imaginando como uma pessoa poderia imaginar outra assim. Mas crianças não possuíam amigos imaginários? Não era impossível que um homem visualizasse a mulher de seus sonhos.

– Depois dessa conversa, ela encheu a banheira de água e entrou – Henri continuou contando – não imagina a minha surpresa quando surgiu uma cauda de peixe no lugar das pernas dela.

– Eu posso imaginar – Cordélia comentou, mordendo o lábio inferior para não rir – e o que você fez depois?

– Bom... Depois de quase ter desmaiado, eu acabei acreditando. Ainda era surreal, mas era mais do que eu sabia sobre ela em um mês inteiro. Após isso, ela continuou sem contar muito sobre ela, mas falando eventualmente algo sobre “o povo do mar” – ele citou a expressão respeitosamente – fazia comparações entre sua espécie e os humanos, em coisas que ela observava enquanto estava comigo. Segundo ela me disse, nunca havia passado tanto tempo no mundo dos humanos antes.

– O que ela contou? – Cordélia estava curiosa; Morgan ainda não fizera nenhuma comparação.

– Hum... Não me recordo muito dos detalhes menores, mas ela repetia sobre a natureza humana ter se desenvolvido no povo do mar – seu pai parecia estar puxando da memória – algo sobre os sentimentos primordiais como ódio e amor. Também falava sobre a tendência à guerra que alguns possuíam.

Cordélia estremeceu ao ouvir isso, anotando mentalmente em uma lista de perguntas que precisava levar a Morgan.

– Então um dia ela simplesmente desapareceu – ele contou, e parecia magoado ao falar – havia deixado uma curta mensagem rabiscada dizendo para que eu não a procurasse e que ela viria até mim quando fosse a hora certa – Henri soltou um longo suspiro – eu quase enlouqueci. Não podia acreditar que aqueles dois meses não haviam significado para ela o mesmo que para mim.

Ele revirou o sorvete com a colher, parecendo ter perdido o apetite. Cordélia engoliu em seco, pensativa; o que havia acontecido para que sua mãe sumisse daquela forma? Cada vez mais sua mente era preenchida por perguntas, mas nenhuma era respondida.

– Meses se passaram – ele continuou – e a cada dia, eu perdia mais a minha vontade de viver. Meu trabalho não rendia, e havia largado meu doutorado em curso. Tentei sair com outras mulheres, esquecê-la, mas nada mais me animava. Sua mãe havia me trazido uma felicidade que eu não conhecia, e sem ela, eu não era ninguém.

Henri ficou em silêncio, remoendo sua mágoa. Cordélia sentiu como se estivesse cutucando sua ferida, mas ainda precisava saber mais, mesmo que isso o entristecesse. Deu um pigarro, cortando o silêncio e chamando a atenção para si, indicando que queria que continuasse.

– Em um belo dia, ela surgiu novamente em minha porta – Henri continuou, dando um sorriso triste – sem dar explicações para seu sumiço, me acalmou, dizendo que estava com pressa e tinha muito o que me contar. Foi quando ela me revelou que era a princesa do povo do mar, e por isso não podia ficar comigo. Disse que tinha muitas responsabilidades, e que uma guerra estava acontecendo, exigindo toda sua atenção.

– Ela mencionou o motivo dessa guerra?

– Não – Henri negou – não contou muito, só disse que era importante que eu entendesse, pois ela precisava de minha colaboração – ele abriu um sorriso – foi quando ela me arrastou para a baía e me apresentou um bebê enrolado em um cesto como sendo a nossa filha.

Cordélia não conseguiu evitar um sorriso.

– Como você reagiu?

– Primeiro, contei desesperadamente o tempo na minha mente – ele falou, rindo em seguida – eu tinha certeza que não haviam se passado nove meses, mas desde que sua mãe não era como outras mulheres, imaginei que o tempo de gestação poderia ser diferente.

Aquela informação trouxe curiosidade na garota, mas antes que ela sequer refletisse sobre o assunto, seu pai continuou.

– Ela me pediu que cuidasse de você, pois o mar era um lugar perigoso enquanto a situação política de seu povo não se resolvesse – o semblante dele demonstrou tristeza – eu queria mais explicações, queria que ela ficasse comigo, mas Corália insistiu que era melhor daquela forma. Me disse para criar você como humana, sem que você soubesse nada sobre suas origens até que completasse seus dezoito anos.

Ele fez uma pausa, largando a colher e estendendo uma mão por cima da mesa, segurando a da filha.

– Eu não queria esconder algo assim de você, realmente não queria – ele afirmou, dando um ligeiro aperto – mas depois que perdi sua mãe... Eu tive medo de perder você. E Morgan... – ele deu de ombros – bem, ele era o lembrete vivo de que uma hora eu teria que te dizer “adeus”.

Depois de ouvir tudo aquilo, parte de Cordélia conseguiu finalmente entender um pouco de seu pai, sua mágoa reduzindo. Mesmo que tivesse crescido se sentindo *deslocada* entre os humanos, ao compreender melhor o que estava em jogo, conseguia perdoar dentro de si.

– Eu entendo, pai, mesmo – ela afirmou, retornando o aperto – mas foi um pouco difícil para mim. Eu atraio as pessoas simplesmente por existir – falou, em tom incrédulo – podia ser fácil de socializar em cada colégio que eu entrava, mas sempre me senti... *solitária* – desabafou – mesmo cercada de pessoas, a impressão que eu tinha é que ninguém era capaz de me entender, porque só viam minha aparência.

Henri a olhou tristemente.

– Eu não fazia ideia que você sofria assim, filha – sua voz estava triste – você sempre arrumava amigos com facilidade, e eu achei...

Ele fez uma pausa, e ela deu de ombros.

– Acho que tive medo de assumir isso para você – ela confessou – mais porque eu sentia que tinha algo errado *comigo*, e não queria que você se preocupasse.

Seu pai estendeu a outra mão, acariciando seu rosto.

– Não há nada errado com você, querida – ele sorriu – você só tem uma cauda de peixe escondida.

Os dois riram, e o clima triste que os envolviam desapareceu. Amava seu pai, e ter tirado aquela mágoa de dentro dela havia feito maravilhas para a relação

dos dois. Agora, porém, outra curiosidade surgiu em sua mente.

– Qual é a do Morgan, e essa história de guardião? – perguntou, pensando no que poderia contar ao seu pai sobre o que havia ocorrido na última noite – ele... Bom, imagina o que é uma pessoa afirmar do nada que você é uma sereia, herdeira de algum trono, e que está ali para te proteger – ela relatou, uma careta no rosto – depois de eu chamá-lo de louco, ele me puxou para o mar, até minha cauda aparecer.

Seu pai riu, a olhando perplexo.

– Bom, Morgan é... Um caso peculiar – ele explicou, ainda rindo – eu não sei o quanto ele já te contou, mas naquela época, ele era apenas um garotinho.

Cordélia pensou por um momento: ele havia dito que tinha vinte e quatro anos, o que o fazia com apenas seis quando ela era um bebê, além de ter dito que as crianças-peixes se desenvolviam diferentes dos humanos.

– Sei que ele era muito novo – Cordélia comentou – e que o povo do mar cresce de uma forma diferente.

– Bom, mas o grande detalhe é que Morgan não *parecia* humano – Henri revelou em um sussurro, como se contasse um segredo – consegue imaginar uma criança coberta de escamas cinzas? Esse era o Morgan que conheci.

Cordélia arregalou os olhos, tentando absorver aquela ideia.

– Isso aí – Henri continuou, rindo da reação da filha – quando sua mãe o apresentou como sendo o seu guardião, eu quase caí para trás. Quero dizer, eu mal havia descoberto que ela era uma sereia e que nós tínhamos uma filha, como eu poderia aceitar um garoto que parecia um peixe?

Ainda observando os olhos arregalados da filha, Henri continuou o relato, muito mais animado que no início.

– Morgan esteve próximo por um bom tempo, no início. Eu demorei a me estabilizar, mas voltei a me concentrar em minha carreira depois que descobri que tinha uma filha para sustentar – ele deu um sorriso satisfeito – ele me ajudou muito quando você era um bebê, sabia? Eu não tinha ideia do que fazer quando você chorava, mas ele sempre conseguia colocá-la para dormir – o sorriso dele se tornou carinhoso – cantava uma bela canção de ninar e você apagava.

Cordélia semicerrou os olhos.

– Foi o que ele fez ontem a noite, não foi? – ela comentou, uma pontada de raiva na voz – ele me colocou pra dormir contra minha vontade.

Henri apertou sua mão novamente.

– Não fique brava com ele, querida. Se tem uma coisa que aprendi ao longo

dos anos é que Morgan quer o melhor para você, talvez tanto quanto eu – um sorriso divertido apareceu na sua face – de tempos em tempos, ele sempre mandava alguma mensagem avisando que ainda estava por perto para te proteger, e foi ele quem sugeriu que eu te matriculasse em um curso de defesa pessoal.

– Eu não fazia ideia – ela murmurou, surpresa.

– Claro que não – Henri riu – ainda bebê, quando você passou a distinguir o que a cercava, Morgan sumiu de vista, para que você não descobrisse sobre ele. Mas sempre esteve por perto, me matando de susto quando entrava em contato – seu olhar transbordava diversão – às vezes era uma bolha de água no meio do meu banho, que estourava e eu podia ouvir a voz dele falando algo. Em outras, eu saía do chuveiro e havia uma mensagem escrita no espelho pelo vapor d’água.

Cordélia riu, incrédula. Não podia acreditar que crescera sem fazer a menor ideia de que tudo aquilo acontecia.

– Foi ele quem me lembrou que, com a proximidade de seu aniversário de dezoito anos, deveríamos nos mudar para uma zona litorânea para facilitar – Henri concluiu – o que me fez correr atrás de meus superiores para conseguir a promoção para meu cargo fixo aqui na Austrália. E nunca passou na minha mente negar esse pedido – o olhar de Henri se perdeu, por um momento – eu devia à sua mãe, por ela ter me dado uma filha maravilhosa, e devia também à Morgan, por ter protegido você em todos esses anos. O que me lembra... – Henri se levantou abruptamente – já volto.

Enquanto seu pai saía da cozinha para fazer seja lá o que fosse, a mente de Cordélia divagou por um momento, pensando nas implicações de tudo que seu pai contara. Aparentemente, ela estava muito próxima da verdade quando pensou em Morgan como sendo seu *stalker* pessoal; a diferença é que agora sabia que essa atitude não era apenas permitida, mas até mesmo incentivada, por seu pai.

E pensar que seu guardião deveria ter presenciado tantos momentos de sua vida, sem ela saber... Havia alguns humilhantes que ela só podia torcer para ele não lembrar, pois ela mesmo fazia questão de esquecer. Como ele ainda era capaz de sentir atração por ela depois de tudo isso, era um verdadeiro mistério; só tinha consigo que era melhor aproveitar enquanto aquele sentimento era correspondido, antes que ele mudasse de ideia.

Mas se ele parecia com um peixe na infância, e mandava mensagens misteriosas para seu pai... Assim que ele voltou para a cozinha, carregando algo na mão, não resistiu em perguntar.

– Como foi que você reconheceu o Morgan?

Seu pai deu uma risada sem graça, enquanto se sentava novamente na sua frente.

– Eu quase não reconheci, na verdade. Quando eu abri a porta ontem, estava preparado para te dar a maior bronca de sua vida – ele falou, com um olhar brincalhão – mas, assim que eu o observei melhor, foi fácil de perceber que era ele, mesmo que agora fosse um adulto e parecesse humano – seu pai deu de ombros – não é difícil de notar alguém da espécie de vocês, quando já se sabe o que procurar.

Cordélia o encarou por um momento, atônita. Seu pai já se referia a ela como sendo de *outra* espécie; nem ele mesmo pensava nela como humana.

– Agora, o mais importante – ele colocou uma caixa pequena e retangular em cima da mesa – feliz aniversário, querida. Esse é o presente que sua mãe deixou para você, nessa data tão especial.

Com tudo o que havia acontecido, Cordélia havia até mesmo esquecido que aquele era o dia de seu aniversário. Curiosa com a caixa, a puxou para si, abrindo cuidadosamente. Ofegou instantaneamente: dentro havia um belíssimo colar, diferente de tudo que já havia visto na vida. A corrente era feita de pedras brilhosas como diamantes, em tamanho crescente do fecho até o pingente no meio, que se assemelhava a uma enorme pérola azul de um brilho quase mágico, parecendo mudar de tonalidade dependendo da luz.

Estendeu a mão e pegou a peça cuidadosamente, com medo de quebrá-la; não havia algo do tipo no mundo humano, isso era fato.

– Sua mãe costumava usar quando a conheci – seu pai continuou, um olhar melancólico no rosto – e agora é seu.

Revirou o colar em sua mão, pensando na mãe que não conhecera. Ela havia desistido do homem que amava e da própria filha para atender seus deveres de princesa. Por que fizera isso? Não seria melhor se tivesse deixado para que outros resolvessem, e cuidado da própria segurança antes? Afinal, qual havia sido o motivo? Havia tanto a ser esclarecido! Faria dezenas de perguntas a Morgan quando o encontrasse; e, ao pensar nele, lembrou de perguntar.

– Onde está o meu estimado guardião? – ela levantou uma sobrancelha – ele tem algumas perguntas a responder.

Seu pai riu ao observar sua expressão.

– Seja boazinha com ele, querida – seu pai olhou para o relógio na parede – ele deixou um recado para você. Disse que estaria te esperando no mesmo lugar de ontem à noite, depois do meio dia, para que tivéssemos tempo de conversar

antes.

Cordélia pensou por um momento, se lembrando que caminhara com ele até o meio da avenida Gaerloch, antes de ele levá-la para o mar. Também olhou para o relógio, e viu que já estava na hora; cuidadosamente, recolocou o colar na caixa, fechando sua tampa e se levantando em seguida.

– Obrigada, pai – ela agradeceu, o olhando com carinho, a emoção fechando sua garganta – por... *tudo*. Mesmo sem ter conhecido mamãe, mesmo com toda essa surpresa de eu ter barbatanas, eu... Eu sou feliz em ter ao menos você na minha vida.

Seu pai sorriu, se levantando também e a puxando para um abraço, após dar a volta na mesa.

– De nada, querida – ele a apertou com força – uma das coisas que sua mãe costumava divagar era sobre o destino – ele fez uma pausa – de como tudo acontece sem que tenhamos controle sobre o curso que tomam.

Ele se afastou, de forma que pudesse olhá-la nos olhos.

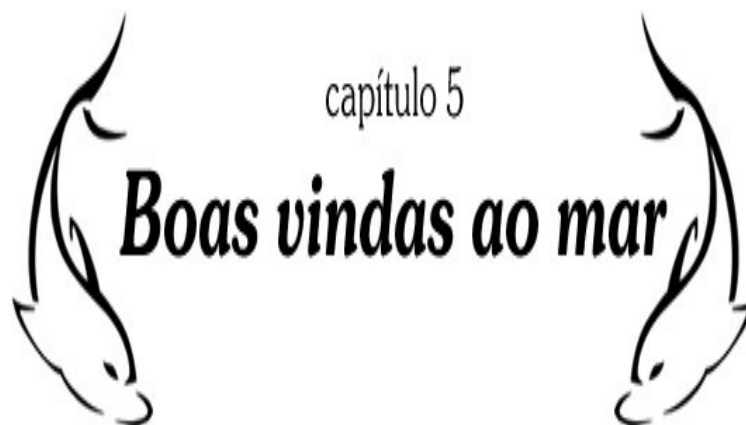
– Não se esforce para mudar algo imutável. Eu sempre soube que a perderia um dia, e aproveitei cada momento que tive com você – ele contou, a emoção presente em seus olhos – cada pessoa tem uma vida diferente, um caminho distinto a se seguir. E o seu, independente de qual seja, a fará feliz – ele abriu um sorriso carinhoso – se Corália estivesse aqui, tenho certeza que diria “acredite no destino” para você.

Cordélia sorriu de volta. *Acredite no destino...* Era uma boa frase. Não tinha certeza se acreditava, mas saber que sua mãe tinha uma crença tão forte, que a levou a tomar escolhas tão drásticas em sua vida, como abandonar o homem que amava e sua filha recém-nascida... A fazia crer que havia algo mais por trás, e preferia acreditar que um motivo oculto a levou a tomar tais decisões.

– Bom... Hora de encontrar meu guardião – declarou, abrindo um sorriso e recebendo outro de seu pai em resposta.

Morgan, definitivamente, tinha muito pelo que responder. A começar por tê-la posto para dormir sem seu consentimento, o que, definitivamente, era uma atitude que discordava totalmente, e o proibiria na primeira oportunidade.





capítulo 5

## *Boas vindas ao mar*

APÓS GUARDAR O CORDÃO de sua mãe entre suas joias, Cordélia trocou de roupa, vestindo novamente seu biquíni, mas escolhendo usar um short para acompanhar. Se de agora em diante fosse passar mais tempo com metade de seu corpo como peixe, ao menos estaria vestida para isso.

Caminhou pela avenida Gaerloch em um misto de animação e nervosismo, com a perspectiva de encontrar Morgan. Por mais que estivesse brava com ele pela forma que a noite anterior terminara, ela ainda sentia aquela pontada em seu estômago quando pensava em encontrá-lo, e não sabia bem o que significava. Era normal se sentir assim por um cara por quem estava atraída, certo...?

Tentou não pensar muito no assunto, pois aliado àquele sentimento, também havia muita curiosidade em relação a tudo o que ouvira de seu pai, com tantas perguntas em sua mente que sequer sabia por onde começar. Por isso, foi quase impossível esconder a decepção que sentiu quando chegou até a pedra onde passara boa parte da noite anterior, encontrando o local vazio.

Observou ao redor, procurando por seu guardião, seu cenho franzido. Será que havia errado o lugar? Não, tinha certeza que era ali. Esperou por alguns segundos, e já estava prestes a continuar andando, quando um espirro de água a acertou.

– Está atrasada – ouviu a voz de Morgan.

Olhou em sua direção, vendo que ele estava dentro da água, a alguns metros de distância da baía, onde as ondas não o acertavam. Trazia um sorriso no rosto, e involuntariamente, Cordélia sorriu de volta.

– Nunca ouviu dizer que vale a pena esperar por uma mulher? – ela brincou – o que você faz aí dentro?

Ele levantou uma sobrancelha.

– O que você faz aí *fora*? – ele replicou.

Ela estava prestes a dizer que não sabia nadar, quando se lembrou que agora tinha barbatanas. *Certo*. Velhos hábitos eram difíceis de serem quebrados. Olhou atentamente para a margem, com as ondas fortes quebrando nos rochedos; não parecia nem um pouco seguro pular no oceano naquele local. Provavelmente bateria com a cabeça na pedra antes mesmo de sua cauda aparecer.

– Eu estou bem por aqui – ela declarou, sua voz transparecendo um pouco de seu nervosismo enquanto ainda olhava para as ondas quebrando – por que não sai daí e...

Antes que ela terminasse a frase, água espirrou ao seu redor, e ela fechou os olhos. Ao abri-los novamente, Morgan estava parado na sua frente, com os braços cruzados; ainda precisava descobrir *como* ele conseguia sair do mar daquele jeito.

– Covarde – ele acusou, um meio sorriso em seu rosto.

Ela imitou a pose dele, tentando passar confiança em suas palavras.

– Só para lembrar, eu já *me afoguei* – ela salientou – eu e o mar não temos a melhor das relações.

Viu seu guardião revirar os olhos.

– Isso foi *antes*, Princesa. Para que ficasse em terra em segurança, sua mãe a enfeitiçou de forma que o mar não a reconhecesse antes de seus dezoito anos – ele explicou – no entanto, os efeitos desse feitiço foram um pouco fortes *demais*. Por isso que você quase se afogou na infância, e por isso que pedi que não entrasse na água ontem.

A garota franziu o cenho com aquela explicação.

– O que você quer dizer com “feitiço”?

Morgan se aproximou, ainda com aquele meio sorriso no rosto que fazia as batidas do coração de Cordélia acelerarem.

– Eu já teria explicado se você tivesse pulado no mar – ele respondeu, o rosto próximo ao dela – mas tenho a impressão que você tem muitas outras perguntas a serem feitas antes.

– E tenho – ela confirmou – mas elas podem ser feitas *em terra*.

Suspirando, em um movimento rápido Morgan a pegou no colo, a fazendo soltar um gritinho, antes de pular com ela para a água embaixo deles.

A reação automática de Cordélia foi prender a respiração enquanto afundava, e quando pararam, flutuando próximo ao fundo, Morgan a olhou com diversão nos olhos.

– Respire, Princesa.

*Certo.* Precisava mesmo se acostumar às suas novas habilidades. Obedecendo seu guardião, ela inspirou, sentindo bolhas saírem pelas guelras em seu pescoço. Deu um riso nervoso com a sensação, enquanto Morgan a soltava e se afastava um pouco.

Sentiu suas pernas aquecerem, e olhou maravilhada sua cauda surgir. Na noite anterior, o choque havia sido tão grande que mal havia conseguido prestar atenção no fato: de como sua roupa sumia da cintura para baixo quase como *mágica*, e na beleza de suas escamas, que tinham a cor azul escura, mas que, dependendo da luz, pareciam adquirir tonalidades mais claras. Encostou a mão na divisa onde sua pele encontrava a cauda, e não conseguiu deixar de rir.

– Eu sou escorregadia – comentou, enquanto ainda acariciava as escamas.

Ouviu a risada de Morgan, e olhou para ele, que flutuava a alguns metros de distância. *Hum...* Podiam respirar dentro d’água, não era mesmo? O pensamento a levou a outro, e logo, tentou se mover para alcançar seu objetivo.

Mas sua primeira tentativa não deu muito certo. Acabou girando em seu lugar, o que só fez seu guardião rir mais. Contrariada, continuou tentando descobrir como nadar com uma cauda, mas não conseguia mais do que continuar girando.

– Não se concentre tanto – Morgan sugeriu – lembre-se de que esta é a sua real natureza. O seu corpo sabe como agir, e você só precisa deixá-lo se lembrar disso.

Cordélia refletiu sobre aquelas palavras e parou com sua tentativa por um instante. Fechou os olhos, inspirando novamente, e se focou em simplesmente *nadar*. Sem perceber, começou a se mover para o lado e, quando abriu os olhos, viu que estava conseguindo.

Abrindo um sorriso, e sem pensar muito, conseguiu se mover ao redor de seu guardião, e depois, em direção à superfície. Emergiu, buscando *ar*, e respirou normalmente também ali.

Era *incrível*. Parecia algo tão natural estar no mar, respirando embaixo d’água ou fora dela, que simplesmente não conseguia entender. E, ao invés de continuar tentando, simplesmente se entregou àquela sensação: submergiu, nadando sem nenhum destino, sentindo uma satisfação interna que nunca sentira em sua vida antes. Aquela era *quem* ela era, e, mesmo que antes não soubesse

conscientemente, uma parte sua sabia – não à toa sempre se sentiu deslocada. Mas agora... Não se sentiria mais assim.

Foi nadando despreocupada, e passou por um cardume em seu caminho. De forma automática desejou “bom dia”, e com surpresa, ouviu diversos peixe a responderem:

– Bom dia!

Atônita, ficou parada alguns segundos antes de começar a rir. Morgan a alcançou, e ela o olhou maravilhada:

– Eu falo com peixes!

Seu guardião não conseguiu conter o riso. Cordélia ficava uma gracinha ao agir de forma tão encantada com tudo que havia ao seu redor, como uma criança que descobria um mundo novo. A garota era sempre tão confiante e impetuosa, que ver aquele outro lado dela aquecia seu coração.

– Nós não nos comunicamos como os humanos, Princesa – ele explicou – por estarmos na água, é mais como... Uma comunicação *mental*. Emitimos, sim, um som quando falamos, da mesma forma que diversos outros seres aquáticos, mas a compreensão do significado desse som ocorre diretamente em nossa mente.

Ela olhou para ele por alguns segundos, maravilhada, antes de voltar a nadar. Observou ela indo em direção a um pequeno coral, onde ficou olhando cada peixe que havia, fazendo cumprimentos aleatórios e esperando a resposta. Depois, ela simplesmente continuou nadando, cada vez mais veloz, como se testasse os próprios limites que podia atingir.

Antes que ela se afastasse demais da costa australiana – o que era uma possibilidade, considerando a velocidade que nadava –, em poucos segundos ele a alcançou, entrando na sua frente. Sem conseguir parar, ela esbarrou diretamente com ele, que já esperava por aquilo: a segurou pela cintura, girando com ela pela água, até que estabilizassem a flutuação.

– Acho que ainda tenho problemas com o freio – Cordélia murmurou, afastando o rosto para olhar para ele.

Ele sorriu, sabendo o quão maravilhada ela estava ao explorar sua própria natureza. Queria a incentivar, mas precisava ser aos poucos: tinham muito o que conversar nesse meio tempo.

Só então percebeu a posição em que se encontravam: ela entre os braços dele, suas mãos envolvendo sua cintura. A garota pareceu notar no mesmo momento, pois seu sorriso diminuiu, enquanto ela envolvia seu pescoço.

– Olhe só – ela comentou em tom divertido – você não é tão mais alto que eu agora, não é?

Ele riu. Dentro do mar, Cordélia não precisava ficar na ponta dos pés para alcançá-lo, pois poderia flutuar de forma que tivessem a mesma altura. Sem conseguir resistir, correspondeu ao beijo que ela lhe deu, uma corrente de energia passando pelo seu corpo. Se em terra a sensação já era maravilhosa, dentro da água conseguia ser ainda melhor: era o ambiente *deles*, e respirando embaixo d’água, tudo que costumava sentir era ligeiramente mais intenso: sua pele parecia mais sensível, e a falta de ar usual da superfície ainda ocorria, mas por conta de suas guelras. Ela ofegava quando separou seus lábios, seu olhar brilhando de excitação.

– Eu poderia me acostumar com isso – ela murmurou.

E Morgan também, o que era o maior problema que enfrentava enquanto ela unia suas bocas novamente. Já estava longe de agir corretamente em aceitar se envolver com sua protegida, mesmo que temporariamente; precisava colocar a cabeça no lugar e lembrar a si mesmo que necessitavam de *limites* naquela situação.

– Você tem perguntas, lembra? – ele falou, separando seus lábios.

E, para ter certeza que não seria tão facilmente tentado, ele a soltou, nadando para trás. Ela o olhou contrariada, revirando os olhos.

– Certo. Perguntas – ela suspirou, o olhando de cima abaixo, um sorriso malicioso surgindo no rosto – tritões frequentam a academia?

Ele franziu o cenho.

– “Academia”?

*É mesmo...* Cordélia se esqueceu completamente que Morgan não crescera no mundo humano, como ela, e que alguns termos poderiam ter significados diferentes para ele – ou mesmo não existirem.

– Locais onde homens e mulheres vão para levantar peso e deixarem os músculos definidos – explicou sucintamente, um sorriso travesso brincando em seus lábios.

Ele levantou uma sobrancelha, a encarando divertido.

– Essa é *mesmo* sua primeira dúvida?

Ela deu de ombros.

– Não pode culpar uma garota por perguntar – respondeu em tom inocente – quero dizer, olhe só para você – ela indicou ele todo com a mão – não tem como não ficar curiosa.

Ele pareceu confuso, olhando para o próprio corpo, e o fato dele não parecer consciente dos próprios atributos físicos fez Cordélia imaginar em *como* seriam outros tritões.

– Nós vivemos nas profundezas do oceano, Princesa – ele explicou, após pensar alguns segundos a respeito – a pressão lá é bem superior à da superfície. O desenvolvimento dos músculos de nosso corpo acaba sendo uma consequência natural de nosso habitat.

Foi a vez dela franzir o cenho.

– De que profundidade estamos falando?

Morgan deu um sorriso divertido.

– Em conversão do sistema de medida que utilizamos para o dos humanos... Algo acima de trinta quilômetros.

A garota piscou, atônita. Se lembrou de algo que leu durante sua vida, em uma daquelas revistas de curiosidades: que a maior profundidade já atingida pelos humanos, mesmo com aparatos tecnológicos, havia sido de onze quilômetros. Se o povo do mar vivia em quase o triplo daquela distância... Não era de se estranhar que nunca haviam sido descobertos.

– Uau... – ela murmurou, vendo ele rir – por isso os humanos nunca nos encontraram, não é? Estamos além do alcance deles.

– Também – ele concordou – os humanos possuem determinadas crenças que facilitam a existência do nosso povo. Na concepção deles, não existiria vida sem a luz solar, o que é uma bobagem, já que os seres do mar existem por conta do próprio oceano, domínio de Poseidon. Ainda, há crenças relativas à temperatura e pressão, bem como à escuridão. Mas somos adaptados para ver sem iluminação, assim como nosso corpo considera o frio e a pressão das profundezas algo natural.

Ela refletiu por um momento, nadando sem rumo. Notou que Morgan a seguia, mantendo uma distância entre eles; aparentemente, havia entrado em seu “modo guardião”, evitando algum contato que levasse a um envolvimento físico. *Tudo bem*, podia lidar com isso; aprendizado primeiro, diversão depois.

– Você disse “nós” – ela parou de nadar, olhando para ele – mas eu vivi na superfície.

– Sim, mas isso não será um problema quando chegar a hora de irmos para as profundezas – Morgan explicou pacientemente – é algo que os humanos se referem como “evolução da espécie”, até onde sei. Nos desenvolvemos desde a época em que Poseidon nos criou, o que remete a milênios, e isso já está tão entranhado em nossa genética, de forma que nem dezoito anos vivendo no

mundo humano poderia modificar.

– Mas o fato de meu pai ser humano não estragaria essa genética? – ela perguntou, confusa.

Morgan pensou por um momento antes de responder. Havia muitas informações a serem passadas, mas não podia assustar Cordélia com algumas delas naquele momento; assim, limitou-se mentalmente ao que poderia informar.

– Primeiro, tenha em mente que o povo do mar, via de regra, não procria entre si – explicou – logo, sempre utilizamos os humanos para termos filhos.

Por essa Cordélia não esperava. Piscou atônita, enquanto Morgan continuava.

– Segundo, nossos genes são mais fortes, e o filho de um habitante do mar *sempre* se parecerá com ele. Você, querendo ou não, é muito parecida fisicamente com a Princesa Corália, mas não possui nenhum traço em comum com seu pai.

A garota absorveu aquela informação, pensando em quantas vezes ao longo da vida não ouviu Henri dizer que ela se parecia com sua mãe. Parando para pensar, realmente, não havia puxado nada de seu pai: ele possuía cabelo castanho e olhos verdes, enquanto ela era ruiva, com olhos cinzas.

– Morgan... Como minha mãe era? – não resistiu em perguntar – meu pai contou um pouco, mas...

*Não era o suficiente.* Passara dezoito anos sem saber nada de sua mãe, e agora que descobrira informações sobre ela... Simplesmente queria saber mais. Observou seu guardião, e foi impossível não admirá-lo naquele momento: sua expressão não estava ilegível como usualmente, mas trazia um olhar de *veneração*.

– Princesa Corália foi a sereia mais incrível que tive o prazer de conhecer – ele falou, a deferência transparecendo em sua voz – ela tinha uma forma única de lidar com seu povo, sempre demonstrando respeito e bondade por cada ser vivo – um sorriso desconcertado surgiu em seus lábios – ela deu atenção até mesmo para um mero garoto-peixe que se achava mais forte do que realmente era.

Cordélia sentiu uma pontada de tristeza dentro de si. Por tudo o que seu pai dissera, assim como Morgan, a imagem que tinha de sua mãe era da *mulher perfeita*, e ela nunca poderia conhecê-la.

– Ela está mesmo morta, não é...?

Não precisava de confirmação, pois algo dentro dela já sabia a resposta. Viu Morgan assentir, o semblante dele se tornando triste.

– Ela a amava, Princesa, não tenha dúvidas disso – ele a assegurou – nas semanas após lhe tê-la, antes de levá-la para terra, ela não a tirou do colo. Até mesmo criou uma música especialmente para niná-la.

– Ah, sim, a música – Cordélia semicerrou os olhos, colocando a tristeza de lado – você me pôs pra dormir assim ontem, não foi?

Ele deu de ombros.

– Era a única forma de fazê-la ouvir a razão – respondeu, não parecendo nem um pouco arrependido – a música é encantada para que você durma imediatamente, em um sono tranquilo e sem pesadelos.

Cordélia não gostou nem um pouco daquela informação. Saber que possuía uma fraqueza tão grande... A fazia se sentir *vulnerável*, e isso era algo que fez de tudo para não ser ao longo da vida.

– Vamos combinar algo – ela decidiu – você está proibido de usar essa música sem meu consentimento.

Morgan a olhou por um momento, antes de assentir. Podia entender o receio da garota, e respeitaria seu desejo.

– Você gostaria de saber a letra? – ele perguntou, uma inspiração súbita o abatendo.

– Eu posso? – ela perguntou, o cenho franzido – sem dormir em seguida, quero dizer.

– O encanto não está vinculado apenas às palavras, mas à melodia em que são cantadas – ele explicou – não terá problemas se eu escrever a letra para você.

Cordélia olhou de um lado para o outro, uma sobrancelha levantada.

– Não estou vendo papel e caneta por aqui – ela comentou.

Com um sorriso confiante, Morgan nadou até ficar ao seu lado. Ali, estendeu as mãos, fechando os olhos e aparentando se concentrar em algo. Nos segundos seguintes, Cordélia visualizou uma das cenas mais maravilhosas de sua vida: letras e palavras surgiam à sua frente, à alguns metros de distância, formados pela própria água, como se estivessem sendo escritas por alguém.

Leu linha por linha, a emoção presa em sua garganta; a música falava sobre o amor imortal de uma mãe por sua filha, e de como sempre estaria com ela em seu coração. Ao terminar, sentiu seus olhos arderem, e piscou várias vezes, levando a mão ao rosto: suas lágrimas se misturavam ao próprio mar, sendo levadas por ele.

– Obrigada – murmurou, sabendo que aquele provavelmente foi o melhor presente que já recebeu na vida.



Morgan sorriu, satisfeito de ter tido aquela ideia. Era importante que Cordélia soubesse o quanto sua mãe a amava, para que futuramente não sofresse ao conhecer sobre as decisões que Princesa Corália tomou, e que tanto impactaram o povo do mar.

Esperou ela se recompor, antes de dar continuidade àquele dia. Havia muito a ser ensinado, e o tempo que tinham era pouco; por dezoito anos o povo do mar aguardara pela Herdeira, e precisava prepará-la o mais rápido possível.

– O que acabei de fazer é uma demonstração do nosso poder – ele falou, em tom calmo – do que, um dia, você também terá controle.

Ela o olhou, indagativa.

– Isso é o que você chama de “feitiço”?

Ele pensou por um momento.

– Não exatamente. Eu lhe falei das origens de nosso povo, de como Zeus havia dado uma centelha de seu raio, a razão, para que os humanos se tornassem seres pensantes. A civilização mais avançada no uso desse poder do deus dos céus era Atlântida, ao qual Poseidon afundou em sua ira, e também presenteou com parte de seu poder, para que pudessem viver no mar.

Enquanto falava, Morgan nadava em direção a algumas rochas que haviam no fundo do oceano, e se sentou em uma. Cordélia fez o mesmo, sentando de frente para ele, e imediatamente estranhou não ter como cruzar as pernas; ainda era muito estranho para ela ter apenas uma cauda, e não dois membros.

– Os humanos desenvolveram em terra a razão dada por Zeus, mas, junto dela, criaram outros sentimentos: ganância, inveja, raiva. Guerreavam entre si desde tempos imemoriais, e acabaram por se esquecer da essência do poder do deus dos céus – ele continuou, e os olhos de Cordélia estavam presos nele, absorvendo cada palavra que falava – Atlântida estava livre de tudo isso quando se tornou uma cidade do mar e, com o passar dos anos, se desenvolveu mais e mais, com seus habitantes vivendo de forma pacífica e se dedicando a aprimorar aquele conhecimento divino.

Ele suspirou, e Cordélia sentiu que chegavam na parte importante.

– Veja, os habitantes de Atlântica foram abençoados com os poderes de dois poderosos deuses, e isso tornou o nosso povo *mágico*. A nossa magia não vem de palavras declaradas ou de gestos, mas sim, de dentro do nosso ser. Somos capazes de influenciar tudo ao nosso redor, moldando como nos convém, como forma de sobrevivermos.

Ele pegou uma pequena pedra que estava próximo às suas barbatanas, a

mostrando para Cordélia: era fina e arredondada, um pouco maior que sua mão aberta. Morgan a fechou entre as próprias mãos, olhando atentamente para elas; quando abriu, Cordélia arregalou os olhos: parecia uma lâmina feita de pedra, pontiaguda e com dois gumes afiados.

– Cada habitante desenvolve essa magia de forma diferente do outro. Há certas coisas que são mais básicas, e que toda sereia e tritão aprendem na infância, mas o desenvolvimento dos seus poderes só ocorrerá com o tempo, e também com dedicação – ele comentou, jogando a pedra para o lado – Você precisará treinar bastante, pois em dezoito anos não teve a chance de entrar em contato com esse poder adormecido.

– Eu quero aprender – ela afirmou em tom incisivo.

Ele riu da ansiedade que ela demonstrava.

– Precisamos ir com calma, Princesa. E, o que era sua dúvida original, quando um ser desenvolve sua própria magia para alguma finalidade específica, chamamos de *feitiço* – explicou, vendo a compreensão nos olhos da garota – sua mãe conseguiu uma enorme proeza com a criação do feitiço que a deixou viver no mundo humano por dezoito anos. Até onde pesquisei, nunca houve nenhum relato de algo similar antes.

– Por que não? Toda sereia não seria metade humana? – Cordélia franziu o cenho, pensando em tudo o que Morgan lhe contara.

Ele suspirou.

– Há certas regras relacionadas ao nosso povo, tradições tão antigas que são vistas como leis – ele pareceu pensativo por um momento – mas não acho que essa é a melhor hora para conversarmos a respeito. Você já ouviu muito por hoje, e gostaria que absorvesse tudo que aprendeu, antes de ensinar mais.

Ela pareceu contrariada por um momento.

– Isso quer dizer que você também não vai me contar sobre a guerra, estou certa? – viu o olhar surpreso dele – meu pai disse algo sobre isso. De como minha mãe me deixou no mundo humano até que a situação do nosso povo se acertasse.

Morgan a olhou preocupado.

– Esse é um assunto delicado, Princesa, e definitivamente prefiro deixar para outra hora.

Ela revirou os olhos.

– Você é meio controlador, não é? – o observou, uma sobrancelha levantada – está escondendo propositalmente informações de mim.

– Prometo que saberá de tudo ao seu tempo – ele respondeu, um meio sorriso brincando em seus lábios – mas você precisa aprender a controlar sua ansiedade. Em nada adianta eu despejar muitas informações de uma vez, ou no fim, você não aprenderá nada.

Ela suspirou. Seu guardião estava certo; precisava realmente de um tempo para se acostumar a tudo que ele já contara, assim como à sua própria natureza. Se sentia confortável estando na forma de sereia, era um fato; ainda assim, se perguntou se perderia finalmente o medo de se afogar, depois de tantos anos com aquele trauma. Pensando nisso, uma solução lhe veio à mente.

– Morgan... Você pode me ensinar a *nadar*? – vendo ele franzir o cenho, completou – como humana, quero dizer.

Ele a olhou, confuso.

– Você tem barbatanas – comentou, incrédulo – por que motivo precisaria aprender a nadar na forma humana?

Cordélia se sentiu sem graça, mas já que havia pedido, achou melhor explicar.

– Desde que quase me afoguei aos oito anos, fiquei com trauma da água – ela explicou – mesmo quando vou numa piscina, eu só fico na parte rasa. E ainda que agora eu tenha uma cauda e tudo mais... – ela deu de ombros – sei lá, achei que poderia me ajudar a superar isso.

Ele a observou por vários segundos em silêncio, e Cordélia estava quase arrependida de ter levantado o assunto. Seria uma ofensa muito grande para um tritão ela querer aprender a usar as pernas para nadar?

– Se isso vai te ajudar... – ele falou, suspirando – vamos para a superfície.

Sorrindo de orelha a orelha, Cordélia o seguiu, animada que, depois de tantos anos, finalmente teria uma aula de natação.

\*\*\*\*\*

Já havia anoitecido quando os dois voltaram para a terra, chegando na praia de Tamarama. Morgan concordou em terem uma pausa, pois a garota estava morrendo de fome; e, apesar de ele ter explicado que deveriam se alimentar de algas, ela preferiu deixar aquela experiência para outra hora. Ainda não estava pronta para abandonar os alimentos humanos, em especial, o chocolate.

Foi com pesar que Cordélia transmutou sua cauda em pernas, ao atingirem o raso. Se sentia tão confortável com suas barbatanas, como se tivesse nascido

para aquilo – o que era uma realidade –, que quase ficou triste em voltar a ter dois pés. Caminhou em silêncio com Morgan ao seu lado, e só então outra dúvida lhe veio em mente.

– Acabo de me lembrar – olhou para ele – você não me contou como ainda tinha aquela concha.

Morgan levou um momento para entender ao que ela se referia.

– Ah, sim, a concha – um meio sorriso surgiu em seu rosto – ela sempre foi sua, na verdade.

Ela parou de andar, o olhando confusa.

– Quando sua mãe te trouxe para terra, eu fiquei com você na baía esperando, enquanto ela buscava seu pai – ele explicou, um sorriso surgindo no rosto – para te distrair, eu te dei uma das conchas que eu carregava comigo.

Ele fez uma pausa.

– Você a jogou na minha cabeça – ele completou.

A garota riu, um misto de vergonha com incredulidade.

– Eu já tinha incríveis habilidades de sedução desde pequena – comentou, ainda rindo – mas como foi que ela apareceu de novo quando eu tinha oito anos?

Morgan voltou a caminhar, dando de ombros.

– Foi um erro meu. Depois que você usou da sua habilidade de *sedução* – ela voltou a rir – eu não guardei a concha, e ela continuou na baía. Caso você não saiba, o local onde se afogou foi exatamente o mesmo em que foi deixada quando bebê.

– Uau – ela murmurou, perplexa – então eu dei azar de encontrar a mesma concha quando eu tinha oito anos?

Ele pareceu pensativo por um momento.

– Não tenho certeza, na verdade. Esse tipo de concha... Você não encontrará nenhuma igual a ela em todo o mar – ele a olhou de esguelha – pois só existem em Atlântida, sua terra natal. E como o feitiço da sua mãe havia sido forte demais, a ponto de o mar não apenas não reconhecê-la, mas atacá-la... A concha pode ter sido usada como forma de atraí-la.

Haviam chegado à porta de casa, e Cordélia o olhou, atônita.

– Então você acha que eu ter me afogado... Foi o próprio mar me atacando, usando a concha como armadilha?

Ele a olhou como quem pede desculpas.

– É apenas uma teoria. Mas por via das dúvidas, depois que a salvei, eu

mantive a concha comigo, para evitar novos incidentes.

– Caramba... – ela murmurou – acho que minha mãe não previu isso quando me enfeitiçou.

– Esse foi um dos motivos para eu ter pedido ao seu pai que se mudassem para locais afastados do mar – Morgan explicou, enquanto entravam na casa – para evitar que um evento assim acontecesse novamente.

Um sorriso bobo surgiu na face da garota.

– Então você realmente me salvou naquela época – ela meneou a cabeça – deveria saber que meu *stalker* pessoal não perderia uma.

Morgan revirou os olhos, e Cordélia foi direto para a cozinha, pegando as sobras da lasanha do dia anterior na geladeira e esquentando no micro-ondas. Enquanto aguardava, observou Morgan encostado na parede, parecendo um modelo de revista masculina. A única coisa que faltava era...

– Você precisa de algumas roupas – ela comentou, enquanto pegava o prato – a quanto tempo usa a mesma bermuda?

Morgan ficou tanto tempo pensando, que Cordélia teve a resposta dela: muito mais do que deveria. Ela nem mesmo se sentou, tamanha a fome que sentia; começou a comer em pé, com o prato na mão, enquanto conversava com ele.

– Se vai ficar por aqui, será melhor que tenha algo para vestir – ela falou, após algumas garfadas.

– Não pretendo me misturar com humanos – Morgan replicou, franzindo o cenho – meu dever é prepará-la para sua função.

Ela revirou os olhos, e antes que dissesse algo, seu pai surgiu no batente, tendo ouvido a última parte da conversa.

– Ela está certa, Morgan – Henri comentou, enquanto pegava água na geladeira – podemos morar em uma zona de praia, mas não é tão usual assim andar sem camisa por aí.

Cordélia engasgou com o pedaço da lasanha que engolia. Seu pai era um estraga-prazeres; gostava muito da vista que tinha ao ter Morgan caminhando ao seu lado usando apenas uma bermuda. *Bem...* ainda veria ele dessa forma quando estivessem no mar.

– Amanhã eu passo em uma loja e pego algumas peças para você – seu pai se prontificou, antes de olhar para ela, franzindo o cenho – você não tinha uma festa para ir?

A garota levou um momento para absorver aquela frase, e quando o fez, seus olhos se arregalaram. *Droga.* Com todas as coisas que aconteceram, se esqueceu completamente da festa daquela noite, e que havia avisado para seu pai com

antecedência. Nathalie ia matá-la, pois havia prometido que iriam juntas; e como não olhou seu celular desde que saíra da casa dela, no dia anterior, deveria ter perdido várias ligações.

Correu para o quarto e pegou o aparelho, que estava quase descarregado. Ligou para a amiga, enquanto abria o armário e selecionava algo para vestir.

– *Finalmente me retornou!* – Nathalie falou assim que atendeu – *já estava achando que algo de ruim havia acontecido.*

– Desculpa, Nathy. Acabei me envolvendo em outras coisas e, bem... Esqueci completamente – puxou uma saia longa do armário, a jogando sobre a cama – acho melhor eu te encontrar direto na festa, tudo bem?

– *Essas outras coisas envolvem o sr. músculos de ontem?* – o tom era divertido – *aliás, da onde você conheceu esse cara? O encontrou em um catálogo, por acaso?*

Cordélia gargalhou com a pergunta da amiga. Olhando para o lado, fechou sua porta, de forma a ter certeza que não seria ouvida da cozinha.

– Esbarrei com ele umas semanas atrás, e meio que rolou uma atração inicial – explicou – e ter encontrado ele ontem na praia foi uma surpresa pra mim também.

– *E você manteve ele em segredo todo esse tempo?* – sua voz parecia magoada.

– O que você queria que eu dissesse? “Ei, Nathy, conheci um cara que só de me olhar deixou minha calcinha molhada, mas ele sumiu da face da terra”?

Nathalie gargalhou do outro lado da linha, e Cordélia acompanhou o riso.

– *Pronto, ele será referido assim de agora em diante* – ela falou, entre o riso – *o sr. “calcinha molhada”.*

A ruiva continuou a rir, enquanto terminava de selecionar o visual que usaria.

– Estou falando sério, ele tem uma capacidade ímpar de atração. Se ele der um sorriso então, já era.

As duas não conseguiam parar de rir, e foi somente o celular de Cordélia apitando, indicando que a bateria estava acabando, que a fez voltar ao mínimo de racionalidade.

– Tenho que ir, Nathy. Vou me aprontar e te encontro na festa.

– *Espera! Tinha um motivo para eu ter te ligado tanto* – sua amiga falou, seu tom mais sério – *Dylan e Josh ouviram algo dos garotos do colégio hoje, quando foram jogar basquete com eles. Parece que alguns rapazes estão armando algo... E envolve você.*

Cordélia franziu o cenho.

– Como assim?

– *Não sei* – seu tom demonstrava confusão – *eles tentaram descobrir mais, mas como todos sabem que você é próxima da gente, não falaram muito. Minha sugestão é que você fosse acompanhada pra festa, de preferência com algum rapaz* – ela fez uma pausa – *eu ia sugerir que ligasse pro Josh, mas se você tem o contato do sr. calcinha molhada...*

A ruiva engasgou com a própria saliva; a pessoa em questão estava na sua cozinha naquele instante, mas não era algo que poderia dizer para sua amiga.

– Vou ver o que posso fazer – novo apito do celular – preciso mesmo ir. Até daqui a pouco!

Se despediu, e ficou alguns segundos olhando para o nada, pensando. Quais as chances de convencer Morgan a ser seu acompanhante em uma festa humana? Não podia negar que a perspectiva trouxe uma pontada de excitação dentro de si; afinal, durante a tarde inteira eles mal haviam se tocado após o beijo inicial, e se ele a acompanhasse na festa... Bem, poderia ter a sua *uma hora do dia*, no que seria praticamente um *encontro*.

Mas duvidava que isso fosse convencê-lo; pela reação que ele já demonstrara sobre “se misturar com humanos”, precisaria de argumentos melhores se quisesse garantir sua companhia. Pensando neles, caminhou até a cozinha e parou na porta, vendo que seu guardião ainda estava na mesma posição que antes, conversando com seu pai. Imaginou do que eles poderiam estar falando, mas não tinha tempo para bisbilhotar; estava ali em uma missão.

– Então, Morgan... – começou, andando lentamente em direção a ele – o que mesmo envolve ser um guardião?

Ele a encarou de cenho franzido.

– Eu lhe disse ontem a noite. Fui designado para guiá-la e...

– Me proteger – ela completou por ele, dando um sorrisinho – foque na palavra “proteção”, tudo bem?

Ela olhou para Henri, que observava a cena com um sorriso contido.

– Como meu pai aqui pode afirmar...

– Não me coloque no meio – Henri murmurou.

– ... Festas juvenis podem ser perigosas para jovens mulheres desacompanhadas – ela continuou.

A expressão de Morgan não se alterou.

– Então não vá – ele disse simplesmente.

Henri tossiu para disfarçar o riso, e Cordélia semicerrou os olhos.

– Ou... Eu poderia ir acompanhada do meu guardião – ela apresentou a alternativa.

– Princesa... – o tom de voz de Morgan era de aviso.

– Ah, vamos lá, Morgan! Hoje é *meu aniversário* – salientou – e tudo que ganhei até agora foi um par de barbatanas e uma aula sem fim sobre o que eu sou.

Henri pigarreou.

– Eu ainda não te dei seu presente – ele ofereceu.

– Mesmo? Bom saber – ela falou, sorrindo para seu pai, antes de voltar a encarar seu guardião – mas ainda assim... Com toda essa história de sereia eu praticamente não comemorei uma data *tão especial* na minha vida, e queria *muito* ir nessa festa.

Morgan permaneceu sério, levantando uma sobrancelha. Ele olhou para Henri, que parecia se divertir observando a cena.

– Isso funciona com você? – perguntou, apontando para ela.

– Todo o tempo – Henri confirmou – como acha que ela ganhou permissão para ir na festa?

– Pai, você deveria estar do meu lado – Cordélia murmurou por entre os dentes – estamos falando de manter sua única filha em segurança, enquanto não a impede de viver sua própria vida.

– Agora entra a parte da chantagem emocional – Henri falou para Morgan.

– *Argh!* Vocês dois são impossíveis – a garota exclamou, jogando os braços para cima, e olhando para Morgan com determinação – o que eu preciso fazer pra você me acompanhar?

Ele cruzou os braços, pensando por um momento.

– O dia inteiro de lições amanhã – ele listou – e você *vai* passar a se alimentar de algas.

Ela fez uma careta. Perderia seu domingo inteiro, além de ter que comer plantas aquáticas, mas se isso era a moeda de troca... Então que fosse.

– Feito – antes que ele mudasse de ideia, se virou para o pai – pode arranjar algumas roupas para ele, enquanto tomo banho?

Henri olhou Morgan de cima abaixo, pensativo.

– Devo ter algumas peças que sirvam – ele comentou – tenho vários jeans que nunca usei por serem compridos para mim.

– Perfeito!



Tirando os músculos desenvolvidos, o biótipo de Morgan não era tão diferente de seu pai; ele era só um pouquinho mais alto, mas de resto, deveriam conseguir algo que servisse nele. Viu como a expressão de seu guardião ficou mais sombria, entendendo onde havia se metido; e, antes que ele abrisse a boca para retrucar, voltou de fininho para seu quarto.



capítulo 6

# Uma noite encantada

CHEGARAM NO LOCAL DA FESTA, uma mansão enorme em que Jordan, um dos alunos do último ano, morava, a uma quadra da praia de Bondi. A fachada estava toda decorada com celofane e luzes pisca-pisca, e de onde estavam já era possível ouvir o som de música alta. De canto de olho, observou Morgan; apesar de seu rosto inexpressivo, seu desconforto era quase palpável.

Cordélia havia se arrumado em tempo recorde, escolhendo como traje uma blusa *cropped* de manga curta na cor cinza brilhosa, que deixava parte de sua barriga à mostra, e uma saia de cintura alta soltinha e comprida, branca com desenhos florais negros. Por fim, colocou uma sandália rasteira, o que depois considerou um erro: afinal, se fosse beijar Morgan, ainda precisaria se colocar na ponta dos pés. E isso era algo que estava em seus planos para a noite toda: roubar muitos beijos de seu guardião.

E por falar nele... Seu pai havia se superado na busca por um vestuário que servisse: não só conseguira uma calça jeans que caía muito bem em Morgan, como uma blusa social na cor azul escuro; nos pés, havia encontrado um sapatênis que nunca usara por ser um número maior, mas que servia perfeitamente no tritão.

Como um todo, Morgan parecia um modelo saído diretamente de uma revista, e os dois definitivamente atrairiam muitos olhares naquela noite. Já estava acostumada com aquilo, mas imaginou se não seria muito para ele; por isso, enquanto saíam do estacionamento – onde deixara o carro novinho que ganhara de presente do seu pai no último minuto –, segurou seu braço para pará-lo.

– Ei – deu um beijo rápido nele, mal encostando seus lábios – não ficaremos

muito tempo, prometo. Só o suficiente para marcar presença, e então, poderemos ir embora.

Morgan ainda a olhou por alguns segundos, antes de se inclinar e beijá-la *de verdade*, a ponto das pernas da garota ficarem bambas, e sua respiração, ofegante.

– Você me deve – ele falou, afastando o rosto.

*Hum...* Se ele fosse cobrar a dívida em beijos, ela não iria se opor. Caminharam lado a lado até a entrada da casa, onde então, passou a segurar o braço dele para não se perderem. O saguão já estava lotado de estudantes de seu ano, com uma escadaria em frente levando para o segundo andar e uma faixa estendida para impedir que os convidados subissem.

Seu guardião observava tudo com uma expressão séria, e Cordélia revirou os olhos mentalmente; haviam certas coisas que ela não podia controlar. Foram andando pela multidão em direção ao arco da direita, que levava à outra sala, e ela cumprimentava alguns dos alunos que conhecia, ao mesmo tempo em que procurava com o olhar por Nathalie. Só naquela breve caminhada pôde perceber a reação do público feminino: por onde passavam, via alguma garota cutucando outra e apontando.

*Maravilha.* Talvez trazer um tritão como acompanhante não tenha sido a melhor de suas ideias. Já estava pensando em se esconder com Morgan em algum canto, quando ouviu seu nome ser chamado. Olhou na direção, e se deparou com Nathalie e Dylan acenando. Sorrindo, caminhou até eles, feliz de ter encontrado logo seus amigos.

Realmente, não fora sua melhor ideia insistir na ida àquela festa, e sendo honesta consigo mesma, o fez por pura teimosia. Ela só queria mostrar para seu guardião o que perderia ao abandonar sua vida humana, mas, olhando ao redor, nem ela conseguiu ver algo positivo naquilo: pelo horário tardio, vários jovens já estavam bêbados, falando alto e dançando em uma pista improvisada entre sofás.

Quando se aproximaram de Nathalie, ela parou de andar, se virando para Morgan e se colocando na ponta dos pés para falar em seu ouvido.

– Você poderia pegar uma bebida pra mim? – pediu, apontando a direção do bar – por favor?

Ele permaneceu com o semblante inexpressivo, mas assentiu, indo até a direção indicada. *Droga...* Ele a estava fazendo se sentir realmente culpada por aquela porcaria de festa. Tentando deixar o sentimento de lado, se aproximou de sua amiga, recebendo um abraço apertado e congratulações por seu aniversário.

– E nem acredito que você me ouviu e veio acompanhada – Nathalie comentou, se afastando – só não imaginei que realmente traria o “sr. calcinha molhada” com você.

– Ei! – Dylan exclamou, indignado, enquanto as duas gargalhavam – só para lembrar, eu estou aqui.

– Desculpe, *babe* – Nathalie falou, entre risos – mas isso é uma piada interna nossa.

Cordélia viu o casal de amigos trocar um olhar cúmplice, e algo dentro dela se aqueceu. Era realmente lindo de ver como duas pessoas podiam se amar, ainda que se mantivessem a metros de distância um do outro, por vivenciarem um relacionamento escondido. Pensando naquilo, olhou ao redor, franzindo o cenho.

– Onde está Josh?

Nathalie e Dylan trocaram um olhar desconcertado.

– Depois que eu disse que você viria acompanhada, ele se juntou ao Jordan e os outros no quintal – a morena relatou, parecendo desconfortável.

Cordélia deu de ombros; francamente, desde aquele primeiro beijo, semanas atrás, ela fez de tudo para deixar claro que não tinha interesse romântico, e se nem assim ele desistiu, não era culpa dela. Estava cansada de ter que se preocupar em como tudo o que fazia afetava os outros – especialmente das coisas das quais não tinha controle, como a atração que exercia no sexo oposto.

E por falar nisso... Olhou em direção ao bar, e viu que Morgan havia sido interceptado por um grupo de garotas em seu caminho de volta. Não tinha jeito: a natureza deles, aparentemente, era o ponto fraco dos humanos. Estava para ir resgatá-lo, quando ouviu a música parar, e alguém testar um microfone.

– *Está funcionando?* – uma voz saiu pelas caixas de som – *bom, hora de começar!*

As conversas cessaram, com os jovens olhando ao redor à procura do interlocutor. Cordélia trocou um olhar com o casal de amigos, que deram de ombros; eles também não sabiam o que estava acontecendo.

– *Senhoras e senhores, bem vindos à minha humilde casa!* – Jordan surgiu, subindo em uma mesa de centro para se destacar enquanto utilizava um microfone sem fio – *espero que estejam curtindo nossa festa, e saibam que a noite ainda está longe de acabar!*

Sua fala foi ovacionada pelos jovens, que gritavam e aplaudiam.

– *Preparamos para essa noite algumas brincadeiras memoráveis, e gostaríamos de convidá-los a se juntarem a nós no quintal dos fundos!* – ele

apontou para a porta de trás – *e... alguém por acaso viu nossa estimada rainha da beleza por aqui?*

Risos foram ouvidos, e Cordélia se sentiu sem graça. Sabia que alguns dos rapazes do colégio se referiam a ela como “rainha da beleza” por suas costas, mas havia aprendido a ignorar; afinal, em todo lugar que passava era sempre assim: viam apenas sua aparência, e nada mais.

Vários alunos começaram a apontar para ela, indicando que estava presente, e ela levantou a mão, dando um falso sorriso. Pelo canto do olho, viu Morgan franzindo o cenho, ainda no meio da multidão.

– *Ali está ela, senhores e senhores!* – Jordan finalmente a viu – *um passarinho me contou que hoje nossa rainha completa seus dezoito aninhos!*

Mais ovações foram ouvidas, assim como gritos de felicitações.

– *E aproveitando essa nossa humilde festa, quero convidar nossa rainha a participar de nossa primeira atração!* – Jordan continuou – *então, rainha... aceita participar da nossa festa de plebeus?*

Jordan havia colocado o convite de tal modo que Cordélia não via outra saída se não aceitar. Trocou um olhar com Nathalie, que a encarava preocupada; provavelmente, aquele convite estava ligado a tal armação que ela ouvira falar. Mas não havia nada que a ruiva pudesse fazer; mal assentiu, e os alunos começaram a puxá-la em direção a Jordan.

– *Estaremos esperando todos no quintal dos fundos!* – o rapaz gritou uma última vez no microfone, antes de descer da mesa para encontrar Cordélia.

– Do que mesmo eu concordei em participar? – ela perguntou, assim que parou em frente a ele.

– Relaxa, não é nada demais – Jordan prometeu, agora falando com o microfone desligado, passando um braço por seu ombro e caminhando com ela em direção à uma porta lateral – *você só será a primeira participante de nosso jogo de mira.*

Delicadamente, Cordélia retirou o braço dele de si, lançando um olhar gelado em sua direção. Compreendendo, o rapaz manteve as mãos para si, mas foi guiando-a pelos corredores, até saírem para a área externa. Ali, Cordélia finalmente entendeu do que participaria.

– Só pode ser brincadeira – ela não conteve o riso.

Jordan também riu ao seu lado. O quintal de trás era ocupado em sua maior parte por uma imensa piscina retangular, de pelo menos quinze metros de extensão, com toda uma área ao redor que já estava sendo preenchida pelos estudantes que entravam por outra porta.

Mas o grande destaque não era a piscina em si, mas sim, o que havia nela: no lado onde se encontrava, haviam construído um tablado, onde havia uma prancha no meio para um indivíduo se sentar, e logo abaixo havia um enorme alvo a ser acertado. Do lado oposto da piscina, logo em sua beirada, havia uma marca de “x” no chão, com um cesto cheio de bolas de tênis ao lado.

– Você só precisa sentar ali e sorrir, enquanto tentam te derrubar na água – Jordan explicou sucintamente – não é tão ruim, é?

Considerando toda a preocupação que Nathalie demonstrara pelos meninos do colégio estarem armando algo para ela, Cordélia pensou que, realmente, poderia ser pior. O máximo que aconteceria ali era terminar a noite com a roupa do corpo molhada, e se isso fosse o suficiente para mostrar sua boa vontade em participar de um evento *plebeu* – nas palavras de Jordan –, então, que fosse. Além disso, agora que sabia nadar – com as duas pernas! – não tinha mais medo de piscina como antigamente, o que a fez comemorar internamente; havia sido uma boa ideia pedir aquela aula para Morgan, afinal.

Enquanto outros rapazes colocavam uma escada onde ela pudesse subir até a prancha, Jordan voltou a ligar o microfone. A área externa já estava lotada de alunos, e, ao se sentar, seus pés balançando sobre a água, Cordélia procurou Morgan com o olhar. Onde ele estaria?

Pensou naquelas garotas que o haviam parado no caminho, uma pontinha de ciúmes surgindo dentro de si. Ele não a trocaria por outra, não é...? Estavam juntos, mesmo que não fosse nada sério. E tinha aqueles *sentimentos* por ele que não conseguia definir; não era possível que ele fosse aceitar uma garota qualquer se esfregando nele, quando ela havia deixado claro seu interesse.

– *Estão todos aqui?* – Jordan voltou a falar no microfone – *então vamos começar com o jogo!*

Ele fez a vez de um mestre de cerimônias, permanecendo do lado esquerdo da piscina, na ponta mais próxima do tablado onde Cordélia se encontrava.

– *Como podem ver, nós temos nossa estimada rainha da beleza...* – Jordan apontou para ela, que sorriu e acenou, sob aplausos – *sentada diretamente sobre uma mira que, se acertada, vai transformar nossa rainha em uma “gata molhada”!*

*Epa.* Cordélia arregalou os olhos, olhando para o próprio visual; havia se esquecido que sua saia era branca, ainda que estampada. Daria um verdadeiro show quando saísse da piscina, mas já era tarde para voltar atrás.

O público ovacionou, aplaudindo, e Cordélia finalmente encontrou um olhar

amigo no meio daquela multidão: Nathalie a encarava, seus olhos arregalados, enquanto tentava empurrar as pessoas para chegar perto de onde Jordan se encontrava. Aquele olhar trouxe automaticamente preocupação à mente da ruiva; o que estavam tramando?

– *Mas não é apenas isso, senhoras e senhores* – Jordan continuou – *o felizardo que conseguir acertar a mira e derrubar nossa rainha também ganhará...*

Ele fez uma pausa cheia de expectativa, e Cordélia franziu o cenho, confusa.

– *Um beijo!* – completou, em um berro.

O público masculino foi à loucura, gritando incentivos, enquanto avançavam sobre o cesto para pegar uma bola de tênis para cada um. Na mesma hora, Cordélia se virou em direção ao interlocutor, a raiva transparecendo em sua expressão.

– Eu não concordei com isso, Jordan! – ela tentou gritar.

Mas era impossível ser ouvida; a ovação era muito alta, e ninguém parecia prestar atenção na sua vontade. A raiva cresceu dentro de Cordélia; ela estava sendo tratada com a porcaria de um *objeto*, que poderia ser dado de prêmio sem que sua opinião contasse. Pensou em sair dali, mas ao olhar para o lado, viu que a escada havia sido retirada.

– *Cavaleiros, formem uma fila em frente ao “x” marcado no chão!*

*Desgraçado.* Mataria Jordan na primeira oportunidade, isso era fato. Só então a realidade de sua situação a abateu: ela havia sido tapeada. O grande plano que Nathalie estava tão preocupada era exatamente aquele: cair em uma armadilha, numa situação da qual não tinha como sair sem parecer uma completa babaca.

Olhou para baixo, pesando os prós e contras de ela mesmo pular dentro da piscina, sem que alguém acertasse a mira de sua prancha. Pelo canto do olho, viu uma confusão se formar onde Jordan estava: Josh parecia discutir com ele, e, apesar de não conseguir ouvir as palavras dali, podia perceber que seu amigo estava realmente enfezado. Outros dois rapazes o seguraram, o arrastando para longe, e Jordan endireitou a própria roupa. Cordélia semicerrou os olhos; definitivamente iria se vingar dele por aquela situação inteira.

– *Todos prontos para começar?* – ele voltou a falar no microfone – *e nosso primeiro participante é... Ei, quem é você?*

Assustada, Cordélia olhou para frente, vendo que, do lado oposto da enorme piscina, como primeiro da fila, estava Morgan. Um sorriso involuntário surgiu em seu rosto: por um momento, havia esquecido que ainda tinha seu guardião

consigo, e que ele poderia salvá-la daquela cilada. Especialmente porque não pretendia, em hipótese alguma, beijar algum outro rapaz – não quando tudo dentro de si queria somente *ele*.

Murmúrios percorreram entre os estudantes, enquanto vários olhavam para Morgan, que estava parado com sua expressão ilegível de sempre, segurando uma bola de tênis em sua mão direita. Do público feminino, podia ver risadinhas trocadas entre as meninas, todas completamente encantadas por sua beleza. Mas dos rapazes... Olhavam com ódio contido para seu guardião, e se perguntou por um momento *como* ele havia conseguido o primeiro lugar da fila.

Olhou vitoriosa para Jordan, que franzira o cenho. Para sua sorte, Nathalie havia finalmente o alcançado, e dizia algo em seu ouvido. Com uma expressão contrariada, ele voltou a falar no microfone.

– *Bem, senhoras e senhores, aparentemente temos um contratempo – ele fez uma pequena pausa – nossa rainha, ao que parece, veio acompanhada à festa com o cavalheiro em questão.*

Vaias masculinas foram ouvidas, mas Morgan pareceu sequer notar; ele continuava na mesma posição, e sua expressão não denunciava nenhum sentimento. Cordélia não conseguia tirar os olhos dele: *seu salvador*. Ainda que ele errasse... Provavelmente socaria o vencedor, e beijaria seu guardião da mesma forma.

– *E como também temos alguma honra entre os plebeus...* – Jordan continuou, sua voz ligeiramente alterada – *deixaremos que o cavalheiro dê a primeira jogada!*

Mais vaias masculinas foram ouvidas, e Cordélia encarou Jordan com raiva. Ele estava fazendo seu guardião passar de *vilão*, quando ele estava sendo seu herói pessoal.

– *Mas não se preocupem, cavalheiros!* – Jordan assegurou – *se ele errar... Todos terão pelos menos três tentativas para acertar!*

O *quê?* A raiva de Cordélia estava atingindo limites inimagináveis. Como se não bastasse ser tratada como um gado para o abate, ainda estavam propositalmente oferecendo menos chances para Morgan ganhar.

– Isso não é justo! – ela gritou o mais alto que podia.

Mas, novamente, a ovação era tão barulhenta que ninguém pareceu ouvi-la. Olhou ao redor, vendo como haviam diversas garotas com expressões simpáticas à sua causa; em uma hora como aquela, as mulheres eram capazes de se unir no sofrimento, pois nenhuma gostava de ver a outra tratada de forma tão imparcial.



E, ainda assim, nenhuma delas moveu um dedo, deixando o evento seguir seu curso.

– *Se o cavalheiro está pronto... Faça sua jogada!*

Cordélia voltou a olhar para seu guardião, seus olhos transbordando esperança. De repente, a multidão havia ficado em completo silêncio, com se aquele fosse um momento crucial de uma final esportiva. Todos os olhares se encontravam em Morgan, que jogava a bola de tênis para o alto, em aparente despreocupação.

Se Cordélia não estivesse prestando mais atenção em seu rosto do que na bola, não teria percebido o meio sorriso que surgiu em seus lábios, transparecendo confiança. E antes que ela mesmo conseguisse sorrir de volta, sentiu a prancha embaixo de si cair, mergulhando na água em seguida.

Batendo os pés para emergir, sua cabeça mal atingiu a superfície e ouviu a ovação geral, especialmente das garotas presentes: aparentemente, todas torciam para que Morgan conseguisse acertar de primeira.

– *E ele conseguiu, senhoras e senhores!* – Jordan gritava, seu tom de voz completamente incrédulo – *em uma distância de mais de quinze metros, ele acertou o centro do alvo em uma única tentativa!*

Sorrindo de orelha a orelha, Cordélia nadou lentamente até a escada que havia na piscina, do lado oposto ao que Jordan estava, encontrando Nathalie já a esperando com a mão estendida.

– Achei que você não sabia nadar – sua amiga comentou, maravilhada.

– Tive um ótimo professor – a ruiva respondeu, aceitando a mão dela.

Mal saiu de dentro, ouviu diversos assobios e uivos, por conta de sua roupa molhada. Olhou ao redor, e seu sorriso, se era possível, aumentou ainda mais, vendo Morgan caminhando em sua direção.

– *Bom, ainda podemos admirar nossa rainha como “gata molhada”, certo?* – uma pausa de alguns segundos – *Ah, cara, o que você tá fazendo?*

Morgan desabotoou a blusa social que usava em tempo recorde, a retirando e envolvendo Cordélia com ela, de forma que cobrisse o seu vestuário transparente por conta do banho. Na mesma hora, vários gritos e assobios femininos foram ouvidos, pois quando se tratava de beleza masculina, o corpo de seu guardião era o modelo ideal.

– *Nunca ouviu falar no código de honra masculino? Camaradas antes de garotas, meu amigo!*

– Obrigada – Cordélia murmurou para seu guardião, alheia ao que se passava

ao redor.

– Não me agradeça ainda – ele respondeu enquanto abotoava os primeiros botões da blusa nela, o meio sorriso sexy em seus lábios – eu ainda tenho que receber meu prêmio, não?

Sorrindo, Cordélia não se importou *nem um pouco* quando Morgan passou uma mão ao redor de seu rosto, e outra por sua cintura, a puxando para si. E quando suas bocas se encontraram, não podia se importar menos com a ovação que ocorria ao seu redor, enquanto seus braços envolviam o corpo dele.

– *Isso é um homem que sabe marcar seu território, senhoras e senhores!* – Jordan ainda narrava ao fundo – *Uma salva de palmas para o cavalheiro que conquistou a rainha da beleza!*

– Vamos sair daqui – Morgan murmurou, afastando seus lábios dos dela.

– Com certeza – ela respondeu, ofegante.

Morgan envolveu a mão dela na sua enquanto a arrastava consigo por entre os convidados, e por mais simples que fosse aquele gesto, algo dentro de Cordélia se derreteu por completo. Já estavam quase na beira da piscina, de onde ele havia acertado sua jogada, quando a garota parou, puxando sua mão.

– Espera – murmurou para seu guardião, olhando ao redor.

Encontrou o que queria: algum rapaz aleatório segurava uma das bolas de tênis, e ela arrancou de sua mão, sem dizer nada sob o olhar de surpresa que recebeu. Pesou a bola, a jogando para o alto, olhando para a outra margem. De onde estava, podia ver Jordan claramente, ainda fazendo comentários infelizes no microfone.

– Ei, Jordan! – gritou o mais alto que conseguia.

Ele parou de falar, e todos os olhares se viraram para onde ela se encontrava. Respirando fundo, ela preparou seu lançamento, em um *pitcher* perfeito. Em um segundo, sua bola já havia sido lançada em linha reta com extrema precisão, acertando exatamente...

– Ouch! – a multidão exclamou.

Jordan colocou as duas mãos entre as pernas, uma expressão de dor em seu rosto. Desequilibrado, caiu dentro da piscina, seu microfone o acompanhando.

– Isso foi por me tratar como um objeto, seu babaca! – Cordélia completou, fazendo um sinal universal com o dedo do meio que todos os presentes eram capazes de entender.

Uma pausa silenciosa e, em seguida, uma ovação mais ensurdecadora do que havia sido ouvida antes. Garotas gritavam e pulavam, apontando em direção à Cordélia, enquanto abraçavam umas as outras. A ruiva em questão acenou e,

inspirada, fez uma reverência, cruzando as pernas e se abaixando ligeiramente, segurando as laterais de sua saia, o que só fez a ovação aumentar ainda mais.

Quando encarou seu guardião novamente, viu o sorriso contido em seus lábios e seu olhar maravilhado.

– O quê? – franziu o cenho – joguei como arremessadora nos times de beisebol em todos os colégios que passei.

– Eu não falei nada – ele se esquivou, levantando as mãos em sinal de rendição, sem tirar o sorriso do rosto.

– Ah, cale a boca – ela murmurou, sentindo seu rosto corar – vamos embora daqui.

E, ainda sob aplausos e ovações, com sua mão entrelaçada à de seu guardião, Cordélia foi embora da festa, muito mais feliz do que quando chegara.

\*\*\*\*\*

Caminharam apressadamente até se afastarem da casa, quando diminuíram o ritmo de seus passos. Ali, Cordélia fez Morgan parar mais uma vez; estava incomodada com a saia comprida grudando em seu corpo por estar molhada, e tentou torcer a bainha para tirar o excesso. Seu guardião olhou ao redor e, como não viu ninguém, estendeu a mão, controlando a água e deixando a garota seca em segundos, ao jogar todo o conteúdo no chão.

– Você precisa me ensinar a fazer isso – ela murmurou maravilhada, o fazendo rir – aqui, não vou mais precisar.

Ela tirou a blusa emprestada, devolvendo para ele. Sem se importar muito, ele apenas passou os braços pelas mangas, deixando os botões abertos. Estava mais sexy do que nunca naquele visual, e o sangue dela fervia apenas de olhá-lo. *Seu guardião, seu herói.*

– Obrigada – agradeceu novamente, entrelaçando sua mão à dele – se você não tivesse aparecido, eu...

– Você teria dado um jeito – Morgan comentou, sua voz divertida – sua mira é realmente excelente.

Ela riu, sem graça.

– Eu teria me virado, mas foi muito mais legal assim – um sorriso bobo surgiu em seu rosto – tem essas histórias humanas chamadas “conto de fadas”, sabe? E nelas, a mocinha é sempre resgatada por um belo príncipe – deu um risinho –

você meio que foi o meu hoje.

Morgan até tentou controlar o impulso, mas desistiu; já havia jogado sua responsabilidade pra longe naquela noite, e agora, ao menos aproveitaria. A puxou para si, unindo suas bocas, se deixando levar por aquele sentimento de completude que sempre o preenchia, achando impossível resistir a força que o puxava para ela. Por aquele momento, ela era *dele*, e aproveitaria enquanto pudesse. Se algum macho humano tivesse encostado nela... Provavelmente o teria jogado aos tubarões, tamanha a possessividade que sentia.

E sabia que não deveria ser assim. Não poderia se enganar achando que Cordélia era sua, pois não era, e nunca seria. *Mas por uma noite, no mundo humano...* Ele acreditaria naquela mentira.

– Acho que eu não tive a chance de dizer – ele comentou, afastando o rosto para olhá-la – mas você está linda esta noite, e meros elogios não lhe fazem justiça – acariciou seu rosto – sua beleza causaria inveja até nas deusas mais belas.

Ela piscou algumas vezes, o olhar enevoado o encarando.

– Céus... Você é mesmo o “sr. calcinha molhada” – ela murmurou.

Ele franziu o cenho.

– O que?

Percebendo o que falara acidentalmente, ela arregalou os olhos.

– Nada! – soltou a mão dele, andando à frente – olha, a praia está logo ali!

– Princesa... – ele a chamou em tom de aviso.

Ela parou de andar, olhando para ele. Os dois se encararam por alguns segundos antes de ela começar a correr, ele a perseguindo logo atrás. Correram por bons metros de areia, em um pedaço quase vazio da praia, antes dele finalmente alcançá-la: a abraçou por trás, girando com ela no ar, enquanto a garota ria.

– “sr. calcinha molhada”? – ele perguntou diretamente em seu ouvido.

O corpo inteiro dela estremeceu com aquele gesto, mas ela tentou se concentrar.

– Ah, vamos lá, você sabe as reações que causa – ela comentou, arfando tanto por conta do riso, quanto pela excitação que sentia – viu como as garotas te olharam na festa. Se ficássemos mais um pouco, elas teriam arrancado as suas roupas.

Ele gargalhou, perplexo com aquele comentário.

– E quanto a você? – ele não resistiu em perguntar, enquanto a virava de frente para ele – estaria no mesmo grupo que elas?

Cordélia fingiu pensar, segurando o queixo dele em suas mãos.

– Eu acho... Que alguém está tentando alimentar o próprio ego – ela comentou, divertida.

– Engraçadinha – ele se inclinou, beijando seu pescoço – você não respondeu minha pergunta.

– *Hum hum...* – ela se contorceu inteira quando os lábios dele subiram para sua orelha – eu provavelmente seria a primeira da fila – confessou em um murmúrio.

Sorrindo internamente, Morgan voltou para seus lábios, dando um beijo que parecia virá-la do avesso, pois não sabia nem mesmo onde estava o chão naquele momento. Essa era a capacidade que ele tinha: fazê-la esquecer o mundo, ao mesmo tempo em que a fazia sentir *tudo*.

\*\*\*\*\*

– Por que você fez tanta questão de vir nessa festa?

Haviam tirado os calçados, cada um carregando o seu par, e caminhavam de mãos dadas pela margem. Após um silêncio confortável, seu guardião fizera a pergunta que já estava em sua mente havia algum tempo.

Cordélia pensou por um momento, optando pela honestidade. Com Morgan, não sentia necessidade de mentir ou ocultar o que pensava: era como se ele sempre tivesse a capacidade de compreendê-la, ainda que fizesse pouco tempo que o conhecesse de fato.

– Não tenho certeza, para falar a verdade – deu de ombros – acho que passei tantos anos me sentindo vazia, mesmo quando estava cercada por pessoas, que achei que, agora que descobri que era sereia... – um olhar melancólico – fosse ser diferente, sabe? Que iria ter amigos de verdade, e não pessoas atraídas só pela minha aparência.

Ele refletiu por um momento sobre aquelas palavras, percebendo o quanto era um assunto delicado para a garota. A parou com um leve toque, fazendo ela olhá-lo.

– Já pensou que o motivo para se sentir “vazia” é porque você estava tentando preencher da forma errada? – ele perguntou calmamente.

Ela franziu o cenho, confusa.

– Eu me esforcei com minhas amigadas – ela comentou – mas a maioria me via... Não sei, de uma forma passageira. Eu era esquecida no momento em que me mudava.

Ele a olhou carinhosamente, acariciando seu rosto.

– Quem a conhecesse de verdade, Princesa, jamais se esqueceria de você – ele afirmou, e seu olhar foi para além dela, um sorriso surgindo em seu rosto – não olhe agora, mas acho que fomos descobertos.

Cordélia olhou do mesmo jeito, e se deparou com Nathalie e Dylan sorrindo, lado a lado, a alguns metros de distância. Traziam em suas mãos algumas garrafas de bebida, e atrás deles, alguns alunos se movimentavam, montando o que parecia ser uma fogueira.

– Achei que a aniversariante ainda poderia estar por aqui! – Nathalie gritou para ser ouvida, acenando com as garrafas – venha comemorar seu aniversário, “minha rainha”!

Rindo, Cordélia olhou para Morgan, que a encarava carinhosamente.

– Feliz aniversário, Princesa – desejou – só se comemora dezoito anos uma vez.

E com um sorriso de orelha a orelha, Cordélia caminhou em direção aos seus amigos, sem soltar a mão de seu guardião por um momento que fosse.

\*\*\*\*\*

Pelo que Nathalie contara, após o fiasco com o jogo de mira na festa de Jordan – e a incapacitação temporária dele causada por uma bola de tênis –, os convidados debandaram do local, cada grupo procurando algo mais divertido para fazer. Ela e Dylan, assim como outros alunos, aproveitaram a confusão e atacaram a dispensa dele, saindo com algumas garrafas de bebidas e salgadinhos que seriam servidos na festa. Após um pequeno debate, uns poucos se uniram ao casal e resolveram dar continuidade à comemoração, em um luau improvisado.

E como Nathalie imaginou que Cordélia ainda poderia estar pela área, após uma saída digna de filme com seu acompanhante, ela e o pequeno grupo os procuraram pela praia, a fim de comemorarem o aniversário dela de uma forma mais divertida.

– Josh pediu para eu te dizer “desculpa” por ele – a morena informou, enquanto ajudava a montar a fogueira – por não ter conseguido impedir Jordan

de continuar, depois que descobriu o que pretendiam fazer.

Cordélia deu de ombros. Não culpava seu amigo, e sabia que ele tinha tentado parar aquela brincadeira. E, verdade seja dita, mesmo que seu guardião não estivesse ali, ela teria dado um jeito de escapar; não era, e nunca seria, uma simples donzela em perigo, e se recusava a ser sempre salva por alguém.

Podia também entender o motivo de ele não ter ido ao luau: se ainda nutria uma paixonite por ela, vê-la aos beijos com outro só aumentaria sua tristeza. O único ponto positivo era que seu casal de amigos não precisaria se policiar quanto ao relacionamento: sem Josh ali, poderiam ter momentos românticos sem medo de serem descobertos.

Enquanto os jovens terminavam de acender a fogueira, e um deles ligava uma caixa de som portátil, Morgan permanecia alheio a tudo, sentado em uma rocha um pouco distante do grupo, com um olhar entediado.

– Ei, Morgan! – Dylan o chamou, após perguntar seu nome para as garotas – você fez uma excelente jogada lá atrás. Costumava jogar em algum time?

Seu guardião fez um sinal de descaso com a mão.

– Sorte de principiante – ele respondeu.

Dylan franziu o cenho, se aproximando das duas.

– Ele não é muito sociável.

Nathalie trocou um olhar brincalhão com a ruiva, antes de envolver o rosto do namorado com as mãos.

– *Babe*, tenho certeza que a Délia não está com ele por conta de suas habilidades sociais – ela falou no tom mais sério que conseguia.

Cordélia tentou controlar o riso, mas falhou miseravelmente, sendo acompanhada pelos amigos. Ainda que fosse injusto dizer aquilo de Morgan – afinal, ele estava completamente fora de seu ambiente ali –, foi impossível não rir da constatação da morena.

De toda forma, aquela era uma curiosidade que ela também tinha; por isso, se aproximou de seu guardião, sentando ao seu lado e encostando o rosto em seu ombro.

– Onde você aprendeu a lançar uma bola assim? – perguntou em um sussurro.

Morgan a olhou pelo canto do olho, um meio sorriso aparecendo em seus lábios.

– A bola não é uma exclusividade humana, Princesa – a diversão estava presente em sua voz – nós também temos jogos no povo do mar.

– Sério? – os olhos dela arregalaram – como são?

– Eu lhe contarei em outro momento – ele replicou, se virando para ela e roçando os lábios em seu cabelo – por agora, aproveite a companhia de seus amigos.

Cordélia franziu o cenho, seu semblante preocupado.

– Tem certeza que está tudo bem pra você? Nós podemos vol...

Ele a calou com um beijo que fez a garota esquecer completamente o que dizia.

– Eu ficarei bem – ele murmurou – não é a primeira vez que a observo de longe, caso não se lembre.

Ela deu uma risadinha.

– Certo... Meu *stalker* pessoal.

Sem se importar em corrigi-la, Morgan lhe deu mais um beijo, antes de ela se levantar e se juntar aos outros jovens. Ele havia falado a verdade: não se importava de apenas observar, sem se misturar com os humanos. Cordélia poderia estar acostumada por ter crescido assim, mas para ele, era pedir demais. Além disso, estava satisfeito de simplesmente vê-la tão feliz: os olhos dela brilhavam enquanto conversava com seus amigos, um sorriso sincero em seu rosto, sempre acompanhado de uma risada melodiosa que aquecia seu coração ao ouvir.

E o fato de, mesmo estando engajada com os outros jovens, ela não parar de lançar olhares em sua direção, ou mesmo rapidamente ir ao seu encontro para lhe dar um beijo, fazia com que ele próprio estivesse em êxtase. Não sabia quanto tempo a atenção dela duraria, e precisava aproveitar o máximo que pudesse.

Passaram a noite inteira na praia, a fogueira sendo alimentada para as chamas permanecerem vivas. Morgan observou Cordélia dançar com seus amigos e participar de brincadeiras, sem se envolver diretamente em nenhum momento. Quando a madrugada já estava em seu fim, a maioria dos jovens exaustos dormiam pela areia ou apoiados um no outro, e ele, ainda se mantendo distante dos humanos, se sentou em uma rocha mais afastada, com Cordélia apoiada em si, sentada entre suas pernas.

Observaram em silêncio o sol nascer no horizonte, o tom alaranjado aos poucos substituindo o arroxeadado, em uma beleza que não poderia ser replicada no fundo do mar.

– Morgan...

– Hum?



Ela se aconchegou a ele, apoiando a cabeça em seu ombro.

– Esse foi o melhor aniversário de todos.

Sorrindo, seu guardião encostou o rosto ao dela, não podendo concordar mais com aquela afirmação.



capítulo 7

# Nova rotina

— DÉLIA, VOCÊ TÁ ME OUVINDO?

Cordélia piscou algumas vezes, tentando se localizar. Estava em uma das mesas do pátio interno do colégio, no final da hora de almoço. Olhou para Nathalie, sentada à sua frente, a encarando com uma expressão preocupada.

— Você está estranha nas últimas semanas — a morena continuou — sempre avoada, e agindo de forma tão... *diferente*.

A ruiva pensou por um momento nas palavras da amiga. Duas semanas haviam se passado desde seu aniversário, onde sua vida mudara por completo. Naquele tempo, vinha tendo treinamentos diários, com uma nova consciência sobre *quem* era a cada momento, misturada com noites mal dormidas causadas por pesadelos, e momentos românticos com seu guardião que suspirava só de lembrar...

Definitivamente, ela era uma garota completamente diferente da que havia se mudado para a Austrália.

\*\*\*\*\*

## *As últimas duas semanas*

*Domingo*

– Prove.

Uma única ordem, usando um verbo imperativo, mas que Cordélia não conseguia obedecer. Olhou para a alga que estava sendo oferecida, a poucos centímetros de seu rosto, a careta transparecendo sua ausência de boa vontade.

– Tem certeza que é neces....

Sua frase foi interrompida quando Morgan enfiou a alga em sua boca. O olhou com raiva, mas acabou por mastigar e engolir. A reação posterior foi completamente diferente da que ela imaginava.

– Isso é bom – comentou, maravilhada – tem mais?

Rindo, seu guardião lhe passou mais algumas folhas, das quais ela se alimentou com vontade.

\*\*\*\*\*

## *Segunda-feira*

– Você só vai comer isso?

Estava no refeitório do colégio, com Nathalie a acompanhando, e só havia pego uma garrafa de suco de laranja.

– Estou sem fome – respondeu à amiga.

Segundo Morgan lhe dissera, sereias e tritões eram vegetarianos por natureza, se alimentando somente de algas ao longo da vida. Quando bem escolhidas, aquelas plantas possuíam benefícios incríveis para o povo do mar, repondo a energia de seus corpos de uma forma que nenhuma alimentação era capaz. A consequência disso, como ela descobrira depois, é que perdia completamente a fome quando estava em terra.

– Você quem sabe – a morena deu de ombros – mas como eu dizia, desde que Josh descobriu, simplesmente não fala nem comigo e nem com Dylan. Aquele tapado desligou o celular, e passa pela gente no corredor como se não nos conhecesse.

Cordélia lançou um olhar simpático à amiga. Apesar de Josh não estar presente no luau de seu aniversário, infelizmente, alguém comentou com ele de como Nathalie e Dylan estavam juntos, como um casal. O resultado foi que os três amigos de infância não estavam nos melhores termos naquele momento.

– Eu sei que ele está magoado, mas desconfio que é mais por teimosia –

Nathalie continuou – só porque mantivemos o namoro escondido sem contar pra ele, sabe?

Cordélia meneou a cabeça.

– Deem um tempo para ele – comentou – em breve ele vai perceber que é bobagem agir assim.

Pelo menos, era o que a ruiva gostaria de acreditar.

\*\*\*\*\*

### *Terça-feira*

– Feche os olhos.

Com uma expectativa crescente dentro de si, Cordélia obedeceu. Podiam fazer poucos dias, mas já havia aprendido que, quando seu guardião lhe pedia algo, era para provar algum ponto. A confiança que desenvolvera com ele era surpreendente; se ele lhe dissesse para pular, ela o faria, ainda que perguntasse o porquê. Podia obedecer, mas sempre teria perguntas depois sobre o *motivo*.

– Agora, tente sentir o que existe à sua volta – ele continuou.

Parecia uma tarefa impossível, considerando que ele estava atrás de si, suas peles quase se tocando, enquanto flutuavam no oceano. De olhos fechados, podia sentir aquela *energia* percorrer entre eles.

– Estou sentindo muitas coisas nesse momento, Morgan – ela murmurou – mas não tenho certeza se esse é o seu objetivo.

Abriu os olhos quando sentiu um peteleco em sua testa, vendo ele à sua frente.

– *Foco*, Princesa – ele tentou falar sério, mas trazia um sorriso no rosto – preciso que se concentre.

– A culpa é sua – ela respondeu, fazendo beicinho – e tire esse sorriso convencido do rosto.

– Você é a única alimentando meu ego – ele replicou, o sorriso ampliando.

– Ah, cale a boca – murmurou, o puxando para um beijo.

\*\*\*\*\*

– Segunda tentativa... E pare de me olhar dessa forma.

– Eu não sei do que você está falando – ela respondeu em seu tom mais inocente.

– Se concentre, Princesa – Morgan pediu, o rosto sério – tente sentir a vida à sua volta.

Cordélia suspirou, mas *daquela vez*, obedeceu. Com os olhos fechados, tentou deixar sua mente em branco, se concentrando nas batidas do próprio coração. Quando o fez, sentiu algo *mais*; um novo pulsar, que não havia percebido antes. Vinha de algum lugar e, sem abrir os olhos, tentou localizar. Ficou surpresa ao constatar que estava na sua frente: as rochas. Havia *vida* ali. Se forçou a prestar mais atenção, no que aquele pulsar significava; pequenos pontos brilhantes surgiram em sua mente, cada um com uma característica própria.

– Concentre-se, Princesa. Sinta a sua vida – ele repetiu – e sinta ela se expandir ao seu redor.

E Cordélia tentou. Era como se estivesse visualizando a *essência* de cada ser vivo ali. Mas a rocha também tinha um pulsar próprio; tardiamente se deu conta de que, na verdade, era um coral. Expandiu sua nova percepção, tentando se aproximar daqueles pontos brilhantes em sua mente. Se concentrou tanto que perdeu a noção do *ser*; não era mais ela mesma, mas se tornara *todos*. Podia sentir toda a vida ao seu redor, cada pequeno ponto brilhante, cada essência que nadava na água.

Ela era a própria vida. Ela se tornara o próprio *mar*.

Ofegou, retornando para a realidade. Abriu os olhos, piscando diversas vezes e tentando focalizar o coral à sua frente; viu um pequenino peixe sair de dentro, nadando em volta e retornando pela mesma abertura. Era como se já o conhecesse; já havia *sido* ele, *vivido* por ele, mesmo que por um mínimo instante. Seu coração voltara a acelerar, uma excitação sem igual que nada tinha a ver com a presença de seu guardião. Estava extasiada com o que havia sentido, como se tivesse ido para outra dimensão por um breve momento.

– Quando se sentir “vazia” ou mesmo “deslocada”... – ouviu Morgan sussurrar – lembre-se do que sentiu. *Essa* é a vida, Princesa. Esse é seu povo, e não apenas os que são como nós.

Cordélia compreendeu. Ela não era apenas a princesa das sereias e dos tritões; era descendente de Poseidon, o deus dos mares. Toda a vida que existia nos oceanos também existia *nela*; todos que ali viviam também compartilhavam a vida *dela*. Seu dever não era apenas governar uma nação, mas proteger a própria vida.

– Obrigada – sussurrou de volta, sem olhá-lo – nunca imaginei que me

sentiria... *Completa*.

Morgan sorriu, satisfeito com os avanços que fizeram naquele dia.

\*\*\*\*\*

### *Quarta-feira*

– Então, Josh... Eu sei que houve toda essa questão de manterem em segredo, mas...

– Não dá, Délia – seu amigo respondeu – eu simplesmente não consigo perdoá-los. Eles mentiram para mim, entende?

O olhar da ruiva era triste.

– Eles não queriam magoar você – apontou.

– Bom, não deu muito certo, né? – ele replicou, em tom amargo.

Cordélia estava tentando consertar a amizade de seus três amigos, mas era mais do que uma tarefa hercúlea. Josh era teimoso feito uma mula, e se recusava a perdoar o casal pela omissão intencional do relacionamento.

– Se precisar de alguém para desabafar... – ela continuou – eu estou aqui, tudo bem?

Josh a olhou tristemente.

– Infelizmente, eu sei que é somente pra isso – ele respondeu, melancólico.

E a garota não tinha palavras para contradizê-lo.

\*\*\*\*\*

### *Quinta-feira*

Estavam no quarto dela, suas costas apoiadas na parede, com Morgan à sua frente. No meio da tarde, logo após o colégio, a casa ficava completamente vazia, já que seu pai só voltava do trabalho pela noite, e ela aproveitava a sua *uma hora do dia* naqueles momentos.

Se beijavam havia algum tempo, e suas mãos queriam *muito* passear pelo peitoral dele, mas se conteve em mantê-las ao redor da cintura, enquanto recebia um daqueles beijos que fazia seu corpo inteiro derreter.

– Hora de treinarmos, Princesa – ele murmurou, afastando seus lábios – troque de roupa.

*Certo.* Lições. Suspirando, ela retirou os brincos que usava pela manhã e, ao olhar para a cômoda, se lembrou de algo. Pegando a caixa que ganhara de seu pai em seu aniversário, puxou o cordão de dentro, mostrando para Morgan.

– Meu pai disse que minha mãe sempre usava – ela comentou – e que agora é meu.

– O Colar de Anfitrite – Morgan falou, com uma entonação respeitosa – presente de Poseidon para a mulher com quem teve seu filho Tritão, tão poderoso quanto o Tridente, e usado somente pelos Herdeiros.

Apesar de notar o olhar confuso de Cordélia, Morgan não se prolongou em explicações.

– Não deve usá-lo por enquanto, Princesa.

Sabendo que não teria mais respostas, Cordélia soltou um novo suspiro, voltando a guardar a joia na caixa.

\*\*\*\*\*

– Nós podemos controlar a água enquanto estamos no mundo humano – Morgan explicava, um pouco mais tarde naquele dia – nada muito poderoso, mas o suficiente para nos ajudar em algumas situações.

Estavam na cozinha da casa dela, com vários copos cheios de água à frente deles. Seu guardião demonstrava o que dizia, movendo a mão e fazendo o líquido flutuar ao redor, antes de retorná-los para os recipientes.

– Sua vez. Se concentre na água, e tente movê-la.

Cordélia semicerrou os olhos, observando o líquido por vários segundos. Quando nada aconteceu, sentiu uma pontada de raiva dentro de si, e não soube dizer o que ocorreu: no segundo seguinte, ela e seu guardião estavam completamente molhados, e os copos, vazios.

Seu olhar encontrou o de Morgan, que a encarava com uma sobrancelha levantada.

– Você precisa melhorar seu controle – ele constatou.

\*\*\*\*\*

## Sexta-feira

– Você quer que eu faça o quê? – Nathalie indagou, incrédula.

Estavam em um dos pátios internos do colégio, onde havia uma enorme fonte de água. Cordélia olhava para a escultura já havia algum tempo, e uma pequena luz pulsava no fundo de sua mente; havia *vida* ali, de algum ser do mar, e uma parte sua – que agora tinha barbatanas – simplesmente não conseguia ignorar.

– Só cause uma distração – a ruiva pediu – e eu faço o resgate.

Nathalie ainda a olhava como se ela fosse louca.

– Não sabia que você havia virado ativista dos direitos dos animais – meneou a cabeça – mas tudo bem, vou te ajudar.

Após combinarem um plano entre sussurros, Cordélia pegou um saco plástico que havia em cima de uma das mesas e assoprou, confirmando que não estava furado. *Teria que servir.* Calmamente, se aproximou da fonte, sentando na murada, com sua mochila aberta junto aos pés. Pegou um objeto de dentro do bolso: a concha que a fizera se afogar quando criança, e que carregava sempre consigo.

Morgan dissera que aquele tipo de concha não era encontrado em nenhuma parte do mar senão em Atlântida, a cidade originária das sereias e tritões. Torcendo para que até mesmo um peixe reconhecesse isso, sem que ninguém percebesse, a largou dentro da água e aguardou.

Um pequenino peixe surgiu segundos depois, se aproximando da concha; ele parou de nadar, e pareceu encará-la da posição em que se encontrava, deixando que ela o observasse melhor: era menor do que sua mão fechada, laranja com listras brancas: um peixe-palhaço. Reconheceria aquela espécie em qualquer lugar, depois de um filme infantil que assistira com seu pai.

Cordélia olhou para Nathalie, do outro lado do pátio, e assentiu. Sua amiga, então, se levantou carregando uma bandeja com o máximo de restos de comida que conseguiu acumular, e caminhou em direção a um grupo grande de alunos. Fingindo tropeçar, ela derrubou todo o conteúdo em cima dos presentes.

– Ah, me desculpem! – ela exclamou, em um falso arrependimento – aqui, deixa eu ajudar...

Com a comoção que sua amiga causou, foi fácil para Cordélia colocar a sacola dentro da fonte e, com um gesto, fazer a água se mover, arrastando o peixinho e sua concha para dentro dela. Ainda sem ser notada pelos alunos à sua volta, colocou o pacote dentro de sua mochila, dando um nó para que não vazasse.



*Resgate feito. Só faltava agora devolver aquela vida de volta para o mar.*

\*\*\*\*\*

– Foi um gesto nobre, o que fez – Morgan falou, enquanto observaram o peixinho nadando ao redor deles – restituir-lhe a liberdade.

Cordélia evitou olhar diretamente para seu guardião, se sentindo desconcertada. Seu novo amiguinho, cujo nome era Tip, estava mais do que feliz em ter voltado para o mar, e não parava de agradecê-la. Depois que descobriu o seu *status*, então, demonstrava uma deferência que a deixava completamente sem graça.

– Obrigada, alteza! – Tip agradecia novamente.

Ele nadava daquela forma torta típica de sua espécie, por conta de uma das barbatanas viradas, o que era uma gracinha de ser observado.

– É o meu povo – ela respondeu simplesmente – não vou dar as costas quando precisarem de mim.

Morgan acenou com a cabeça, concordando, e não falaram mais nada enquanto observavam o peixinho se afastar cada vez mais.

\*\*\*\*\*

*Sábado*

– Estou com pena do Tip – Cordélia comentou, sua voz triste – você sabia que os peixes-palhaço possuem um revestimento em suas escamas que os protegem do veneno das anêmonas do mar, onde eles costumam viver? Mas que, se ficam muito tempo longe, o corpo deles para de “fabricar” esse revestimento?

Ela e seu guardião estavam lado a lado, novamente observando seu amiguinho, que voltara naquele dia e resolvera ficar por perto, auxiliando com o “treinamento” de sua princesa. Infelizmente, a verdade era outra: Tip não era mais aceito ao seu lar, justamente porque passara tempo demais longe do oceano.

Morgan a olhou com surpresa após aquele comentário.

– Como você sabe disso?

Os olhos da garota brilharam de orgulho. Passara a noite anterior em seu laptop, estudando sobre o mundo marítimo, mas se concentrando principalmente nas espécies que poderia encontrar na costa australiana. Passou a reconhecer camarões, pepinos do mar e outros, mas se surpreendeu ao ler sobre o peixe-palhaço, a espécie de seu mais novo companheiro de treinamento.

– *Eu* estou estudando – ela afirmou orgulhosamente – você não é meu único professor, sabe? A internet também pode ser bem útil.

Seu guardião a olhou com diversão.

– Eu já deveria ter dito isso antes, mas... Nós não classificamos muitas espécies no mar – ele comentou, em tom leve – na maioria das vezes, só dividimos entre “peixes” e “predadores”.

Silêncio. Cordélia piscou diversas vezes, encarando o tritão.

– Você está dizendo...

– ...Que o seu estudo é completamente desnecessário para o nosso povo – ele completou – é uma classificação criada pelos humanos, e não usaremos quando estivermos nas profundezas.

Novo silêncio. Morgan parecia fazer força para não rir, enquanto Cordélia o olhava perplexa.

– Bom... Se você não quer meus conhecimentos, vou levá-los para outro lugar – ela falou, contrariada, nadando para longe de seu guardião – acho que o Tip vai gostar de saber mais sobre as espécies de tubarões que...

Sua frase foi interrompida quando Morgan a puxou pelo braço, unindo suas bocas em um beijo que a deixou completamente zonzas. Ao afastar o rosto, ele sorria divertido.

– Pode me contar tudo o que quiser, Princesa.

Abrindo um sorriso, Cordélia relatou sobre todas as espécies marinhas que lera na noite anterior, satisfeita que seu guardião não se importava em ouvi-la.

\*\*\*\*\*

*Domingo*

– Já ouviu falar de Hades?

Cordélia pensou por um momento.

– É o deus grego do submundo.

– Não apenas isso, mas também irmão de Zeus e Poseidon – Morgan explicou, sob o olhar surpreso da garota – nossas lendas contam que Hades não se importou com a disputa de seus irmãos pela terra, pois já possuía um domínio que nenhum deles poderia contestar. Ele comandava as almas dos mortos, decidindo para onde iriam: o Tártaro, onde sofreriam o tormento eterno, ou os Campos Elísios, destinados aos heróis, santos e todos aqueles que viveram fazendo o bem.

Eles nadavam perto da costa, e, a pedido, seu guardião contava mais sobre a história de sua espécie.

– Quando Poseidon afundou Atlântida e criou o povo do mar, também decidiu que a alma de seus habitantes permaneceria aqui. Todos que morrem se tornam parte do oceano, permanecendo para guiar seus descendentes se estes precisassem – o tom de voz de Morgan estava cuidadoso – isso irritou Hades, pois lhe tirou o poder de escolha sobre a alma dos mortos. Enfurecido, ele amaldiçoou seu irmão Poseidon: seus habitantes nunca seriam capazes de procriar entre si, se tornando eternamente dependente do povo de Zeus para isso.

– Então, quando você disse que sereias e tritões sempre dependem dos humanos para terem filhos...

Seu guardião assentiu.

– Por conta dessa maldição, Poseidon se viu obrigado a enfeitiçar o seu próprio povo, para que ele pudesse tomar forma humana quando em terra, e assim, conseguir um parceiro. Sob esse feitiço, também nos tornamos mais atraentes aos olhos humanos, de forma que eles não poderiam resistir a nós quando quiséssemos procriar.

– Então é por isso que somos tão deslumbrantes! – Cordélia exclamou, maravilhada em finalmente entender o poder que exercia nos homens.

– Exatamente – Morgan confirmou com um sorriso – como tritão, posso encantar qualquer fêmea com quem eu queira ter um filho, ou mesmo hipnotizá-la para se esquecer que me conheceu.

– Eu posso fazer o mesmo? – Cordélia perguntou, animada – hipnotizar homens?

Morgan deu uma risada.

– Nunca achou estranho os humanos terem tantas lendas sobre o canto das sereias? – ele observou, levantando uma sobrancelha – se você cantar para qualquer macho, poderá lhe dizer exatamente o que fazer, ou mesmo comandá-lo a não se lembrar de nada depois.

- Uau – Cordélia murmurou – nunca imaginei que tinha essa habilidade.
- O encanto de Poseidon foi para permitir a procriação. Por isso temos a aparência de peixe na infância, só nos tornando metamorfos ao atingir a maioridade, que é quando já possuímos idade para procriar – ele completou.
- Meu pai disse que você se parecia um peixe quando ele te conheceu – ela comentou, divertida – queria ter te visto naquela época.
- Você ainda terá muitas oportunidades de conhecer uma criança-peixe – ele constatou.
- Mas eu queria ter visto *você* – ela replicou, um sorriso travesso nos lábios.
- Morgan revirou os olhos. Sua protegida era uma pessoa de vontades, mas nem sempre, por mais que quisesse, ele poderia cumpri-las.

\*\*\*\*\*

## *Segunda-feira*

Cordélia andava determinada pelos corredores da escola, a raiva tomando cada célula de seu ser. Saíra em disparada do banheiro feminino, onde uma garota chorava sem parar, sendo consolada por uma amiga. Ao perguntar o que estava acontecendo, a ruiva recebeu uma explicação: o ex-namorado da menina havia divulgado algumas fotos de partes íntimas de um corpo feminino, alegando que eram dela.

– E eu nunca mandei fotos para ele! – ela afirmava, entre as lágrimas – nós nunca sequer passamos dos beijos!

E agora, aquela garota carregaria uma mácula em sua vida, por causa de um completo *idiota* que quis se vingar pelo término do namoro. *Ah, mas ele não conseguiria*. Não enquanto ela estivesse por ali.

Chegou ao refeitório lotado, olhando ao redor e encontrando o rapaz em questão sentado com seus amigos, como se não tivesse feito nada de errado. Parou por um momento, pensando no que poderia fazer, e um sorriso malicioso surgiu em seu rosto. Às vezes, era ótimo ser uma sereia.

\*\*\*\*\*

- Deixa eu ver se entendi – Morgan a olhava maravilhado – você hipnotizou

um rapaz humano para pedir desculpas publicamente, na frente do colégio inteiro?

– *Aham* – Cordélia concordou – fiz ele subir na mesa e declarar aos quatro ventos que havia forjado aquelas fotos, e que estava sendo um babaca vingativo com a ex-namorada.

Se encontravam no sofá da sala, ela sentada no colo de seu guardião, relatando sobre o seu dia. Ainda podia se lembrar perfeitamente da cena que se desenvolvera na hora do almoço: havia chamado o rapaz para um canto e, sem que ele esperasse, ela começou a cantar. Em segundos, os olhos dele estavam completamente fora de foco, e ela disse *exatamente* o que ele precisava fazer. A reação dos alunos depois a encheu de orgulho: meninas o vaiaram, e ele teve que sair às pressas do refeitório, antes que fosse linchado pelo restante do corpo estudantil.

– Eu não acho que Poseidon tinha essa possibilidade em mente quando nos forneceu o poder de hipnotismo – seu guardião comentou, divertido, enquanto colocava uma mecha de seu cabelo para trás da orelha – mas não posso negar que foi um uso interessante.

Orgulhosa de si mesma, Cordélia se deixou ser beijada, largando completamente de lado os acontecimentos da manhã e se posicionando melhor no colo de seu guardião. Ultimamente, não saíam daquele estágio de “chove mas não molha”: sempre que a sessão de amassos começava a *esquentar*, Morgan interrompia com o argumento de que precisavam treinar. E isso, de muitas formas, já estava enlouquecendo a garota, cujo corpo se sentia mais do que pronto para *avançar*.

– Princesa... Hora de treinarmos – ele interrompeu o beijo.

Com uma pontada de frustração dentro de si, ela o ignorou, voltando a unir suas bocas.

– Um pouquinho mais... – ela murmurou, mordiscando os lábios dele, e descendo para a mandíbula.

*Hum...* Quem sabe, se insistisse um pouco, talvez finalmente sairiam daquele cenário frustrante. Seu sangue fervia, e sua pele estava sensível ao toque, implorando para que ele fizesse *algo*.

– Eu achei que já estaria enjoada de mim, a essa altura – ele comentou em um sussurro.

Cordélia franziu o cenho ao ouvir aquelas palavras, e afastou o rosto, o encarando.

– E eu pensei que já teríamos alcançado pelo menos a segunda base<sup>[1]</sup> – ela

replicou – mas você é respeitoso *demais*.

Ele a olhou confuso.

– Eu... Não sei do que você está falando – ele murmurou, parecendo genuinamente não fazer ideia ao que ela se referia.

Com uma facilidade absurda, ele se levantou do sofá, a carregando consigo e a colocando de pé.

– Troque de roupa e vamos treinar – ele determinou, já caminhando em direção à porta.

Com sua frustração atingindo níveis máximos, Cordélia voltou a se sentar, pegando uma almofada e abafando seu grito com ela. Algum dia, ainda entraria em combustão espontânea, e seria tudo culpa de seu guardião.

\*\*\*\*\*

### *Terça-feira*

– Uma vez que um dia você será a Rainha do Mar, precisa começar a aprender sobre nosso povo – Morgan falou – assim, hoje começam as lições sobre como nossa sociedade funciona.

– Parece interessante – Cordélia concordou, enquanto nadava até uma pedra para se sentar – manda ver.

– Nossa sociedade não é estamental; ninguém é melhor do que ninguém, com exceção da Família Real, descendente direta do deus Poseidon. São os únicos tratados com excessivo respeito, pois carregam muitas diferenças em relação ao restante da população. Não tínhamos disputa de poder, já que sempre houve apenas um único Herdeiro ao trono, de uma única família. Esse fato sempre fez com que a lealdade da população estivesse com seu Rei, mesmo que nem sempre seu governo fosse melhor do que o anterior.

Ele parou por um momento, vendo se a garota o acompanhava.

– Tirando a Família Real, o respeito era mantido pelos cidadãos, pois todos eram iguais perante o Rei – Morgan continuou – não importasse a profissão que tivesse, tudo o que um habitante fizesse, fosse por sustento ou por lazer, era motivo de honra. Mas há algumas profissões ligadas diretamente à Família Real e à cidade de Atlântida, e, apesar de todo trabalho ser bem visto, algumas pessoas almejam ou respeitam mais essas funções. Ligadas diretamente à Atlântida, haviam, além da Guarda Real e dos Conselheiros: costureiras,

decoradores, escultores, pintores e outros ligados à arte, cozinheiros, ourives, lapidadores, escritores, professores, curandeiros, mensageiros e cobradores de impostos. Algumas dessas profissões existiam em outras cidades, mas Atlântida era o centro de tudo e... *Princesa, você está me ouvindo?*

– Hum? – ela o encarou, entediada – não muito. Me perdi quando você começou a listar profissões.

Morgan fechou os olhos, suspirando e pedindo paciência aos seus antepassados. Aquilo seria mais difícil do que ele pensava.

\*\*\*\*\*

### *Quarta-feira*

Pelo que deveria ser a milésima vez naquele dia, Cordélia bocejou durante a aula, fato que Nathalie notou, sentada ao seu lado. Quando o sinal tocou, sua amiga caminhou ao seu lado, notando as olheiras que a ruiva carregava.

– Você não está dormindo bem? – ela perguntou, preocupada.

A ruiva quase soltou uma risada desanimada. “Dormir” não estava no seu vocabulário ultimamente; nos últimos dias, toda vez que fechava os olhos, tinha pesadelos que a faziam acordar no meio da madrugada com desespero apertando seu coração. Sonhava com pessoas gritando, crianças chorando, o som de objetos sendo destruídos ao fundo. Era... *perturbador*.

E se recusava terminantemente a contar para Morgan; sabia que, se falasse a respeito com ele, seu guardião a colocaria para dormir com aquela música encantada, mesmo se ela não quisesse, simplesmente por achar que seria o melhor para ela.

Não, não precisava disso. Ela era forte, e conseguiria superar aqueles pesadelos sozinha.

– Estou bem – assegurou para a amiga – você anotou tudo que o professor falou?

E caminhou pelos corredores com Nathalie, tentando deixar de lado aquela parte da sua vida enquanto estava no colégio.

\*\*\*\*\*

## Quinta-feira

– A maioria dos mercadores de nosso reino viviam na base da troca. Ao chegarem em uma aldeia, trocavam algo que possuíam por comida, por exemplo, mas às vezes vendiam – Morgan continuava com sua aula sobre a sociedade do povo do mar – havia uma única moeda em circulação, o dracma, cunhado com o ouro de Atlântida e portadora do símbolo régio, de forma que era difícil falsificá-lo. Você não encontrará nenhum ser do mar ganancioso, mas a maioria concorda que existe um preço justo para tudo.

Ele parou a explicação, vendo que Cordélia olhava para ele com atenção até demais, enquanto flutuavam próximo ao chão do oceano.

– Você ouviu algo que eu disse? – ele perguntou, franzindo o cenho.

– *Aham* – ela respondeu, ainda o olhando intensamente, apontando para a própria barriga – estou tentando confirmar se você possui quatro ou seis “gominhos”.

Morgan piscou, confuso, até entender ao que ela se referia. Depois, suspirou; quando se tratava de conquistar a atenção dela, aparentemente, suas palavras não serviam para nada. Ele nadou até estar na sua frente, vendo o olhar inocente que ela tentava passar – mas que não o enganava de jeito nenhum.

– Eu preciso que você se concentre, Princesa – ele afirmou, em tom sério.

– Eu estou me concentrando – ela afirmou, dando um sorriso travesso – tenho quase certeza que são seis.

Novo suspiro.

– Você ainda vai me deixar louco – ele murmurou.

O sorriso dela ampliou, enquanto passava os braços ao redor de seu pescoço.

– Bom, isso faz dois de nós – replicou, antes de beijá-lo.

\*\*\*\*\*

## Sexta-feira

Estavam novamente no sofá, Cordélia no colo de Morgan, os beijos deixando o corpo da garota cada vez mais quente. Seu coração disparava, e sua respiração estava entrecortada, a ponto de achar que a qualquer momento desmaiaria, tamanha excitação que sentia.



– Princesa... Hora de parar.

Ela apertou os braços ao redor do pescoço dele, tentando impedi-lo de se mover, voltando a aprofundar o beijo. Em um movimento repentino, Morgan a jogou para o lado, no lugar vazio do sofá, inspirando fundo em seguida.

– Treinamento, *agora* – ele declarou.

*Ah não, hoje não.* Semicerrando os olhos, Cordélia viu quando ele se levantou e, sem que ele esperasse, enganchou suas pernas às dele, o derrubando de costas no tapete. No instante seguinte, estava sentada em cima de seu abdômen, uma perna de cada lado, olhando divertida para a expressão atônita dele.

– Daqui a pouco – ela murmurou, se inclinando para beijá-lo.

Enquanto ele correspondia ao seu beijo, delicadamente ela soltou os botões da blusa de seu uniforme, até que estivesse completamente aberta. Quando ele notou, o olhar enevoado a encarando, voltou a beijá-la com intensidade, sua mão subindo lentamente da cintura até seu sutiã e...

*Segunda base atingida!* Cordélia comemorou internamente, enquanto correspondia mais do que animada ao beijo. Em breve, esperava conseguir um *home run*.

---

[1] **N.A.:** Cordélia usa uma metáfora do jogo de beisebol para se referir aos avanços românticos, muito utilizada nos Estados Unidos. Atingir a “primeira base” em um encontro é beijar o parceiro; já a “segunda base” seria quando alguma parte do corpo feminino é tocada por baixo da roupa.



capítulo 8

## *Descobertas inesperadas*

SE EXISTISSE UM LIVRO de registro de erros cometidos por guardiões, onde ficasse anotado as piores escolhas já tomadas no exercício da função, Morgan possivelmente teria seu nome no topo da lista. Ou, ao menos, era assim que ele se sentia, enquanto observava sua protegida dormindo, naquele início de manhã.

Ele acreditara erroneamente que ela se cansaria dele; que nutria apenas *deslumbramento* por ele ser um tritão, mas que em pouco tempo aquilo passaria. E, decidido a ser egoísta ao menos uma vez na vida, se deixou levar pelo desejo que tinham em comum: se envolveram pelas últimas semanas, onde ele procurou aproveitar cada pequeno momento que passaram juntos para carregar em suas memórias até o fim de sua existência.

Fora um erro, obviamente, e dos grandes. Não só ela não parecia se enjoar, como estava cada vez mais apegada e querendo avançar na relação, e ele usou cada célula de autocontrole em seu corpo para não ceder *daquela* forma – embora fosse tudo o que queria da vida. Afinal, que homem, tritão ou não, se negaria a ter o objeto de seu amor em seus braços...?

Seu coração se aquecia ao observá-la dormindo, tão serena. Não era a primeira vez numa situação assim, pois já passara incontáveis horas em sua janela, apenas velando seu sono. Sabia que ela vinha tendo pesadelos, mas mesmo quando perguntava o motivo de suas olheiras, ela não assumia; sua protegida era teimosa, e ainda não havia aprendido que ser *forte* não necessariamente significava fazer tudo sozinha.

Já sabia que se machucaria quando aquela relação terminasse, e precisaria se focar apenas em sua responsabilidade como guardião. Depois do que aconteceu

no dia anterior... Não podia mais adiar. Ele sempre estaria ali por ela, até o fim. Mas estava na hora de terminar aquela ilusão que ele mesmo incentivara, de uma vez por todas. Só pedia a Poseidon forças para conseguir, pois ele não era capaz de vê-la sofrer, e se por um minuto fraquejasse, colocaria todo o futuro de sua protegida a perder.

\*\*\*\*\*

Cordélia acordou indisposta naquela manhã de sábado, e sua mente demorou a lembrar do motivo de se sentir tão mal. Quando o fez, tudo dentro de si revirou, uma pontada de dor em seu peito que não conseguia ignorar.

Aquela havia sido mais uma semana como as outras, com sua nova rotina de lições pelas tardes. Morgan a havia iniciado no treinamento de sua magia, e caminhava a passos lentos: ela não conseguia fazer o básico que uma criança-peixe aprendia, e nos últimos dias ela vinha se sentindo exausta de tentar, além de frustrada pela falta de resultados.

Mas estava tudo bem. Ela ainda tinha seus momentos com ele e, apesar de não terem chegado na segunda base novamente – e não foi por falta de tentativa da parte dela –, tudo caminhava como o usual: se beijavam com regularidade, e em todas as vezes aquela sensação de completude existia, como era desde sempre.

E então... O dia de ontem havia ocorrido. Só de lembrar, sentiu um aperto no peito. Uma única frase, mas que havia quebrado algo dentro dela, e sequer conseguia entender até o momento porque ficara tão afetada.

\*\*\*\*\*

### ***Dia anterior***

– Movam o cenário dois para a área externa! – um aluno gritava – e quando terminarem com o terceiro, levem também para fora!

O grupo de teatro do colégio havia decidido organizar os materiais utilizados em suas peças, antes do término do ano letivo, de forma que ainda pudessem usar seus seniores. Com as provas finais se aproximando, montaram uma força-tarefa para dar conta de tudo o que precisavam fazer, convocando amigos e

colegas que não faziam parte do grupo para ajudar.

Assim, Nathalie intimou Cordélia a ajudá-la com a organização e, considerando que a ruiva se sentia em falta com ela – vez que passava suas tardes tendo lições que não podia contar a respeito –, ela aceitou. Só que, como fora avisada em cima da hora, não levava uma muda de roupa na mochila para evitar sujar o uniforme, e acabou passando em casa para pegar.

Lá, encontrou seu guardião a esperando. Conversa vai, conversa vem... Alguns beijos depois e Cordélia havia arranjado mais um voluntário para ajudar sua amiga com o grupo de teatro. Os dois voltaram de carro para o colégio, onde agora se encontravam com respingos de tinta por todo o corpo enquanto renovavam a pintura de um dos cenários.

– Não acredito que me convenceu a fazer isso – Morgan murmurou, enquanto alcançava com seu pincel a copa das árvores cenográficas.

– Não seja reclamão – a ruiva replicou, animada – você não teria nada para fazer se não me acompanhasse.

– Deveríamos estar treinando – ele a olhou de esguelha – não é como se você pudesse se dar ao luxo de descansar, Princesa.

– *Ouch* – ela murmurou – essa doeu.

Mas ele estava certo. Por algum motivo, ela vinha tendo problemas em aprender a usar a magia de sua natureza, e não conseguia realizar os atos mais básicos, como criar uma bola de energia dentro da água. Por mais que tentasse ao longo daquela semana inteira, ela mal havia feito algum avanço, o que a deixava completamente frustrada. Supostamente ela possuía o sangue do deus grego dos mares correndo em suas veias; como diabos não conseguia nem mesmo fazer uma magia simples?

Em parte, também havia sido aquele o motivo para aceitar o convite de Nathalie; uma distração diferente, *humana*, que poderia ajudá-la a esquecer o quão inapta estava sendo como sereia naquele momento. Morgan também não estava facilitando: as sessões de amassos ainda ocorriam, mas em tempo muito mais limitado do que antes, justamente para aproveitarem melhor os treinos – o que reduzia ainda mais a disposição da garota.

– Nada como um pouco de tinta para criar inspiração – ela comentou – pode ser que mais tarde eu me saia melhor no meu treinamento.

– Se isso ocorrer, eu duvido que será por conta *disso* – Morgan franziu o cenho, apontando o cenário – em nada vai acrescentar no uso de seus poderes.

– Como você poderia saber? – ela levantou uma sobrancelha, o encarando – nunca ouviu falar que pintura é um ato relaxante?

Antes que ele respondesse, Cordélia ouviu alguém gritar seu nome, e olhou na direção.

– Délia, fala pro seu namorado que está faltando um canto! – o aluno do grupo de teatro gesticulou, indicando onde se referia.

A garota olhou para Morgan, cujo olhar parecia fora de foco naquele momento.

– Ei, você ouviu? – ela perguntou para ele – tem aquele cantinho ali.

Seu guardião pareceu acordar, pois meneou a cabeça e voltou a se mover. Se ela não estivesse prestando atenção nele, não teria ouvido o que murmurou em seguida:

– Eu não sou seu namorado.

Era só uma frase, mas cujo significado dizia muito. Viu quando ele notou que ela o encarava, e a compreensão em seus olhos quando percebeu que ela havia ouvido.

Ela voltou a olhar para o cenário, sua mão se movendo mecanicamente para terminar a pintura de determinada área.

– Princesa...

Seu pincel caiu dentro do balde de tinta, respingando para todos os lados.

– Eu... preciso me limpar – ela lhe deu as costas.

Morgan a observou se afastar, um aperto em seu peito que queria ser capaz de ignorar. Mas o dano estava feito, e nunca se perdoaria por ter se deixado levar, ao ponto de ela sofrer junto com ele. *Se tivesse sorte... Talvez ela não sentisse o mesmo.* Mas uma parte sua não conseguia decidir qual era o pior cenário: ele suportar platonicamente, ou ela sofrer também.

Cordélia ficou no banheiro feminino por um tempo, lavando os braços, seu olhar focado na torneira. *Era só uma frase.* A pontada de dor que sentia dentro de si não tinha relação com ela; sempre foi a *rainha de gelo*, e não eram poucas palavras que a quebrariam. Não se concentraria nisso agora; não podia se dar ao luxo de pensar a respeito naquele momento, quando uma amiga contava com sua ajuda.

Voltou para a área em que o grupo de teatro se reunia, um falso sorriso em seu rosto. Passou a tarde inteira ajudando Nathalie com as tarefas que surgiam, e durante todo aquele tempo, se manteve longe de Morgan. Já havia anoitecido quando voltaram do colégio, os dois em completo silêncio dentro do carro, perdidos em seus próprios pensamentos. Quando entraram em casa, Cordélia

finalmente dirigiu a palavra a ele.

– Eu estou cansada – falou, sua voz sem entonação – não consigo treinar hoje.

Não fez questão de ouvir uma resposta, indo direto para seu quarto e trancando a porta. Passou alguns segundos pensando no que fazer antes de resolver tomar um banho. Com o jato de água quente a acertando, finalmente se deixou pensar naquela frase e *sentir*.

“*Eu não sou seu namorado*”. Ele havia dito, desde o início, que não teriam um relacionamento. Ela achou que era pela função de guardião que ele finalmente havia assumido, agora que era oficialmente sereia.

*Ainda assim...* Por três semanas passava a maior parte do tempo ao lado dele; por três semanas, o ápice de seu dia era quando podia finalmente beijá-lo. Por três semanas, sentiu sensações que nunca imaginou que sentiria antes, após uma vida inteira em que foi incapaz de se conectar com alguém.

“*Eu não sou seu namorado*”. Levou a mão ao peito, a água escorrendo ao seu redor. Doía. Sentia aquela dor dentro de si, e não conseguia identificar o motivo. Não deveria doer; eles não tinham nada sério, mas se viam de forma casual. Deveria ser o suficiente. *Não deveria doer*.

Mas quando fechou a torneira do chuveiro, percebeu que a água continuava a escorrer pelo seu rosto, seus olhos ardendo, e simplesmente não conseguiu parar aquele fluxo.

\*\*\*\*\*

### ***Dia atual***

– Querida, estou indo para a empresa – seu pai a chamou da sala – parece que houve uma emergência e...

Henri parou no batente, olhando para sua filha, que estava deitada na cama, olhando para o teto. Com sua chegada, ela virou o rosto, e só então pareceu perceber sua presença.

– Tudo bem – ela murmurou simplesmente.

Seu pai franziu o cenho; aquela não era a reação normal de sua garotinha. Em passos lentos, entrou no quarto, sentando-se na beirada da cama.

– Aconteceu alguma coisa?

Cordélia deu um meio sorriso, com a intenção de assegurá-lo, mas seus olhos estavam sem brilho.

– Está tudo bem, pai, mesmo. Só estou cansada.

Henri parecia querer dizer alguma coisa, mas não fazia ideia do que. Sem saber o que se passava com sua filha, não havia muito o que pudesse fazer, e simplesmente estendeu a mão, segurando a dela.

– Eu estou aqui para o que precisar. Sabe disso, não sabe?

O sorriso dela foi mais sincero dessa vez, retornando o gesto com um ligeiro aperto.

– Eu sei.

Sem trocarem muitas palavras, Henri se despediu, saindo para resolver alguma emergência da empresa que comandava. Cordélia ainda permaneceu um bom tempo na cama, olhando para o teto, pensando em como uma única frase podia ter tanto impacto em sua vida. Naquele momento, a última coisa que gostaria era de assumir suas barbatanas, pois significava que também precisaria encontrar seu guardião.

*Morgan...* Seu peito se apertou novamente, as lembranças das últimas semanas preenchendo sua mente. E, sem perceber, novas lágrimas escorreram por seu rosto.

\*\*\*\*\*

Ele apareceu mais tarde naquele dia, vestindo somente uma bermuda, o que significava que viera direto do mar – e possivelmente esperava que ela voltasse com ele. Cordélia achou que estaria preparada para quando o encontrasse, mas uma pontada em seu peito indicou que não se sentia melhor do que naquela manhã.

Se encararam, ele próximo à porta pelo qual entrara, e ela saindo da cozinha. O sofá entre eles parecia rir amargamente da ironia, após ter sido utilizado tantas tardes pelos dois. E só de pensar em tudo que fizeram ali, ela teve que piscar os olhos e virar o rosto.

– Princesa...

Ela não era forte o suficiente para aquilo. Andou a passos rápidos para seu quarto, sua garganta se fechando. *Não sinta. Eu não posso sentir.* Mas sua mente parecia não querer ouvi-la, pois aquele aperto no peito só aumentava.

– Princesa, precisamos conversar.

Ele estava no batente agora, e ela não conseguia olhar em sua direção. Em desespero, observou o que tinha em cima da cômoda, seus olhos parando em um objeto que não usava havia um bom tempo: um secador de cabelo. O ligou rapidamente, o som do aparelho abafando qualquer outro. Não podia ouvi-lo dizer aquelas palavras de novo, ou mesmo algo pior. Simplesmente não conseguiria aguentar, e tinha medo de como poderia reagir na frente dele.

O que aconteceu em seguida foi rápido demais para que entendesse. Em um momento, estava com o secador em sua mão, mirando o cabelo. No outro, ouviu a voz de Morgan dizendo “cuidado” e foi empurrada para o lado, caindo sob o quadril. Assistiu mortificada seu guardião fechar os olhos com o aparelho na mão, o corpo inteiro tremendo, antes de soltá-lo, tombando inerte no chão.

*Não, não, não, não, não!*

– MORGAN!

Se ajoelhou ao lado dele, o desespero a abatendo. O corpo de seu guardião estava frio, seus olhos fechados; tentou resgatar da memória os primeiros-socorros básicos, mas não sabia o que fazer. Tudo dentro de si só pensava em pegar um telefone e ligar para a emergência, mas não era algo que poderia fazer; não com um tritão como paciente. As lágrimas começaram a escorrer enquanto o olhava completamente paralisado à sua frente, e uma parte sua estava em choque, querendo se desligar do mundo.

*Mas não podia.* Seu guardião dependia dela. Respirou fundo, olhando para ele, tentando lembrar de tudo o que aprendera naquelas últimas semanas. Eles passearam por muitos trechos da costa australiana, e certa vez, esbarraram com uma arraia-elétrica. Se lembrou de ter comentado com ele como o choque de uma arraia não era fatal para humanos, e ele respondeu...

Com um baque, se recordou. Ele a avisou para ficar longe daqueles seres em específico, porque para sereias e tritões, um choque não era fatal, mas paralisava todo o sistema nervoso. A cura era relativamente simples de achar – uma alga específica que era facilmente encontrada pelo oceano –, mas o problema residia na pessoa que tomava o choque ficar completamente paralisada até ser curada. Se alguém não a encontrasse a tempo... Poderia levar à morte.

Se a dor que sentira no seu peito parecia ruim, agora, era mil vezes pior. Só a perspectiva de perdê-lo a fazia querer deixar sua existência de lado, pois nada mais parecia importar. As memórias de todas aquelas semanas vinham à sua mente, desde o momento em que o viu pela primeira vez, e algo dentro de si se



partiu por completo.

Não podia perdê-lo. *Não podia.*

Uma determinação a preencheu. Com cuidado, levantou seu guardião, o apoiando em suas costas. Precisava levá-lo para o mar, o seu real ambiente, mas não queria carregá-lo pela praia, ou corria o risco de complicar ainda mais a situação.

Tentando encontrar uma solução, seus olhos pousaram na janela de seu quarto. *É claro.* Ela dava para um rochedo perpendicular ao mar, e deveria conseguir pular com ele dali. Com cuidado e algum esforço, ela o carregou da forma que podia, agradecendo por aparentemente seus genes de sereia a fazerem mais forte que uma garota mediana – ou jamais aguentaria o peso dele. Torceu mentalmente para que ninguém na praia estivesse olhando para o alto naquele momento, ou ela definitivamente teria a polícia batendo na sua porta dali a pouco tempo.

Quando chegou na beira do penhasco, olhou para baixo. Era uma queda considerável, e se errasse no salto, poderia bater diretamente nas rochas onde as ondas se quebravam. Fechou os olhos, inspirando fundo e dando alguns passos para trás. Quando os abriu, correu na maior velocidade que conseguia carregando um corpo e pulou.

A água a envolveu, sua natureza automaticamente respondendo ao surgir com suas guelras e barbatanas. Aliviada, viu que acontecera o mesmo com Morgan, ainda que ele estivesse inconsciente. No mar, foi muito mais fácil arrastá-lo consigo enquanto nadava até um pequeno coral que ficava próximo, onde seu companheiro de treinamento costumava ficar.

– Tip! – o chamou.

Enquanto esperava ele aparecer, tentou colocar seu guardião encostado em uma rocha, no chão. Ele estava mais pálido do que o normal, e sua pele parecia mais dura também, o que a deixava cada vez mais preocupada. Depois, fechou os olhos, fazendo força para se concentrar. Aquela era mais uma das lições de Morgan: depois que ela aprendera a se *conectar* com a vida ao seu redor, ele explicou que a melhor forma de descobrir as utilidades das algas era *perguntar* para elas.

Se concentrou no que havia por perto, até os pontos brilhantes surgirem em sua mente. Com cuidado, tentou reconhecer cada um, *perguntando* para o que serviam, e nenhum dos que havia próximo de si parecia ser o antídoto que funcionaria em Morgan. Frustrada, procurou por entre aquelas luzes a vida de

seu amiguinho, e logo a encontrou.

“*Tip!*”. Sentiu que ele finalmente a ouvira, e que estava vindo em sua direção. Olhou para a esquerda, onde momentos depois viu o peixinho-palhaço surgir, nadando da forma que podia com sua barbatana invertida.

– Alteza!

– Preciso da sua ajuda, Tip. Morgan se feriu, e tenho que encontrar o antídoto para ele.

O peixinho olhou para o tritão inconsciente, nadando no próprio lugar com o susto.

– O Guerreiro dos Mares? Mas como...

– Eu não tenho tempo para isso, Tip! – ela o interrompeu, irritada – se souber de algo, me ajude!

– Tem um coral a nordeste daqui! – Tip respondeu, nervoso – ele é enorme e...

– Faça companhia para o Morgan – determinou – eu volto assim que puder.

E Cordélia nadou sem se controlar, focando toda sua energia em atingir a maior velocidade possível. Morgan certa vez comentara que sereias e tritões eram os seres mais rápidos do oceano quando se focavam nisso, e estava apostando naquela informação. O tempo estava contra ela; não sabia o quanto um tritão poderia aguentar após tomar um choque, e precisava ser rápida se quisesse ter seu guardião de volta.

Não conseguia nem pensar no que aconteceria se não fosse bem-sucedida naquela empreitada. Seu coração parecia ser perfurado com agulhas só de cogitar que...

*Não!* Ela ia conseguir. Se esforçou ainda mais, depositando toda sua energia no ato de nadar. Sentiu um grande pulsar de vida quando estava próximo e, ao chegar no local, tinha certeza que estava perdida. Era *enorme*. Diminuiu a velocidade, parando lentamente por conta de tantas vidas que a invadiam naquele instante. E havia muitas ali; peixes de diversos tipos, corais, anêmonas, ostras, pepinos e estrelas do mar. Olhou aturdida, sem conseguir se mover, antes de finalmente fechar os olhos.

Inspirou fundo, e se concentrou nas batidas de seu coração, tal como a primeira vez que Morgan lhe ensinara. Deixou que todas aquelas vidas a preenchessem, até que se transformasse em cada uma delas; não mais existia, mas era o próprio mar que as mantinha ali. Se manteve nessa sensação por um tempo, até que se acostumasse, e depois, procurou pela área, se concentrando em cada planta por segundo, fazendo a *pergunta* que precisava: qual daquelas algas

poderia ajudar com seu problema.

Ofegou, abrindo os olhos. Havia achado a alga certa! Animada, nadou em direção à planta, parando alguns segundos para pedir *permissão* a ela antes de arrancar algumas de suas folhas – algo que também aprendera com seu guardião. Quando se virou para voltar, tomou um susto; um golfinho flutuava na sua frente, a encarando. Permaneceu assim por vários segundos, e Cordélia franziu o cenho.

– Se me dá licença... – tentou, nadando para o lado, de forma a passar direto por ele.

Mal havia se afastado, quando o ouviu a chamar.

– Sereia! – sua voz era grave – nós... precisamos de sua ajuda.

Cordélia parou por um momento, indecisa. Estava ansiosa pra voltar logo e ajudar Morgan, mas algo dentro dela a impediu de sair sem ouvir o golfinho. Olhou melhor ao redor, e notou que haviam outros cinco por perto, todos a encarando como se esperassem algo.

– Eu... – Cordélia inspirou fundo, tomando uma decisão – qual o seu nome?

– Me chamo Scar – o mesmo golfinho de antes falou, e só então Cordélia notou a cicatriz que ele possuía em um dos olhos – e tem um bando de humanos que não estão respeitando nossa casa. Sua espécie é a única que pode impedi-los, mas não há ninguém por perto disposto a nos ajudar.

A garota franziu o cenho; a pesca era proibida nas zonas de corais da Austrália, disso tinha certeza. Porém, humanos não eram famosos por obedecerem as leis, e era bem capaz de estarem agindo ilegalmente por ali.

– Eu estou em uma missão para ajudar alguém, Scar – ela falou, e na mesma hora, vários golfinhos se exaltaram – ouçam bem – ela pediu, levantando uma mão para que eles se calassem – eu vou voltar. Mas eu preciso... – um aperto em seu peito – eu *preciso* salvar alguém antes.

– Não canse sua beleza, sereia – Scar respondeu, com escárnio – nós vamos resolver esse problema sozinho.

– É a última vez que tentamos pedir ajuda! – o segundo golfinho se pronunciou, sendo ovacionado pelos outros.

Cordélia suspirou. Queria ajudá-los, mas Morgan era mais importante.

– Eu vou voltar – repetiu com convicção, se dirigindo a Scar.

E sem olhar para trás, nadou o mais rápido que conseguia até Tamarama.

\*\*\*\*\*

Ele ainda estava vivo quando chegou. Via pequenas bolhas saindo por suas guelras, indicando que respirava, e o alívio que a atingiu durou pouco tempo. Atônita, percebeu que tinha a alga, mas não sabia o que fazer com ela. Olhou de seu guardião para as folhas em sua mão, seu coração se apertando novamente. *Idiota!* Como não pensara que não sabia a forma de administrar aquela cura? Estava ali, com a planta certa em sua posse, mas não fazia ideia de como utilizá-la.

O desespero a abateu, as lágrimas surgindo em seus olhos sem perceber. Ela era *inútil*. Não conseguia usar seus poderes, não conseguia ser uma sereia decente, não...

Sua respiração parou por um momento, um calafrio percorrendo seu corpo. Sem perceber o que fazia, estendeu as folhas até perto das guelras de Morgan, pressionando contra seu pescoço. Sem se dar conta, sua mão se energizou, uma luz a envolvendo, até que as folhas se desfizessem contra a pele de seu guardião.

Piscou. O que havia acabado de acontecer? Não teve tempo de pensar no ocorrido, pois a cor de Morgan retornara, e ao encostar em seu braço, o toque lhe pareceu mais macio. O alívio percorreu cada célula do seu ser enquanto o tocava, as lágrimas escorrendo livremente e se misturando com o mar. *Ele estava vivo*. Ela havia conseguido, de alguma forma.

– Ele está bem? – Tip perguntou, ao seu lado.

Ela pensou por um momento antes de responder.

– Ele vai ficar.

Todo o desespero de sequer *pensar* em não tê-lo ao seu lado, toda a saudade que a abateu só por achar que não o veria novamente, todas as lembranças que preencheram sua mente... Em choque, finalmente entendeu o que sentia desde o dia anterior, levantando os olhos lentamente e olhando para seu guardião inconsciente.

*Eu o amo*. Era a única explicação para a dor que sentia com a possibilidade de perdê-lo. Por um breve momento, tentou se convencer de que era por conta da função que ele exercia, e porque ele sempre estava por perto para guiá-la, mas... *Eu o amo*. Não se importava nem um pouco com o que ele podia ou não lhe ensinar, só o queria perto de si. Seu sorriso, sua voz, seu toque...

*Eu o amo*. E aquela constatação a assustou como nenhuma outra, porque a

tristeza veio junto: ele não queria saber dela, não *daquela* forma.

\*\*\*\*\*

Se aproximava novamente do coral, de onde acabara de voltar. Depois de conferir que Morgan realmente parecia estar melhorando, deixou Tip encarregado de vigiá-lo, e saiu dali como se estivesse sendo perseguida por algo.

E estava. Aqueles sentimentos que até então não possuíam definição dentro de si agora a atormentavam, a lembrando de como havia sido maravilhoso estar com seu guardião, de como queria novamente aproveitar sua companhia, de como gostaria de voltar a estar em seus braços...

Até sua parte racional lembrar das palavras ditas no dia anterior: “Eu não sou seu namorado”. Morgan havia deixado claro que todo aquele tempo não significou nada para ele. Não importava o quão *perfeito* havia sido estar com ele, aparentemente, só havia significado de verdade para ela.

Aquela dor surgiu novamente, e se focou em outro assunto, um que deixara pendente. O que Scar dissera a havia deixado preocupada: humanos não respeitando o lar deles. Sabia que a guarda costeira não era grande suficiente para supervisionar vinte e quatro horas por dia todo o oceano; e se humanos estavam pescando ilegalmente na zona de corais... Precisava impedi-los a qualquer custo.

Se apressou ao lembrar de suas palavras: eles mesmos pretendiam resolver a situação. Um golfinho nada mais era do que um prêmio para um pescador; seria vendido para algum aquário ou parque aquático, forçado a aprender truques e entreter humanos. Em uma coisa Scar estava certo: sereias e tritões eram os mais indicados para resolver problemas envolvendo os humanos, pois não só tinham poderes além de qualquer animal marítimo, como, por serem metamorfos, podiam caminhar em terra.

Se aproximou do coral em que os encontrara antes, mas não viu nenhum sinal deles. Continuou a nadar, chegando em um conjunto de montanhas marítimas, formadas por rochas vulcânicas, resquícios do que já existiu ali um dia. Se escondeu atrás de uma, prestando atenção à sua volta; estava silencioso demais. Tentou se concentrar para localizá-los, mas foi interrompida pelo som de uma explosão e, para seu horror, sentiu vários pontos brilhantes se apagarem em sua mente. *Vidas*. As vidas dos seres à sua volta se esvaneciam.

Seu coração se apertou. Não era possível. Nadou para mais perto, desesperada em fazer aquilo parar, mas um golfinho entrou na sua frente.

– Ficou louca? – ele parecia assustado – não pode ficar aqui!

Ele lhe deu uma cabeçada, a empurrando para o outro lado. Cordélia se deixou conduzir, atônita com o que ainda estava sentindo: as vidas se esvanecendo. Se deparou com outros quatro golfinhos, dentre eles, Scar.

– Ora, e não é que a sereia cumpriu sua palavra? – ele escarneceu – um pouco tarde demais, não acha?

Cordélia nadou até ele, segurando seu focinho e encarando seus olhos.

– O que está acontecendo? – perguntou ferozmente – diga!

Scar se soltou, a olhando com raiva por um momento, mas se acalmando ao ver a forma como Cordélia reagia. Ele indicou com a cabeça para o outro lado, e a garota acompanhou seu olhar.

– Os humanos estão explodindo os corais – ele contou – jogam um objeto que, quando afunda, explode tudo. Ficam com redes na superfície, recolhendo os peixes que ainda estão vivos.

Cordélia o encarou horrorizada. Aquilo era pior do que pescar: era uma forma assassina de fazer isso. Matavam dezenas de vidas, recolhendo umas poucas que ainda respiravam, sem se importarem com o rastro de destruição que causavam. Levou a mão à boca, sentindo ânsia de vômito.

– A sereia é sensível? – um golfinho perguntou, rindo ao ver como agia.

– Cale a boca – Cordélia murmurou, com raiva – você não faz ideia do que estou sentindo nesse momento.

Nenhum deles fazia. Sentir toda aquela vida se esvaír era perder parte dela mesma. *Ela era o mar*. Sua alma parecia estar sendo rasgada cada vez que via um dos pontos de luz se apagar em sua mente, como se estivesse torturando seu corpo da pior forma possível.

– Tentamos nos aproximar, mas um de nossos companheiros, Florick, foi preso no processo – Scar continuou, sinalizando uma enorme jaula que havia a alguns metros de distância, onde um golfinho estava preso ao chão do oceano, com uma corrente se estendendo até a superfície – como pode ver, nossas barbatanas estão atadas, sereia.

Mas as de Cordélia, não, e ela precisava fazer algo, imediatamente. Nadou em direção ao barco, ignorando os gritos dos golfinhos que deixara para trás. Emergiu, olhando o casco, até encontrar uma corda que pudesse usar para escalar. Tão logo metade de seu corpo ultrapassou a superfície, sua cauda se

transformou em pernas, auxiliando em sua subida.

Pisou no deque, parando por um momento para pensar em como deveria agir. Não sabia usar seus poderes direito, e não podia se arriscar em um confronto físico – não quando não sabia quantos homens estavam presentes. Teve, então, um vislumbre do que poderia fazer, sorrindo ao se lembrar de todas as lições que já tivera com Morgan.

Por isso, quando se deparou com um dos tripulantes, encarou aquele olhar surpreso e *cantou*; bastou poucas notas de uma melodia qualquer, e viu o olhar do tripulante se tornar vazio, como se não estivesse mais ali.

– Quantos homens estão nesse barco? – Cordélia perguntou calmamente.

O tripulante sinalizou com as mãos: quatro. Tão poucos, e ainda assim, capazes de realizar uma destruição sem tamanho na vida marítima...

– Há mulheres?

Ele negou com a cabeça. *Bom*. Não queria que ninguém se lembrasse dela depois daquele dia, e como sereia só tinha a capacidade de hipnotizar o sexo masculino.

– Venha comigo.

O tripulante a seguiu, como um robô. Chegaram na proa, e viu os outros três na murada, de costas para ela, preparando uma rede. Ao lado, havia a caixa com os explosivos que vinham utilizando. Não esperou; começou a cantar, e logo os três haviam pararam de se mover, a encarando com aquele mesmo olhar vazio.

– Amarre todos – ordenou ao primeiro que hipnotizara.

Enquanto ele fazia o trabalho, pegando um rolo de cordas que havia no deque, Cordélia entrou na cabine de capitão, olhando para o painel de controle. Não fazia ideia do que todos aqueles botões significavam, mas havia visto filmes o suficiente para saber que deveria existir algum rádio por ali. Finalmente o encontrou e, passou alguns segundos tentando fazê-lo funcionar. Quando apertou o botão de sinalizador, incerta se funcionava, ouviu uma voz pelo autofalante:

– *Guarda costeira, informe sua posição.*

*Na mosca!* Sorrindo, Cordélia apertou o botão do microfone.

– Esta é uma denúncia anônima de um barco ilegal de pesca nos corais – falou, tentando deixar sua voz mais grossa – os tripulantes foram dominados, e aguardo reforços.

Silêncio do outro lado da linha.

– *Informe a posição em que se encontra.*

Cordélia olhou ao redor, e viu o que parecia o GPS do barco. Informou a posição de latitude e longitude, desligando em seguida sem maiores informações. Agora, eram com as autoridades humanas.

Voltou para a proa, onde o cenário estava da forma como esperava: três tripulantes amarrados, um deles aguardando ordens. Fez o último sentar, e ela mesmo o amarrou. Por fim, parou de frente para os quatro, dando suas ordens finais:

– Vocês não se lembrarão de mim – começou – somente que faziam pesca ilegal, e um *homem* desconhecido os dominou, mas não se lembrarão da aparência *dele*. Quando as autoridades chegarem, vão confessar seus crimes e cumprirão a pena passivamente na prisão – franziu o cenho – e *nunca mais* vão caçar peixes ilegalmente – sorriu maliciosamente – na verdade, vocês vão criar tanto asco por tirar uma vida que se tornarão *veganos*, e passarão a defender os direitos de *todos* os animais.

Aquela parecia ser uma punição boa o suficiente para caçadores ilegais. E talvez, quem sabe, o novo posicionamento de vida deles poderia até mesmo influenciar outros ao redor.

Olhou uma última vez em volta e, vendo que seu serviço estava cumprido, se aproximou da murada e saltou para o mar. Sua cauda surgiu novamente, e nadou em linha reta até a jaula que prendia um dos golfinhos, Florick. Só mais aquela ajuda, e poderia voltar para casa.... E para Morgan, ainda que estivesse em dúvida de como reagiria quando o encontrasse novamente.

Porém, assim que se aproximou, ouviu o golfinho gritar.

– Atrás de você!

Cordélia se desviou a tempo de algo *grande* passar ao seu lado. Assustada, olhou ao redor: estava cercada por tubarões. Sua mente disparou para o que sabia sobre eles: em seus estudos sobre os seres do mar, havia aprendido sobre as espécies da Austrália, e tinha quase certeza que aquele era um tubarão-de-galápagos.

Uma vozinha na sua mente a lembrou de que a definição não era importante, mas deixou de lado; aquela não era a hora de se recordar de suas frustrações. Estava cercada de um cardume de predadores que não pareciam no melhor dos humores, se é que podia dizer isso em uma rápida olhada. Ouviu gritos distantes, e ao olhar, viu que eram os restantes dos golfinhos tentando chamar a atenção dos tubarões.

– Ei, seus predadores! – Scar chamou – por que não procuram alguém do seu



tamanho?

Os tubarões se viraram, ouvindo o som e nadando em direção a eles. *Ah não...* Não podia deixar que se machucassem para salvá-la, não quando o erro havia sido dela: se tivesse prestado mais atenção ao seu redor quando se dirigiu ao barco, teria visto que aquela era uma área de predadores.

– Esperem! – ela gritou, e nem mesmo sabia a quem se direcionava.

O mar parou por um instante. Nenhum peixe se moveu, como se uma corrente de energia os tivesse acertado. Lentamente, um dos tubarões voltou a se mover, nadando em direção a Cordélia. Não vinha mais em um ímpeto de ataque, mas se movia com cautela, se aproximando.

Rosnou. E Cordélia *entendeu*. Ele não falava da forma como se acostumou a ouvir os peixes; era mais como se simplesmente *compreendesse*, dentro de si, o que ele queria dizer – quase da forma como podia *perguntar* para as algas a utilidade delas.

Maravilhada, nadou em direção àquele tubarão, parando na sua frente. Moveu sua mão de forma deliberadamente lenta, encostando em seu focinho. Fechou os olhos, e *sentiu*.

Era uma fêmea, e aquela era a área em que seu ninho se encontrava. Estava assustada pelas explosões que ocorrera mais cedo, e queriam achar os culpados.

– Eles já foram punidos – Cordélia falou em voz alta – eu já cuidei daqueles que queriam fazer mal a você e à sua família.

Novos rosnados, agora também dos outros ao redor, que apenas olhavam para aquela interação. Eles agradeciam pela ajuda, pois só queriam ser deixados em paz. A tubarão-fêmea à sua frente se moveu, dando uma cabeçada em sua mão. Ela gostou de encontrar alguém que a compreendia.

– Eu também gostei de você – Cordélia replicou, acariciando o focinho.

E não mentia. Estava absolutamente extasiada em estar cercada por todos aqueles seres, cujas vidas pulsavam dentro dela. Podia sentir cada um, agora que os notara, e era uma sensação maravilhosa saber que havia ajudado a salvar todos. Mas ainda tinha algo que precisava fazer.

– Você tem um nome? – perguntou para a tubarão-fêmea, e ouviu o rosnado em resposta – bom, *Sandi...* Eu preciso de sua ajuda – olhou ao redor – de todos vocês, na verdade.

Os tubarões trocaram rosnados, concordando.

– Vejam... Todas as vidas são importantes para mim – explicou – a de cada

um de vocês... E a dos golfinhos também.

Eles rosnaram contrariados.

– Eu sei que é o alimento de vocês... Mas peço, por favor, que evitem esse banho de sangue na minha frente – pediu – e me deixem soltar aquele golfinho preso, para que ele e seus companheiros possam ir em paz, ao menos por hoje.

Mais rosnados. Houve uma pequena discussão entre eles, mas Sandi, que aparentemente era a líder, os convenceu a atender seu pedido. Agradecida, Cordélia nadou até Florick, levantando a jaula para soltá-lo.

– Você... – ele tentou dizer, mas Cordélia o interrompeu.

– Vá logo antes que eles mudem de ideia – sussurrou.

Quando Florick se afastou, nadou para perto de Sandi, a acariciando novamente.

– Obrigada, Sandi – encostou a testa em seu focinho, fechando os olhos – se um dia necessitarem de ajuda, só precisam me chamar.

Sandi rosnou, extasiada. Prometeu ajudá-la também no que precisasse. E por hora, aquilo era o suficiente. Havia conquistado uma aliada, por quem já nutria enorme carinho; afinal, ela também era parte de seu povo: um ser do próprio mar.

Se despediu deles, prometendo uma visita em breve. Nadou por entre as rochas vulcânicas, procurando os golfinhos, e os encontrou mais afastados, já na entrada do recife. Ao se aproximar, notou que havia mais alguém com eles, e seu coração parou por um instante, antes de voltar a bater com o dobro de velocidade.

– Parece que eu me preocupei à toa com sua segurança – Morgan, falou, sorrindo.

*O que ele estava fazendo ali...?* A pergunta se revirava na mente dela, enquanto era rodeada pelos golfinhos, todos falando ao mesmo tempo.

– Alteza!

– Obrigado, Alteza!

Ela olhava de um para outro, respondendo seus agradecimentos da forma que podia. Não fazia ideia de como eles haviam descoberto seu *status* – possivelmente seu guardião havia contado –, mas tentava dar atenção a todos, enquanto pensava desesperadamente em como lidar com Morgan e aqueles sentimentos que pareciam querer explodir dentro dela.

Não teve muito tempo para encontrar uma solução. Os golfinhos se despediram, reiterando sua lealdade, e somente ela e seu guardião permaneceram

no local, com metros de distância um do outro. O que Cordélia mais queria fazer era nadar para seus braços, e nunca mais soltá-lo depois do susto que tomou com sua incapacitação. Mas algo dentro dela – o medo da rejeição – a impedia de agir de forma impetuosa, pois sabia que agora o cenário era diferente: se ele a negasse, seu coração se partiria por completo.

– Scar disse que você foi uma heroína – Morgan comentou, e Cordélia fez um esforço para não encará-lo – que salvou o coral dos humanos.

Ela deu de ombros.

– Não foi nada demais.

Um silêncio desconfortável os envolveu, como se um não soubesse o que dizer para o outro. Cordélia coçou o braço, tentando pensar em algum assunto.

– Como me achou?

Um sorriso brincou nos lábios de Morgan, enquanto ele levava a mão ao seu bíceps esquerdo, fazendo sua tatuagem de guardião – usualmente oculta enquanto estavam no mar – surgir.

– Esse símbolo não existe apenas por enfeite – ele explicou – mas foi gerado por um feitiço quando você era bebê, de forma que eu posso localizá-la onde você estiver, além de sentir quando você está em perigo.

Cordélia arregalou os olhos, finalmente o encarando, e vendo que ele avaliava como ela recebia a notícia. Uma peça do quebra-cabeças se ajustou em sua mente: seu *stalker* pessoal também possuía os melhores meios de segui-la por toda a vida. E quanto a estar em perigo... Se perguntou o que poderia ser considerada uma situação assim.

– Ah.

*Droga.* Aquilo estava indo de mal a pior. O medo irracional do que ele poderia falar a atingiu novamente, e olhou ao redor, tentando procurar uma distração. Percebeu o quanto o coral em que estavam era belo, parte sua assombreada e outra iluminada; franzindo o cenho, nadou até a superfície e emergiu.

Suas suspeitas estavam certas: o sol se punha no horizonte e, ao olhar para o lado, viu uma paisagem de tirar o fôlego. Havia uma ilha a alguns metros de distância, com a areia clara, quase branca; a água era cristalina, totalmente transparente, e as montanhas florestadas ao redor da ilha deixavam tudo mais belo e natural.

– Princesa... – Morgan emergiu ao seu lado.

Mas Cordélia não prestou atenção. Seu olhar se prendia em algo, maravilhada,

e Morgan olhou na mesma direção, tentando descobrir o que ela avistava.

– Vê ali? – ela apontou para um desfiladeiro de rocha lisa – aquele pontinho branco?

E Morgan viu. Uma flor, completamente branca, bem no meio das rochas. No meio da adversidade, aquela pequena planta cresceu, sozinha, embelezando o ambiente com uma singularidade que não se avistava em lugar nenhum, tornando sua existência... *Especial*.

Olhou novamente para Cordélia, vendo que ainda encarava a flor. Ela estava tão bela, seus olhos brilhando com a simplicidade de ver uma vida natural, tão diferente da mágoa que carregava nas últimas vinte e quatro horas... E, mesmo com toda a situação irregular entre os dois, ela havia salvo a vida dele; seu coração se apertava só de imaginar a angústia que ela deveria ter passado, precisando se virar sozinha, procurando uma solução para um problema desconhecido por ela.

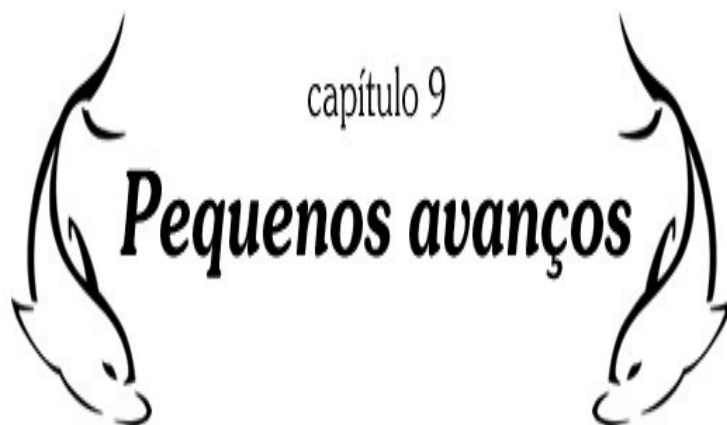
Era algo maior do que ele. Sem conseguir resistir, ele se aproximou, inclinando a cabeça, e bastou que ela virasse o rosto para que suas bocas se encontrassem. *Perfeição*. Era sempre assim quando estava com ela, e o maior motivo para ter ignorado as responsabilidades pelo qual passara a vida se dedicando. Cordélia era capaz de fazê-lo esquecer quem era, ao mesmo tempo em que o fazia sentir *tudo*.

Seus lábios se separaram, e o olhar dela era tão vulnerável que algo dentro dele se quebrou por completo. *Ele* era o responsável por deixá-la assim; ele a havia feito sofrer com suas palavras mal colocadas. Envolveu os braços ao redor dela, a puxando para si, deixando que ela chorasse em seu ombro.

*Não se importava mais*. Sua vida não era importante, mas a felicidade dela, sim. Se ela o quisesse... Se isso a fizesse feliz, eles dariam um jeito. Correria um risco enorme, mas para vê-la sorrindo novamente... Poseidon que o perdoasse, mas ele faria qualquer coisa.

– Vamos voltar – Morgan murmurou, quando as lágrimas dela pareciam ter cessado.

E sem dizerem mais uma palavra, nadaram de volta para casa, as mãos entrelaçadas no que parecia um futuro promissor.



capítulo 9

## Pequenos avanços

– VOCÊ AINDA PRECISA ME ensinar a fazer isso – Cordélia comentou, enquanto suas pernas surgiam, e Morgan a colocava no chão.

Já havia anoitecido quando chegaram em Tamarama, mas ao invés de irem para a praia, seu guardião a pegou no colo e, com um impulso – e possivelmente o uso de sua magia –, ele fez os dois saltarem da água, atingindo uma altura grande o suficiente para aterrissar nas rochas que davam para a janela do quarto dela.

Ela não se moveu para se afastar dele. Ao invés, se virou, ainda em seus braços, de forma a ficarem de frente um para o outro. Não trocaram uma palavra o caminho inteiro, mas a mente dela trabalhou a todo vapor depois das suas lágrimas de desabafo, e havia chegado à uma conclusão: não desistiria de Morgan. Apesar do que ele havia dito no dia anterior, tudo o que ocorrera nas últimas vinte e quatro horas haviam sido o suficiente para convencê-la de que valia a pena lutar por ele – e por aquele sentimento que agora tinha nome.

Acariciou o seu rosto, o vendo fechar os olhos para aproveitar a sensação. Ele *sentia* algo por ela; aquele beijo espontâneo no coral, a forma como a olhou depois... Não era possível que estivesse imaginando isso. Não importasse os motivos para que ele fosse relutante com um relacionamento – e ela tinha certeza que existiam, considerando tudo o que ele dissera quando se conheceram –, agora que sabia que o amava, sua obstinação estava maior do que nunca.

Se colocou na ponta dos pés, unindo seus lábios, sentindo aquela sensação de completude a preenchendo. *O amava*. Provavelmente desde o início, na primeira troca de olhares... Quem saberia dizer? Não precisava entender como o

sentimento havia surgido, mas sim, aceitar que ele existia; e a partir dessa constatação, lutar para que fizessem um relacionamento dar certo.

Deveria esperar...? Nunca foi boa em agir com paciência; sua impetuosidade era parte de sua personalidade, e duvidava que agora fosse atuar de forma diferente. Ainda assim... Não queria assustá-lo, mas achou melhor dar um primeiro passo no caminho que queria seguir.

– Eu quero você – ela murmurou, se afastando o suficiente para olhá-lo – não como meu guardião, mas para estar comigo. Ser meu... *namorado*.

Viu a surpresa nos olhos dele, e seu coração parou por um momento, esperando. E, como resposta, Morgan deslizou os lábios delicadamente por seu rosto, seguindo a linha do maxilar até chegar em sua orelha – momento em que não só Cordélia já estava com a pele toda arrepiada, como se controlava para não ofegar.

– Corrija-me se eu estiver errado – ele murmurou em seu ouvido, e notou um traço de diversão em sua voz – mas não deveria ser o homem a fazer a pergunta nesse sentido?

Ela estava tendo problemas para pensar, pois agora ele mordiscava sua orelha.

– *Hum hum...* Estamos no século vinte e um – ela respondeu, ofegante – direitos iguais e coisa assim.

Morgan deu uma pequena risada, se afastando para olhá-la. Levou uma mão ao seu rosto, acariciando sua bochecha; a encarava com tanto carinho, que Cordélia sentiu seu coração voltar a disparar – desta vez, menos pela reação física que ele causava nela, e mais pelo sentimento que parecia querer explodir dentro de si.

– Não há nada que eu queira mais do que pertencer a você, Princesa – ele sussurrou, um tom melancólico tomando suas palavras – mas você deveria saber sobre determinados assuntos antes de prosseguir com esse desejo.

Aquela não era a resposta que Cordélia esperava, e ela levou alguns segundos para absorver o significado. Ele deu a entender que *queria* ser seu namorado, mas não *podia* ser, por algum motivo que ainda era misterioso para ela.

– Então me conte – ela replicou, franzindo o cenho – me fale desses assuntos que te impedem de ter um relacionamento comigo.

Ele suspirou, a tristeza visível em seu olhar.

– Mais tarde – vendo que ela já abria a boca para retrucar, ele colocou o dedo indicador em seus lábios – prometo que conversaremos depois que seu pai estiver dormindo.

Só então Cordélia pareceu se lembrar de onde estavam: em frente à sua janela, com seu pai em casa. Pelo lado bom, quando ele fosse dormir, teriam relativa privacidade para conversarem, pois a suíte de Henri ficava no final do corredor, depois do banheiro de visitas e do escritório; dificilmente seriam ouvidos nessas circunstâncias, desde que mantivessem as vozes baixas.

– Está bem – ela concordou – mas se você não aparecer... – mordeu o dedo dele, o fazendo rir.

Ele interrompeu a ameaça com um beijo que lhe tirou o fôlego, em uma promessa silenciosa de que voltaria para conversarem. Cordélia já estava certa de que, não importasse o que Morgan dissesse sobre os motivos para não ficarem juntos, nada mudaria. Aquele sentimento que ela nutria por ele... Para ela, era, *sim*, o suficiente, e qualquer outro problema poderia ser relevado.

\*\*\*\*\*

A noite pareceu se arrastar, uma ansiedade cada vez maior dentro de si. Passou um tempo com seu pai, relatando sua aventura daquela tarde – e omitindo o que havia levado àquilo –, e tentando demonstrar que estava melhor do que naquela manhã. Henri pareceu achar o mesmo, pois seu olhar preocupado finalmente sumiu do rosto; sabia que sua filha agora possuía uma vida do qual mal conseguia imaginar, mas jamais deixaria de se importar com seu bem-estar.

Mesmo assim, Henri se divertiu com seu relato de como havia hipnotizado pescadores ilegais, e de como havia salvo um ninho de tubarões. Quando ela mencionou que avistara uma ilha, ele pareceu pensativo por um momento.

– Lembro de ter lido algo sobre esse lugar – ele comentou, tentando puxar da memória – acho que se chama... Recife Elizabeth...?

Com a curiosidade atizada, Cordélia buscou o notebook e levou para a mesa da cozinha, onde, ao lado de seu pai, pesquisou mais sobre o lugar mencionado. Ao avistar uma foto do local, teve certeza que era onde visitara; se chamava Lord Howe, e era, na verdade, um conjunto de ilhas vulcânicas, a maioria submersas, sendo que apenas metade era habitada. Os moradores não utilizavam carros, evitando poluir o ambiente, e mantinham o entorno o mais natural possível – especialmente para a visita de turistas, geralmente para a atividade de mergulho.

A ilha era próxima de um recife chamado Elizabeth, onde costumeiramente tubarões montavam seus ninhos – e Cordélia teve certeza que era lá que sua nova

amiga Sandi morava. No todo, foi divertido ver com seu pai aquelas curiosidades, e o que despertou a surpresa de ambos havia sido a distância percorrida: a ilha Lord Howe ficava a cerca de seiscentos quilômetros da costa australiana, e ela havia visitado o local não uma, mas duas vezes, naquela mesma tarde.

– Se você fosse catalogada no *Guinness Book*, teria batido um recorde – seu pai comentou, brincando.

Cordélia riu, incrédula, pensando o quanto Morgan estava certo quando mencionara que o povo do mar nadava realmente rápido. Continuou a ler mais sobre o local, e se deparou com a flor branca que havia avistado no penhasco. Quase não conteve o suspiro ao ler a respeito: era uma planta nativa somente naquela ilha, geralmente referida como *lírio de casamento*. Havia várias especulações de como havia ganhado aquele nome: poderia ser usual nas celebrações matrimoniais do local, ou talvez o pretendente precisasse buscar uma para fazer o pedido à sua amada, provando seu amor; o importante é que era uma flor especial, *única*, e havia se maravilhado com razão ao avistá-la.

Mas, por mais que estivesse gostando de compartilhar aquela noite com seu pai, a ansiedade dentro de si não parava de crescer, e teve um momento em que forçou um bocejo, como forma de incentivar seu pai a também ir dormir. Já em seu quarto, trancou a porta, tomou um banho e vestiu o pijama; tentou se distrair com um livro que pegou na estante do escritório de Henri, e a leitura ajudou a passar o tempo até que Morgan finalmente desse o ar de sua graça, surgindo no batente de sua janela com aquele meio sorriso sexy que ela adorava.

– Até que enfim – Cordélia comentou, a voz baixa, enquanto colocava o marcador de página no lugar – estava achando que precisaria passar a noite te caçando pelo oceano.

Seu guardião revirou os olhos enquanto passava pelo portal, mantendo uma mão atrás de si. Imediatamente curiosa, a garota colocou o livro sobre o criado mudo e se levantou da cama, se aproximando dele.

– Feche os olhos – ele pediu, quando ela parou na sua frente.

Olhando desconfiada, ela obedeceu. O que ele estaria aprontando...? Lentamente, ele pegou a mão dela, colocando algo extremamente leve em sua palma. Quando a soltou, ela abriu os olhos, e imediatamente ofegou. Porque ali, bem na sua mão, estava um exemplar do lírio de casamento da ilha Lord Howe.

– Me peguei pensando que eu nunca te presenteei em seu aniversário – ele comentou, em tom leve – e achei que estava na hora de remediar a situação.

Então ele havia prestado atenção nela quando estavam no coral, vendo como



ela havia se sentido atraída por aquela flor. Delicadamente, aproximou do rosto, sentindo sua fragrância, como se ela tivesse acabado de ser retirada da terra. *Mas como...?* Mesmo se tivesse pego uma, ela teria morrido ao ser arrastada pelas profundezas do oceano. Como Morgan havia conseguido manter a flor intacta...?

Então se lembrou: *magia*. Ele havia dado um jeito de encantar aquela flor, de forma que ela estivesse protegida, enquanto trazia por todo aquele caminho – havia ido ao recife mais uma vez! –, apenas para presentear-lá. E o significado daquele gesto... O coração de Cordélia, se possível, aumentou ainda mais os batimentos, a emoção fechando temporariamente sua garganta.

Pensou em todos os possíveis motivos para o nome daquela flor, e se perguntou se deveria contar a Morgan. *Algum dia...* Poderia afastá-lo se falasse a palavra “casamento”, considerando que ele mal podia aceitar um relacionamento. O que, inclusive, levava ao motivo de ele a estar visitando naquele momento.

– Obrigada – ela murmurou, subitamente sem palavras.

Mas ele parecia entender o que ela sentia, pois a observou com ternura, enquanto ela revirava a flor em suas mãos. Sorrindo bobamente, ela se aproximou dele, se colocando na ponta dos pés e o beijando em agradecimento. Quando ele fazia um gesto como aquele, era impossível não amá-lo ainda mais, e precisou se controlar para não soltar as palavras sem querer; por mais que quisesse, precisava estar certa de que ele *também* sentia o mesmo.

Ela se afastou, colocando a flor em cima do criado-mudo, e por alguns segundos o clima ficou desconfortável. Estavam em seu *quarto*; tudo bem que já haviam perdido algumas horas de amassos no cômodo, mas sempre pelas tardes, e nunca no escuro, apenas com o abajur fornecendo uma fraca claridade, como naquele instante.

Subitamente, Cordélia se sentiu muito consciente do traje que usava para dormir – um *shortdoll* velho composto por uma camiseta e short –, e se chutou mentalmente por não ter pensado em vestir algo mais... *provocante*. Afinal, era uma oportunidade que não poderia deixar passar, considerando o quando vinha tentando *avançar* na relação que tinham.

Morgan tomou a decisão pelos dois. Estendeu a mão para ela, e sem pensar duas vezes, ela correspondeu. Em um movimento fluído, ele a puxou para si e a levantou, fazendo com que ela automaticamente envolvesse as pernas ao redor do quadril dele e os braços no seu pescoço. Sem aparentar o menor esforço, ele a carregou até a cama, onde se sentou na beirada com ela em seu colo, as pernas

dela ainda ao seu redor. Seu guardião podia ser muito conservador em nível de *avanços* nas últimas semanas, mas isso não evitava a proximidade que haviam criado em todo o tempo que passaram juntos – e isso incluía uma certa intimidade em terem seus corpos próximos um do outro.

Sorrindo amplamente com a escolha de *como* conversariam, Cordélia o beijou com intensidade, sentindo os braços dele envolverem sua cintura, sempre a puxando mais para si. Quando afastaram os lábios, ofegantes, o sorriso ainda estava presente no rosto dela, seus pensamentos já nublados pela excitação que sentia por estar tão próxima de Morgan.

– Quer dizer que você possui fácil acesso ao meu quarto – ela comentou, olhando maliciosamente – dá pra pensar em muitas utilidades pra isso.

Ele riu, depositando leves beijos pelo seu rosto.

– Não tenha ideias, Princesa – ele voltou para seus lábios – prometi a mim mesmo que não faria nada tolo em relação a você.

Ela semicerrou os olhos, olhando desconfiada.

– E por “tolo”, você se refere a...?

Morgan suspirou, olhando de forma divertida.

– Você é levada muito facilmente pelos seus desejos físicos.

Ela deu de ombros, seus dedos brincando com o cabelo dele.

– Culpe os hormônios. Eles fazem a festa quando estou perto de você.

O comentário trouxe uma nova risada em seu guardião, que a olhava em um misto de diversão e perplexidade.

– Você tem muitos anos pela frente ainda – ele comentou – trezentos de vida, lembra?

Ela o encarou com uma sobrancelha levantada.

– E seu ponto é...?

– Seja mais paciente – ele disse simplesmente – não apresse algo pelo qual pode esperar até ter certeza que quer.

Cordélia revirou os olhos. Só mesmo Morgan para fazer um comentário como aqueles; como se o fato dela estar se jogando em cima dele há *semanas* não significasse que ela tinha certeza do que queria. Só faltava ele concordar, mas pelo visto, os hormônios *dele* não eram tão descontrolados como os seus.

– Eu já deixei bem claro o que quero – ela comentou, olhando com malícia – e *sei* que você também quer. Estou sentada sobre a evidência, por falar nisso.

Foi a vez dele revirar os olhos.

– Não tenho controle sobre a resposta de meu corpo enquanto humano, quando se trata de você – ele replicou, sem negar a afirmação dela – mas posso controlar minhas ações, e impedir que façamos algo do qual você possa vir a se arrepender no futuro.

Ela bufou, começando a se irritar com o rumo que aquela conversa tomava, mas ele depositou beijos em seu pescoço para distraí-la.

– Se você diz... – ela pensou por um instante, tentando se concentrar – mas acho que vou passar a dormir *apenas* de calcinha. Sabe como é, caso você mude de ideia, se me visitar de novo pela madrugada.

A risada dele saiu abafada, e ele afastou o rosto para encará-la.

– Você é inacreditável – ele constatou, meneando a cabeça.

– O que? Você é o único cismado com minha virtude – ela deu de ombros – eu já estou querendo me livrar dela desde o momento em que conheci você.

Morgan a olhou com uma sobrancelha levantada.

– “Sr. calcinha molhada”? – ele citou, lembrando de que ela se referiu a ele assim semanas atrás.

– Isso mesmo, camarada – ela respondeu, um sorriso enorme nos lábios – não dá pra evitar.

Também sorrindo, ele a beijou, achando cada vez mais difícil resistir a ela. Havia sido honesto nesse ponto: não era falta de desejo. De fato, era quase impossível se conter quando a tinha em seus braços, mas usava de todo seu autocontrole para se impedir de avançar demais. Cordélia *era* mais nova do que ele, e por tudo o que sabia dela – e era muito, considerando que a vigiou nos últimos anos –, ainda era *intocada*.

Por mais que ela dificultasse o seu controle, sempre tentando ter *mais*, não podia se deixar levar – não quando ela sequer tinha conhecimento sobre determinados assuntos que impactavam diretamente o envolvimento deles. Se, depois de saber, ela ainda insistisse... Não tinha certeza de que seria capaz de se controlar. Era homem, afinal, e Cordélia era extremamente atraente, fisicamente falando; aliado aos sentimentos que nutria por ela, duvidava que fosse conseguir se conter por muito mais tempo, com ela pressionando tanto.

– Agora estou curiosa – ela afastou os lábios dos dele – até quando você... *esperou*?

Morgan deveria ter previsto que aquela pergunta viria, considerando o assunto levantado. Começou a morder o pescoço dela, tentando distraí-la de sua resposta, sendo bem-sucedido em fazê-la arfar com o gesto.

– Ainda estou esperando, na verdade.

Sentiu o corpo dela paralisar devido ao choque. Lentamente ela se afastou o suficiente para olhá-lo, e seu rosto trazia uma expressão completamente perplexa.

– Você... Quero dizer... você nunca...

As palavras simplesmente não saíam, tamanha a surpresa com a informação.

– Se você está tentando perguntar se eu já avancei sexualmente com alguma sereia ou humana... – ele comentou, em tom leve, enquanto colocava uma mecha do cabelo dela para trás da orelha – a resposta é “não”.

Pisca, pisca, pisca. A expressão dela estava paralisada na surpresa, e Morgan começou a se preocupar com aquela reação.

– Princesa...

– Me dê alguns segundos – ela pediu, fechando os olhos – estou tentando... entender.

Ele aguardou pacientemente, agora que ela pedira. Viu ela inspirar fundo, sacudindo a cabeça, como se tentasse afastar alguns pensamentos. Definitivamente, uma reação exagerada para algo tão simples.

– Não me entenda mal, mas... Como isso aconteceu? – ela finalmente perguntou – quero dizer... Eu fico feliz em saber que, hum, experimentaríamos juntos, mas... Olhe para você – seu tom continuava perplexo – você é... Sei lá, a representação de um deus grego na forma humana. Como... – ela inspirou fundo novamente – garotos humanos já experimentam por volta dos quinze anos, e você tem vinte e quatro – afirmou, por fim.

Ela não o olhou enquanto falava, e quando finalmente o fez, viu o brilho divertido no olhar dele.

– Tem *muitos* furos nessa sua lógica – ele replicou.

*Agora* ela estava se sentindo meio boba por sua reação, mas não dava para voltar atrás.

– Esclareça – pediu, secamente.

Parecendo se controlar para não rir abertamente, Morgan se manteve em silêncio por alguns instantes, antes de se pronunciar.

– Primeiro, tritões só tomam a forma humana aos dezoito anos. Antes disso, é impossível realizarmos qualquer ato – ele começou a listar – segundo, como eu disse anteriormente, nós temos trezentos anos de vida. Com isso em mente... Nós temos uma perspectiva *bem* diferente – ele comentou, uma sobrancelha levantada – em sua lógica, um garoto humano, aos quinze anos, já experimentou

alguma atividade de cunho sexual. Mas a média da vida humana é de sessenta anos, e quinze é um quarto desse valor. Se seguirmos a sua lógica... – ele agora sorria descaradamente – a idade para experimentar qualquer atividade seria de setenta e cinco anos.

Cordélia o olhou tão assombrada com aquela afirmação, que ele teve que morder a parte interna da bochecha para evitar gargalhar, tamanha a graça. Ela ainda permaneceu vários segundos apenas o olhando perplexa, antes de finalmente dizer algo.

– Morgan... Eu provavelmente vou te amarrar na cama até que você queira fazer algo, muito antes disso – ela disse por fim.

Ele puxou o ar, o humor se esvaindo e sendo substituído por outro sentimento. Ela podia estar apenas brincando, mas... A ideia subitamente pareceu muito tentadora.

– Eu *não* vou esperar até depois dos *setenta anos* – ela continuou, convicta – e se você pensa que...

Ele a calou com um beijo, uma forma efetiva de fazê-la esquecer até mesmo o próprio nome.

– Eu *não* estou dizendo para aguardar esse tempo – ele sussurrou, mal afastando os lábios dos dela – só... para que pense bem antes de tomar essa decisão. Com tantos anos pela frente... O arrependimento também pode assombrá-la.

Cordélia duvidava disso, em cada célula de seu ser. Ainda que pudesse considerar que por algum motivo não amasse mais a ele em algum ponto... *Jamais* se arrependeria. Querendo ou não, ele era seu primeiro amor – e com sorte, o *único*, em uma vida muito mais longa do que imaginava ter. As sensações que seu corpo sentia quando estava perto dele, os sentimentos que borbulhavam dentro dela por simplesmente ser *ele* a estar ali... Não conseguia imaginar sentindo aquilo por mais ninguém.

Desde o primeiro olhar, era *ele*. Desde o primeiro momento, não conseguia tirá-lo de sua mente, quando praticamente não o conhecia. Não tinha como ser algo passageiro, certo...? Tinha que ser algo duradouro, tinha que ser...

*Destino*. A palavra lhe veio em mente, e automaticamente lembrou da conversa que tivera com seu pai no dia de seu aniversário, quando ele contou mais sobre sua mãe.

– Acredite no destino – sussurrou.

Foi a vez de Morgan paralisar em seu lugar, surpreso com o que acabara de

ouvir.

– Onde... Onde ouviu isso? – ele perguntou, em um fio de voz.

– Meu pai disse que minha mãe costumava falar muito essa frase – Cordélia comentou, pensativa – eu não acreditava, mas...

As mãos dela passearam do pescoço para o peitoral dele, se sentindo tímida de repente. *Era a hora*. Assumiria, nem que fosse um pouco, daquele sentimento que borbulhava dentro de si.

– Eu meio que acredito agora – sussurrou, mal sendo ouvida – o que sinto por você... – um riso nervoso – eu acho... não, tenho *certeza*... – mordeu o lábio inferior, abaixando o olhar e o observando pelo canto do olho – eu estou apaixonada por você.

Esperou, em silêncio. Vários segundos se passaram, e quando não aguentou mais, levantou o olhar, vendo como a expressão surpresa de Morgan estava paralisada no lugar. *Droga*.

– Não é nada demais – completou, apressadamente – não estou te cobrando nada. Sei que você não deve sentir o mesmo, mas...

Naquele instante, ele pareceu recobrar suas capacidades, pois o olhar dele encontrou o seu, a fazendo se calar.

– Se eu não sinto o mesmo...? – ele pareceu murmurar consigo mesmo, atônito – Princesa, eu a *amo*, com todo o meu ser.

*Tum dum*. O coração de Cordélia parou de bater momentaneamente, antes de voltar a disparar em um ritmo frenético.

– Eu fui egoísta – Morgan continuou, acariciando o rosto dela – jamais deveria ter me deixado levar pelo que sentia por você, mas... Foi impossível de me conter – ele fez uma pausa, um olhar tão intenso que ela sequer conseguia desviar – tantos anos a desejando... Mesmo sabendo que não poderia, eu... Assumi o risco – a tristeza agora permeava seu olhar – se eu fosse o único a sofrer, então... Então não haveria problema.

Vários segundos se passaram, seus olhares presos um no outro, como se fosse difícil para ambos absorver o que acabara de ser dito. E quando Cordélia finalmente *compreendeu*, quando se deu conta do que ele acabara de dizer... O puxou para um beijo desesperado, cheio daquela *intensidade* que os envolvia. *Ele a amava*. Pelos céus, *ele a amava*! Queria gritar em alto e bom som, queria dançar que nem idiota ao redor do quarto, queria rir como se não houvesse amanhã, queria...

Afastou o rosto, um sorriso provavelmente muito bobo em seus lábios, além

de um olhar sonhador na face.

– Você me ama – sussurrou.

– Eu amo – ele respondeu prontamente, a mão ainda em seu rosto – mas, Princesa...

– Não! – ela o interrompeu, sua voz se elevando, antes de voltar a um tom normal – sem “mas”. Só... – o sorriso bobo voltou a surgir – diga isso novamente.

Ele sorriu em resposta.

– Eu amo você – ele sussurrou, sem quebrar o contato virtual.

A vontade de dançar aleatoriamente voltou com força total.

– Eu amo você também – ela finalmente respondeu.

Vários instantes se passaram, os dois sorrindo bobamente, sem conseguirem interromper aquele olhar. E no momento seguinte, voltaram a se beijar, aquele sentimento cada vez mais forte envolvendo a ambos.

\*\*\*\*\*

– O que você quis dizer com “tantos anos me desejando”? – perguntou.

De alguma forma, haviam deitado parcialmente na cama, os corpos de lado e as pernas entrelaçadas, um de frente para o outro. Não faziam ideia de quanto tempo havia passado, entre beijos intensos e delicados; como sempre, Morgan interrompeu antes que avançassem mais, e agora, se encaravam, dando continuidade à conversa anterior.

– Isso é algo do qual eu preferia não conversar agora – ele respondeu, olhando para suas mãos entrelaçadas – até porque estou com a impressão de que você está desviando do motivo principal da minha presença aqui.

Semicerrando os olhos, ela se sentou, e em um movimento ficou de joelhos por cima dele, uma perna de cada lado do seu corpo.

– Primeiro, você não pode jogar uma bomba dessas e não falar nada a respeito – ela listou, levantando a mão para a contagem – segundo, você me deixou curiosa com muitas das coisas que falou...

– Você está sempre curiosa – ele murmurou.

– E terceiro... – ela ignorou seu comentário – não acho que você entendeu o que eu quis dizer com “amo você”.

Ele franziu o cenho, a olhando confuso.

– Como assim?

Com um meio sorriso, ela se inclinou sobre ele, mas sem beijá-lo. Ele a provocava *tanto*, que talvez estivesse na hora de retornar o favor. Mordiscou seu lábio inferior, deslizando a língua em seguida, e Morgan estremeceu com o gesto. Bem devagar, depositou leves beijos por todo seu maxilar, até sua orelha, e podia sentir o corpo dele completamente tensionado embaixo dela.

– Se eu disse que te amo... – ela sussurrou em seu ouvido – é porque nada do que disser vai fazer com que eu fique longe de você.

As mãos dele apertaram suas coxas. Sorrindo internamente, Cordélia voltou para seus lábios, onde pretendia continuar com a provocação. A reação de Morgan, contudo, foi diferente do que previra: ele a puxou para si, unindo suas bocas em um beijo intenso, como se ele tivesse perdido o controle momentaneamente.

*Infelizmente*, havia sido realmente um lapso. Com seu sangue fervendo e a pele inteira sensível, Morgan se afastou ofegante e fechou os olhos, parecendo se focar em – *novamente* – não dar continuidade. Cordélia estava achando que, algum dia, precisaria seguir com sua ameaça e amarrá-lo à cama para avançarem mais do que aquilo.

Deixando que ele recuperasse seu maldito autocontrole, pensou em tudo que já haviam conversado aquela noite – em especial, quando voltaram do mar. Ele dissera que queria pertencer a ela, mas que ela precisava conhecer sobre alguns assuntos antes; talvez fosse isso. Enquanto ele não colocasse aquele impedimento para fora – e tivesse confirmação de que ela não se importava nem um pouco –, ele não se deixaria avançar mais.

Suspirando, ela saiu de cima dele, sentando ao seu lado com as pernas cruzadas. Apoiou o queixo na mão, observando seu perfil; era tão lindo que chegava a *doer*. Queria acariciar cada pedaço de sua pele, e sentia um desejo quase incontrolável de seguir o gesto usando a boca – em especial, nos músculos definidos que ele tinha na barriga. Se ele já achava que ela era dominada por seus desejos físicos, ficaria espantado se soubesse tudo o que passava em sua mente naquele momento.

– Certo, vamos conversar daquilo que você acha importante eu saber – ela declarou, após vários segundos em silêncio – mas antes, responda à minha pergunta.

Ele abriu os olhos, ainda com as costas deitadas na cama, e virou o rosto lentamente em direção a ela.



– Podemos deixar essa resposta para outro dia?

Por mais que a curiosidade a estivesse matando naquele momento, pensando no que ele quis dizer com a desejar por tantos anos, achou que ele merecia um desconto; até porque outra pergunta havia surgido em sua mente para substituir a original. Quando um sorriso malicioso apareceu em seus lábios, seu guardião percebeu que havia cometido um erro enorme.

– Tudo bem... Me responda outra, então – tentou usar seu tom mais inocente – como sereias e tritões fazem sexo?

Morgan gargalhou, e imediatamente levou a mão à boca, para que o som não saísse muito alto. Estavam tão presos um no outro na última hora, que quase havia se esquecido que Henri dormia no final do corredor.

Ainda tentando interromper o riso, pensou no que responder. Deveria ter adivinhado que Cordélia faria uma pergunta como aquelas; para uma garota intocada, ela não era exatamente tímida em relação à assuntos que muitos achariam desconfortáveis de se conversar.

– Você é o único culpado por essa curiosidade – ela esclareceu, observando a reação dele – quando disse que tritões não podem fazer nada até atingirem a forma humana aos dezoito anos, fiquei pensando se a... *mecânica* da coisa é igual.

Ele a encarou divertido por vários segundos, antes de desviar o olhar.

– É a mesma – ele confirmou – a diferença é que nossas guelras permanecem funcionais enquanto estamos embaixo d’água.

*Hum...* Cordélia ficou imaginando as vantagens de assumir a forma humana dentro do mar, mas ainda respirando. Os movimentos seriam diferentes, considerando a resistência da água, e ela teria maior flexibilidade para...

Seu olhar encontrou o dele, que a encarava com malícia.

– Sua expressão denuncia o que está pensando, Princesa.

– Uma garota pode sonhar. Ou, no caso, planejar o futuro.

Com um novo riso, ele se sentou e, imitando-a, cruzou as pernas, ficando de frente para ela. Entrelaçou suas mãos, enquanto meneava a cabeça.

– Você não tem jeito.

– Venho dizendo o que quero, mas você não me ouve – ela respondeu, franzindo o cenho – começo a achar que não sou tão atraente para você, da forma que você é para mim.

Ele a observou com os olhos semicerrados. Depois, soltou suas mãos, e deslizou uma delas pelas coxas da garota, causando um arrepio automático por

toda a extensão.

– Você tem pernas tão belas – ele sussurrou, ainda olhando para o membro em questão – bem torneadas e macias... Com a pele sedosa ao toque...

Inconscientemente, Cordélia as descruzou, estendendo a que ele tocava.

– Ballet e dança contemporânea desde a infância – ela comentou com voz engasgada; o toque dele estava deixando sua respiração acelerada – Você tem algum fetiche específico por pernas?

Observou a expressão divertida que surgiu em sua face.

– Princesa... Tritões não veem pernas femininas com frequência – ele respondeu, o riso presente em sua voz – só em situações mais... *íntimas*.

Levou alguns segundos para ela entender o que Morgan dissera, e quando o fez, foi impossível controlar a risada que saiu. Fazia sentido; como uma sereia vivia com sua cauda, e não havia necessidade da forma humana no mar, se ela transmutasse para suas pernas... Bem, é porque as estaria usando para *alguma coisa*.

– Então, todo esse tempo... – ela arfou quando os dedos dele deslizaram coxa acima – eu meio que sou um grande anúncio sensual para você?

O olhar dele era tão intenso que ela achou que entraria em combustão espontânea naquele instante.

– Você não faz ideia do esforço para me controlar – ele murmurou, a mão parando em sua cintura – e ver suas pernas noite e dia, no mundo humano, não facilita em nada.

– Vou me lembrar disso – respondeu, em um fio de voz.

Sem resistir, se apoiou nos braços dele para se içar até seu colo, uma perna de cada lado, apoiada nos joelhos. Seu corpo inteiro fervia, implorando por alívio, qualquer que fosse; após tantas provocações naquela noite, sua mente estava completamente nublada pelo desejo enquanto o beijava, e se não fizesse alguma coisa naquele instante, enlouqueceria.

Situações drásticas pedem medidas igualmente drásticas. Sem que ele esperasse, em um movimento rápido Cordélia tirou a blusa do pijama, ficando nua da cintura para cima, ainda sentada em seu colo. Ele arfou ao vê-la, e sem dar tempo para que ele inventasse uma desculpa para parar naquele instante, voltou a beijá-lo. Quando suas peles se tocaram, um gemido incontrolável surgiu no fundo de sua garganta, seu coração batendo tão veloz que achou que poderia desmaiar.

Ela não sabia o que buscava, só que parecia que ia explodir por dentro, com a

excitação crescendo cada vez mais dentro de si, e parecia impossível de aguentar.

– Por favor...

A respiração entrecortada, ouvia sons que não reconhecia, como pequenos ganidos, enquanto Morgan descia os lábios por seu pescoço. Só então percebeu que ela própria fazia aqueles sons, em um desespero tão brutal que não conseguia controlar. Com as mãos dele subindo e descendo por sua cintura, em contato direto com sua pele, achou que poderia desmaiar se não descarregasse aquelas sensações.

*Tão perto...* Não precisou de muito. Era Morgan, afinal, e estavam em provocações há semanas – com um acúmulo em seus sentidos naquela noite. Era o seu limite, e com poucos toques por parte dele, seu corpo inteiro estremeceu, uma explosão ocorrendo dentro de si. Segurou o cabelo dele com força, um gemido silencioso em sua boca entreaberta, enquanto tentava sobreviver a sensações tão potentes como nunca sentira em toda sua vida.

Não soube dizer quanto tempo passou, pois tudo ao redor parecia ter parado. Permaneceu em seu colo, sua testa encostada no ombro dele enquanto tentava acalmar a própria respiração ofegante. Quando tomou consciência e tentou sair daquela posição, ele segurou sua cintura firmemente, a mantendo no lugar.

– Não se mova – ele murmurou – só... me dê um minuto.

Só agora Cordélia parara para pensar no quanto havia sido egoísta. Se sentindo envergonhada por ter se aproveitado dele assim, não pôde deixar de comentar.

– Você... hum... Quer que eu faça algo por você...?

Não seria nenhum sacrifício, realmente. Na verdade, só de pensar a respeito ela sentiu a excitação voltar a correr por seu sangue. O corpo dele inteiro tensionou ao ouvir a oferta, e ele exalou o ar lentamente.

– Estou bem. Só... Preciso de um momento.

Ela assentiu, tentando respeitar o desejo dele. *Uma pena...* Estava gostando da ideia de experimentar sensações que não conhecia – e explorar o corpo masculino seria uma aventura e tanto. Continuaram em silêncio por um bom tempo, e ela se moveu apenas para vestir novamente sua blusa.

O vestuário pareceu ter ajudado. Mais poucos minutos, e Morgan suspirou, a levantando pela cintura e a depositando deitada na cama. De repente, a noite parecia ter sido demais para Cordélia, pois um cansaço repentino a abateu, e tentou controlar o bocejo que quis sair, colocando a mão na frente da boca.

O gesto não enganou seu guardião. Vendo como ela parecia relaxada, achou que era melhor que descansasse; até porque aquela tarde havia exigido muito dela, com as visitas ao recife, e ela deveria estar exausta.

– Durma, Princesa – ele murmurou, depositando um beijo em sua testa – poderemos conversar quando acordar.

Os olhos dela já estavam fechando, sem que ela percebesse. Teria ele cantado aquela música enfeitiçada? *Não...* Era simplesmente a sensação de que estava tudo *certo*; bastava ele estar ali, com ela, e sua mente aceitou se desligar.

– Chegamos à terceira base... – ela sussurrou, em um fio de voz.

Momentos depois, estava embalada em um sono sem sonhos ou pesadelos para incomodá-la. Morgan a olhou carinhosamente antes de dar as costas e ir em direção à janela, ainda sem fazer ideia de porque sua protegida tinha uma fixação tão grande por aquelas tais “bases”.



capítulo 10

## O peso das tradições

JÁ ERA QUASE MEIO do dia quando Morgan decidiu que Cordélia já havia dormido demais. Deixara que ela continuasse na cama não só porque merecia um descanso, como também porque só havia fechado os olhos em algum ponto no meio da madrugada, por conta da conversa entre eles.

Conversa esta que não chegou ao assunto principal... E que o corroía por dentro. Ela *precisava* saber, antes de continuar com aqueles avanços que já o estavam enlouquecendo. Noite passada ele esteve a um milímetro de ignorar por completo o seu lado racional e se deixar levar apenas pelos sentimentos; havia sido por pouco, e não podia negar que tê-la em seus braços, completamente entregue, havia deixado um outro tipo de satisfação dentro de si, quase primitiva. *Ela era dele*. Queria afirmar isso pelos oceanos, mas sabia que não podia; nem agora, e nem no futuro. E Cordélia *precisava saber*.

A observou dormir serenamente por mais alguns minutos, seu coração se aquecendo com a visão. A amava tanto que seu coração doía, e seria capaz de fazer qualquer coisa para deixá-la feliz. Se ela não o quisesse mais, aguentaria as consequências e sofreria em silêncio, morrendo por dentro um dia de cada vez. Mas se ainda o quisesse... Se ela realmente o amasse, como afirmou naquela noite... Estaria ao seu lado enquanto lhe fosse permitido.

Pulou a janela silenciosamente, se sentando na beirada de sua cama. Delicadamente, afastou uma mecha de seu cabelo do rosto, observando aquela face tão perfeita quanto a mais bela das ninfas já retratadas. Ela o havia acusado de ser a representação de um deus grego na forma humana, mas parecia que não via a si própria: não apenas entre humanos, mas também entre o povo do mar,

sua aparência se destacaria como nenhuma outra.

– Princesa... Hora de acordar.

Ela se remexeu na cama, despertando aos poucos. Piscou algumas vezes, e quando focalizou *quem* a acordava, um sorriso surgiu automaticamente em seus lábios.

– Bom dia...

Morgan retornou o sorriso, ainda acariciando seu cabelo, e estranhou quando viu ela franzir o cenho.

– Eu não sonhei com a noite passada... Sonhei?

Por um momento, ele pensou em mentir, nem que fosse para provocá-la. Mas havia algo de tão *vulnerável* nela... Se lembrou de seu olhar despedaçado nos últimos dias, e de sua reação no coral; não queria fazer mais nada que lhe trouxesse dor, e optou pela honestidade.

– Se for quanto ao fato de eu amá-la com todo o meu ser... Então não, não foi um sonho.

Um novo sorriso, maior ainda, tomou o rosto dela, e ele se viu encantado com a felicidade tão pura que ela demonstrava por saber que era amada por ele. Diria a ela a cada momento do dia, se fosse necessário para vê-la assim.

Ela mudou de posição, se espreguiçando, e a coberta subiu, deixando suas pernas à mostra. Morgan engoliu em seco, sentindo o próprio corpo responder; precisava sair dali antes que agisse de forma imprudente.

– Levante e se prepare para sairmos – ele pediu, já se afastando da cama – ainda temos muito o que conversar hoje.

Dando privacidade para que ela seguisse sua rotina matinal – vivendo como humana, ela perdia um bom tempo para se aprontar de manhã –, ele pulou a janela, voltando para mar. Era hora de usar a porta da frente para entrar na casa, para variar.

\*\*\*\*\*

Suspirando, Cordélia levantou para aquele novo dia, um humor muito diferente do anterior. Parecia que tinha se passado séculos entre achar que Morgan não se importava com ela, ou que não sabia o que sentia por ele. Mas de forma tão simples quanto respirar – fosse ar ou dentro d’água –, seu mundo parecia ter entrado nos eixos por descobrir que o amava e era correspondida,

como se fosse assim desde *sempre*. Mesmo aquela prometida conversa não estragaria a felicidade que sentia, e foi quase saltitante para o banheiro, onde tomou um banho rápido para despertar.

Se arrumou já esperando ir para o mar dali a pouco, com o biquini por baixo de um short e camiseta. Passou pela sala em direção à cozinha, e avistou seu pai sentado na sua poltrona favorita, assistindo televisão. Seu guardião – infelizmente, usando uma blusa –, estava em pé ao lado dele, observando a tela atentamente.

– Bom dia! – falou aos dois.

Olhou para a louça suja na pia, e começou a lavá-la, antes de fazer uma omelete. Da sua posição, podia avistar ambos concentrados no televisor, e sua curiosidade logo se atiou.

– O que vocês estão fazendo? – não resistiu em perguntar, enquanto ensaboava um copo.

– Está passando uma reprise do jogo do Red Sox<sup>[1]</sup> – seu pai respondeu – e Morgan ficou interessado em aprender sobre beisebol.

O copo escorregou de sua mão, por sorte não quebrando ao bater no fundo da pia. Olhou perplexa para eles, e viu como seu guardião estava franzindo o cenho.

– Eu ainda não entendi as bases – ele falava com Henri – o que significa chegar na terceira?

– Bem, isso depende de...

Henri foi interrompido com um jato de água que acertou Morgan, respingando nele. Os dois olharam atônitos para a cozinha, onde Cordélia fingia que nada havia acontecido, concentrada na louça. Precisava ter uma conversa *séria* com seu guardião sobre o que podia *ou não* perguntar a seu pai.

– Princesa... O que foi isso? – ele franziu o cenho, enquanto controlava a água e a fazia flutuar ao seu redor.

– Você estava desidratado – respondeu, em tom inocente.

Confuso, ele continuou movendo a água que o acertara, passando a olhar sua protegida de forma calculista. Quando lançou de volta o jato, ela estava preparada, levantando a mão e o parando antes que a acertasse. Um sorriso vitorioso surgiu em sua face.

– Você não vai querer ter essa batalha comigo, *camarada* – ela afirmou, mantendo a água flutuando – melhorei muito meu controle nos últimos tempos.

Um sorriso confiante surgiu na face de seu guardião.

– Me mostre.

Henri olhou de um para o outro, se levantando.

– Crianças... Sem destruição da casa.

Os dois o ignoraram, ainda se encarando e esperando o primeiro movimento. Quando Cordélia lançou a quantidade que tinha em mãos, Morgan estava pronto, fazendo retornar para ela; mas não estava preparado para o fluxo forte que veio em seguida, o acertando em cheio e o encharcando; a garota havia aberto a torneira da pia, e agora direcionava para ele.

Com um movimento, ele criou uma barreira com parte da água, direcionando a outra de volta para ela, que também controlou para evitar ser acertada. Os dois pareciam realizar uma dança, a água indo e voltando de um para o outro com o leve movimento de suas mãos e corpos. Henri olhava maravilhado, sem encontrar palavras para expressar o que via naquele momento; estava além de sua compreensão como humano visualizar algo tão incrível acontecendo em sua própria sala.

O problema é que a torneira ainda estava aberta, e sereia e tritão disputavam o controle da água que passava por ela, tentando acertar o adversário. Em dado momento, a pressão foi tão grande que o cano estourou, explodindo água por toda a cozinha. Cordélia exclamou, sendo encharcada pela água que espirrava, sem conseguir controlá-la. Seu pai e Morgan correram até ela no mesmo tempo, e em instantes os três estavam encharcados tentando segurar aquele vazamento.

Cordélia olhou para os dois, e um riso brotou em sua garganta. No instante seguinte, estava gargalhando, ainda sendo atingida pela água, e eles acabaram a acompanhando. Somente com uma sereia e um tritão embaixo do mesmo teto um incidente cômico como aquele poderia acontecer.

– Vocês dois estão proibidos de brincar com a água em casa – Henri tentava passar sermão, ainda rindo – o seguro não cobre incidentes causados por sereias.

– Ele que começou – Cordélia replicou, apontando para seu guardião, que revirou os olhos.

Henri ainda tentava fechar o vazamento, com a ajuda de Morgan, quando ouviram a campainha tocar. Não esperando ninguém em um domingo, a garota foi atender a porta, deixando os dois homens se virarem com a torneira. Mal teve tempo de registrar sua surpresa ao abrir, pois Nathalie já passava pelo portal, disparando em sua fala sem pausar para respirar.

– Ok, você não atende meus telefonemas e nem responde minhas mensagens, e eu fiquei preocupada porque você estava estranha na sexta-feira, e... *O que aconteceu com você?*



A morena a olhou confusa, só então percebendo que Cordélia estava encharcada da cabeça aos pés.

– Problemas de encanamento – respondeu simplesmente.

Antes que a amiga pudesse perguntar mais, Henri surgiu no batente da cozinha.

– Ah, Nathalie, querida. Bom revê-la.

– Bom dia, Sr. Dolphin – ela respondeu – desculpe incomodá-lo. É que a Délia esqueceu o que significa usar um celular.

Henri riu sem graça, já sabendo que sua filha vivia basicamente sem tecnologia, considerando o tempo que passava no oceano. Ia fazer algum comentário sobre ela estar se tornando *hippie*, quando Morgan também surgiu no portal, olhando curioso para a visitante.

– Wow! Não sabia que seu namorado estava aqui – Nathalie comentou, olhando sem graça para a ruiva – eu não estou interrompendo um almoço em família ou algo assim, né?

Silêncio. Dava para ouvir o som de uma goteira na cozinha, considerando que os presentes pareciam ter parado de respirar. Morgan olhou para cima, e Cordélia arregalou os olhos para a amiga, que só então percebeu que falara algo que não devia.

– Namorado, é...? – Henri perguntou, a voz *leve demais*, enquanto coçava a barba – estou supondo que tem algum motivo para se referir a ele assim.

– Err...

Nathalie olhou perdida para Cordélia, que resolveu tomar alguma ação. Pegou a mão da amiga e, olhando sorridente para o pai, se pronunciou.

– Vou comer algo com a Nathy, volto daqui a pouco.

Empurrou a morena em direção à porta, acenando. Já a estava fechando, quando se lembrou.

– Ah, e Morgan... – se deparou com o olhar perplexo dele – lembre-se: você é o *guerreiro dos mares*.

Sem ficar para ver o resultado, saiu de fininho e deixou que seu guardião se virasse com a situação. Afinal, o dever dele era protegê-la... E isso incluía lidar com seu pai naquele momento.

\*\*\*\*\*

– Me desculpa!

Cordélia perdeu as contas de quantas vezes sua amiga já havia se desculpado no pequeno trecho que caminharam até um quiosque próximo da praia. Se não fosse pelo fato de ela ainda estar completamente molhada – e não podia usar seus poderes para se secar –, teriam ido para uma lanchonete com mais opções, mas não era ela que iria reclamar.

– Está tudo bem, Nathy, mesmo – falou, enquanto se sentava próxima ao balcão e pedia um salgado – ele descobriria de qualquer forma, em algum momento.

*Mas não era para ser agora.* Não diria isso para sua amiga, mas estava preocupada; seu relacionamento com Morgan acabara de passar por uma turbulência, pulando para uma declaração de amor... E sequer haviam definido se eram namorados de verdade ou não, mantendo aquela fachada somente na sociedade humana, sendo ainda “princesa” e “guardião” para os efeitos reais. Havia aquela conversa que ainda não tiveram, e que aparentemente era a base da reticência de Morgan... E ela acabara de deixá-lo para se virar sozinho com seu pai.

Engoliu em seco, a culpa a deixando envergonhada. Para alguém que governaria um povo em algum momento do futuro, havia agido de forma muito covarde nos últimos minutos. Mas não dava para evitar: era *seu pai*. Enfrentá-lo por algo que omitira intencionalmente causaria medo até no mais corajosos dos guerreiros.

– Mas, sério, como eu ia adivinhar que você estava escondendo seu namoro? – Nathalie comentou, em tom surpreso – você mesmo me diz que passa a maior parte das tardes com ele, e eu pensei...

– É, não foi planejado – a ruiva deu de ombros – eu e Morgan só... deixamos as coisas acontecerem entre a gente, e eu meio que, hum, não tive a intenção de esconder do meu pai.

Meia verdade. Sabia que seu pai passaria a ficar desconfiado do tempo que passava *treinando* com seu guardião, de agora em diante, mas paciência. Não era como se ele pudesse vigiá-la quando estivesse no mar com ele; e, em algum momento, seriam só os dois, princesa e guardião, bem longe do mundo humano por um bom tempo, ao que tudo indicava.

– Então... Posso supor que vocês resolveram seja lá o problema que tiveram antes – Nathalie a observou – na sexta você dois pareciam... Distantes.

A mente de Cordélia não queria voltar *lá*, naquele momento onde uma única frase havia destruído o mundo que conhecia, por isso, só assentiu.

– Sim, nós nos acertamos – um sorrisinho bobo surgiu em seu rosto, lembrando da noite anterior – ele disse que me ama – completou, em um sussurro.

– O quê? – Nathalie a olhou, sorridente – me conta tudo!

Dando mais uma mordida em seu salgado, Cordélia não resistiu em compartilhar sua felicidade, ainda que tivesse que alterar um pouco alguns detalhes.

\*\*\*\*\*

*Naquele mesmo momento...*

– Então... Tem algo que eu deva saber?

Que ele devesse ter conhecimento, definitivamente não. Mas Morgan não poderia destratar o pai de sua futura Rainha e protegida, por mais que, como ela, estivesse com vontade de dar as costas e fugir dali. No entanto, como Cordélia bem o lembrara, ele era um *guerreiro*; nunca se acovardava perante qualquer situação.

– Henri...

– Estou tentando entender aqui – Henri desabafou, andando de um lado para o outro – você deveria *protegê-la*, e não se aproveitar dela.

Morgan tensionou, sua expressão se tornando fria.

– Não é assim.

– Não? – o pai parecia cada vez mais irritado, e parou de se mover – você me ajudou a trocar as fraldas dela, pelos céus! Achei que deveria me preocupar menos sabendo que ela tinha você por perto, e não *mais*.

– Protegê-la não significa controlar a vida dela – respondeu secamente – não interfiro em suas escolhas, mas estarei presente para apoiá-la no que precisar.

– Apoiá-la como *namorado*? – a palavra saíra em tom ácido – se aproveitando da inocência e ingenuidade de minha filha enquanto a ensina como ser uma sereia?

Sorte que Morgan passou a vida treinando para ter uma expressão ilegível quando precisasse, pois quase soltou uma gargalhada involuntária. Estava ali, sendo acusado de se *aproveitar* de sua protegida, quando vinha sendo molestado por ela desde o primeiro momento em que surgiu em sua vida. Não que ele fosse reclamar; gostava de cada momento em que Cordélia praticamente o atacava. Só não poderia dizer isso para o pai dela, *obviamente*.

– Deixe-me ser claro sobre algo, Henri – se pronunciou, em tom sério – eu, mais do que ninguém, não devo satisfações a qualquer ser que não à minha protegida e futura Rainha.

Henri se empertigou, pronto para dizer algo, mas Morgan o cortou.

– Contudo, o respeito por ser o progenitor de minha soberana, e por ter cuidado dela por todos esses anos, mesmo sabendo que um dia a perderia para que ela ocupasse seu lugar de direito – continuou – e somente por isso me darei ao trabalho de esclarecer alguns pontos com você.

Ele inspirou fundo, enquanto Henri o encarava completamente chocado.

– Eu a amo. Estarei ao lado dela para o que precisar, e enquanto ela me quiser, eu serei dela, de corpo e alma – seu tom de voz não deixava margens para dúvidas – não importa o que aconteça, nunca deixarei de protegê-la, e darei minha vida de bom grado se isso for necessário. Ela é o meu mundo, e eu existo somente por ela.

Henri engoliu em seco, e permaneceu em silêncio por vários segundos, tentando absorver o que o tritão havia dito.

– Isso não é... Muito saudável – finalmente comentou.

Morgan não se importou com a observação. Há muito tempo já havia decidido que tipo de vida levaria, considerando a opção que lhe havia sido apresentada. E quando aquele sentimento surgiu, pareceu simplesmente inevitável o rumo que tomaria.

– Como guardião, é minha função dar minha vida para mantê-la em segurança – replicou – amá-la só faz com que eu faça isso com um sorriso no rosto.

Vários minutos se passaram sem que Henri conseguisse pensar em algo para argumentar. Após a chocante revelação da amiga de sua filha – que, francamente, ele deveria ao menos ter *desconfiado* –, estava preparado para passar o maior sermão tanto no tritão quanto em sua menina. Mas depois daquele discurso... O que mais poderia dizer?

Sempre soube que não teria sua filha para sempre; que não a veria cursar uma faculdade, se casar ou mesmo ter netos. Se preocupava que ela, como Rainha, teria pessoas em quem confiar ao redor, se não se sentiria solitária... E sempre acalmou esses pensamentos ao lembrar da existência de Morgan, a quem Corália indicou pessoalmente para ser seu guardião.

Mudava algo saber que ele e sua filha poderiam estar envolvidos...? Que o mesmo rapaz que dedicara sua vida inteira a ela também a amasse...? Aquelas perguntas ainda se reviravam em sua mente, quando o tritão se pronunciou.

– Se me dá licença... Tenho uma lição muito importante a ensinar hoje – Morgan comentou, dando as costas e caminhando em direção à porta – sobre como não fugir de uma batalha.

Instantes depois, Henri foi deixado a sós com seus pensamentos, ainda completamente perdido em meio a todas aquelas revelações.

\*\*\*\*\*

– Estou tão feliz por você – Nathalie comentou, um sorriso resplandecente no rosto – sentir algo por alguém, e ser correspondida... É uma sensação maravilhosa.

Cordélia concordou mentalmente com sua amiga, dando um gole em seu suco.

– Eu só não esperava colocar esse sentimento à prova tão cedo – comentou, pensativa – acha que ele e meu pai estão bem?

O olhar de Nathalie vagou para trás da ruiva.

– Acho que você já vai descobrir.

Cordélia se virou, vendo o mesmo que sua amiga: Morgan caminhando em direção às duas, alheio a como o olhar das pessoas ao redor acompanhava cada passo que dava.

– E esta é minha deixa – Nathalie comentou, se levantando e deixando dinheiro sobre o balcão; com a pressa para sair de casa, Cordélia contou com a morena para pagar o café da manhã.

– Grande amiga você é – murmurou – se eu não der notícia em vinte e quatro horas, mande uma equipe de busca procurar meu corpo.

Nathalie mordeu o lábio inferior para se impedir de rir, Morgan finalmente alcançando. Ele parou a poucos metros, cruzando os braços e encarando a ruiva com uma sobrelheira levantada. Nathalie já estava alguns passos de distância, acenando.

– Te vejo amanhã! – se despediu.

Sereia e tritão se encararam por vários segundos, em completo silêncio. Seu guardião parecia esperar que ela dissesse *alguma coisa*.

– Então... Você ainda está vivo. Isso é um bom sinal – ela murmurou, e depois franziu o cenho – espera, meu pai também está?

Morgan revirou os olhos, ignorando a tentativa dela de fazer um comentário humorado.

– Você agiu de forma muito covarde – ele afirmou, secamente – esperava mais de você.

A vergonha voltou a inundar cada célula do corpo da garota.

– Eu sei – murmurou, olhando para o chão – mas é *meu pai*, Morgan. Fui geneticamente programada para ter mais medo dele do que de um exército inteiro.

Morgan bufou.

– Isso não é desculpa para fugir de sua responsabilidade, Princesa, e sabe disso. Você só adiou o inevitável. A menos... – ele franziu o cenho – a menos que você não estivesse planejando contar a respeito.

– Eu *ia* contar – ela se defendeu – em algum momento. Sabe, quando as coisas entre nós estivessem mais... Certas.

Ele a olhou atônito, a mágoa transparecendo em sua voz.

– Você não tem certeza do que sente em relação a mim.

– Não! Quero dizer, sim. Espera – ela bufou, confusa – isso não está fazendo sentido.

Ela se aproximou dele, passando os braços ao redor de sua cintura. Ele permaneceu sem se mover, esperando o que ela tinha a dizer; em sua mente, o pior quadro já se desenvolvia, e ele usava todo seu autocontrole para se manter com uma expressão ilegível.

– Eu amo você – ela murmurou, seu olhar se prendendo ao dele – e antes da noite passada, eu achava que você não sentia o mesmo.

Morgan sentiu o alívio percorrer seu corpo, a vergonha substituindo em seguida. Deveria aprender a confiar no sentimento que ela nutria, e não partir para o pior pressuposto sempre que assim parecesse.

– Mas você sabe agora – ele murmurou, finalmente deixando que seus braços também a envolvessem – não é o suficiente?

Ela baixou o olhar, e passou vários segundos apenas observando a gola de sua blusa.

– É...? – respondeu em tom indagativo – eu não sei. Você não respondeu se é ou não meu namorado.

– Ah.

Uma sensação desconfortável percorreu o corpo de Morgan. Ele devia uma resposta a ela, acompanhada de esclarecimentos. Mas antes que pudesse abrir a boca, pareceu finalmente perceber os murmurinhos à volta, nas vozes dos humanos que estavam passando por perto.

- *Acho que estão gravando alguma cena de romance.*
- *Tem certeza? Eu não reconheço os atores.*
- *Nem eu. Mas olhe para eles! Impossível não serem do cinema.*

Cordélia pareceu ter percebido no mesmo momento quanta atenção estavam chamando ali, em um domingo movimentado na praia de Tamarama, pois suspirou, se afastando dele.

- *Vamos sair daqui – pediu, estendendo sua mão.*

Sem dizer mais nada, os dois caminharam de mãos dadas para longe dos olhares curiosos, que ainda os acompanharam até que sumissem de vista.

\*\*\*\*\*

Após esconderem as blusas humanas embaixo de uma rocha no fundo do oceano, nadaram para longe da costa em silêncio. Quando achou que já estavam distantes o suficiente, Morgan reduziu a velocidade, ainda segurando a mão de Cordélia. Se olharam pelo que pareceu uma eternidade, para ela; era fácil esquecer de tudo quando ele a encarava de forma tão intensa quanto naquele momento.

Ainda sem dizer uma palavra, ele envolveu sua cintura, a puxando para si. O beijo era diferente do usual entre eles, embora não desconhecido: lento e sensual, muito mais cheio de sentimentos do que da atração que compartilhavam. Aliado àquela *energia* que parecia correr pelos seus corpos, mais potente quando estavam dentro d'água, Cordélia se viu arfando, ainda que pudesse respirar por suas guelras.

– *Eu sou seu, por inteiro –* Morgan murmurou, mal separando suas bocas – *pode me apresentar como seu escravo, que não me importarei, pois você me tem de corpo e alma.*

*Tundum Tundum.* O coração de Cordélia disparou, enquanto sua mente lutava para entender as implicações do que ele dizia.

– *“Namorado” está bom –* murmurou, em um fio de voz – *e estou com a impressão de que você completará com um “mas”.*

Um meio sorriso surgiu nos lábios de Morgan, enquanto ele encostava sua testa à dela.

– *Mas...* Eu não posso dizer o mesmo em relação a você – ele respondeu, seu semblante triste – *mesmo que eu saiba o que você sente por mim, mesmo que*

queira... Você jamais será *minha*, Princesa.

Um sentimento desconfortável se revirou dentro de Cordélia; ela não estava gostando nem um pouco do que ouvia. Até porque já havia deixado claro que o amava e, ao menos para fins românticos, pertencia a ele, *sim*.

– Não entendo.

Ele inspirou fundo – um maneirismo que se mantinha mesmo para quem respirava por guelras –, afastando-se o suficiente para melhor olhá-la.

– Você me perguntou certa vez sobre a guerra que o povo do mar se envolveu – ele começou – mas há um detalhe que eu vim adiando lhe contar. Nós *ainda* estamos em guerra, pelos últimos dezoito anos.

Cordélia fez um esforço para não demonstrar o choque que sentiu com aquela informação, procurando manter sua expressão impassível.

– Houve vários motivos que, acumulados, culminaram no embate que temos até hoje. No entanto, o estopim para que a guerra se iniciasse foi a quebra de uma tradição por parte de um dos integrantes da Família Real – ele a olhou desolado – por sua mãe, Princesa Corália.

*Caramba*. A mente de Cordélia levou alguns segundos para absorver o que seu guardião lhe contava, e assentiu fracamente para que ele continuasse.

– Você precisa entender que as tradições são como leis em nosso povo, arraigadas em nossa forma de viver nos últimos milênios – Morgan explicou – desrespeitar uma delas é algo completamente impensável para nós, pois todas remetem à vontade original de Poseidon, que teria deixado estipulado com seu filho, o primeiro Rei Tritão, como a sociedade deveria ser regida.

– E o que... O que minha mãe fez? – tomou coragem para perguntar.

Morgan suspirou, entrelaçando suas mãos às dela.

– Quando um Herdeiro atinge a maioridade, seja ele um príncipe ou uma princesa, se espera determinadas atitudes em sua posição – ele falou lentamente – a primeira, é que passe a utilizar o Colar de Anfitrite, aquele que você ganhou quando completou dezoito anos.

Cordélia se lembrou da joia, tão bela que era impossível esquecer, entregue por seu pai como se fosse um presente póstumo de sua mãe. Aparentemente, a simbologia do colar era muito maior do que imaginava.

– E o que mais?

– A segunda atitude é que visite o Oráculo – viu o olhar confuso dela, e se apressou a explicar – não se trata de um ser, mas sim, de um local. Quando Atlântida existia na superfície, o Oráculo era um lugar famoso, visitado por seres



humanos de todos os lugares, procurando um vislumbre do que os aguardava no futuro. É um templo recheado de poderes divinos, capazes de dar respostas para aqueles que as procuram de todo o coração. Ao afundar a cidade, contudo, Poseidon limitou os poderes do Oráculo para que somente seus descendentes pudessem utilizá-lo, e somente em situações específicas.

– Como quais? – apesar da apreensão, Cordélia não conseguia conter a curiosidade.

– A função principal do Oráculo nos milênios em que o povo do mar existe é de indicar o consorte ideal para o Herdeiro que subirá ao trono – Morgan relatou, e sentiu o nervosismo em sua voz – a sereia ou tritão indicado para o príncipe ou princesa será aquele que possui as qualidades ideais para equilibrar seu par no novo governo que se iniciará após o Casamento Real.

Era muita informação. A mente da garota rodopiava, mas ela fez um esforço para tentar organizar o que era dito. Precisava ouvir até o fim o que seu guardião dizia, antes de tirar as conclusões que começavam a surgir no fundo de seu cérebro – e que não eram nada boas.

– E minha mãe não visitou esse oráculo? – tentou adivinhar.

Morgan negou.

– Ela visitou, Princesa, por duas vezes. Uma, antes de meu tempo, quando atingiu a maioridade. É esperado que o Herdeiro visite o Oráculo mais de uma vez ao longo da vida, pois nem sempre, na primeira visita, o candidato a consorte já nasceu, ou se encontra no momento ideal para que o enlace aconteça, considerando que nosso povo atinge os trezentos anos de idade. Nessas situações, o Herdeiro costuma sair de sua primeira visita ao Oráculo com uma previsão de quando deverá retornar, e essa informação é passada ao povo, que aguarda ansioso junto da Família Real para a celebração do casamento.

Ele fez uma pausa, parecendo escolher as palavras que diria em seguida.

– Sua mãe retornou ao Oráculo quarenta e dois anos após a primeira visita, quando era esperado que um Casamento Real fosse anunciado – ele agora a olhava com tristeza – mas Princesa Corália não foi vista mais em público por meses após o ocorrido.

– Como assim? Onde minha mãe estava? – a ansiedade começava a tomar a garota.

– Ela estava na superfície, com seu pai – ele completou – em uma união da qual você é o resultado.

*Droga, droga, droga.* Cordélia fechou os olhos, inspirando fundo. Sua mente tentava entender as implicações de tudo que lhe era contado, mas estava difícil

organizar as próprias ideias. Precisava externalizar o que estava pensando, ou enlouqueceria se continuasse assim.

– Deixa eu ver se eu entendi... Minha mãe deveria ter casado com um tritão indicado por esse oráculo, que viria a ser o rei quando ela se tornasse rainha. Mas ela escolheu meu pai, um humano, e engravidou de mim – ela tentou resumir, e seu guardião assentiu fracamente – o que, eu sou uma filha *bastarda*? Por acaso tenho um irmão perdido por aí?

O pensamento fez seu estômago se revirar, mas, novamente, seu guardião negou suas conclusões; a essa altura, ela deveria parar com suas tentativas de adivinhar.

– As coisas não são tão simples, Princesa, por vários motivos. Pelo que descobri com sua mãe, ela e Henri efetivamente foram casados – aos olhos humanos e aos nossos. Para os seres da superfície, uma cerimônia com testemunhas basta, e pelo o que Princesa Corália me contou, ela existiu, ainda que simplificada. Para o povo do mar, além de uma cerimônia, o que torna um casamento válido é a vivência do casal sob o mesmo lar, e sua mãe morou com Henri por alguns meses antes de engravidar de você.

Ele fez uma pausa, esperando que ela absorvesse aquela informação.

– Agora as coisas ficam mais... complicadas. Isso porque, apesar da vida longa, as sereias não conseguem ter mais do que um filho em toda sua existência – viu os olhos dela de arregalarem – não importam o quanto queira, uma sereia só conseguirá engravidar uma única vez em sua vida.

– Então... Eu não poderia ter um irmão – ela murmurou, compreendendo – não por parte de mãe.

– Exato. Agora, eu preciso que preste muita atenção no que vou dizer – ele falou, seriamente – as atitudes de sua mãe, por si só, apesar de recriminadas pela maioria do povo quando descobertas, não seriam tão graves a ponto de lhe fazer perder a credibilidade com futura Rainha. A gravidez por um humano não tiraria a legitimidade como futura Herdeira do Trono; nem dela, e nem a sua, quando você atingisse a maioridade. Contudo, foram as escolhas posteriores dela que justificaram o estopim para a guerra, utilizados como argumentos por aqueles que já eram contra seu futuro governo.

Aquilo estava indo de mal a pior; se Cordélia estava entendendo direito, sua mãe havia se rebelado contra o *sistema* – a própria fundação da sociedade em que reinaria algum dia.

– O que ela fez... Ou deixou de fazer?

Seu guardião suspirou, deixando seu olhar se perder em algum ponto distante,

enquanto se preparava para o que diria em seguida.

– Eu lhe disse que o povo do mar, *via de regra*, depende dos humanos para procriar. Mas, como você ainda descobrirá, a Família Real é uma grande exceção à regra. Para proteger sua linhagem, Poseidon encantou tanto o Oráculo quanto seus descendentes, de forma a fugir da maldição que seu irmão Hades havia imposto. Assim, uma vez que ocorra o Casamento Real entre um Herdeiro e o consorte indicado pelo Oráculo, A Rainha se torna hábil a ter um filho ou uma filha do Rei, sem a necessidade de copular com um humano para isso.

Cordélia piscou, chocada com aquela informação.

– Espera... Quer dizer que minha mãe não precisava ter engravidado do meu pai, para ter um filho?

Desde que ouvira aquela informação de seu guardião, semanas atrás, uma parte sua sempre se perguntou se, no futuro, quando fosse mais velha, ela viria a ter vontade de ter filhos. E se, nessa situação, seria capaz de fazer sexo com um humano qualquer apenas para engravidar. Afastou aquele pensamento tão logo surgiu; era algo tão surreal de se pensar, e tão distante do presente, que não valia a pena sequer cogitar.

E agora descobria que nunca precisaria passar por isso; bastaria que se casasse com o tritão indicado pelo oráculo. Uma pedra se assentou em seu estômago, e seu sangue gelou. Começou a entender, *finalmente*, onde toda aquela conversa chegaria.

– Sua mãe, definitivamente, não precisava ter se envolvido com um humano – Morgan continuou, alheio ao que se passava na mente dela – mas, repito, o fato de você ter nascido de um humano não tira a sua legitimidade como Herdeira. Contudo, o que realmente chocou nosso povo, e que causou o início da guerra, foi a escolha posterior dela. Após retornar da superfície, Princesa Corália se recusou a contar o que o Oráculo lhe informou em sua visita, não informando *quem* seria o tritão escolhido para se casar com ela e se tornar o futuro rei. E, Princesa...

Morgan agora a olhava com tanta pena, que Cordélia imediatamente sentiu seu coração afundar.

– O que mais?

– Ela não apenas se recusou a dizer o nome, como afirmou que nunca anularia seu relacionamento com o humano que a engravidara para se casar com um tritão. Ao agir assim, ela quebrou a tradição mais importante de nosso povo, aquela que, em milênios de nossa criação, jamais foi descumprida – ele engoliu em seco – o deus Poseidon, nosso criador, só podia ter filhos do gênero

masculino. Por isso nossa mais importante tradição é que sempre teremos de ser governados por um *Rei*, e nunca por somente uma *Rainha*.

Era demais. Cordélia sentiu como se estivesse hiperventilando, e precisava de ar. Sem aviso, soltou as mãos de Morgan e nadou em direção à superfície, inspirando fundo tão logo emergiu. Fechou os olhos, sentindo os raios de sol em seu rosto e uma leve brisa atingir sua pele. Instantaneamente, se sentiu mais calma; aparentemente, dezoito anos como humana eram mais fortes do que sua natureza de sereia descoberta há um mês.

– Você precisa de tempo para absorver tudo – Morgan falou, emergindo ao seu lado – deixe-me levá-la de volta.

Ela o olhou, sem focalizá-lo.

– Não quero voltar agora – declarou – mas... Pode me levar para terra?

Naquele momento, sua natureza de sereia a deixava desconfortável, depois de tudo o que ouvira. Precisava *mesmo* pensar sobre o que Morgan contara, mas não queria esbarrar com ninguém – muito menos seu pai, com quem ainda tinha uma conversa pendente.

Mesmo sem se explicar, seu guardião pareceu entender. Ele tinha a capacidade de compreendê-la como ninguém, e por isso, Cordélia se sentia extremamente grata. Assentindo, ele estendeu a mão, segurando a dela novamente, submergindo em seguida. Ela o acompanhou, sem fazer ideia para onde nadavam com tanta velocidade – mas apostando que Morgan sabia exatamente para onde iam. Ela ainda estava aprendendo a se localizar quando estava no oceano, mas para ele, era algo tão simples quanto respirar.

Ele reduziu quando chegaram no raso e, ao emergir novamente, se deparou com uma praia aparentemente vazia, sem uma única pessoa à vista. Ao fundo, pequenas cabanas em estilo rústico tomavam a costa, bem espaçadas entre si. Se apressou em transmutar para suas pernas, se sentindo melhor quando seus pés tocaram a areia, enquanto tentava se localizar; não fazia ideia de onde na Austrália havia ido parar, somente que nunca havia visto um lugar tão encantador antes.

Olhou para trás, vendo que Morgan a seguia, enquanto ela se sentava na areia, onde a água não podia encostá-la. Ele a acompanhou, sentando-se ao seu lado, e apenas observaram o horizonte. Uma tempestade parecia se formar à distância, um vento gelado fazendo a pele da garota se arrepiar, mas ela não se importou. Com um movimento, tirou a água do corpo, mantendo-se seca, e se pôs a pensar.

Se perdeu em tudo o que Morgan relatara, chegando a diversas conclusões em

sua mente. Quando achou que era seguro falar, começou a externalizar seus pensamentos.

– Em resumo... Eu não estou sendo preparada apenas para tomar meu lugar no trono, mas para dar o fim a uma guerra – ela listou – uma guerra que se iniciou com meu nascimento, pelas escolhas da minha mãe.

Pelo canto do olho, viu seu guardião abrir e fechar a boca. Por fim, ele meneou a cabeça.

– Simplificando muito... sim.

Ela assentiu consigo mesma. Já sabia que aquela era a resposta.

– E se espera que eu não cometa os mesmos erros dela, seguindo todas as tradições existentes – sua voz se tornou amarga – incluindo me casar com um tritão indicado pelo oráculo.

Ele meneou novamente.

– Sim.

– E esse é o motivo de você dizer que não posso ser *sua*.

Uma pausa longa. Quase podia apalpar o sentimento de frustração que envolvia seu guardião naquele momento – e que espelhava o que ela sentia.

– Sim.

Cordélia não sentiu uma dor no peito, como achou que sentiria. Nenhuma lágrima surgiu, nenhuma vontade de gritar. Dentro dela, a decisão já estava tomada sem que ela mesmo percebesse, até aquele momento. Se virou para Morgan, e se deparou com o olhar dele: resignado, como se já estivesse aguardando um resultado previsível.

– Morgan...

– Ei! O que estão fazendo aqui? – uma voz os interrompeu.

Os dois olharam surpresos para trás, se levantando com pressa e vendo um homem de meia idade se aproximar. Ele andava apressado pela areia, carregando um molho de chaves, e parecia enfezado ao perceber que tinha dois convidados não anunciados.

– Esta é uma praia particular – ele afirmou, quando já estava próximo o suficiente – se vocês não são hóspedes, é melhor que...

Cordélia não deixou que ele falasse mais. Cantou uma melodia simples, e no instante seguinte, ele parou de andar, seu olhar vazio a encarando.

– Por que fez isso? – Morgan perguntou, chocado.

Ela deu de ombros.

– É melhor que ele não se lembre de nós. Não temos nenhum barco – ela gesticulou com o braço, apontando a praia vazia – além disso... A voz dele me irritava.

Seu guardião ainda a olhava perplexo, mas a mente de Cordélia já estava trabalhando em outras ideias. O homem havia falado em “hóspede”; aquela seria uma praia privativa?

– Ei, isso aqui é um hotel?

O homem assentiu em resposta.

– Vocês têm algum quarto vazio? – mais uma confirmação – tem a chave?

Dessa vez, o homem pegou o chaveiro, soltando uma das chaves e estendendo para ela. Cordélia pegou e olhou a etiqueta: *cabana três*. Então, não era apenas um hotel, mas uma área de cabanas privativas. *Melhor, impossível*.

– Obrigada – começou a andar em direção às cabanas – ah, você seguirá o seu passeio sem se lembrar de ter visto ninguém – pensou por um momento – e a cabana três permanecerá indisponível até amanhã.

Sem olhar para trás, seguiu pela praia, observando as numerações. *Um, dois...* Achou a três. Ignorou propositalmente seu guardião enquanto se movimentava, sabendo que ele estava em um misto de confusão e assombro com sua atitude. Usou a chave na porta e adentrou no local; era uma pequena sala de estar, muito bem arrumada, em estilo rústico. Andou lentamente, observando ao redor, encontrando o quarto conjugado, onde uma enorme cama *king size* ocupava a maior parte do cômodo. Além da pouca mobília, na parede da esquerda havia uma porta, e com uma olhada rápida, viu que se tratava de um banheiro. *Perfeito*.

Inspirou fundo, se virando em direção à entrada, onde Morgan a encarava atônito. Era hora do confronto.

– Agora somos só nós dois, sem interrupções – começou – e quero esclarecer algumas coisas entre a gente.

– Princesa... Você acaba de hipnotizar um homem inocente para conseguir um quarto sem pagar – ele murmurou, chocado.

Ela revirou os olhos.

– Não estou me importando muito com a ética neste momento. Mas se você se sentir melhor, mando depois o valor da diária – ela replicou, cruzando os braços – podemos falar agora sobre *nós*?

Viu como a postura de seu guardião mudou. Ele pareceu se retesar, se preparando para o que viria em seguida.

– Eu entendo que forneci muitas informações hoje – ele falou, lentamente – e sei que...

– Não, você não entende – ela o interrompeu, sob um novo olhar surpreso – e preferia que você não me interrompesse até que eu terminasse de dizer tudo o que quero.

Suas palavras soaram duras, e notou como havia afetado seu guardião. Mas, francamente, já estava difícil visualizar como faria os próximos minutos acontecerem; não tinha tempo para sutilezas. Se encararam em silêncio por vários segundos, e Cordélia engoliu em seco. Sua coragem de sempre parecia ter sumindo, mas buscou dentro de si por forças para continuar.

– Eu vou ser obrigada a cuidar de uma guerra do qual eu não tive absolutamente nada haver, mas que minha mãe causou – falou – vou ser obrigada a ocupar um trono do qual eu sequer sabia que existia, até um mês atrás. Vou ser obrigada a lidar com um povo do qual não entendo, com suas concepções machistas e ultrapassadas – a cada frase, ela caminhava até mais perto dele – mas eu *não vou* deixar que escolham quem eu quero ao meu lado enquanto eu passo por tudo isso.

Seus olhares estavam presos um no outro: os dela, determinados; os dele, incrédulos.

– Eu amo você. *Você* – frisou – e não estou nem aí para toda essa palhaçada que me contou. *Não me importo* – falou cada palavra lentamente – se preciso visitar uma porcaria de um oráculo, que seja. É um futuro distante onde nem sei se estarei viva para contar história. Mas enquanto eu puder tomar minhas decisões, são as minhas escolhas que valem, e *eu escolho você*.

O silêncio tomava o ambiente. Morgan estava completamente sem palavras, sua mente em branco. Ele não podia acreditar no que ouvia, não quando seu cérebro parecia misturar a realidade com seus desejos mais profundos. E ele deveria estar sonhando acordado; era a única alternativa. Nunca que o universo seria tão bondoso consigo em fornecer seus maiores sonhos de uma forma tão inesperada.

Cordélia pareceu entender seu choque, pois se afastou. De costas, ela soltou a parte de cima de seu biquini, seguido pelo short e a parte de baixo. Torcia para que Morgan não percebesse como suas mãos tremiam; por mais determinada que estivesse, o nervosismo começava a afetá-la.

– Eu vou tomar um banho para tirar a areia do corpo – murmurou – espero que me acompanhe.

Ele ainda olhava para as peças de roupa no chão, boquiaberto, tentando forçar

sua mente a responder. Aquilo não podia estar realmente acontecendo... Podia? Ele a desejava há tanto tempo que já não conseguia mais diferenciar a realidade do sonho. Mas se estava acontecendo... Ele deveria impedir. Havia acabado de contar a ela os maiores impedimentos que existiam entre eles, e ela ainda estava confusa. Não havia avaliado direito as implicações, não...

O som de água escorrendo o despertou, e seu lado racional parou de pensar por completo. Deixou que seus instintos e desejos o guiassem, caminhando até a outra porta do cômodo. Ali, seu olhar se encontrou novamente com o dela, e a confusão em sua mente sumiu. O mundo estava novamente em seu lugar, caminhando da forma que devia.

Sem nem mesmo notar seus movimentos, sua bermuda foi parar no assoalho. E no instante seguinte, estava embaixo do jato de água, mãos delicadas percorrendo sua pele, suas bocas se encontrando em um beijo sedutor. Minutos depois, estavam na cama, a ânsia o levando a cada passo. Cordélia tentou pegar uma toalha, mas ele ignorou, retirando a água dos dois em um movimento e a carregando até o colchão.

Suas respirações estavam descompassadas, os corações batendo no mesmo ritmo acelerado. Seus lábios desciam por sua boca, sua mandíbula, seu pescoço, tentando provar o máximo que podia antes de perder completamente seu controle. Uma centelha racional pareceu despertá-lo, pois afastou o rosto subitamente.

– Princesa...

– Se você parar agora, eu vou jogar aquele abajur na sua cabeça.

Uma risada estrangulada.

– Eu só... – ele esperava que todos seus sentimentos transparecessem em seu olhar – eu amo você.

Um enorme sorriso tomou o rosto dela.

– Eu também amo você.

Ele entrelaçou uma de suas mãos à dela; com a outra, se manteve suspenso, evitando amassá-la com seu peso. Seus olhos estavam presos um no outro, como se aquela fosse a única forma de existir. Viu quando o semblante dela se contraiu, indicando que o pior já havia passado. Ficou alguns segundos sem se mover, até ter certeza que ela havia se adaptado.

Em seus olhos, via o reflexo de todo o amor que sentia por ela. A amava, mais do que tudo; era dela, de corpo e alma, e assim o seria, até que não o quisesse mais.



Voltou a se mover, observando suas expressões, desejando que ela aproveitasse, e que não sentisse apenas dor. Viu o desejo se construir, até seus olhos estarem enevoados novamente, até ela estar arfando, pedindo por *mais*, por algo que não sabia como conseguir. E no momento em que ela atingiu o que queria, a beijou, a seguindo momentos depois, incapaz de se controlar por mais um segundo que fosse enquanto abraçava seu corpo trêmulo de prazer.

\*\*\*\*\*

– Você nunca me disse o que significam essas “bases” que tanto mencionou. Um momento de silêncio.

– Meio que é autoexplicativo.

– Huh.

Mais silêncio. Uma chuva torrencial caía do lado de fora, açoitando a janela, enquanto dois corpos permaneciam abraçados na cama.

– Essa foi a quarta?

O corpo dela se mexeu, de forma que seus olhos se encontrassem.

– Este, meu amor, foi um *home run* – um sorriso malicioso tomou seu rosto – mas posso repassar uma a uma com você, só para ter certeza que aprendeu.

Ele a puxou mais para perto, o coração se aquecendo ao ser chamado de “meu amor”.

– Fique à vontade.

E repassaram cada uma das bases, entre risadas, respirações ofegantes e gemidos, enquanto a chuva continuava a cair do lado de fora.

---

[1] [N.A.](#): um dos times de beisebol mais conhecidos dos Estados Unidos. Grandes campeonatos são exibidos em canais de televisão à cabo, ao redor de todo o mundo – incluindo na Austrália.



capítulo 11

## *Imaginação fértil*

– M<sub>ORGAN</sub>?

– H<sub>UM</sub>?

Estavam novamente abraçados na cama, a tempestade do lado de fora reduzida a um mero chuvisco. Definitivamente, Cordélia procuraria o nome daquele hotel e faria o pagamento da diária, com um bônus para o empregado que hipnotizou. Era o mínimo que poderia fazer, considerando os momentos maravilhosos que o local lhe proporcionou.

– Eu estava pensando...

– Suas ideias são perigosas – ele murmurou – se considerarmos todas, nunca sairemos desse quarto.

Ela mordeu o lábio inferior para se impedir de rir. Após demonstrar o que cada base significava – metaforicamente falando –, o arrastou novamente para debaixo do chuveiro, e a partir dali, deixou que muitas das vontades acumuladas ao longo das últimas semanas se concretizassem; em especial, quanto à exploração do corpo masculino. Morgan não havia deixado barato, retornando o favor, e concentrando muita atenção em suas pernas – onde ela nem sabia que possuía nervos para sentir tanta excitação.

– Eu ainda tenho algumas ideias para colocar em prática nesse sentido, mas... Não era nisso que eu estava pensando – comentou.

Ele se endireitou na cama, se virando de frente para ela, de forma que pudesse encará-la. Carinhosamente, ajeitou uma mecha de seu cabelo no lugar.

– Fico surpreso que sua mente ainda consiga elaborar algum pensamento.

Acho que a minha parou de funcionar por hoje.

Ela riu.

– Eu deveria dizer “eu avisei”, considerando que eu queria fazer isso desde o primeiro momento em que te conheci.

A mão dele desceu delicadamente pela lateral do corpo dela, causando arrepios em sua pele.

– A espera valeu a pena – murmurou – saber que você me ama em retorno significa muito mais do que apenas a atração.

– Hum.... – se aconchegou a ele – acho que já o amava desde aquele primeiro momento, mas não sabia definir isso.

– Agora sabe – ele a abraçou – mas então... O que você ia dizer?

Ela deixou seus dedos passearem pelos músculos definidos da barriga dele, vendo como o corpo respondia ao seu movimento. Era difícil se concentrar em qualquer coisa quando tinha um exemplar de beleza masculina como ele completamente nu ao seu lado, mas fez um esforço.

– Você já sabia desde o começo que não deveria se envolver comigo, por causa dessa história de oráculo – murmurou em sua pele – minha dúvida é... Por que deixou que acontecesse?

Era um pensamento que não saía de sua cabeça, desde que conversaram mais cedo. Lembrou-se de quando o conheceu, de como ele havia sido reticente quanto a um relacionamento, deixando claro que não deveriam se envolver. E, ainda assim, ele aceitou sua proposta, o que ocasionou em tudo o que vivenciaram juntos nas últimas semanas.

Ela sabia que queria ele desde o início. Mas se ele tivesse negado, se tivesse deixado claro que não queria nada com ela... Teria deixado ele em paz. A vontade ainda existiria, mas não teria deixado aquele sentimento inicial se desenvolver de uma forma tão forte como aconteceu enquanto se envolviam.

– Eu fui egoísta – ele respondeu, pensativo – eu já a amava, e sabia que deveria me manter distante. Mas quando você demonstrou interesse... – ele deu de ombros – eu aproveitei a desculpa. Em minha mente, tentei me justificar com o fato de tudo ser novo para você. Que deveria estar atraída pela minha aparência por eu ser o primeiro tritão que conhecia, e logo você se enjoaria de mim.

Ela levantou a cabeça lentamente, olhando perplexa para ele.

– Morgan, não leve a mal, mas... – ela meneou a cabeça – ou você foi muito ingênuo, ou muito burro.

Ele gargalhou, fechando os olhos.

– É sério – ela continuou – como pôde achar que eu me *enjoaria* de você? – ela falou a palavra com uma careta – e tenho certeza que notou essa... *coisa*... que há entre a gente – ela gesticulou com o dedo, ainda que ele não estivesse vendo – eu me sentia compelida a você desde o início, como uma força me puxasse em sua direção.

– Eu sei – ele murmurou, abrindo os olhos para vê-la – eu sempre senti isso também.

– Então como pôde achar que...

– Eu fui ingênuo – ele a interrompeu, assumindo.

– Ou burro.

– Também.

Os dois se olharam, tentando segurar os sorrisos que ameaçavam aparecer. Desistindo primeiro, Morgan a puxou para perto, unindo suas bocas. Já havia abandonado por completo a capacidade de se controlar, àquela altura; agora que já a tinha em seus braços, não faria mais nenhum esforço para mantê-la longe. Verdade seja dita, não sabia dizer como conseguiu negar aquele desejo por tanto tempo; somente com uma força de vontade descomunal para ter resistido à Cordélia nas últimas semanas.

Ainda assim... Havia muitas coisas a serem esclarecidas, agora que estavam juntos. Ela podia ter conhecimento dos motivos, mas provavelmente ainda não havia pensado em tudo o que implicava na relação deles. Além disso, uma vez que ela sabia a situação atual do povo do mar, precisava falar sobre outro assunto mais sério, do qual também veio adiando ter de levantar.

– Nós temos algumas coisas a conversar – ele murmurou, mordiscando os lábios dela.

– Hum... Achei que já tínhamos dito o necessário.

Em um movimento, ela se posicionou por cima dele, uma perna de cada lado. Ajeitou a postura, um sorriso malicioso em sua face.

– *Agora* você pode falar.

– Isso é golpe baixo – ele gemeu, sem conseguir tirar os olhos da imagem maravilhosa à sua frente.

– Tenho que usar as armas à minha disposição – ela replicou, divertida – tudo para impedir que você *analise* o que fizemos e me venha com um papo de responsabilidade e coisa e tal.

Um riso ficou preso na garganta de Morgan. *Responsabilidade*. Uma palavra que já não sabia mais o que significava, junto de “ética” e “moral”. No momento

em que a teve em seus braços, sua única meta de vida passou a ser de satisfazê-la; queria explorar cada pedacinho de seu corpo, conhecer todas as respostas dela ao seu toque. Podia ter se controlado antes, pois sua *responsabilidade* o mantinha são; mas daquele momento em diante, passaria a venerá-la. Ela era sua deusa, e ele, um mero escravo. Pertencia a ela de corpo e alma, e assim o seria até o fim de sua existência.

– Princesa... De minha parte, não há o menor arrependimento pelo que fizemos hoje – ele falou enquanto se sentava, com ela em seu colo.

– Bom... Porque eu não tenho nenhum – ela deslizou os lábios por seu rosto, enquanto envolvia seu pescoço – mas podia jurar que você ainda faria algum discurso de que não deveríamos ter feito isso.

Ele riu, beijando delicadamente seus lábios.

– Você me tem em alta conta. Sou apenas um tritão – ele deslizou as mãos pelo corpo dela – tão levado por desejos quanto qualquer outro do gênero masculino.

Ela semicerrou os olhos.

– Você poderia ter *se deixado levar* um pouco mais cedo – ele riu do comentário – estou me jogando em cima de você há semanas, Morgan.

– E eu *tentei* resistir. Afinal, sou seu guardião – brincou com uma mecha de seu cabelo – é antiético me envolver com minha protegida.

– Dane-se a ética – ela afirmou com convicção, unindo suas bocas em um beijo intenso.

Antes que se perdessem novamente no momento, Morgan usou o pouco de racionalidade que lhe restava para levantar ao menos um dos assuntos que precisavam tratar.

– Nós... Não poderemos agir assim no mar – ele falou lentamente, separando os lábios dos dela – não poderei ser seu namorado em público, Princesa. Não entre nosso povo.

Cordélia pareceu refletir por um momento, segurando seu rosto entre as mãos.

– Se você estiver comigo ao final do dia, eu não me importo – sussurrou – eu sempre vou querer você, Morgan. Se tiver que ser escondido... Daremos um jeito.

Aquela era a resposta que ele mais desejava ouvir, embora não assumisse nem para si mesmo o quão aliviado estava em ouvi-la. Desde que ela o quisesse, sabia que seriam capazes de se manterem juntos, mesmo contra as probabilidades. O oceano era grande o suficiente para permitir uma série de *escapadas* para quando resolvessem aproveitar um momento a sós; se fossem cuidadosos, não

levantariam suspeitas. Especialmente considerando que ninguém estranharia que a princesa estivesse acompanhada de seu guardião em todos os lugares em que fosse.

Esqueceu completamente sobre o segundo assunto que pretendia levantar, enquanto se deixava envolver por aquele momento. Com um gemido abafado por suas bocas unidas, a moveu em seus braços, e no instante seguinte ela estava deitada, com ele por cima dela. Uma parte sua tentava se lembrar de ser gentil, reduzir o ritmo, pois ela poderia estar dolorida; mas aquela preocupação evaporou quando as pernas dela envolveram seu quadril, o puxando para si, determinando o ritmo que queria. Forte, rápido, até que suas mentes estivessem completamente em branco, e não houvesse nada mais do que os gemidos dos dois preenchendo o ambiente.

\*\*\*\*\*

– Nós precisamos mesmo voltar...?

Morgan, que estava em um estado de completo relaxamento, demorou a fazer seu cérebro funcionar o suficiente para entender o que ela queria dizer. *Voltar*. Um único verbo que possuía um sentido amplo para os dois: retornar à vida real, às suas responsabilidades, aos planos de ida para o mar... Mas adivinhou que o sentido específico que ela levantara seria em relação à sua casa humana.

– Já está anoitecendo – ele comentou – e considerando que você fugiu de seu pai pela manhã... – um gemido abafado – não seria de bom tom não voltar pela noite.

– Já estou até imaginando essa conversa – ela o olhou divertida – “ei, pai, sabia que o Morgan tem um sinal de nascença bem na...”

Ele a interrompeu com uma série de cócegas em sua barriga, fazendo a garota gargalhar.

– Engraçadinha. Seu pai atualmente me odeia – levantou uma sobrancelha – nos termos dele, eu me *aproveitei* de você.

Cordélia não conseguiu controlar o riso incrédulo.

– Essa é uma mudança de perspectiva e tanto – comentou, com diversão na voz – da última vez, ele me pediu para ser *boazinha* com você.

– E foi... até demais – ele murmurou, levando um leve tapa de brincadeira – vamos lá, hora de te levar para casa.

Depois de muita enrolação para vestirem suas roupas – Cordélia parecia achar

uma boa ideia se tornar adepta ao nudismo –, os dois finalmente deixaram aquele lugar, e os momentos vividos nele, para trás.

\*\*\*\*\*

Ela entrou sozinha em casa, já sabendo que não poderia adiar a conversa com seu pai. Era como tirar o curativo de uma ferida: melhor que fosse de uma vez. Assim, na volta com Morgan, se preparou mentalmente para aquilo, enquanto paravam em um pequeno coral no caminho para se alimentarem. Não havia percebido como aquela tarde havia esgotado sua energia até ingerir algumas algas; agora, se sentia tão energizada que não sabia como iria conseguir dormir mais tarde.

O encontrou sentado na mesa da cozinha, comendo algo pedido por *delivery*; desde que se tornara oficialmente sereia, passava tão pouco tempo em casa que a alimentação de seu pai caíra de qualidade drasticamente. Sentiu uma pontada no peito ao imaginá-lo se virando sozinho pelos próximos anos, quando não estivesse mais ali; de muitas formas, as últimas semanas foram uma prévia do que a vida dele seria, e era impossível não sentir aquela tristeza que começava a invadi-la.

Ficou o observando encostada no batente por vários minutos, até que ele, sem levantar os olhos, quebrou o silêncio.

– Pretende passar a noite aí ou vai se sentar?

– Estava esperando você acabar de comer – deu de ombros – dizem que homens são menos mal-humorados quando estão de barriga cheia.

Viu que seu pai tentou esconder o pequeno sorriso que ameaçou surgir. Terminando a refeição, ele se levantou, pegando duas colheres na gaveta de talheres e o pote de sorvete no congelador. A bandeira da paz estava sendo levantada: assim como no dia de seu aniversário, os dois se sentaram com a colher na mão e começaram a comer a sobremesa.

Por mais que não estivesse com fome, Cordélia se viu obrigada a engolir ao menos um pouco, a fim de acompanhar seu pai. Passaram-se vários instantes antes que ela resolvesse começar.

– Então... Em uma escala de um a dez, o quão chateado você está?

Ele pensou por alguns segundos, enquanto engolia.

– Eu diria... Zero.

Ela levantou uma sobrancelha, o olhando indagativa.

– Mas vou assumir que essa escala passou por alterações ao longo do dia – ele continuou – no início, fiquei muito bravo, e não sabia dizer se com você ou com Morgan. Depois, me vi pensando...

Ele parou a frase no meio, e Cordélia quase se moveu em seu assento para sacudi-lo; *o que ele pensou?* Sua mente disparava, tentando adivinhar o que seu pai diria a seguir, mas não estava preparada para sua complementação.

– ... É melhor que seja ele, do que algum rapaz de sua escola – ele olhou pelo canto de olho – não quero que passe pelo mesmo que sua mãe e eu. E sendo um tritão, acho que facilita para você, não?

Ela piscou, torcendo para que sua expressão não a denunciasse. Deveria ser honesta e contar que, na verdade, não fazia diferença...? Que ela estava amarrada a uma tradição estúpida que envolvia se casar com outro indicado pelo Oráculo? Mas, vendo o semblante esperançoso de seu pai, não conseguiu se forçar a contar tudo o que soubera naquela tarde. Por mais que não quisesse omitir algo tão importante dele, sabia o quão magoado ele ficaria se soubesse da sua situação futura; especialmente porque não estaria com ela para apoiá-la, quando se tornasse rainha.

Assim, escolheu deliberadamente omitir aquela informação, bem como todo o resto que aprendera sobre sua mãe. Não faria nenhum bem dizer a ele que estava envolvida numa guerra somente porque ela escolhera continuar casada com um humano até o fim.

– Eu amo o Morgan, sabe...? – ela assumiu, se sentindo tímida de repente; era estranho estar dizendo isso ao seu *pai* – e sei que ele me ama também.

Henri assentiu, sem falar nada. Mentalmente, queria dizer muito mais: o quanto eles eram jovens, e não sabiam o que queriam; o quão perigoso era se envolver com alguém que se teria ao lado durante toda a vida, pois se as coisas dessem errado, toda a relação estaria estragada. Mas não queria assustar sua filha, muito menos deixar aquele gosto amargo de conselho paterno. Morgan o havia lembrado naquela manhã que ele também tinha um dever como pai: apoiá-la, qualquer que fosse sua escolha.

Contudo, haviam coisas que um pai não poderia deixar de dizer. Ele engoliu em seco, sentindo uma pedra se formar em seu estômago.

– Só não me dê um neto tão cedo – murmurou.

– Pai! – pega de surpresa, ela sentiu o rosto corar – isso não é algo que se diga assim, do nada.



– Estou sendo realista. Sei que os jovens de hoje em dia são apressados com... essas coisas – ele parecia tão desconfortável quanto ela – só estou dizendo para... hum... se precaver... quando... se... chegar a esse momento.

Cordélia queria enfiar sua cabeça em um buraco, considerando a situação. Mas já que estavam naquele ponto, era melhor contar ao menos um fato real que pudesse dar *algum* conforto ao seu pai – ainda que de forma incompleta.

– Sereias não podem engravidar de tritões – ela resmungou – só de humanos.

Não diria sobre como ser da Família Real a fazia uma exceção à regra; até porque envolveria entrar no mérito do casamento por obrigação, que não queria sequer pensar naquele instante.

– Ah – ele revirou o sorvete – bom... Menos uma preocupação, acho.

Apesar do choque causado por aquele assunto ter sido levantado, Cordélia se pegou pensando em *como* isso ocorria. Não na mecânica em si, mas no fato de que, até onde ela podia dizer, sereias não menstruavam; ao menos, sempre havia sido assim como ela a vida inteira. Nunca teve suas regras, o que foi uma aberração em toda sua adolescência; somente fez sentido quando descobriu que era uma sereia, e que seu pai comentou que a gravidez de sua mãe havia sido mais curta que o normal. Deduziu, então, que era algo de sua espécie.

Conhecia o princípio básico de biologia: o sangue que saía na menstruação era do útero preparado para o óvulo não fecundado. Mas se todas as sereias passavam pelo mesmo que ela... Como era possível engravidarem de humanos? Era mais uma pergunta para uma longa lista de questões acumuladas a serem levantadas com seu guardião.

– Podemos mudar de assunto agora? – ela propôs – falar sobre... sei lá, o que você pretende fazer quando eu for embora.

Viu como o olhar de seu pai se tornou vazio no mesmo instante, o que a fez franzir o cenho.

– Eu...

Antes que ele pudesse dizer algo, ouviram o som da porta da sala se abrir e fechar. Aparentemente, Morgan resolvera anunciar sua presença, ao invés de usar de meios não usuais. Ouviram os passos se aproximando, e Henri tensionou em seu lugar; demoraria um pouco a voltar a tratá-lo com a mesma leveza de antes, como se o status de relacionamento dele com a filha tivesse mudado a forma como o via.

– Boa noite, Henri – olhou para Cordélia – Princesa... Há algo que gostaria de conversar com você.

A garota viu o pai revirar os olhos.

– Deixe a porta do quarto aberta – ele murmurou.

Antes que Cordélia pudesse dizer algo, porém, Morgan foi mais rápido.

– Na verdade, o assunto também é de seu interesse, Henri – os dois homens se encararam – é sobre o tempo que Cordélia ainda tem em terra.

Por essa a garota não esperava. Olhou atônita para seu guardião, e viu como ele estava sério. Aparentemente, os efeitos da tarde que tiveram já haviam passado, pois lá estava ele, *pensando* novamente. E se escolheu conversar sobre aquilo com seu pai presente... É porque não queria distrações da parte dela.

– Imagino que... – Henri começou, parando por um segundo – não é muito tempo, não?

Morgan confirmou com a cabeça, e Cordélia se sentiu incomodada.

– Ei, eu estou aqui, só pra lembrar – ela levantou a mão – o que quer dizer com “meu tempo”? Achei que havíamos combinado que eu só largaria minha vida humana quando estivesse pronta.

Ela se lembrava que aquele havia sido um dos termos do acordo que fizeram, assim que começaram a se envolver. Não podia acreditar que Morgan quebraria logo *aquela* estipulação.

– E você está, Princesa – o guardião afirmou – lhe contei mais cedo muito do que você necessitava saber sobre o que levou nosso povo à situação atual. O restante, você poderá aprender quando já estivermos em tempo integral no mar.

Ela bufou, jogando os braços pra cima.

– Eu ainda nem sei usar meus poderes direito – ela replicou, irritada – não consigo fazer nem o básico que você me ensina.

– Você vai aprender – ele permanecia calmo – de fato, me peguei pensando se não estaríamos abordando seu treinamento da forma errada, nesse aspecto.

Ela ia continuar listando os motivos pelos quais não se sentia pronta, mas a última observação de Morgan a fez mudar de rumo.

– O quê?

O olhar do guardião vagou para suas costas, em direção ao quarto dela.

– O Colar de Anfitrite – ele pronunciou em tom respeitoso – todos os Herdeiros o utilizam no momento em que atingem a maioridade.

Seu rosto se moveu novamente em direção a ela.

– E se esse for um requisito necessário para que consiga usar os seus poderes? – ele conjecturou – pensei um pouco a respeito. Ariston sempre me disse que os

membros da Família Real eram diferentes, mas...

– Quem? – ela o olhou confusa.

Ele piscou.

– Ariston, o Melhor Guerreiro – ele esclareceu – ele foi o guardião de Princesa Corália desde seu nascimento, e foi ele quem me treinou em minha função.

A cabeça de Cordélia girou. O guardião de sua mãe ainda estava vivo? Mas... O dever dele não era dar a vida para proteger o Herdeiro? Como sua mãe poderia estar morta e ele...

– Sem querer interromper essa conversa fascinante... – Henri se pronunciou – mas gostaria de voltar ao assunto principal.

*Certo.* Estavam discutindo seu tempo no mundo humano, algo que era do interesse de seu pai. Lançou um olhar para Morgan que indicava que ainda tinham *muito* o que conversar.

– Ainda não vejo motivos para me apressar – ela declarou – as coisas podem muito bem continuarem da forma como estão agora.

Morgan não se abalou com aquela afirmação. Seu olhar foi para Henri, antes de falar.

– Você se lembra de como foi o tempo em que a Princesa Corália viveu com você?

– Como se fosse ontem – Henri respondeu prontamente.

– Então se lembra também dos... *acidentes*.

Cordélia, que olhava confusa de um para o outro, viu seu pai congelar no lugar.

– Ah... *isso* – ele levou a mão à barba lentamente – sempre achei estranho, mas... Quer dizer que é algo da natureza de vocês?

– Querem parar de fazer mistério? – a garota falou por entre os dentes.

Morgan suspirou, se encostando na parede e cruzando os braços.

– Eu lhe contei que Poseidon encantou nosso povo para que fôssemos atraentes aos olhos humanos – ele explicou – mas junto deste feitiço, ele também fez outro. Uma precaução, caso um dos seus resolvesse viver em terra – fez uma pausa – ao habitante que quisesse esconder suas barbatanas, recairia toda sua ira, de forma tão intensa que o forçaria a voltar ao mar.

Novamente, uma troca de olhares compreensivos entre seu guardião e Henri, o que só deixava Cordélia cada vez mais confusa.

– Quando sua mãe viveu comigo... Nós tivemos uma série de acidentes,

querida – Henri resolveu explicar – foram coisas pequenas no início, e com um bom espaço de tempo entre elas. Uma cadeira quebrando, uma prateleira caindo... Nada que incomodasse muito. Mas, perto de quando ela me deixou, as coisas ficaram mais... perigosas.

– *Quão* perigosas?

Henri coçou a barba, pensativo.

– A torradeira explodiu e quase colocou fogo na casa. Nosso carro bateu em uma rua sem movimentação. Uma marquise desabou e...

– Entendi – ela o interrompeu, levantando a mão – então, esses... *acidentes*, são causados por conta desse feitiço de Poseidon? – perguntou, agora olhando para seu guardião.

Ele assentiu.

– O Deus dos Mares quis garantir que não trocaríamos nossas barbatanas por pernas em período integral – comentou – e a forma que encontrou foi tornar nossa vida insuportável quando passamos muito tempo em terra.

– Mas... eu ainda não fui afetada – sua afirmação saiu duvidosa.

Morgan apenas a encarou, como se ela soubesse a resposta para uma pergunta não feita. Ela pensou nas suas últimas semanas; nada de estranho havia ocorrido com ela, até...

– O secador – ela sussurrou, entendendo – o choque era para mim.

Seu guardião novamente assentiu, e Cordélia sentiu seu estômago embrulhar. Não havia pensado muito a respeito do que ocorrera no dia anterior. Nem mesmo podia acreditar que só haviam se passado pouco mais de vinte e quatro horas entre o acidente e aquele momento; uma vida inteira parecia ter ocorrido naquele meio tempo, considerando tudo que ela e Morgan vivenciaram em sua relação.

Mas depois do que acabara de ouvir... Conseguiu colocar em perspectiva o que ocorrera naquela tarde: ela estava segurando o secador, e Morgan, como seu guardião, havia sentido que ela estava em perigo, tomando o choque em seu lugar. *Ela* era a causa do acidente que o paralisou, e a constatação causou um enjoo tão forte que a fez querer vomitar.

– Eu... Eu quase fiz você ser morto – murmurou, em um fio de voz.

Ele a encarou de forma complacente, antes de suspirar e se aproximar. Lentamente, se apoiou em um joelho, mantendo seu olhar preso ao dela.

– Princesa... Essa é a minha função – ele falou, palavra por palavra – eu *vou* protegê-la de todas as formas que puder, mesmo que signifique...

Ela levantou uma mão, o silenciando. Não queria ouvir o final daquela frase,

porque *não queria* perceber as implicações dela. Desde que o conheceu, Morgan havia afirmado que daria sua vida por ela; só nunca entendera o quão fácil poderia acontecer... *Até agora*. Seu peito se apertou ao se recordar do desespero que passou ao pensar que não conseguiria salvá-lo; e, sem conseguir se manter ali, se levantou bruscamente.

– Conversem entre vocês a melhor data – murmurou, enquanto deixava o cômodo – vou aceitar o que decidirem.

\*\*\*\*\*

*Droga... Droga*. Em seu quarto, Cordélia andava de um lado para o outro, sua mente pulando entre pensamentos, sem conseguir se focar em nenhum. Parecia que as informações do último dia finalmente haviam sido absorvidas, e não estava sabendo lidar com as conclusões que chegava.

Ela era um perigo para Morgan. Por ser seu guardião, ele sempre tentaria protegê-la, arriscando a própria vida. O problema é que ela não *queria* que isso ocorresse, mas não via uma forma de impedi-lo. Como ele afirmou, *era* sua função, e ele não pensaria duas vezes antes de se arriscar para salvá-la. Seria tão difícil ele entender que a vida dele próprio também era importante...? Que se ele se machucasse ou – não conseguia nem pensar além –, ela não seria capaz de viver consigo mesma...?

Junto desses pensamentos, outros surgiam. Até aquele momento, ela não havia parado para pensar no que *realmente* significava ser a Princesa Herdeira. De muitas formas, ela havia aceitado que possuía um título da realeza da mesma maneira que descobriu que era uma sereia: como se fosse algo natural, inerente a ela. E, agora que refletia a respeito, percebia a estranheza da situação.

Ela deveria ter ficado assustada desde o início; deveria ter percebido a enorme responsabilidade que recairia sobre ela. Mas parecia algo tão distante... Sua vida era ali, entre humanos, e sua função recém descoberta parecia não se encaixar na sua realidade. E agora Morgan falava sobre o tempo reduzido que tinha em terra e como precisaria retornar logo ao mar, o que a fazia perceber que o futuro estava mais próximo do que gostaria.

Não sabia ser uma princesa; mal conhecia algo do povo que governaria, apesar das lições que seu guardião vinha tentando lhe ensinar; *caramba*, não fazia nem ideia dos motivos para uma guerra se arrastar por dezoito anos! E

todos aqueles pensamentos agora se reviravam em sua mente, um desespero começando a tomá-la enquanto sua realidade a acertava em cheio.

Desolada, apoiou as mãos em sua cômoda, tentando se acalmar. Seu olhar passou por seus pertences, sem realmente focá-los, até que avistou uma caixa retangular entre eles. *O Colar de Anfitrite*. O presente póstumo de sua mãe, e que Morgan afirmara mais cedo que todos os Herdeiros o utilizavam quando atingiam a maioridade; mas ela nunca o usou, guardando tão logo recebeu de seu pai em seu aniversário.

Lentamente, estendeu a mão para a caixa, levantando a joia guardada dentro dela. O Colar era realmente lindo, com sua extensão em pedras que pareciam diamantes em tamanho gradual, até a enorme pérola azulada em seu centro completando o visual.

Aquela deveria ser sua primeira atitude como Herdeira: usar a joia em tempo integral. Sem pensar muito, abriu o fecho e prendeu no pescoço, olhando-se no espelho. Não sabia o que esperar: um coro musical ao fundo? Uma luz branca em cima dela, como se fosse a atriz principal de uma peça? Segundos se passaram sem que nada acontecesse, e logo ela se sentiu extremamente boba. O que estava esperando, afinal? Era só um *colar*, e seu uso provavelmente se devia a mais uma das tradições do povo do mar.

Levou a mão ao fecho, pretendendo tirá-lo. Tateou pela corrente de pedras por vários segundos, sem conseguir encontrar. Franzindo o cenho, voltou a se olhar no espelho, virando o cordão de forma que conseguisse visualizar a parte de trás: o fecho havia sumido. *Impossível*. Girou ele de todos os lados, mas seu reflexo não mentia: simplesmente não havia possibilidade de soltar o Colar de seu pescoço.

Com os olhos arregalados, piscou, observando o próprio reflexo. A joia chamava muita atenção, além de as pedras serem enormes; seria extremamente desconfortável de dormir com ele, além de usá-lo no mundo humano. E, como se tivesse dito seus pensamentos em voz alta, observou pelo espelho o Colar mudar de forma: tornou-se uma corrente metalizada simples, com uma pequena pérola azul no centro.

– Puta merda – murmurou para si mesma.

Como se não bastasse *aquela* surpresa, ouviu uma risada infantil na sua mente. Virou-se lentamente, os olhos passando pelo quarto, até se deparar com uma figura sentada com as pernas cruzadas em um canto. Parecia uma garota em seus dez anos de idade, com olhos e cabelos cacheados cor de mel, a pele branca

pálida, quase como porcelana. Estava descalça, usando um vestido branco em um estilo estranho, como se várias camadas de tecido tivessem sido transpassadas para enrolá-la.

– *Você é engraçada* – a garota falou, e Cordélia notou que seus lábios não se moviam: a voz surgia diretamente em sua mente – *fica tão surpresa com algo tão simples!*

– Mas que m... – Cordélia começou a dizer em voz alta, até ouvir passos no corredor.

Morgan surgiu em sua porta, a olhando preocupado. De tão envolvida que estava com os acontecimentos dos últimos minutos, se esquecera até mesmo do que a levava ao seu quarto: a conversa que estava tendo sobre seu tempo em terra, e que a fez deixar seu pai e ele sozinhos enquanto procurava pensar.

– Princesa... Você está bem?

Cordélia abriu e fechou a boca. Olhou de seu guardião para o canto em que a garotinha estava sentada, e fez isso diversas vezes, até seu guardião franzir o cenho, parecendo confuso.

– *Ele não pode me ver* – ouviu a voz da garota – *ou me ouvir. Aliás, você deveria se livrar dele por um tempo. Temos algumas coisas a conversar.*

Engoliu em seco. *Maravilha.* Agora uma alucinação de sua mente também estava lhe dando ordens. E, apesar de ainda estar atônita com os acontecimentos, alguma coisa dentro de si dizia que era melhor fazer o que a garotinha mandava; sua curiosidade mórbida, possivelmente.

– Eu... – pigarreou – estou bem. Só... Preciso de um tempo. Sozinha.

Viu Morgan paralisar em seu lugar, como se suas palavras tivessem se convertido em um tapa.

– Entendo – ele respondeu após alguns segundos de silêncio – vou deixá-la em paz.

*Ai, caramba...* Agora ele acharia que ela estava tendo dúvidas sobre o que fizeram naquela tarde. Não teve chance de dizer algo: ele virou as costas e saiu, fechando sua porta no processo. Olhou de forma acusatória para a garotinha, que permanecia com o mesmo ar divertido de antes.

– Olhe o que você fez – murmurou para ela – agora meu namorado acha que estou brava com ele.

– *Ele vai te perdoar* – ela fez um gesto de descaso com a mão, a olhando especulativamente – *curioso que você se refira a ele como “namorado”, e não “guardião”.*

Cordélia gelou com o comentário. Se a garotinha falava em “guardião”, então... Ela tinha ligação com o povo do mar. *Ah, droga.* Nem um dia já havia se passado, e já estava divulgando um relacionamento que deveria ser escondido do restante dos habitantes.

– *Não se preocupe. O que acontece entre vocês dois não é do meu interesse – a garotinha continuou, como se tivesse lido os pensamentos de Cordélia – mas quem você é... Já é outra história.*

A ruiva franziu o cenho.

– E quem é você? Além da evidência de estou ficando louca, claro.

Ouviu a risada infantil novamente, enquanto a garotinha se colocava de pé. Ela ajeitou o vestido, e observando melhor, Cordélia achou que lembrava vagamente as togas utilizadas pelos gregos – ao menos, as que apareciam em gravuras da Grécia antiga.

– *Me chamo Ferinitta – a garotinha se apresentou, fazendo uma pequena medida – mas pode me chamar de Nitta.*

Ela deu alguns passos em sua direção, e seus movimentos eram leves e delicados, como uma bailarina.

– *E estou aqui para guiá-la em sua função de Herdeira – Nitta completou.*

\*\*\*\*\*

Morgan encostou a porta atrás de si, se sentindo entorpecido enquanto caminhava pelo corredor. Alguma parte de sua mente tentava convencê-lo de que não era nada demais; Cordélia tinha o direito de ficar sozinha por um tempo, pensando em tudo o que contara a ela naquele dia. Era até o que esperava, no início da tarde. Mas, depois de tudo o que passaram, do que *fizeram*...

Sacudiu a cabeça, tentando deixar aquele sentimento incômodo de lado. Não, não ficaria abalado com aquela atitude; precisava parar de pensar o pior sobre a relação dos dois. Ela havia afirmado que o amava, *mais de uma vez*, e precisava começar a acreditar nisso com todo o seu ser, ao invés de ter dúvidas cada vez que ela agisse de forma inesperada.

Encontrou Henri ainda na cozinha, olhando para a parede, completamente perdido em seus pensamentos.

– Ela precisa de um tempo para si – falou – para colocar os pensamentos em



ordem.

Sentiu uma pontada em seu peito ao dizer essas palavras, que prontamente ignorou. Henri pareceu acordar de seu torpor, virando o rosto para encará-lo. Depois que Cordélia saíra de forma impetuosa, havia contado a ele sobre o acidente que levou ao choque, esclarecendo um pouco a atitude de sua protegida.

– Faz sentido. Ela tem muito o que carregar nos ombros – Henri murmurou.

Conversaram ainda sobre o tempo que Princesa Corália passara em terra, tentando estabelecer uma ordem cronológica de quando os acidentes haviam piorado. Eles ficaram em um silêncio desconfortável por alguns segundos, sem se encararem. Morgan estava se virando para ir embora, quando ouviu seu nome ser chamado. Parou, olhando para o homem mais velho, vendo que ele carregava um olhar... *estranho*.

– Morgan... Você acredita em destino?

O guardião sentiu seu coração parar por um momento. Aquela era uma pergunta que não só já ouvira antes, mas também respondera, muitos anos atrás. E não tinha certeza se ainda mantinha a mesma opinião.

– Eu... – parou por um momento, tentando refletir – acho que, se existir um caminho pré-determinado, as decisões que tomamos podem alterar significativamente nosso futuro. Mas... – franziu o cenho – talvez nunca seremos tão felizes ou satisfeitos se não atingirmos nosso destino.

Henri pareceu absorver suas palavras, soltando um suspiro após.

– Você acredita em sacrifício? – ele continuou – pelo bem daqueles que amamos?

Pego de surpresa, o guardião só conseguiu piscar. Jamais imaginaria aquela pergunta, mas não precisou pensar muito para responder.

– Sempre.

Assentindo, Henri voltou a encarar a parede, como se o dispensasse silenciosamente. Sem dizer mais nada, Morgan deu as costas e foi em direção à porta, pensando no que aquela conversa tão fora do comum significava.

\*\*\*\*\*

Cordélia estava com quase cem por cento de certeza de que havia enlouquecido em algum momento. Não só estava tendo alucinações muito vívidas, como, por conta delas, havia deixado o homem que amava ir embora

com um olhar ferido, ainda que tentasse não demonstrar. Mas, depois de tudo que acontecera no último mês – descobrir que era uma sereia, descendente de Poseidon, herdeira de um trono, etecetera –, seu cérebro parecia absorver aquela ocorrência como se fizesse parte de seu cotidiano.

– Certo. Você vai me ensinar sobre como ser uma Herdeira – ela repetiu as palavras que acabara de ouvir – e *como*, exatamente, você pretende fazer isso?

Ferinita – *Nitta*, como pediu para ser chamada – inclinou o rosto para o lado, a observando.

– *Eu disse “guia-la”, e não “ensiná-la”. Achei que fosse mais inteligente.*

A ruiva bufou, uma pontada de desconforto surgindo dentro de si. Aquela garotinha sabia como ser irritante.

– E qual a diferença? – perguntou, cruzando os braços.

– *“Ensiná-la” pressupõe que você não sabe sobre algo – ela explicou – mas você sabe. Dentro de si, todos os conhecimentos que necessita estão à sua disposição, vividos por todos os seus antepassados – ela fez uma pausa – tudo o que precisa é descobrir como acessar esse conhecimento.*

A explicação fazia sentido, mas Cordélia se recusava a dar o braço a torcer. Não iria dar razão para aquela *tampinha*.

– Tudo bem. Mostre o que preciso saber.

Não deveria ter dito isso. Viu um sorriso malicioso surgir nos lábios de *Nitta*, e usou todo seu autocontrole para não dar um passo para trás. Ao final daquela noite, estava mais do que arrependida de seu pedido, mas não daria a satisfação de assumir em voz alta para sua pequena alucinação.



capítulo 12

# Aprendizado

CORDÉLIA FECHOU A MOCHILA QUANDO o sinal tocou a fundo, acompanhando de forma automática o fluxo de alunos para fora da sala de aula. Se sentia mental e fisicamente exausta. Passara a madrugada inteira acordada na companhia de Nitta, e aquela *pestinha* havia acabado com ela, com seus direcionamentos de como usar seus poderes. Se não tivesse se alimentado de algas pouco antes de ir para o colégio, repondo sua energia, provavelmente não estaria se aguentando em pé.

Chegou a cogitar matar aula, mas como havia brincado com Nathalie no dia anterior para que enviasse uma equipe de busca caso não desse notícias, achou melhor não testar a amiga. Assim, mal teve tempo de vestir o uniforme e chegar para o primeiro tempo, muito menos teve chance de falar com Morgan.

Seu guardião havia sumido, respeitando seu pedido para ficar sozinha – solicitação feita por exigência de Nitta. Agora, precisava explicar para ele o que acontecera de um jeito que ele não achasse que havia enlouquecido de vez. Preocupava-se que ele estivesse magoado com ela, pela forma como havia saído; será que voltariam à estaca zero em seu relacionamento, mesmo depois de tudo que haviam feito...?

Não queria nem pensar nessa possibilidade; se tivesse que se jogar em cima de Morgan para convencê-lo de que o amava, pularia direto para a ameaça de amarrá-lo na cama. Sorriu internamente com a ideia; tinha a impressão de que ele gostaria que ela um dia fizesse isso.

Andou feito um zumbi pelos corredores, esbarrando com Josh no caminho para o estacionamento. Bastou uma olhada de seu amigo para perceber que não estava com a melhor das aparências.

– Você parece... Cansada – ele franziu o cenho, a observando.  
– Pode falar a verdade: pareço acabada.  
– Não, não, você está linda. Como sempre – ele pareceu se atrapalhar com as palavras – só... mais cansada que o normal.

Cordélia mordeu o lábio inferior para não rir, segurando o braço de Josh enquanto voltava a andar. Nas últimas semanas, ele parecia ter seguido em frente quanto à paixão que sentia por ela, mas mantinha aquele jeito meio tímido de agir quando estava em sua presença, como se sua beleza ainda o afetasse, apesar de tudo. Infelizmente, desde antes de seu aniversário, não tivera mais um momento com os três amigos juntos: Josh ainda se recusava a falar com Nathalie e Dylan, e ela acabou se acostumando a conversar com eles em separado.

– Estive estudando para as provas – deu a primeira desculpa plausível que pensou.

O que era uma mentira deslavada. A verdade é que mal encostara em um livro acadêmico desde que se tornara sereia, apenas frequentando as aulas. Por sorte, sua memória parecia se lembrar de tudo o que aprendera pelos professores, pois não estava tendo problemas nesse sentido. O que a fazia pensar que poderia ser alguma qualidade de sua natureza com barbatanas, embora ainda precisasse confirmar.

– Bem, não exagere – Josh continuou – sabe que...

Ele parou a fala, notando uma aglomeração de alunos na porta que levava ao estacionamento. Os dois se entreolharam, confusos, até Jordan, que estava mais atrás da multidão, se aproximar.

– Caramba, rainha, você podia avisar com antecedência que seu príncipe encantado ia aparecer – ele comentou, em tom brincalhão – os plebeus ainda não o perdoaram por perderem uma chance com você na festa, sabia?

Cordélia revirou os olhos. Não falava muito com Jordan, justamente pela cilada que ele lhe havia preparado na maldita festa. O rapaz havia levado o arremesso da bola de tênis na brincadeira, continuando com as mesmas palhaçadas de sempre, mas ainda assim, evitava trocar mais do que poucas palavras com ele. Isso até perceber o que ele havia dito.

– Espere... Morgan está aqui?

Imediatamente, todo o cansaço pareceu sumir, com a animação correndo por cada célula de seu corpo. *Ele estava ali!* Depois da forma que saíra na noite passada... Achou que precisaria persegui-lo pelo oceano para que falasse com ela.

Josh e Jordan levantaram as sobrancelhas enquanto observavam o surto de

autoconsciência que a ruiva teve, passando a ajeitar o cabelo e retirando o paletó do uniforme, ao mesmo tempo em que tentava ver seu reflexo no vidro de uma das portas do corredor.

– Esse cara deve ter algum defeito – Josh murmurou, pensativo – mau hálito...?

– Estou apostando em algo um pouco... *menor* – Jordan insinuou, ainda divertido – se entende o que quero dizer.

Os dois rapazes riram que nem idiotas, e Cordélia se controlou para não revirar os olhos. *Garotos...* Sempre se podia contar com eles para insinuações de cunho sexual. Sem dizer uma palavra, encarou Jordan, o fazendo parar de rir. Lentamente, deixou que um sorriso malicioso surgisse em seus lábios, e meneou a cabeça em uma negativa.

– Ah, qual foi, Délia! Esse cara não pode ser perfeito – ele gesticulou em direção ao estacionamento – não sobraria uma garota sequer para caras como eu.

– *Own*, não se preocupe – ela falou em tom complacente, dando tapinhas em seu braço – ele já tem dona.

– E ele seria louco de trocar você – Josh confirmou, ao seu lado.

– Obrigada. Agora... Que tal vocês me ajudarem a chegar até meu namorado?

Dando de ombros, Jordan levou as mãos até a boca, antes de gritar.

– Abram caminho para a rainha passar!

*Argh.* Mataria Jordan um dia desses. Mas a atitude dele foi efetiva: os alunos olharam para trás e, vendo que *ela* estava aguardando passagem, começaram a se afastar, de forma que ela pudesse caminhar. Foi agradecendo enquanto se espremia, até que finalmente chegou ao estacionamento. Não precisou procurar muito: Morgan estava a aguardando encostado na porta de seu carro, mais belo do que qualquer humano teria o direito de ser vestindo uma simples calça jeans, camisa preta e tênis esportivo. No rosto, usava óculos-escuro que tinha certeza que eram de seu pai, mas que ele raramente usava.

Borboletas surgiram em seu estômago ao vê-lo, e quando ele abriu um sorriso, sentiu que podia flutuar enquanto retornava o gesto de forma inconsciente. Aparentemente, ele a havia perdoado pela noite anterior, já que estava ali, em seu colégio. Não fazia ideia de como havia chegado; era distante umas boas quadras da praia, o que significava que ele havia andado bastante simplesmente para encontrá-la.

Caminhou sem pressa até ele, embora quisesse correr. Podia ouvir murmúrios de alunos que estavam no estacionamento, como “que injusto”, “deve ser um modelo” e coisas do tipo, mas ignorou por completo, pois sua atenção era

exclusivamente de seu *namorado*. Parou a poucos centímetros dele, levantando sua mão, e ele automaticamente entrelaçou a dele. Se encararam em silêncio, os sorrisos nos rostos, como se nada mais existisse ao redor.

– Oi – foi tudo o que ela conseguiu dizer.

– Olá – ele respondeu, e mesmo sem ver seus olhos por trás dos óculos, sabia que ele se divertia.

– Você... – ela parou, com medo de como ele interpretaria sua pergunta – não entenda errado, porque eu *estou* feliz de você estar aqui. Só estou me perguntando... Como entrou no meu colégio?

Afinal, Resilio House era uma instituição de ponta, e nenhum estranho conseguiria entrar sem uma justificativa plausível. Em resposta, Morgan deu um sorriso convencido.

– Tenho meus métodos.

– Hum... Entendi – ela assentiu consigo mesma – o zelador que fica na portaria é uma mulher, não é?

Ele deu um pequeno riso. Era a única possibilidade: sendo um tritão, ele facilmente poderia hipnotizar alguma pobre funcionária para deixá-lo entrar. *Se bem que...* Com sua aparência, era capaz de nem ter precisado do hipnotismo; se foi mesmo uma mulher na portaria, deve tê-lo deixado passar ao primeiro sorriso.

– Estou usando as armas que tenho à minha disposição – ele replicou, citando a frase que ela dissera no dia anterior.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Espero que não esteja usando *todas* – falou em tom ácido – elas deveriam ser reservadas para *mim*.

Em resposta, ele a puxou para perto de si, envolvendo sua cintura com a outra mão. Lentamente, inclinou o rosto, deslizando os lábios por sobre os dela e fazendo o coração da garota disparar com o gesto.

– Eu sou seu, Princesa.

Antes que ele pudesse enfim beijá-la, os dois foram interrompidos pelo som de tossidas no carro estacionado ao lado. Olharam no mesmo momento, vendo Nathalie e Dylan em pé, próximo às portas, os observando divertidos.

– Não querendo interromper, mas já interrompendo... – sua amiga comentou – o showzinho de vocês está impedindo os alunos de irem embora.

– E tem gente com o celular na mão, esperando pra filmar – Dylan completou, segurando o riso.

Só então o casal pareceu notar a quantidade de estudantes que havia ao redor, todos prestando atenção aos dois, alguns com expressões mais intensas do que outros. Sem precisarem trocar uma palavra, se afastaram, Cordélia pegando a chave do carro no bolso da mochila e Morgan se sentando no banco de carona. Às vezes, era difícil ser uma sereia e um tritão.

– Obrigada, Nathy – agradeceu, dando a partida – nos vemos amanhã.

– Não esqueça: sete horas no parque Bondi! – a morena replicou.

E Cordélia já quase havia esquecido. Apesar de estarem na iminência das provas, havia um passeio no dia seguinte ao rio Hawkesbury, marcado pelo colégio meses antes, para que os estudantes aprendessem mais sobre as reservas indígenas da Austrália. Havia se inscrito tão logo iniciou suas aulas, mas agora, estava profundamente arrependida. Não que tivesse algo contra a cultura nativa de um país; mas só conseguia pensar em como sua vida estava complicada o suficiente no momento, sem perder um dia inteiro em um passeio que não agregaria nenhum conhecimento útil para sua função de princesa.

Esperou até chegar com o carro na rua para finalmente dar atenção à Morgan, que permanecia com o semblante ilegível ao seu lado.

– Então... Posso supor que sua visita não foi apenas um surto de romantismo?

Enquanto manobrava o carro para sair do estacionamento, havia tido tempo o suficiente para pensar no que a presença de Morgan significava. Afinal, na noite anterior eles haviam discutido a possibilidade de *acidentes* acontecerem enquanto estivesse em terra, e não achava que era coincidência ele ter surgido em seu colégio na hora da saída.

Em resposta, ele retirou os óculos-escuro, suspirando.

– Sua segurança vem em primeiro lugar, Princesa – ele afirmou com tom de voz carinhoso – mas se eu soubesse que ficaria tão feliz com a minha presença, teria aparecido do mesmo jeito.

Ela bufou, estendendo a mão livre para segurar a dele, enquanto permanecia com uma no volante.

– Não seja bobo. É *óbvio* que eu ficaria feliz – se lembrou da noite anterior, e engoliu em seco antes de continuar – me desculpe por ontem. Eu só...

Não sabia o que dizer. Deveria contar sobre Nitta? Sua alucinação não havia exatamente *permitido* que falasse sobre ela com outros, e havia pedido explicitamente que se livrasse de Morgan antes de conversarem. O quão ruim seria desobedecer uma invenção da própria cabeça...?

– Você está... Melhor? – ele perguntou, a olhando indeciso.

– Estou. *Mesmo* – reafirmou, vendo que ele continuava com dúvidas no olhar – só me pegou de surpresa.

Ele assentiu.

– Sei que gostaria de mais tempo entre humanos, mas precisamos ser realistas – ele olhava para a paisagem, agora que dirigiam na pista rente à baía – se continuar com sua vida aqui, só se colocará em perigo.

*E a você também*, Cordélia pensou, mas mordeu a língua para não mencionar. Sabia que seu guardião era despreocupado com a própria segurança, pensando somente na dela. Então, cabia a *ela* pensar na dele e, sobre aquele assunto, simplesmente acatar o que ele decidisse que fosse melhor.

– Então... Quanto tempo eu tenho?

Morgan ficou alguns segundos em silêncio, enquanto desaceleravam em um sinal de trânsito.

– Eu e seu pai fizemos uma linha cronológica dos acidentes que sua mãe causou – ele comentou – ao que parece, no primeiro mês quase não houve algum. Já no segundo mês...

Ele fez uma pausa, e Cordélia não precisou nem se esforçar para adivinhar o que ele diria em seguida.

– O segundo mês se tornou realmente perigoso, com acidentes cada vez mais frequentes – ele completou.

Ela respirou fundo, já sabendo que aquela era a resposta. Então era isso; seu tempo em terra havia acabado. Não sentiria falta do colégio em si – francamente, nem sabia o porquê de ainda frequentá-lo –, mas sentiria falta de seus amigos. Pela primeira vez sentia que haviam pessoas que gostavam dela de verdade, e não apenas estavam atraídos por sua aparência. O que diria a eles? Uma emergência familiar nos confins do mundo...? Uma nova mudança de emprego de seu pai...?

*Seu pai...* Como sentiria falta dele! Sua vida toda, Henri esteve presente para apoiá-la, e saber que não o veria por um tempo indefinido causava um aperto em seu coração.

Queria negar sua natureza. Se existisse a possibilidade, estaria escolhendo ser humana, pelo simples fato de ser a vida que sempre conhecera. Mas sabia que não era possível; entre as lições que Nitta lhe deu, a garotinha também a lembrou mais de uma vez que ela tinha um papel a cumprir. Podia estar em conflito interno com sua parte humana, que vivera dezoito anos em terra, mas não havia como negar *quem* ela era.



– Eu entendo – murmurou – temos que ir logo, certo? – uma risada melancólica – nada de formatura para mim.

Estacionaram em casa, e Morgan olhou com pena para sua protegida. Queria ser capaz de acalmar aquela tristeza dela, mas não era possível; a função que ela exerceria era um fardo enorme que carregaria nos ombros, e tudo que ele podia fazer era garantir que estaria ao seu lado quando ela precisasse. Podia não entender o que ela via na vida em terra – achava os humanos, em sua maioria, irritantes –, mas era capaz de assimilar que ela estaria deixando para trás tudo o que então conhecia, para assumir responsabilidades que mal havia aprendido sobre.

Entraram na residência em silêncio, Cordélia perdida em pensamentos. Com a possibilidade de acidentes acontecerem, não sabia até quando poderia insistir; refletiu um pouco, se dirigindo à Morgan quando chegaram no quarto dela.

– Você acha... Uns dois dias, pelo menos? – perguntou, incerta.

Assim, teria o passeio do colégio no dia seguinte para passar com seus amigos. Já planejava mentalmente como faria para que Josh voltasse a falar com Nathalie e Dylan; seria seu último ato como humana fazer os três amigos de infância se acertarem novamente. E teria mais um dia para passar com seu pai; ele poderia tirar uma folga para ficarem aquele tempo juntos.

Morgan assentiu, pensativo.

– Eu preciso enviar uma mensagem ao exército rebelde – ele comentou – informando Ariston de sua ida.

Cordélia franziu o cenho. Era a primeira vez que ouvia o termo “exército rebelde”, e considerando que já sabia da existência de uma guerra, não estava gostando nem um pouco.

– Morgan...

Ele se aproximou, levando uma mão ao rosto dela.

– Nós ainda precisamos conversar sobre as repercussões da guerra, Princesa, mas podemos fazer isso quando já estivermos no mar.

Relutantemente, ela concordou.

– Está bem. Estou cansada, de qualquer forma – ela fechou os olhos, apoiando o rosto em seu peitoral e se deixando ser envolvida por seus braços.

O guardião podia dizer isso só de olhá-la. As olheiras estavam de volta, e visualmente ela aparentava o cansaço. Se sentiu culpado por um momento, por ter se mantido afastado na noite anterior; talvez teria sido melhor se tivesse ficado por perto, tentando tirá-la de seus pesadelos noturnos. Mas ela parecia tão

resoluta em ficar sozinha que...

Perdeu a linha de pensamento quando mãos delicadas entraram por baixo de sua blusa, tateando pelos músculos de sua barriga. Prendeu a respiração, sentindo pequenas mordiscadas em seu peitoral, enquanto seu corpo respondia ao toque dela. Quando os dedos deslizaram até o cós de sua calça, arfou.

– Achei que estivesse cansada – conseguiu dizer.

Ela levantou o rosto, um brilho divertido em seu olhar.

– E estou. Pretendo ficar deitada bem ali... – ela indicou a cama com um gesto da cabeça – enquanto deixo todo o trabalho duro para você.

*Hum...* Quando ela colocava dessa forma, era impossível resistir – não que sequer pensasse na possibilidade. Lentamente, levou as mãos à blusa do uniforme dela, começando a soltar os botões, deixando a pele aveludada exposta. Desceu os lábios pelo pescoço, enquanto o corpo inteiro dela se arqueava em seus braços.

– Não ligo para o trabalho duro – murmurou, antes de unir suas bocas.

E por aquele momento, se deixou vivenciar todas as sensações e sentimentos que só era capaz de sentir quando estava com sua amada.

\*\*\*\*\*

Ela dormia em seus braços em um sono profundo, completamente relaxada. Preocupava-se com aquele cansaço repentino dela, e se não a estaria cobrando demais. Teriam tido muitas lições nas últimas semanas? Teria sido exagero contar sobre as obrigações que a esperavam, ao mesmo tempo que exigia que fossem logo para o mar...?

Acariciou seu rosto, a observando por alguns momentos, antes de se levantar. Buscou sua bermuda no quarto de Henri, guardando a calça jeans e tênis, e retornou para o lado dela. Não conseguia se forçar a acordá-la; parecia tão *tranquila* em seu sono, que por aquela tarde, achou melhor deixá-la descansar.

Com cuidado para não despertá-la, conseguiu vesti-la com a blusa que usara mais cedo, e que mal chegava na altura de suas coxas. *Aquelas pernas...* Puxou o lençol para cobri-las. Cordélia conseguia ser linda e sensual com qualquer vestimenta, fosse como humana ou sereia, e precisava se acostumar a não tê-la sempre que sentisse vontade. Afinal, quando estivessem entre seu povo, não teriam a liberdade que possuíam em terra.

Inspirou fundo, sabendo que haviam obrigações a serem cumpridas. Precisava avisar Ariston sobre a ida da Herdeira; o ex-guardião era o atual General do exército rebelde, e só ele poderia dar a ordem para que as tropas espalhadas pelo oceano se reunissem em sua maior concentração, na cidade de Alethea.

E enviar uma mensagem aos rebeldes não era algo tão simples; não quando haviam batedores e espiões do Usurpador. Considerando que poderia demorar mais do que o esperado para entrar em contato com o General, achou melhor deixar uma mensagem para sua protegida. Se dirigiu ao quadro branco que havia na cozinha, e que já havia visto ela e Henri utilizarem para deixar mensagem um ao outro. Anotou a sua, esperando que ela visse, antes de dar as costas e ir para o mar.

\*\*\*\*\*

Cordélia acordou sozinha em sua cama, o quarto completamente escuro. Piscou, tentando se localizar, enquanto se sentava. Se recordou de sua tarde, e nem havia se dado conta de que havia dormido. Que horas eram...?

Esfregando os olhos, caminhou até o banheiro, parando no espelho ao notar o que vestia. Sentiu uma felicidade boba brotar dentro de si ao perceber que usava a blusa de Morgan; por um momento, pareceu algo normal vestir a roupa de seu namorado.

Deixando aquele sentimento de lado, tomou um banho rápido, a fim de despertar. Se sentia melhor após aquele cochilo, com sua mente e corpo descansados. Se alimentaria de algas dali a pouco, e estaria cem por cento para uma nova aula com Nitta, conforme havia prometido na noite anterior.

Enquanto se vestia, se recordou da última madrugada, e de como sua pequena alucinação conseguia ser irritante....

\*\*\*\*\*

### ***Algum momento da madrugada anterior***

– *Você está fazendo errado* – Nitta afirmou – *está pensando demais... De novo.*

– Estou fazendo o que você me disse pra fazer – Cordélia falou por entre os dentes, frustrada.

– *Não está não.*

Controlando a vontade que tinha de gritar, a ruiva respirou fundo. Já estavam a umas boas horas dentro do mar, bem próximo do rochedo que levava à sua janela. Tinha receio que Morgan pudesse *sentir* caso ela se afastasse demais, considerando que ele podia localizá-la, sendo seu guardião. Assim, quando Nitta sugeriu que fossem para água, simplesmente pulou do rochedo, se mantendo próxima à sua casa.

– *Você está pensando demais* – Nitta repetiu.

– Você disse para eu pensar!

Com uma expressão impaciente, a garotinha flutuou até sua frente, com poucos metros de distância. Mesmo no mar ela mantinha a mesma aparência humana, e seu cabelo cacheado sequer se movia na água.

– *Você precisa pensar no que quer fazer para direcionar sua ação. Mas o mais importante é sentir depois* – ela explicou, e seu tom de voz parecia uma ordem – *foque, mentalize e depois sinta.*

Cordélia engoliu a resposta que queria dar, fechando os olhos para se concentrar. A explicação de Nitta parecia simples no início, e achou que não teria problemas em executar: basicamente, o que precisava fazer era converter o seu Colar no formato de um báculo, que era a forma quando mais poderia usar seu poder.

E, segundo Nitta lhe dissera, era um poder enorme; o Colar de Anfitrite não possuía muitas limitações quanto ao que poderia fazer.

– *A joia que carrega possui o poder do Deus dos Mares, um presente para sua esposa, Anfitrite* – Nitta dissera mais cedo – *é tão poderoso quanto o Tridente usado pelo seu filho, o primeiro Rei Tritão. E, tal como o Tridente, é passado de geração a geração, somente podendo ser usado pelos descendentes do próprio deus.*

Com o Colar, em tese, ela poderia fazer qualquer feitiço que se propusesse; funcionava como um *canalizador*, pois o verdadeiro poder vinha dela mesma e do ambiente ao seu redor – o próprio mar. E mesmo quando não *soubesse* o que fazer, as almas de seus antepassados que permaneciam no oceano poderiam guiá-la no uso de seus poderes quando fosse necessário. Foi naquele momento da explicação, inclusive, que Cordélia finalmente entendeu como havia curado Morgan de sua paralisia: apesar de não fazer ideia da forma de aplicar a cura, ela havia sido *guiada* por algum antepassado, pois toda sua vontade estava

concentrada naquele momento em ajudar o seu guardião.

Agora, porém, precisava aprender a usar essas vantagens de forma consciente, e horas já haviam se passado sem que conseguisse sequer transformar o colar em báculo. Estava frustrada, cansada e com sono, mas Nitta não deixaria que ela fosse dormir até conseguir ao menos *aquilo*.

– Não dá – murmurou, depois de outra tentativa – eu não consigo.

A garotinha bufou.

– *Você é a única se impedindo* – ela apontou – *dentro de si, continua achando que sua natureza de sereia é temporária, e fica pensando na vida que levou como humana nos últimos anos.*

– Eu...

Cordélia ficou sem palavras; Nitta havia acertado em cheio em seu apontamento.

– *Deixe-me lembrá-la de algo, Herdeira* – ela falava em tom de voz sério – *você é a Descendente do Mar. Esta é sua alcunha, sua designação, seu futuro. Este foi o nome escolhido em seu nascimento para guiar seu destino, e jamais poderá fugir dele.*

– Você fala como se eu não tivesse escolha – a ruiva não resistiu em comentar, amargurada – como se tudo estivesse pré-designado, e nada que eu fizer poderá alterar o resultado.

Nitta a avaliou com o olhar.

– *Você não acredita em destino* – constatou.

– Eu não acredito que não tenha escolhas – replicou, cruzando os braços – é a minha vida, e só eu posso tomar as decisões.

A garotinha flutuou até estar bem próxima dela, seus narizes quase se encostando, o olhar cor de mel trazendo uma seriedade que não combinava com sua aparência inocente.

– *Quanta... Ingenuidade.*

Cordélia ficou sem palavras com aquele comentário. E antes que pudesse pensar em uma resposta, Nitta voltou a se afastar.

– *Tente de novo* – ordenou.

E assim foi por toda a madrugada. Em algum momento, conseguiu invocar seu báculo, o que deu início a mais uma série de ordens sobre como utilizar seus poderes com eles. Inicialmente, Cordélia ficou maravilhada com o feito: o Colar em seu pescoço havia sumido, se convertendo naquele instrumento. O cabo era todo em espiral, parecendo um metal perolado, em uma cor entre cinza e branco;

na ponta, havia uma esfera azul enorme e brilhosa, tal como a pérola que havia em seu cordão, mas em tamanho bem maior.

Nitta sugeriu que ela se concentrasse no fato de ser uma princesa, pertencente à Família Real. Segundos depois, sentiu sua pele esquentar, e quanto abriu os olhos, viu que não vestia mais a parte de cima do biquini, mas sim, duas conchas no mesmo material de seu báculo cobrindo os seios; na divisa de sua pele com suas escamas, um cinto de pérolas havia surgido para decorar, e sentiu o peso das pulseiras de aro nos pulsos, assim como algo em sua cabeça.

– Eu estou usando... Uma coroa? – indagou, em tom surpreso.

A garotinha riu em tom debochado.

– *Você é a Princesa Herdeira, afinal* – ela explicou – *é de se esperar que se vista à caráter. Seu guardião também* – a atenção de Cordélia imediatamente foi atraída – *com o poder do Colar, ele terá vestimentas dignas de sua função.*

Antes que a ruiva pudesse perguntar mais sobre as vestimentas de um guardião, Nitta a distraiu ao dizer que ela poderia fazer uma magia simples para visualizar seu reflexo. Após algumas poucas tentativas – estava finalmente avançando no uso de seu báculo –, conseguiu o feito, e foi impossível não exclamar ao se ver naquela forma: a coroa de três pontas, decorada com várias joias preciosas que pareciam diamantes e safiras, a fazia se sentir, efetivamente, da realeza. Seu rosto, inclusive, aparentava estar até mesmo *maquiado*: seus olhos cinzas estavam destacados, a fazendo parecer muito mais madura do que seus dezoito anos de vida.

– *Você pertence à linhagem divina do Deus dos Mares, Herdeira do Trono* – Nitta pronunciou, novamente em tom sério – *as qualidades que carrega foram definidas pelo próprio Poseidon: a coragem, valorizada nos melhores guerreiros; a perspicácia, qualidade de todo bom soberano; e o amor, que traz a empatia para aqueles que a cercam. Sua vida não é sua, mas pertence a todos os seres do mar, assim como as vidas deles pertencem a você. Jamais se esqueça de quem você é.*

E, pela primeira vez em mais de um mês, Cordélia finalmente entendeu o que era esperado dela. Mesmo com as várias lições que teve com Morgan, mesmo que tivesse sentido a vida dos seres ao seu redor... Com um baque, percebeu que era muito mais do que isso. Um poder ilimitado em sua mão, que poderia ser usado para o bem... E também para o mal.

– Nitta... Você sabe algo sobre a guerra que o povo do mar está vivenciando?

A garotinha ficou em silêncio por vários segundos, observando a claridade que começava a envolvê-las; o sol já havia nascido na superfície.

– *Seu guardião tem sido negligente em suas lições* – comentou, por fim – *os sentimentos dele por você interferiram em seu julgamento sobre o conhecimento que deveria lhe ter sido passado.*

Cordélia franziu o cenho. Sua primeira reação era de pular em defesa de Morgan, mas se conteve; achava que Nitta tinha razão naquele ponto. Sempre teve a impressão de que ele mantinha determinados assuntos para si, com receio de sua reação quando soubesse, como se ela fosse uma pessoa delicada. E se tinha algo que não suportava era ser vista como *frágil*; com o tempo, esperava que ele entendesse isso.

– Então... Você vai me contar sobre a guerra? – perguntou, duvidosa.

Nitta suspirou.

– *Retorne para o mar hoje a noite, e poderemos conversar a respeito* – ela declarou – *por hora, se alimente para repor suas energias e volte para a vida humana que possui.*

Sem dizer mais uma palavra, ela desapareceu, deixando uma Cordélia completamente confusa no lugar.

\*\*\*\*\*

### ***Momento atual***

– Filha? Está em casa?

Cordélia despertou de suas recordações, ouvindo seu pai chamá-la. Ao voltar para o quarto, o encontrou na porta, olhando indeciso.

– Achei que estivesse com Morgan, em uma de suas lições – ele comentou.

Seu tom de voz era um tanto acusatório; aparentemente, ele achava que sempre que estava com seu guardião, uma sessão de amassos ocorria. Não que estivesse muito longe da verdade, mas...

– Ele tinha uma mensagem a enviar – respondeu em tom leve – precisava avisar a alguém que estaremos indo em... dois dias – suas últimas palavras foram um sussurro.

*Era pouco tempo.* Pela tarde, quando sugerira, parecia o suficiente. Mas ali, olhando para o olhar desamparado de seu pai... Não conseguia pensar em dizer “adeus” a ele. Ficaram em um silêncio pesado, antes de Henri se pronunciar.

– Bem... Já que está em casa, o que acha de passar a noite com seu velho?

Ela sorriu, semicerrando os olhos de forma avaliativa.

– Desde que não invente de pegar os álbuns de fotografia, tudo bem.

– Droga... Lá se foi o meu grande plano – ele deu uma piscadela.

Rindo, Henri foi para a cozinha, e Cordélia o seguiu sem pensar duas vezes. Lá, atacaram novamente um sorvete enquanto conversavam e, ao invés de falarem sobre o futuro, relembravam o passado: vários momentos dos dois ao longo de todos aqueles anos, alguns memoráveis.

– Lembra daquela vez que seu carro quebrou no meio da autoestrada? – Cordélia lembrou – e você tentou trocar o pneu, mas a chave...

– ...Voou no parabrisa – Henri completou, rindo com ela – tive um prejuízo enorme com a oficina naquela semana.

– E aquela vez...

E assim a noite se passou, os dois trocando lembranças que desejavam sempre manterem em suas mentes. Mas toda vez que pensava no tempo em que ficaria sem ver seu pai... Seu coração se apertava, a tristeza ameaçando estragar todo seu planejamento.

Após muitos risos e provocações, os dois entraram em um silêncio confortável, um encarando o outro. Henri então, pareceu se lembrar de algo.

– Antes que eu esqueça... – ele puxou um anel que usava em sua mão direita – eu retirei do banco há poucos dias.

Ele colocou o anel na palma da mão dela. Cordélia lembrava dele: seu pai o usara por muitos anos, antes de resolver depositar em uma caixa segura de uma instituição bancária, e nem percebera que ele estava usando nos últimos dias.

– Esse é... O anel da vovó? – a garota perguntou, enquanto observava a joia.

Era uma joia simples, possivelmente de prata. No entanto, bem no meio, havia incrustado uma pedra oval na cor amarela, que ela sempre achou ser topázio. Era bonito, mesmo não sendo muito elaborado, e seu pai certa vez contara que estava em sua família por gerações.

– Eu guardei esperando te presentear em seu aniversário, mas sabia que seria ofuscado pelo colar de sua mãe – ele riu, desconcertado – então, resolvi deixar para ajustar e te presentear em sua formatura. Só que os planos mudaram, então...

Ele não precisava completar. Cordélia compreendia: com o surgimento dos acidentes, ela não poderia se dar ao luxo de continuar em terra até terminar o colégio, em três semanas. Revirou o anel em suas mãos, antes de alocá-lo em seu polegar direito, o único dedo onde não ficava largo a ponto de soltar.



Já ouvira muitas histórias sobre sua avó paterna ao longo da vida, e havia sido nomeada com seu nome do meio em homenagem a ela: Celina. Nunca a conhecera, assim como seu avô, pois ambos morreram em um acidente antes de ela nascer, mas pelo que ouvira, era uma mulher sem igual: havia desafiado o mundo em uma profissão usualmente de homens, se tornando piloto de aviões. Sempre se orgulhara daquela parte de sua história genealógica, e isso não mudara só porque se tornara sereia.

– Obrigada, pai – observou o anel em seu dedo mais alguns instantes, antes de olhar para ele – vou usar com muito orgulho.

Henri pareceu sem graça.

– Não é nada mágico como o que está acostumado, mas... – ele deu de ombros – sempre teve importância para mim.

Cordélia sorriu, voltando a olhar para a joia. Carregar aquele anel a lembraria de seu pai, e que uma parte sua sempre seria humana, não importasse onde estivesse. Estendeu a mão por sobre a mesa, segurando a de Henri e dando um leve aperto.

– Me prometa que vai cuidar de sua saúde – ela pediu – evitar comida com muito colesterol e coisa assim.

Henri deu uma pequena risada melancólica, mas não respondeu. Olhou para suas mãos, permanecendo em silêncio, antes de finalmente olhá-la.

– Amo você, querida. Mesmo que esteja longe... Sempre se lembre disso – ele engoliu em seco – eu sempre estarei com você em seu coração, não importa onde você esteja.

E Cordélia teve que se esforçar para não chorar. Seu pai era um homem carinhoso, mas não era de usar muitas palavras. Mas ali, naquele momento... podia entender a necessidade que ele sentia de externalizar aqueles sentimentos. Se levantou, se aproximando dele e o envolvendo em um abraço meio torto pela posição que se encontrava.

– Também amo você, papai – beijou sua testa – prometo que farei de tudo para visitá-lo assim que puder.

Ele assentiu, mas não respondeu. Ficaram vários minutos naquele silêncio melancólico, antes de uma ideia surgir na mente de Cordélia.

– Agora... O que acha de pegarmos aqueles álbuns de fotos?

A sugestão produziu o sorriso que esperava em seu pai, e logo, os dois estavam mergulhados novamente no passado.

\*\*\*\*\*

Já era tarde da noite quando seu pai bocejou, fechando o último álbum que tinha em mãos. Cordélia também estava com sono, mas sabia que tão logo se alimentasse de algas, voltaria a se sentir energética, então, deixou o cansaço de lado.

Henri estava com a mão no interruptor de luz quando percebeu a estranha mensagem que havia no quadro de recados da cozinha. Olhou por alguns segundos, antes de chamar sua filha de volta.

– Foi você que rabiscou isso? – ele apontou ao que se referia.

Cordélia olhou para o quadro, vendo que era uma mensagem de Morgan:

Princesa,

Há a possibilidade de eu demorar na tarefa que me propus. Tentarei voltar pela manhã, mas caso não consiga, prefiro que não se preocupe.

Sempre seu, M

As bochechas da garota coraram ao ler a última linha, se sentindo desconcertada por seu pai ter lido o “sempre seu”. Contudo, ao olhar para o lado, viu que Henri parecia completamente confuso.

– Foi Morgan quem deixou o recado – ela comentou.

Henri a olhava estupefato.

– Você consegue ler isso?

Franzindo o cenho, Cordélia voltou a olhar para o quadro. Era só uma mensagem; por que seu pai parecia tão surpreso?

– Filha... – Henri soltou uma risadinha perplexa – eu não faço ideia de que língua ele utilizou para escrever.

Agora Cordélia estava completamente confusa. Voltou a observar o quadro, mas para ela, era como se a mensagem estivesse escrita em inglês. Até que uma lembrança veio à sua mente, a fazendo exclamar.

– A linguagem universal – ela olhou maravilhada para seu pai – Morgan havia me falado disso antes, mas nunca percebi.

Olhou as palavras novamente com uma nova percepção, rememorando uma parte das lições que recebera de seu guardião nas últimas semanas.

– Segundo ele me disse, é mais um dos mitos do povo do mar. O interessante

é que se assemelha bastante com algumas histórias que conhecemos – ela explicou – os humanos teriam construído uma torre, na tentativa de atingirem a morada dos deuses, mas foram castigados por essa audácia. Assim, a forma de comunicação foi particionada, tornando os humanos incapazes de se comunicarem com alguém de um território vizinho.

– A lenda da torre de babel – seu pai comentou, entendendo – está escrita na bíblia, mas vários povos possuem algum relato similar, como na tradição islâmica e na América Central.

– Isso. Só que, segundo o povo do mar... – ela voltou a olhar para a mensagem – essa torre só teria sido construída *depois* que Atlântida foi afundada pelo deus Poseidon. Assim, sereias e tritões não teriam uma divisão de idioma como os humanos, utilizando uma *linguagem universal* para se comunicar – ela abriu um sorriso enorme para o seu pai – em tese, eu posso ir na China e serei capaz de me comunicar com um chinês, porque eu sou capaz de utilizar essa linguagem.

– Incrível... – Henri murmurou, passando os dedos pela escrita de Morgan – mas você não era assim antes. Se bem que... – ele franziu o cenho – você sempre teve facilidade para aprender outras línguas durante a adolescência.

Cordélia refletiu por alguns segundos. Ela só se tornou sereia aos dezoito anos; antes disso, vivia como humana por conta do feitiço que sua mãe lhe pusera, ainda bebê. Mas, apesar de o mar negá-la, uma parte sua ainda era sereia – tanto que sempre foi atraente para os humanos. Talvez... O conhecimento da linguagem universal também tivesse sido afetado com o feitiço, e meramente favorecia o aprendizado dos idiomas.

Meneou a cabeça. Ainda ficava surpresa com cada descoberta que fazia a respeito de sua natureza. O que a lembrava que tinha muito o que aprender com sua pequena alucinação, dali a pouco.

– Bom... Ao menos sei que posso pedir pizza em todos os idiomas – gracejou, dando uma piscadela para seu pai.

Rindo, se despediram, cada um indo para seu quarto. Cordélia inspirou fundo, olhando para sua janela; era hora de finalmente aprender sobre a guerra de seu povo.



capítulo 13

## O povo do mar

A MADRUGADA JÁ ESTAVA PELO MEIO quando Nitta aceitou que Cordélia estava verdadeiramente exausta. Desde o momento em que fora para o mar naquela noite, ao invés de cumprir sua promessa e lhe contar sobre a guerra, a garotinha a fizera treinar sem parar, alegando que somente quando estivesse em completa exaustão é que lhe contaria o que tanto desejava saber.

– *Toda magia é uma troca equivalente. Você doa sua própria energia para uma finalidade, ou, utilizando o Colar, se utiliza também da energia do mar ao seu redor – explicava – tudo tem um preço. Se utilizar demais sua energia, sem equilíbrio, seu corpo poderá ser consumido no processo, e é importante que aprenda quais são seus limites.*

A ruiva não tinha do que reclamar, na verdade. Em semanas que tentara treinar seus poderes com Morgan, não conseguira avançar nos feitiços mais básicos de sua natureza. Porém, sob a tutela de sua pequena alucinação, e com o uso do Colar de Anfitrite, treinava em um ritmo avançado, conjurando barreiras na própria água, assim como bolhas de ar tão resistentes que nenhum golpe conseguia perfurar; produzia esferas de energia que eram possíveis de serem moldadas em suas mãos, transformando em utensílios como estacas e até mesmo o que ela achou ser uma espada – mas que Nitta criticou dizendo que ela precisava *conhecer* como era uma espada de verdade antes de se aventurar a produzir uma.

Aquele treino, porém, a esgotava rapidamente, vez que a ideia de Nitta era que descobrisse suas limitações. Poucas horas depois, Cordélia sentia como se tivesse corrido uma verdadeira maratona, com todos os membros de seu corpo pesados. Foi um verdadeiro esforço erguer a mão para ingerir uma folha de alga,

e somente alguns momentos depois de se alimentar é que conseguiu se focar o suficiente para cobrar a garotinha de sua dívida.

– *Está bem, já está na hora de você aprender sobre a guerra* – Nitta concordou – *mas antes, preciso saber do que você tem conhecimento.*

– Não muito – Cordélia deu de ombros – só que uma guerra estourou por conta do meu nascimento, e de minha mãe ter se recusado a se casar com um tritão – pensou um pouco – ah, e que essa guerra ainda existe.

Nitta pareceu praguejar baixinho, mas a ruiva não teve certeza. Afinal, ela era uma *criança*.

– *A situação é pior do que eu pensava* – ela disse, por fim – *sabe ao menos sobre a maldição de Hades?*

– Você diz... Do fato de que sereias e tritões só podem se reproduzir com humanos? – perguntou, incerta – Morgan me contou que a Família Real é uma exceção por conta do Oráculo, mas...

– *Não, não* – Nitta a interrompeu – *me refiro à segunda parte da maldição.*

Frente ao olhar confuso da ruiva, Nitta suspirou, meneando a cabeça. Parecia decepcionada com Cordélia, e a garota nem mesmo sabia o *porquê*.

– *A maldição que Hades colocou no povo do mar possui duas partes. A primeira, é a que você já conhece: sereias e tritões só podem procriar com humanos, e sem eles, entrariam em extinção* – ela explicou – *a segunda parte diz respeito diretamente à Família Real.*

Antes que Cordélia tivesse a chance de absorver o que ela dizia, a garotinha continuou.

– *Com raiva de seu irmão Poseidon, Hades amaldiçoou sua linhagem, prometendo que, um dia, um dos seus Herdeiros se viraria contra seu povo, apoiado pelos poderes do submundo, e ele nada poderia fazer para impedir.*

Nitta flutuou até uma rocha e, apesar de ser uma alucinação, sentou. Cordélia teria achado graça, se não estivesse tão concentrada nas palavras que ela proferia.

– *Você precisa entender que o povo do mar existiu por gerações sendo fiel às tradições que foram impostas em sua criação pelo primeiro Rei Tritão, filho direto de Poseidon. E, mesmo com os Conselheiros fazendo a documentação da história, alguns detalhes se perderam* – ela explicou – *essa segunda parte da maldição... Foi basicamente esquecida pela maioria, mesmo quando deveriam se lembrar dela.*

Cordélia franziu o cenho.

– Como assim?

– *Mesmo que uma situação pouco usual tivesse ocorrido, ainda assim, o povo do mar não vinculou um acontecimento ao outro... Até ser tarde demais – a garotinha continuou – acabaram culpando quem era inocente, também por fatos pouco usuais que ocorreram algum tempo depois.*

– Você poderia explicar de uma forma mais direta? – Cordélia começava a se irritar – está misteriosa demais para meu gosto.

– *Não é minha culpa se seu cérebro é pouco desenvolvido – antes que a ruiva pudesse replicar, a interrompeu – acontece que sua mãe, Princesa Corália, possuía um dom que o povo do mar não vivenciava em gerações. Um dom que, de tão incomum, foi esquecido da história, pois somente o primeiro Rei Tritão, filho de Poseidon, o possuiu.*

Ao falar em sua mãe, Cordélia perdeu a vontade que tinha de replicar, e se calou, aguardando. Satisfeita que a ruiva não mais a interromperia, Nitta prosseguiu.

– *Todo habitante do mar é capaz de se comunicar com os peixes, como você já deve ter descoberto. E, com um pouco de meditação, também podem entrar em comunhão com o ambiente ao seu redor, sentindo a vida das plantas aquáticas que servem de alimentação. Porém, há uma exceção nos seres com quem uma sereia ou tritão podem conversar: os predadores.*

– Você diz... os tubarões? – Cordélia estava confusa – mas eu conversei com eles.

Se lembrou de sua visita ao Coral Elizabeth, onde ajudara os golfinhos; lá, havia feito amizade com os tubarões do ninho, incluindo com a líder, Sandi.

Seu comentário trouxe um olhar especulativo de Nitta, o qual a garota não soube interpretar.

– *Eu aconselharia a não divulgar essa informação tão cedo. Ao menos, até ter sua posição consolidada junto aos seus súditos.*

Antes que a ruiva pudesse perguntar o motivo, sua alucinação continuou.

– *Por conta de seu dom pouco usual, e que era de conhecimento público, Princesa Corália passou a ser vista com desconfiança quando uma série de acidentes passaram a ocorrer na véspera de sua segunda visita ao Oráculo, quando seu reinado teria início após o anúncio de seu casamento – Nitta parecia cuidadosa em suas palavras – a maioria dos acidentes envolveram ataques pelos tubarões em aldeias menores, afastadas de Atlântida, onde a Guarda Real demorava a comparecer por conta da distância.*

Um fogo interno se acendeu dentro de Cordélia.

– Eles acharam que minha mãe era culpada por esses ataques?

Sua voz, mesmo que soasse como um guincho dentro d'água, pareceu sair alguns oitavos mais alta, dada a emoção que sentia. Podia não ter conhecido sua mãe, mas a imagem que tinha dela era de uma governante perfeita; havia se separado de sua filha apenas para retornar à guerra, se sacrificando no processo, e não podia imaginá-la atizando tubarões para atacar os habitantes do mar.

– *Como eu disse, inocentes foram culpados pela falta de documentação correta da história. Frente à ataques cada vez mais frequentes, uma parte da população estava dividida sobre as intenções de Princesa Corália, e declaravam publicamente que não apoiariam seu reinado.*

– Espera aí – Cordélia franziu o cenho – Morgan me contou que não havia disputa de poderes, porque sempre existiu um único Herdeiro ao trono. E que este sempre foi apoiado pela população, mesmo que seu governo não fosse tão bom.

Nitta pareceu ligeiramente exasperada ao ouvir aquilo.

– *Eu diria que algum dia ainda vou ter uma conversa séria com seu guardião, mas não posso me comprometer* – antes que a ruiva abrisse a boca, continuou – *até certo ponto, ele está certo. Não houve, em milênios de existência do povo do mar, disputa pelo trono. Isso, claro, até o seu tio-avô se declarar o Herdeiro legítimo.*

O quê...? A mente de Cordélia dava voltas frente à todas as informações que recebia.

– *Quando um Herdeiro nasce, é motivo de júbilo para o Reino, pois significa que a continuidade da linhagem de Poseidon está garantida. Por conta da vida longa de um habitante do mar, isso pode demorar a acontecer* – explicou – *A Rainha já contava com quase duzentos anos quando, em uma noite conturbada, deu a luz ao esperado Herdeiro do Trono.*

A garotinha fez uma pausa, como se organizasse a melhor forma de contar todos os fatos.

– *O que ninguém esperava é que, imediatamente após o nascimento do Herdeiro, ela desse a luz a uma segunda criança-peixe* – completou.

– Gêmeos... – Cordélia murmurou consigo mesmo – mas... Sereias só podem ter um único filho, certo?

Ao menos, era o que Morgan tinha lhe dito. Estava começando a achar que seu guardião a havia ensinado propositalmente errado, quando viu Nitta assentir.

– *Em toda a história do povo do mar, nenhuma sereia nunca havia dado luz a dois filhos, muito menos a Rainha. Isso desequilibrou a ordem natural que*

*existia, pois ninguém sabia quem subiria ao trono. Assim, os Conselheiros do Rei se uniram e propuseram uma solução: o filho mais velho, que nascera com minutos de antecedência do outro, se tornaria o próximo rei, e o segundo, mais novo, seria preparado para ser um Conselheiro, como forma de equilibrar o poder. O mais velho tornou-se o Rei Tritão, seu avô, e o mais novo é Zózimo, o Guerreiro Renegado, aquele a quem o trono foi negado.*

Era muita informação para Cordélia absorver de uma vez, e tinha certeza que precisaria pensar depois cuidadosamente em cada palavra que lhe estava sendo dita. Mas naquele momento, não conseguiu se forçar a interromper Nitta, que agora falava sem parar.

*– Após o parto de dois filhos, a Rainha faleceu, deixando que o Rei cuidasse sozinho do problema gerado para seu reinado. Deprimido pela morte da esposa, o Rei Tritão gerenciou mal o seu governo até que seu filho mais velho visitasse o Oráculo pela primeira vez, quando lhe foi profetizado que em doze anos ele retornaria para encontrar sua esposa. Nesse meio tempo, o antigo Rei faleceu, e, enquanto o Herdeiro era treinado, o governo ficou à cargo dos Conselheiros. Assim, com apenas trinta anos, o novo rei Tritão assumiu o poder, ao mesmo tempo que seu irmão gêmeo se tornava o Chefe dos Conselheiros Reais.*

Mesmo que diversas perguntas surgissem em sua mente, Cordélia as segurou; não queria que Nitta parasse de contar aquela história.

*– Apesar de o governo anterior ter sido ruim para os padrões do povo do mar, o novo Rei Tritão procurou conquistar a confiança e a adoração de seu povo, acompanhando de sua Rainha, Agathé, A Bondosa. Em pouco tempo, ele se tornou amado pela população, e sempre era visto acompanhado por seu irmão Zózimo nas visitas que fazia aos seus súditos. Quando sua Herdeira nasceu alguns anos depois, a população estava em júbilo novamente, acreditando que o pior já havia passado.*

*– Mas não foi assim – Cordélia murmurou.*

*Nitta meneou a cabeça.*

*– Eu disse que a história, apesar de documentada, havia sido mal interpretada, a ponto de a original ser esquecida. A prova disso é que, apesar do nascimento de gêmeos, o povo do mar em nenhum momento desconfiou que aquele poderia ser o indício da segunda parte da maldição de Hades, de tão focados que estavam em suas vidas. E somente se lembraram da existência dessa maldição quando o próprio Zózimo espalhou notícias a respeito, após uma divergência com seu irmão, o Rei – o olhar de Nitta pareceu escurecer – ninguém sabe dizer o que levou à essa divergência, mas da noite para o dia, os*



*irmãos não eram mais vistos juntos. Nesse meio tempo, Princesa Corália crescia, já tendo visitado o Oráculo pela primeira vez, e os habitantes contavam os anos para que o seu governo se iniciasse.*

*– Mas minha mãe começou a ser vista com desconfiança... – Cordélia começava a ligar os pontos.*

*– Ao trazer à tona a existência da segunda parte da Maldição de Hades, sem nunca acusar diretamente, Zózimo espalhou a desconfiança entre os futuros súditos de Princesa Corália. E, quando ela visitou o Oráculo na data prevista e não anunciou seu casamento, a situação se deteriorou rapidamente. Poucos meses depois, com o seu nascimento e a recusa da Princesa de se casar com um tritão, Zózimo se declarou o Herdeiro legítimo, aquele que deveria ter governado desde o nascimento, e acusou o atual Rei Tritão como sendo a chave da maldição de Hades, pois produziu uma Herdeira que se virou contra seu próprio povo, ao se recusar a seguir com a tradição de se casar com o futuro rei.*

*Agora Cordélia finalmente entendia como uma guerra poderia ter se originado com seu nascimento. Não se tratava apenas da quebra de uma tradição, como Morgan a fez crer; envolvia uma segunda peça primordial, alguém de seu próprio sangue, se declarando o Herdeiro legítimo: seu tio-avô.*

*– Em milênios, o povo do mar nunca vivenciou uma guerra de verdade. A princípio, apesar de muitos apoiarem Zózimo como o governante legítimo, não queriam se envolver em nenhum tipo de confronto. Mas quando um incidente com a Guarda Real ocorreu, envolvendo o suposto massacre de uma aldeia, a guerra estourou por conta própria. Tritões que cresceram juntos se viraram um contra os outros, defendendo aquilo em que acreditavam – o olhar de Nitta divagou – não foi nada bonito. Mas Zózimo era carismático, e convencia os seus apoiadores a continuarem lutando, prometendo que logo aquela guerra acabaria, assim que eles depusessem o atual rei e exilassem sua família de Atlântida.*

*Seu olhar se focou novamente em Cordélia.*

*– Ele mentiu. Quando tomou o palácio de Atlântida, assassinou o Rei Tritão em frente a testemunhas, assim como todos os Conselheiros que haviam lhe servido nos últimos anos. Torturou todos que serviram no palácio, tentando descobrir o paradeiro do Tridente, bem como do Colar de Anfitrite, pois eram os dois objetos de poder que ele buscava com a tomada do trono. Quando, após capturar a Princesa Corália, não os encontrou, a executou publicamente na praça central de Atlântida, para que todos soubessem que a Família Real não mais existia.*

Sem perceber, Cordélia havia levado as mãos à boca, chocada com tudo o que ouvia.

– *Só então seus apoiadores perceberam o quão haviam sido enganados, mas era tarde demais. Zózimo havia despertado os piores sentimentos em vários seguidores, e controlava outros através de poderes que nunca antes haviam sido vistos. Poderes estes que, posteriormente, passaram a ser referidos como vindos do submundo, pois a população finalmente se convenceu de que Zózimo era o Herdeiro profetizado pela Maldição de Hades: aquele que se viraria contra seu próprio povo.*

Assustada demais com tudo que estava sendo dito, Cordélia demorou a perceber que Nitta havia parado de falar. Quando levantou o olhar a procurando, não a encontrou; só então notou que o seu redor começava a clarear, com o sol nascendo na superfície para um novo dia.

Estranhou que a garotinha tivesse sumido sem se despedir, principalmente depois de praticamente explodir sua cabeça com tanta informação. Ainda não havia tido tempo de absorver tudo o que ela havia contado, quando sentiu ondulações na água em sua direção.

– Princesa? O que faz aqui...?

Cordélia encarou seu guardião, que a olhava confuso. Piscou, sem acreditar que ele estava ali; não havia dito que demoraria em sua tarefa...? Como se lesse seus pensamentos, Morgan respondeu sem que perguntasse.

– Eu consegui enviar a mensagem para Ariston mais cedo do que previa – ele franziu o cenho – esperava chegar a tempo de te acordar, mas...

Ele deixou a frase no ar, e seu sentido era claro: queria explicações do motivo de ela estar no mar tão cedo. Infelizmente, a mente de Cordélia escolheu aquele momento para parar de funcionar; não conseguia formular nenhuma resposta, e todas as informações que recebera de Nitta naquela noite se reviraram em seu cérebro, não a deixando *pensar*.

– Você está usando o Colar.

A constatação dele havia saído em um tom acusatório, como se ela não tivesse o direito de usar a joia sem que ele soubesse; e foi aquele tom que despertou algo dentro dela.

– Algum problema com isso? – rebateu.

Surpreso com a reação de sua protegida, Morgan levou alguns momentos para perceber que havia algo errado.

– Princesa, o que...

– Até quando pretendia esconder de mim, Morgan? – o interrompeu – quando me contaria que meu próprio tio-avô está sentado no trono neste momento?

Viu ele inspirar rapidamente, tomado pelo choque. Não o deixou falar, a raiva a tomando a cada palavra.

– Quando me diria que minha mãe era capaz de falar com tubarões, assim como eu? Quando... – sua voz se quebrou – quando me diria que ela foi assassinada por Zózimo...?

Sua garganta se fechou, a emoção a tomando. Só naquele momento as informações pareciam ter sido absorvidas: sua família inteira por parte de mãe estava morta; haviam sido assassinados por alguém de seu próprio sangue e que, muito provavelmente, também estava atrás *dela*. Com um baque, percebeu as implicações daquele pensamento.

– É por isso que eu vivi como humana, não é? Para que ele não me matasse também – constatou.

Toda sua vida havia sido planejada por ela desde o nascimento. Sua mãe a enfeitiçou para que vivesse como humana, pois sabia que era a única forma de ela chegar à idade adulta sem que fosse morta durante o crescimento; afinal, tritões e sereias normais não podiam passar muito tempo em terra para procurá-la, e isso incluía Zózimo.

Morgan ficou vários segundos em silêncio, apenas a encarando. Quando, por fim, se pronunciou, não foi o pedido de desculpas que Cordélia esperava.

– Onde ouviu tudo isso?

Uma risada inesperada e amarga saiu de dentro da garota. Imaginou que ele estivesse arrependido por ter omitido informações dela; mas, pelo visto, estava mais preocupado em ser o único *controlando* o que diria a ela.

– Isso é tudo que tem a dizer?

Seu guardião pareceu perceber que escolhera as palavras erradas, mas já era tarde demais. Quando abriu a boca para falar, Cordélia levantou uma mão, sinalizando que não queria ouvir.

– Esqueça. Não preciso das suas desculpas – deu as costas a ele – e nem da sua *piedade*.

Sem olhar para trás, Cordélia se concentrou em usar seus poderes, e segundos depois, saltou com perfeição para a beira do rochedo em que a janela de seu quarto ficava. Nem duas noites, e já se sentia muito mais poderosa do que quando assumiu suas barbatanas pela primeira vez; o mar era *seu* domínio, e estava na hora de assumir isso para si mesma. *Com* ou *sem* seu guardião a

ensinando como deveria.

\*\*\*\*\*

Morgan permaneceu muito tempo no mesmo lugar, sua mente tentando entender o que havia acabado de acontecer. Parte dele queria imediatamente ir atrás de Cordélia, mas a outra parte – seu instinto de sobrevivência, talvez – lhe dizia que era melhor dar tempo para ela se acalmar.

Ela estava com raiva, e não podia tirar a razão dela. Sabia que ela ficaria chateada quando descobrisse as informações que vinha relutando em lhe contar, mas, no fundo, só queria protegê-la. Se pudesse, afastaria todo o sofrimento dela, para que estivesse sempre com um sorriso no rosto.

Jamais imaginaria que ela descobriria por conta própria antes dele contar; não quando ele era o único contato com o povo do mar que ela possuía. E ter passado a usar o Colar de Anfitrite sem lhe dizer...? Era uma atitude que não esperaria dela, não depois de tudo que vivenciaram no último mês.

– Bom dia, Guerreiro dos Mares!

Acordando de seus pensamentos, Morgan observou o peixinho que sua protegida havia resgatado se aproximar, nadando na sua forma torta de sempre.

– É um prazer vê-lo, Tip – um pensamento lhe ocorreu – você... Por acaso viu a Princesa esta noite?

Tip parou, flutuando no mesmo lugar.

– Bem, sim...

– Ela estava sozinha? – perguntou, de cenho franzido.

Ele sacudiu o corpo inteiro, como se assentisse.

– Sua Alteza parecia estar treinando, como costuma fazer com você – o peixinho contou – ela falava sozinha de vez em quando, mas parecia estar indo bem.

*Falava sozinha...?* Morgan não estava certo que Tip havia mesmo presenciado tal ocorrência, pois não era algo que conseguia imaginar Cordélia fazendo. Ainda assim, era a única pista que tinha sobre como ela havia descoberto tantas informações. Teria ela conversado com algum antepassado...? Todas as almas dos habitantes do mar que morreram permaneciam no oceano, e apesar de raro, alguns conseguiam conversar com aqueles que já não mais viviam. *Talvez...*

Suspirou. Aquele era um mistério que não conseguiria responder, a menos que Cordélia resolvesse perdoá-lo e voltasse a falar com ele novamente. O que, pelo visto, ela não iria querer tão cedo.

\*\*\*\*\*

A raiva turvava a mente de Cordélia, e suas ações se tornaram completamente automáticas. Uma parte sua se lembrou que não precisava ir para o colégio naquele dia, e se vestiu de forma casual, com um short jeans, camiseta e tênis; sem pensar no que fazia, dirigiu até o Parque Bondi, onde um aglomerado de alunos esperava pela partida do ônibus que os levaria para o passeio escolar.

Queria, de todas as formas, afastar aquele sentimento de *traição* que lhe atormentava. Pois era como se sentia: *traída*. Morgan ocultara informações primordiais dela, na sua forma de tratá-la igual a um objeto delicado: como se, com o mínimo de força, pudesse quebrar. E detestava ser tratada assim, especialmente porque já havia deixado explícito para ele o quanto se sentia incomodada com esse tipo de atitude.

*Teria mesmo deixado claro...?* Enquanto aguardava pela partida, se sentou no fundo do ônibus e se pôs a pensar, esperando que ninguém prestasse atenção na sua pessoa. Morgan a amava; mais de uma vez havia declarado isso, e seus gestos demonstravam seu sentimento. Não eram palavras vãs, pois ele – literalmente – daria a vida para protegê-la, sem nenhum arrependimento.

Seria tão ruim que ele não quisesse compartilhar notícias ruins...? Era óbvio que contar do assassinato de sua família pelo seu próprio tio-avô não estava no topo dos assuntos mais agradáveis. Ele poderia estar postergando, até quando não fosse mais possível esconder aquelas informações dela.

Suspirou. Amava seu guardião, mas ele tinha uma tendência a querer protegê-la a tal ponto que chegava a ser *irritante*. Talvez fosse injusto culpá-lo por isso, quando só queria seu bem, da mesma forma que seu pai havia ocultado sua natureza de sereia durante sua vida inteira. Mas, se fosse ser honesta consigo mesma, estava cansada de ser protegida; queria que parassem de esconder informações dela achando que, pela pura e simples *ignorância*, ela seria feliz.

Não era fácil; ter ouvido a realidade contada por Nitta a fez querer se esconder em um canto e chorar. Pensar que não apenas sua mãe estava morta, mas havia sido verdadeiramente assassinada, assim como toda sua família... Não era algo

simples de digerir. Mas preferia que Morgan tivesse contado – e a abraçado em seguida –, do que ter que ouvir da boca de sua pequena alucinação.

*Droga...* Estava muito próxima de perdoá-lo, e sabia, por um instinto feminino inato, que era melhor ouvir um pedido de desculpas antes de o fazê-lo. Precisava ser forte; por mais que parte sua só quisesse abraçar Morgan e deixar que ele a embalasse com seu amor, necessitava deixar claro, de uma vez por todas, que não toleraria mais omissões da parte dele.

Divagou sobre tudo que Nitta havia lhe contado naquela noite, enquanto o ônibus partia para seu destino. Jamais imaginou que estaria lidando com mais uma *lenda*: uma parte da Maldição de Hades que até então desconhecia. *Um Herdeiro que se vira contra seu próprio povo...* Como poderia seu próprio tio-avô ter se tornado um tirano...? A pestinha não havia contado muito sobre como havia sido os anos após a tomada do trono, mas podia imaginar; uma pessoa que assassinava seu próprio irmão e o restante de sua família não podia atuar da melhor forma.

Pensou no exército rebelde que Morgan mencionou, e no antigo guardião de sua mãe – Ariston, se não estava enganada. Estaria buscando vingança, após sua protegida ter morrido naquela guerra? Ou só buscaria uma forma de justiça, para libertar o povo de um governo opressor...?

Sua mente se revirava com possibilidades, especialmente ao pensar em seu próprio papel. O que esperariam dela? Ou melhor, será que sequer sabiam de sua existência...? Se Zózimo havia executado sua mãe publicamente para deixar claro que a Família Real não existia, será que o povo do mar acreditava que a filha de sua princesa ainda vivia...? Morgan havia dito que era impossível uma sereia ou tritão viver em terra, e somente o feitiço de sua mãe havia alcançado essa proeza. Muito provavelmente, os habitantes do mar acreditavam que não possuíam mais ninguém.

Eram tantas dúvidas! A cabeça de Cordélia começou a latejar durante o trajeto, e mais de uma vez se pegou pensando no quanto preferia que tivesse sido *Morgan* a lhe contar sobre aqueles assuntos. Com ele, não tinha receio de fazer perguntas, pois sempre estava disposto a respondê-las; já com Nitta... Ela aparecia e sumia quando lhe convinha. *Maldita alucinação...* Seu lado racional começava a se indagar *da onde* ela havia surgido; não havia chegado a uma conclusão quando uma voz a acordou de seus pensamentos.

– Délia...?

Seu olhar demorou a se focar em Josh, que estava parado no corredor do

ônibus a encarando, como se estivesse a caminho do pequeno banheiro que havia ali. De tão perdida que estava em suas divagações, havia se esquecido até mesmo de seu planejamento anterior, que envolvia fazer seus três amigos se acertarem de uma vez naquele passeio. Afinal, nada havia mudado: ainda precisava ir embora para o mar em menos de dois dias.

Decidida, sinalizou para que Josh sentasse ao seu lado, o que o rapaz fez, embora parecesse sem jeito.

– Desculpe – ele falou – achei que você havia decidido não vir nesse passeio, e então eu te vi, e eu...

Ele se calou, e Cordélia aproveitou a oportunidade para iniciar o que seria sua tentativa de mediação.

– Tudo bem, Josh. Eu só precisava ficar sozinha por um tempo.

Tentou sorrir, mas nem mesmo ela se enganou; seu sorriso não alcançou os olhos.

– Você está bem...?

A ruiva fingiu pensar por um momento.

– Eu estaria melhor se soubesse que você voltou a falar com Nathalie e Dylan.

Seu amigo revirou os olhos, se encostando no assento. Aparentemente, já havia percebido seu grande plano.

– Não comece com isso de novo. Já te disse como me senti quando eles....

– Eu sei, eu sei – tentou consertar a situação – mas Josh... Vocês se conhecem a vida *toda* – frisou – não acha que está na hora de perdoar...?

O rapaz olhou para o nada por um tempo, antes de enfim suspirar.

– Não acho que sequer sei como começar – murmurou, por fim – depois de todo esse tempo...

Inspirada, Cordélia se levantou, passando por seu amigo ao mesmo tempo em que o puxava.

– O que...

– Alguém tem que dar o primeiro passo – o interrompeu – e como foi você quem começou, nada mais justo.

Sem entender o que a garota pretendia, se deixou ser arrastado pelo corredor de poltronas, até perceber que ela o levava diretamente para seu casal de ex-amigos. Tentou puxar o braço, mas Cordélia era muito mais forte do que aparentava; seus genes de sereia sempre estavam presentes, mesmo na forma humana.

– Nathy, Dylan – os cumprimentou – Josh tem algo que gostaria de dizer a vocês.

O casal os olhava perplexo, enquanto o rapaz trocava o peso dos pés. Cordélia esperou que ele dissesse algo, até que sua paciência – já curta após os acontecimentos daquela manhã – evaporou por completo.

– Ele está tentando se desculpar, presumidamente antes de chegarmos em Brooklyn – falou por entre os dentes – isto é, se ele encontrar as palavras pra isso.

Josh a olhou com amargura.

– Ninguém te pediu pra se meter nisso, Délia – finalmente soltou o braço da mão que o segurava – me deixe em paz.

– Josh...

O que aconteceu em seguida foi rápido demais para que qualquer um dos presentes conseguisse entender. Em um momento, estavam equilibrados no corredor do ônibus, com todos os alunos de seu ano focados no drama que se passava; e no momento seguinte, foram jogados violentamente no ar.

Cordélia tentou se segurar em algo, mas não conseguiu, suas costas batendo em um dos bancos e a fazendo perder o ar. Viu outros colegas esbarrando uns nos outros, chocando suas cabeças, tentando se manterem no lugar, enquanto ela e Josh eram carregados pelo impulso.

E então... *água*.

Gritos de desespero encheram o veículo. Cordélia estava zonzinha, sentindo o nível de água subir rapidamente, atingindo seus tornozelos, panturrilha e coxas. Seu cérebro demorou um momento para processar o que estava ocorrendo: de alguma forma, o ônibus havia saído da pista, caindo diretamente no Rio Hawkesbury, já próximos do destino da viagem.

*Os acidentes.* Ela havia atraído aquela desgraça para seus colegas, pois, sendo uma sereia, não deveria estar em terra. Morgan a havia lhe avisado sobre o quão perigoso podia se tornar se ela não fosse para o mar em tempo integral, mas não lhe dera ouvidos; insistira que poderia ter mais alguns dias para colocar sua vida humana em ordem, e agora... agora traria a morte para todos.

*Droga...* Jamais se perdoaria se outras pessoas se machucassem por sua causa. Com o ônibus afundando cada vez mais nas profundezas do rio, fez um esforço para se levantar. Viu Dylan tentando alcançar Josh, que havia batido a cabeça e estava desmaiado, enquanto outros colegas se empurravam para alcançar a alavanca que abriria a janela. Aquele era um ônibus de viagem fretado e, como



tal, era inteiramente fechado, por conta do ar-condicionado.

Enquanto todos lutavam para manter a cabeça acima do nível da água, Cordélia submergiu, buscando a força que necessitava. Se bem lembrava, o rio Hawkesbury tinha ligação direta com o mar, e em poucos segundos sentiu o poder fluir por seu corpo. *Seu domínio.*

Com um gesto, lançou uma bola de energia em uma das janelas, estourando o vidro. A explosão fez com que mais água entrasse no lugar, mas era um mal necessário; controlando a torrente, conseguiu invertê-la para que a carregasse para fora do veículo que não parava de afundar.

Tinha poucos segundos para decidir como agir, e não pensou nas consequências. Transmutando suas pernas em cauda, assumiu sua forma de sereia e invocou o seu báculo, se concentrando na única magia que sabia que era capaz de fazer: uma bolha de ar.

Não foi uma conjuração fácil; ela precisou se concentrar em afastar toda a água de dentro, como se criasse um vácuo envolvendo o veículo, de forma a proteger os que estavam ali. O problema é que havia se esgotado no treino da madrugada, e mal havia comido algas para repor sua energia; o esforço que fazia parecia além das suas capacidades, mas não cogitava sequer parar.

*Mais um pouco...* Se concentrou completamente na tarefa, ignorando como seus músculos queimavam com o esforço que fazia. O veículo encostou no chão do rio enquanto trabalhava, o que facilitou com que sua bolha protegesse de uma forma mais efetiva. Quando finalmente se deu por satisfeita, viu tudo se tornar escuro, e apagou por completo.

Não soube dizer quanto tempo permaneceu desmaiada; sua mente parecia navegar em uma semiconsciência, sentindo braços envolverem seu corpo, um calor a preenchendo. Quando piscou os olhos, não conseguia se localizar, mas de uma coisa tinha certeza: *estava segura.*

– Por que tenho a impressão que você só se envolve em problemas quando eu não estou por perto?

Sorriu, ainda que fracamente. Uma vida poderia se passar, mas sempre reconheceria a voz do homem que amava – ou melhor dizendo, de um *tritão* muito especial.

– Os problemas me perseguem, *camarada* – murmurou em voz fraca.

Ouviu um riso contido, enquanto sentia eles se moverem. A atmosfera pareceu mudar, sua respiração passando pelos seus pulmões, e não suas guelas; sentiu

seus pés, o que significava que havia transmutado da sua forma de sereia.

Piscou novamente. Estavam no fundo do rio Hawkesbury, dentro da bolha que ela havia criado. E, ali, ao seu redor, havia mais de uma dezena de humanos a encarando com olhares arregalados, ao lado de um ônibus estacionado em um local muito diferente de onde deveria.

*Oh, droga.* Havia se esquecido completamente que possuía testemunhas para seu pequeno salvamento.



capítulo 14

## ***Erros e acertos***

— O QUE VOCÊS PRETENDEM FAZER com a gente?

A pergunta havia vindo de uma garota que Cordélia reconhecia de algumas de suas aulas, mas não se recordava do nome. Após um longo silêncio, ela havia sido a única a se pronunciar, o que dizia muito sobre sua coragem.

Parte de Cordélia queria apontar o óbvio: que não havia se arriscado para salvá-los simplesmente para afogar todo mundo no fundo do rio. Contudo, seu olhar encontrou o de Morgan, e o aviso era claro: eles não poderiam saber sobre suas existências. Afinal, o povo do mar sobrevivera por milênios sem que os humanos tivessem conhecimento, pois sabiam da importância de se manterem ocultos.

Poderia discordar de seu guardião em muitas coisas, mas não naquela; ela era a princesa do mar, herdeira de Poseidon, e parte de sua responsabilidade era proteger o seu povo. Tendo vivido como humana, sabia do que eram capazes, ainda mais em uma era de tecnologia; bastava um simples rumor na mídia, e haveriam cientistas investigando o oceano pouco tempo depois.

Não era algo que estava disposta a arriscar, e teriam que apagar as memórias dos presentes para que não se lembrassem do ocorrido futuramente. Por sorte, uma sereia e um tritão juntos eram capazes de alterar as lembranças de qualquer um, considerando a capacidade de hipnotismo ao sexo oposto que possuíam.

Com cuidado, sinalizou para que Morgan a colocasse no chão; era um teste, para verificar se conseguia se manter de pé com a pouca força que possuía. Quando conseguiu se manter estável, suspirou; era muito melhor lidar em uma

situação como aquela olhando de frente, e não nos braços de seu guardião, que despertava sensações que seu corpo *não* deveria sentir naquele momento.

– Certo. Vamos esclarecer algumas coisas primeiro – olhou para os rostos que a encaravam – ninguém sairá daqui ferido. Sigam nossas instruções, e tudo ficará bem.

Enquanto os dois professores e o motorista que acompanhavam aquela viagem pareciam assustados, os jovens, lentamente, pareciam se adaptar melhor à situação. Nem bem Cordélia terminou de falar, foi bombardeada com comentários e perguntas.

– Você é uma sereia?

– Isso explica porque meu namorado não tira o olho de você!

– Por que você está no colégio?

Cordélia ignorou a todos, franzindo o cenho.

– Precisamos tirar vocês daqui – comentou, enquanto olhava para cima. Estavam em um ponto realmente fundo do rio Hawkesbury, e a distância para a superfície era grande. Com a pouca energia que se encontrava, não podia se arriscar com a tentativa de mover a bolha de lugar; cada um teria que ir por si, e ajudariam os piores nadadores.

– Hum, Délia...?

Cordélia voltou o olhar para os presentes, encontrando Nathalie a encarando. Sua amiga parecia sem jeito, como se não soubesse como agir; mas isso não a impediu de falar com ela diretamente.

– Não querendo estragar seus planos, mas... Esse rio é conhecido por ter crocodilos – ela comentou.

Alguns segundos de silêncio, e houve nova leva de pessoas falando ao mesmo tempo. Viu Morgan suspirar, aparentemente tão exasperado quanto se sentia no momento.

O comentário, porém, trouxe uma ideia à mente de Cordélia. Segundo Nitta, sua mãe era capaz de falar com *predadores*, um dom que ela também possuía. Havia testado com tubarões no Coral Elizabeth, mas *e se* esse dom também se estendesse a outros seres do mar...?

Ignorando a comoção que ainda acontecia ao seu redor, caminhou lentamente até a parede da bolha. Ali, estendeu a mão, ultrapassando a membrana para encostar na água; fechando os olhos, se concentrou.

*Vidas.* O rio Hawkesbury, tal como o mar, estava cheio delas. Se deixou levar por aquela sensação, até sua mente estar tomada de pontos brilhantes; selecionou

um a um, afastando aqueles que não precisaria e, quando achou que havia escolhido o suficiente, se dirigiu a eles.

*“Sua governante os chama”* proferiu em pensamento *“preciso da ajuda de vocês.”*

Percebeu quando aquelas vidas a notaram, com a surpresa os preenchendo; afinal, não estavam acostumados a terem alguém capaz de se comunicar com eles. Com confiança, Cordélia explicou exatamente para o que precisaria de auxílio e, alguns segundos depois, a água ao redor da bolha se moveu, com uma dúzia de crocodilos surgindo para atender ao seu chamado.

Ouviu exclamações atrás de si, mas ignorou. Sua mente estava focada completamente nos seus novos companheiros, em especial, no maior deles, que se aproximou até seu focinho encostar em sua mão. Ele se chamava Eddie; era o líder dos crocodilos no rio, e obedeceria às ordens da Herdeira do Mar.

*“Obrigada.”*

Ouviu o rosnar deleitado em sua mente como resposta. Eddie havia gostado de ser compreendido, e jurava sua lealdade à Herdeira enquanto vivesse.

*“Não sabe o que significa para mim ter sua ajuda”* se dirigiu aos outros *“a de todos vocês.”*

Novos rosnados de apreciação. Só então Cordélia percebeu como o seu redor estava silencioso, e se virou, encarando dúzias de olhares arregalados. Até mesmo seu guardião a olhava estupefato, como se não acreditasse no que ela havia acabado de fazer.

– A carona de vocês acaba de chegar – declarou para os humanos – os crocodilos levarão dois de cada vez até a superfície, onde esperarão por mim – indicou seu guardião – Morgan os acompanhará para que não tentem nenhuma gracinha.

Se virou para o tritão.

– Se um deles tentar fugir, pode dar de comida aos crocodilos.

Pensou que seu guardião acharia graça naquela ordem; afinal, só falara para evitar que algum aluno tentasse escapulir antes que apagassem suas memórias. Mas, para sua surpresa, Morgan realizou uma reverência, sem encará-la.

– Como ordenar, Alteza.

Sua voz trazia uma deferência que até então nunca havia usado com ela. *Que estranho...* Mas aquela não era a hora de indagá-lo sobre seu surto de boas maneiras; não sabia quanto tempo mais sua bolha duraria, e precisavam levar todos para um local seguro logo.

– Espera... Quer dizer que você é mesmo uma rainha?

Lógico que a pergunta viria de Jordan; quem mais faria uma indagação tão sem importância em um momento como aqueles? Mas, para sua surpresa, percebeu como todos os outros também prestavam atenção. Parte sua queria fazer algum comentário brincalhão, mas outra parte – a que se recordava da seriedade com que Nitta se dirigia e ela –, a impediu de ser leviana com o assunto.

– Sou a Princesa do trono do Mar, descendente de Poseidon e única Herdeira legítima a governar os oceanos – declarou, gesticulando com o rosto para Morgan – e este é meu guardião, o Guerreiro dos Mares.

Murmúrios circularam entre os alunos, e viu como Morgan se empertigou ao seu lado.

– Seu namorado também é seu guardião? – Jordan insistiu – isso não é antiético?

Cordélia franziu o cenho, e viu como Morgan tentou controlar o sorriso.

– Nem uma palavra – murmurou somente para ele ouvir, ao que ele tossiu, como se tentasse esconder o riso – não é da sua conta – falou diretamente a Jordan – e em seu lugar eu não criaria uma indisposição com quem controla os crocodilos.

O rapaz fechou a boca depois de ouvir aquela ameaça velada, e logo, os presentes se organizavam em fila para pegarem suas caronas. Os primeiros a irem olhavam com medo para os répteis, mas como Morgan também saiu da bolha para os aguardar, e não foi ferido no processo, acabaram criando coragem.

Pouco tempo depois, a quantidade de alunos ficava cada vez menor, com Cordélia coordenando aqueles que deveriam ir, enquanto Morgan os supervisionava na superfície. Quando Eddie se aproximou para oferecer carona, a garota colocou novamente a mão para fora da bolha.

*“Você não, Eddie. Preciso de você para um serviço especial.”*

Ela havia deixado seus três amigos por último propositalmente. Quando só restavam eles, indicou Eddie, que aguardava no lado oposto onde se encontravam.

– Se segurem nele e esperem por mim onde ele os deixar – falou – em breve me juntarei a vocês.

Desfez a bolha, assumindo novamente sua forma de sereia assim que a água encostou em seu corpo; estava na hora de alterar algumas memórias.

\*\*\*\*\*

Não tiveram nenhum problema para realizar o hipnotismo. Tão logo surgiu na superfície, começou a cantar uma melodia simples, e Morgan a acompanhou. Quando os olhares de todos os presentes ficaram completamente desfocados, descreveu a única história que se lembrariam: de como o ônibus havia saído para fora da pista e caído no rio, mas que demorara a afundar e, assim, todos conseguiram nadar em segurança até a margem.

Quando retornou para debaixo da água, percebeu que ficava a sós com seu guardião pela primeira vez desde aquela manhã. Por mais que a vontade de se jogar em seus braços fosse enorme – especialmente considerando como ele havia surgido ao sentir que estava em perigo, sem pensar duas vezes –, precisavam esclarecer alguns pontos antes de perdô-lo.

– Ainda estou chateada com você – falou, tão logo se afastaram o suficiente da superfície – não gosto quando omite algo de mim, mesmo quando acha que é para o meu bem.

Morgan parou de nadar, ficando frente a frente com ela. Lentamente, ele se aproximou, levando uma mão ao seu rosto – gesto esse que quase fez a garota se derreter.

– Me desculpe – murmurou – durante toda minha vida, fui seu guardião. Acompanhei seu crescimento, estando sempre próximo para protegê-la, enquanto ainda não sabia sequer sobre sua real natureza. Acabei, por descuido, me esquecendo de quem você é.

Cordélia franziu o cenho.

– Do que você está falando?

Um meio sorriso surgiu nos lábios de Morgan.

– Você não faz ideia do que fez hoje, faz?

Frente ao seu olhar confuso, o sorriso do guardião se ampliou.

– Princesa... A comunicação com seres marinhos é algo que todo habitante do mar consegue fazer. Ser capaz de falar com predadores é um dom que somente sua mãe possuía, e que você também carrega. Mas... – seus olhos brilharam – ser capaz de *convocar* outros seres à longa distância, e fazê-los obedecerem suas ordens de livre e espontânea vontade...? Esse é um feito que somente a Herdeira de Poseidon possui o poder de realizar.

– Eu só fiz o que você me ensinou – murmurou – você quem me mostrou

como sentir a vida ao meu redor, se não se lembra.

Ele soltou uma risada incrédula.

– Ah, Princesa... – ele a puxou em um abraço – o que lhe ensinei era algo muito mais simples. Um habitante do mar comum pode meditar e reconhecer a vida que o cerca, mas jamais conseguiria a proeza de se comunicar mentalmente à distância com eles – lhe deu um leve aperto – muito menos convencê-los a ajudar em um momento de necessidade.

Cordélia ainda estava confusa com a situação; para ela havia sido tão *normal* se comunicar pelo pensamento com os crocodilos... E desde a primeira vez que Morgan lhe ensinara a reconhecer a vida ao seu redor havia sido capaz de *senti-los*, como se fossem parte dela. Seriam essas reações tão diferentes das que outras sereias e tritões eram capazes de sentir...?

Delicadamente, fez uma tentativa: sentiu a vida próxima de si, alcançando aquela luz que surgia em sua mente. Não emitiu nenhum som, como estava acostumada a fazer durante suas conversas dentro da água; simplesmente pensou no que gostaria de comunicar.

“*Eu amo você.*”

Morgan abriu um sorriso de orelha a orelha, antes de lhe beijar a testa.

– E eu amo você – um sorriso orgulhoso surgiu em seu rosto – minha futura Rainha, dona de minha alma e coração.

Um sorriso brincou nos lábios de Cordélia, até franzir o cenho com um pensamento que lhe ocorreu.

– Só pra entender, esse é seu pedido de desculpas por ter omitido algo de mim... Certo?

Ele riu, os olhos brilhando de diversão.

– Este sou eu, como seu guardião e *namorado*, prometendo que não esquecerei mais do meu lugar – seus olhos se encontraram – você será a Rainha algum dia, e por mais que meu amor por você me faça querer protegê-la de toda dor, sei que não será possível – roçou levemente seus lábios nos dela – mas estarei sempre ao seu lado enquanto me quiser para compartilhar todos os momentos, sejam tristes ou felizes.

Cordélia fungou, sem perceber que lágrimas haviam surgido em seus olhos. *Droga...* Morgan tinha a capacidade de emocioná-la de uma forma sem igual.

– Seu bobo – o abraçou com força, escondendo o rosto em seu pescoço – não quero que me trate diferente por conta da minha posição – murmurou – só quero sua honestidade, junto do seu amor.



Ele a abraçou mais forte.

– Isso é algo que posso prometer.

\*\*\*\*\*

Após quase ter se deixado levar pelos beijos trocados com Morgan, capazes de fazê-la esquecer do mundo, Cordélia finalmente lembrou que ainda tinha uma pendência a resolver.

Logicamente, o assunto gerou um debate com seu guardião durante o trajeto; ele era terminantemente contra o que ela pretendia fazer, mas, tendo prometido há pouco que respeitaria sua posição, foi mais contido em suas observações.

– Como seu guardião, um dos meus deveres é aconselhá-la, Princesa – a olhou com cautela – e meu conselho é que *não* faça o que tem em mente.

– Eles são meus amigos, Morgan. Irei embora daqui a um dia, deixando a vida que conheço para trás – meneou a cabeça – se agora tenho a chance de ser sincera com eles sobre o motivo... Vou aproveitar.

Ao chegarem perto da superfície, parou de nadar, se aproximando para beijá-lo rapidamente.

– Confie em mim – pediu.

Seu guardião suspirou.

– Não é falta de confiança, Princesa, e sabe disso. É só que às vezes você age de uma forma um tanto...

– ...impulsiva? – ela completou por ele, um sorriso acompanhando.

– Eu diria “irracional” – um novo beijo – por vezes, parece que ignora a lógica e é levada pela emoção. Não é algo ruim, mas...

– ... pode me colocar em problemas – o completou novamente – eu sei.

Se afastou dele, decidida a prosseguir da forma como gostaria. Por mais que respeitasse as opiniões de Morgan, não deixaria de tomar suas decisões apenas por causa dele.

– Fique por perto, caso as coisas não deem certo.

Ele assentiu, enquanto ela lhe dava as costas e emergia. Ainda não haviam tido a chance de conversar sobre os demais assuntos pendentes, envolvendo tudo o que a garota descobrira – e o mistério de quem teria sido a fonte desse conhecimento. Mas Morgan não estava preocupado; sua protegida o havia perdoado, e sabia que era questão de tempo até não terem mais segredos entre

eles. Mesmo que fosse difícil para ele informar determinadas notícias, não mais esconderia nada de sua amada; havia prometido honestidade, e pretendia cumprir sua promessa.

\*\*\*\*\*

Cordélia logo avistou seus amigos quando se aproximou da margem, bem como Eddie. O enorme crocodilo nadou em sua direção, e parou tempo o suficiente para que depositasse um beijo em seu focinho.

*“Obrigada, garotão”.*

Se despedindo, finalmente encarou o resultado de sua decisão impulsiva – não que fosse assumir isso para Morgan. Havia decidido, de última hora, não incluir seus amigos em seu hipnotismo coletivo; mais do que tudo, gostaria de não manter o segredo de sua natureza deles, especialmente considerando que estava nas vésperas de deixar sua vida humana para trás.

Transmutou sua cauda em pernas, caminhando lentamente até eles. Os três estavam sentados na margem, e imitou o gesto, mantendo-se próxima à água; caso as coisas não saíssem como o planejado, ainda poderia chamar Morgan, e hipnotizariam eles em questão de segundos.

Permaneceram em silêncio por vários momentos, como se ninguém soubesse o que falar. Vendo que precisaria tomar a iniciativa, Cordélia quebrou o gelo.

– Alguma pergunta?

Nathalie abriu a boca, mas Dylan foi mais rápido.

– Como você usa o banheiro?

O rapaz levou um tapa da namorada, e Josh meneou a cabeça ao seu lado. Em seguida, os quatro começaram a rir, primeiro nervosos, depois, descontrolados. Quando as gargalhadas cessaram, só havia o companheirismo de sempre os envolvendo.

– Não posso acreditar que você é uma sereia – Josh comentou, maravilhado – quero dizer, você é linda, mas...

– ... faço parte da mitologia – a ruiva comentou, divertida – estou sabendo – olhou para Dylan – e se eu me alimento somente de algas, não preciso ir ao banheiro.

O que havia sido uma descoberta interessante de se fazer na sua primeira

semana como sereia, embora não visse necessidade de contar os detalhes.

– O que... – Nathalie começou, indecisa – o que aconteceu com os outros?  
A ruiva deu de ombros.

– Foram hipnotizados para esquecerem os últimos acontecimentos – frente aos olhos arregalados, completou – é uma opção que dou a vocês, caso não queiram levar o segredo da minha natureza para o túmulo.

Nathy franziu o cenho, pensativa.

– Seria tão ruim assim, se fosse descoberta?

– Meu povo existe há milênios, Nathy – explicou em tom de desculpas – não posso arriscar que sejam descobertos porque um linguarudo como o Jordan resolveu postar na *timeline* dele.

Novos risos.

– Acho que você tem razão – a amiga meneou a cabeça – mas por que não fez o mesmo conosco?

– Porque confio em vocês – respondeu simplesmente – e porque em breve irei embora, e não haverá nenhuma forma de mantermos contato – pensou por um momento, levantando uma sobrancelha – isto é, presumindo que saibam que não existe internet no fundo do mar.

Viu os olhares que os três trocaram, surpresos em descobrirem que logo não a teriam mais por perto. E só então notou como não havia mais aquele clima estranho entre eles; finalmente haviam se acertado, recuperando uma amizade de uma vida inteira.

Aquela constatação aqueceu o coração de Cordélia. Poderia ter resolvido as coisas antes se tivesse simplesmente hipnotizado Josh, mas não queria interferir no livre-arbítrio dele daquela forma; era muito mais gratificante saber que ele próprio resolvera perdoar o casal, consertando o relacionamento que possuía com os dois, do que se o tivesse forçado a isso.

– Então... Temos tempo até uma equipe de resgate vir procurá-los – comentou – o que gostariam de saber?

\*\*\*\*\*

No fim, acabou contando muito mais do que planejava. Falou sobre como só se tornara oficialmente sereia em seu aniversário de dezoito anos, e como Morgan era uma parte importante de sua vida, em seu papel de guardião e

mentor; de como o relacionamento amoroso deles precisava ser escondido, pois ela teria que seguir a tradição de seu povo quando chegasse a hora.

Acabou se empolgando e contando todas as lendas que envolviam a criação do povo do mar, de sua linguagem universal, de sua magia. Não disse muito sobre a guerra – ela mesma ainda não estava ciente de todas as informações –, mas em linhas gerais, descreveu qual seria seu papel antes de assumir o trono.

Quando o apito de um barco soou à distância, foi embora como se nunca tivesse ido naquele passeio, mas com a consciência de que seus amigos jamais se esqueceriam dela – e guardariam o seu segredo como se suas vidas dependessem disso.

Sentiria falta deles, realmente; sabia que encontraria outras pessoas – sereias e tritões – que poderiam ocupar o papel de amigos, mas os três humanos teriam sempre um cantinho reservado em seu coração e em suas memórias.

Voltou de mãos dadas com Morgan para Tamarama nadando sem pressa, e chegaram lá por volta do início da tarde. Ali, se alimentou com vontade, considerando o quanto de energia havia consumido nas últimas vinte e quatro horas.

A bem da verdade, Cordélia postergava a conversa que teriam; havia pedido honestidade, sim, mas isso não queria dizer que estava ansiosa para ter as respostas nas lacunas do que Nitta lhe contara, sabendo que o assunto não seria muito agradável. Além disso, muito provavelmente seu guardião gostaria de saber *com quem* ela havia aprendido aquelas informações, e não tinha certeza do que contar. Assumiria que estava ficando louca e vendo alucinações na forma de uma garotinha...?

Morgan acabou iniciando o diálogo, de uma forma que ela não esperava. A levou até uma pequena gruta que havia no fundo do oceano, não muito distante de Tamarama, onde poderiam conversar sem ter nem mesmo os peixes como testemunhas.

Quando chegaram, ele calmamente se encostou em um canto, puxando Cordélia para si, de forma que ela ficasse apoiada entre suas pernas, com a cabeça em seu ombro. Beijou sua face delicadamente, e quase podia apalpar o sentimento que os envolvia: *amor*. Amava seu guardião, e sabia que era recíproco; não conseguia mais imaginar uma vida onde não o tivesse ao seu lado, mesmo que fosse para discordarem sobre qualquer assunto bobo que surgisse.

– Você me perguntou, em outra noite, sobre o fato de eu desejá-la por muito

tempo antes de você oficialmente me conhecer – ele começou – na ocasião, eu não lhe dei uma resposta.

Cordélia lembrava. Estavam em seu quarto, e havia sido a primeira vez que atingiram a terceira base; uma ocasião memorável para qualquer garota, diga-se de passagem.

– Bem... Não posso negar que estou curiosa – murmurou – você é só seis anos mais velho do que eu, e me viu crescer – o olhou com curiosidade – como seus sentimentos podem ter surgido da noite para o dia?

Morgan ficou pensativo por um momento, sua mão fazendo pequenos círculos no braço dela de forma involuntária.

– Não sei dizer se é algo tão simples assim – ele parou um momento, inspirando fundo – você se recorda de um acidente que teve aos treze anos, envolvendo um lago?

A garota levou um momento para se lembrar, e preferia não ter feito; era um daqueles momentos vergonhosos de sua vida que gostaria de esquecer. Estava em seu primeiro encontro oficial com um garoto que estudava com ela, e ainda não havia dado seu primeiro beijo, apesar de ter acabado de completar seus treze anos. Quando achou que era o momento certo, fez seu companheiro parar ao lado de um lago que tornava toda a situação romântica. E, ao se inclinar para beijá-lo... Não soube dizer o que ocorreu, porque simplesmente caiu dentro da água, ficando completamente encharcada.

Teve tanta vergonha por aquele dia, que nunca mais falou com o rapaz; por sorte, se mudou pouco tempo depois daquela cidade, acompanhando o trabalho de seu pai. Após aquela ocorrência, não adiou mais procurando o “momento perfeito” com um garoto; simplesmente os beijava quando sentia vontade, a fim de evitar que incidentes assim acontecessem.

Mas se Morgan a estava fazendo relembrar aquele momento em questão, então...

– Foi você quem me derrubou – constatou, surpresa – naquele dia, no lago. Viu seu guardião assentir, e parecia verdadeiramente envergonhado.

– Foi quando percebi que meus sentimentos por você eram muito maiores do que deveriam ser – ele relatou – você estava deixando a infância, ainda amadurecendo, mas em vários momentos eu podia visualizar vislumbres de como seria ao atingir a idade adulta, e eu... – ele fez uma pausa – eu simplesmente me vi *fisgado* por quem você se tornaria.

Morgan suspirou.

– Eu quis sumir depois disso, pois estava interferindo em sua vida de uma forma que um guardião jamais deveria, no exercício de minha função. Foi quando cometi meu segundo erro: me afastei de você.

*O quê...?* Por essa Cordélia não esperava.

– Por um ano e meio, eu voltei para junto de minha família, e deixei de protegê-la em tempo integral, só surgindo de vez em quando para ver como se saía – continuou – foi a época em que mais me envolvi com o exército rebelde, atuando diretamente junto às tropas da dissidência. No dia que Ariston descobriu, tomei uma surra que nunca esquecerei – um leve sorriso brincou em seus lábios – após isso, retornei para exercer minha função, e nunca mais tirei meus olhos de você.

Ele a olhou carinhosamente, envolvendo seu rosto com uma mão.

– Meus sentimentos não haviam diminuído, mas pareciam ter evoluído. Foi quando tive certeza que estava perdido, pois não seria apenas por obrigação que eu daria minha vida por você – beijou levemente seu nariz, a fazendo rir – eu o faria porque a amava, sem nenhum arrependimento posterior.

Quando Morgan dizia coisas assim... O interior de Cordélia se revirava por inteiro. Parte, por corresponder àquele amor; e outra parte... Por pura apreensão quando ele falava em dar a vida por ela. Sabia que ele cumpriria essa promessa, se fosse necessário; mas, mais do que tudo, não queria que chegasse a esse ponto.

– Obrigada por me contar – um sorriso brincalhão surgiu em seus lábios – e pensar que eu achei que você não correspondia aos meus sentimentos, quando começamos a nos envolver.

Ele riu, a abraçando com força.

– Ah, Princesa... Apenas minha função me impedia de correspondê-la por inteiro, no início – ele sorriu, divertido – mas, nas palavras de certa pessoa... “dane-se a ética”.

Ela riu, se aconchegando melhor a ele. Frente ao amor que sentia, não podia se importar menos com detalhes como ética e moral; se era correspondida, se entregaria àquele sentimento, e resolveriam um problema de cada vez – como uma tradição que existia no meio do caminho.

Ficaram abraçados em silêncio por um tempo, apenas aproveitando o momento. Cordélia repassava em sua mente todas as ocorrências daquele dia, e uma dúvida boba havia surgido em sua mente.

– Morgan, não entenda errado, mas... Por que você me chama de “princesa”, e

não de “alteza”?

Só havia notado o fato porque, mais cedo, Morgan havia se dirigido a ela pelo título, e não por sua função. Não era algo que a incomodava, mas despertou sua curiosidade.

– Porque, em minha mente, eu sempre me referi a você como *minha princesa* – ele sussurrou em seu ouvido – e o fato de você efetivamente ser da realeza não muda os sentimentos que eu tenho por você.

Ela realmente precisava parar de fazer perguntas do tipo para Morgan; pois, com cada resposta, ela se sentia tão mole quanto queijo derretido.

– Logicamente, na frente de outros, terei de me referir usando seu título – um roçar de lábios – mas, quando estivermos a sós...

*Hum hum...* Com suas bocas unidas, uma leva de sensações tomou o corpo de Cordélia, a fazendo pensar em algumas situações que ainda *não* havia experimentado.

– Você sabe... Ainda não *fizemos* nada na água – murmurou, enquanto se virava de frente para ele.

Ele riu e, ao invés de puxá-la para perto, a afastou. Vendo o cenho franzido da garota, se apressou a explicar.

– Quem sabe mais tarde... Antes, você ainda tem algo para me contar, não?

*Droga...* Achou que ele havia se esquecido, mas, pelo visto, só estava aguardando um momento de vulnerabilidade dela para perguntar. *Que golpe baixo!*

– Isso não se faz – ela comentou, semicerrando os olhos – você está se aproveitando de minha fraqueza.

Ele mordeu o lábio inferior, se impedindo de rir.

– Se este for o incentivo para você falar... – uma mão deslizou pela barriga dela, e involuntariamente sua cauda transmutou em pernas – está funcionando?

– Bem até demais – murmurou, ofegante.

Mas Morgan não faria mais do que provocá-la, e parecia feliz com isso – além de convencido. *Claro, o poder estava nas mãos dele.* Ainda que ele também já estivesse em sua forma humana naquele momento – reação incontrolável, segundo lhe dissera – não avançaria mais do que alguns toques se ela não dissesse o que ele queria saber. *Maldito autocontrole de guardião.*

– Ah, está bem! – ela se afastou de suas mãos, caso contrário, seria incapaz de pensar – mas você vai achar que estou louca.

Seu comentário o fez levantar uma sobrancelha.

– Posso considerá-la irracional e teimosa em alguns momentos, Princesa, mas nunca duvidaria de sua sanidade.

Ela lhe lançou um olhar enviesado, em dúvida se aquela havia sido uma ofensa ou não. Ficou vários segundos em silêncio, pensando em como contar.

– Vamos lá, não deve ser tão difícil – ele a incentivou – só me diga: com quem andou conversando sobre o povo do mar?

A garota suspirou.

– Nitta – respondeu simplesmente.

Vendo o olhar confuso de seu guardião, resolveu completar.

– Ela apareceu para mim depois que coloquei o Colar, naquela noite em que você me disse que precisaríamos ir embora logo – falava apressadamente – ela é uma pirralha prepotente e mandona, e disse para eu me livrar de você se quisesse aprender mais sobre meus poderes.

Morgan ganhou pontos por sua reação; ou melhor, pela *ausência de*, uma vez que a encarou com uma expressão ilegível.

– Essa garota... Nitta, é isso?

Cordélia deu de ombros.

– Ferinitta, na verdade, mas sempre me pede para a chamar de Nitta. Ela...

Se interrompeu ao perceber uma mudança no olhar de Morgan. Primeiro, surpresa; depois... Parecia simplesmente maravilhado. Por último, começou a rir.

– O que é tão engraçado? – perguntou, contrariada.

Mas Morgan gargalhava, e estava se sentindo completamente desconcertada naquele momento. *Mas que diabos...?*

Sem esperar, ele a puxou para um beijo, a pegando desprevenida. Seu olhar brilhava de diversão, como se houvesse uma piada não contada.

– Você não percebeu, não é?

– O que eu não percebi? – murmurou entre os dentes.

Seu guardião abriu um enorme sorriso.

– É um anagrama, Princesa – novo olhar maravilhado – “Ferinitta” usa as mesmas letras de... – ele encostou em seu colar – “Anfitrite”.

Cordélia levou um momento para entender o que ele dizia e, quando o fez, seu queixo caiu.

– Quer dizer que...

Ele ria novamente.



– Você vem conversando com a dona original do Colar todo esse tempo – completou, e parecia extasiado com a perspectiva – a esposa de Poseidon, a quem ele presenteou com uma joia de poderes ilimitados, só perdendo para o Tridente que entregou ao filho que tiveram.

Definitivamente, aquela conversa não estava saindo como Cordélia esperava. Achou que teria que provar que não era louca para seu guardião, mas agora fizera uma descoberta que não estava sabendo lidar. *A própria Anfitrite, primeira Rainha do Mar...* Na forma de uma garotinha. Franziu o cenho.

– Mas ela aparece para mim como uma criança – olhou para seu guardião – humana, quero dizer.

A informação não pareceu abalar Morgan, que deu de ombros.

– Ela pode ter escolhido a forma que se sentia mais confortável para conversar com você – ele meneou a cabeça, ainda admirado – não posso acreditar. A própria Anfitrite... E eu pensando que você teria conversado com a alma de um de seus ancestrais.

Cordélia inclinou a cabeça.

– Eles me ajudaram quando eu precisei te curar da paralisia – esclareceu – mas ainda não falei com nenhuma alma penada, se quer saber.

Morgan riu, a perplexidade ainda presente, enquanto a puxava novamente para perto.

– Você... – lhe deu um beijo – ...é... – outro – ...excepcional.

Se deixou envolver pelos lábios tentadores de seu guardião, e estava quase se deixando levar, quando um pensamento surgiu.

– Espera um segundo.

Se afastou, ignorando o olhar confuso que recebia. Da mesma forma como vinha fazendo pelas duas últimas madrugadas, invocou seu báculo, transformando seu Colar no acessório; depois, se concentrou em seu título, sentindo o peso da coroa em sua cabeça, enquanto voltava ao seu corpo de sereia. Viu Morgan inspirar fundo, a olhando surpreso.

– Você está... – ele engoliu em seco – dizer que está “espetacular” seria pouco para defini-la neste momento, Princesa.

Lisonjeada, e um pouco envergonhada com o elogio, Cordélia, deu de ombros.

– Nitta me disse que eu devo me vestir de acordo com meu título – explicou – mas que você, sendo meu guardião, também teria vestimentas adequadas – o olhou especulativamente – estou curiosa.

E, sem dizer mais nenhuma palavra, se concentrou em seu guardião, vendo a

pele dele brilhar no processo. Quando terminou, se sentiu tentada a devolver o elogio, mas não encontrou palavras.

Dizer que Morgan estava *estupidamente sexy* seria diminuir as sensações que ele lhe causava. Uma armadura havia surgido ao redor de seu corpo, na mesma cor cinza perolada de seu báculo, com placas cobrindo os músculos de seu peitoral e costas com perfeição, deixando os ombros livres para ele se movimentar; nos antebraços, tiras do mesmo material protegiam até as costas de suas mãos, deixando os bíceps nus, com sua tatuagem de guardião destacada em seu braço esquerdo. Sua bermuda gasta havia sumido, sendo substituída por outra em um material verde escuro que desconhecia, com suas coxas parcialmente protegidas, como nos antebraços; na cabeça, uma tiara fazia as vezes de capacete, protegendo sua testa e as têmporas, onde haviam duas placas arredondadas pequenas, deixando o resto do crânio livre.

Ele parecia verdadeiramente um *guerreiro*... E absolutamente letal, em mais de um sentido.

– Incrível – ele murmurou, olhando para si mesmo – mas me pergunto se...

Pareceu pensativo por um momento, estendendo a mão para longe do corpo. E, como se tivesse conjurado, uma lança surgiu entre seus dedos; a arma era da mesma cor da armadura, com o cabo intrincado em espiral, e a lâmina da ponta parecendo extremamente afiada.

– A Lança dos Guardiões – constatou, extasiado – todo guardião possui uma enquanto exerce sua função, garantida pelo poder do Herdeiro que protege – olhou para Cordélia, procurando sua reação – ela...

Esqueceu completamente o que pretendia falar. Pois ali, na sua frente, estava sua protegida flutuando completamente nua na forma humana, usando somente o Colar em seu pescoço.

– Você e eu... *Agora* – ela exigiu, enquanto o puxava para si.

Pego de surpresa, sua mente demorou a funcionar, com seu corpo correspondendo ao beijo de forma automática. Quando conseguiu, foi apenas para constatar o óbvio.

– Você sente alguma atração específica por tritões de armadura? – não resistiu em perguntar.

– Cale a boca e me ajude a tirar isso – ela lutava contra os fechos das placas de metal.

No fim, bastou que se concentrasse para que a vestimenta dele sumisse, da mesma forma como havia surgido. Não tiveram mais a oportunidade de falar,

pois finalmente Cordélia experimentava uma de suas maiores curiosidades: como seria ter sexo com Morgan embaixo d'água.

Não se decepcionou. Desde a primeira vez que o beijara submersa, sabia que as respostas de seu corpo eram muito mais potentes, como se uma energia percorresse entre eles. Avançando para além disso, era simplesmente... *Sensacional*.

Pela perspectiva de Morgan, só havia uma única ressalva a longo prazo: como conseguiria se controlar perto de sua amada, sabendo que, cada vez que usasse suas vestimentas de guardião, aquela lembrança específica viria à sua mente.

*Bom... Um problema de cada vez.*



capítulo 15

## *Um povo corrompido*

ESTAVAM NOVAMENTE ABRAÇADOS, OS batimentos cardíacos aos poucos voltando ao normal. Respirar embaixo d'água era, definitivamente, a melhor vantagem que Cordélia poderia pensar em ter, sendo uma sereia; o restante era um bônus.

Morgan brincava com uma mecha de seu cabelo, que flutuava ao redor deles; a desvantagem do ambiente, por assim dizer. Parecia perdido em pensamentos até a garota se ajeitar em seus braços para encará-lo.

– No que você está pensando?

Ele demorou um momento para responder, como se organizasse a própria mente.

– É só... Você está sendo treinada pela própria Anfitrite – ele retomou o assunto anterior, antes que tivessem feito uma pausa para satisfazerem seus corpos – nessa situação, não sei como qualquer lição minha pode vir a ser útil para você.

Cordélia franziu o cenho.

– Não tenha tanta certeza disso. Nitta é...

Procurou palavras para defini-la. Não conseguia se referir à garotinha de nenhuma outra forma além de “Nitta”; mesmo que tivesse descoberto *quem* ela era, só a via como uma *pirralha* – sua pequena alucinação.

– Bem, ela não é muito aberta à questionamentos – disse, por fim – e, na verdade, só me auxilia a desenvolver meus poderes com o uso do Colar. Tive que insistir muito para que ela me contasse sobre a guerra.

Ele pareceu pensar por um momento.

– Acha que... – seu tom de voz estava inseguro – acha que ela não vê com bons olhos o fato de eu me envolver com você, sendo seu guardião?

Cordélia beijou-o delicadamente.

– Na primeira vez que ela apareceu para mim, disse que não tinha interesse no que fazemos – respondeu sorrindo – e que só estava interessada no meu desenvolvimento como Herdeira.

Morgan retornou seu sorriso, parecendo aliviado. Por mais que tivesse concordado com aquele relacionamento por baixo dos panos, onde manteriam escondido do restante do povo do mar até que o dia da visita ao Oráculo chegasse – se chegasse –, se tivesse uma palavra contra por parte do *alter ego* da esposa de Poseidon, poderiam retornar à estaca zero, e Cordélia não queria nem pensar na possibilidade. Por sorte, não precisou mentir; Nitta realmente não pareceu se importar com o fato dela namorar seu guardião.

– Eu ainda tenho muitas perguntas – ela comentou – Nitta me falou sobre a guerra de uma forma geral, mas me deixou com muitas dúvidas.

– Hum... Para respondê-las, precisamos colocar nossas roupas – ele apontou, de forma divertida – caso contrário, serei incapaz de me concentrar.

Rindo, Cordélia concordou, e logo estavam vestidos novamente. Para evitar a tentação, até mesmo voltou a ter sua cauda, e sentou-se de frente para Morgan, ao invés de nos braços dele. Tratariam de um assunto sério, e preferia olhar em seus olhos enquanto ele contava.

– Então... O que deseja saber?

A garota pensou por um tempo. Nitta havia contado muito, e nenhum dos assuntos eram agradáveis de serem levantados. Ainda não havia tido a chance de verdadeiramente pensar sobre o que ouvira, e nem mesmo sabia se seria capaz de tirar alguma conclusão do pouco que já sabia.

– Eu não sei por onde começar – confessou – parece que tudo está embaralhado na minha mente, e eu...

No momento em que ficou sem palavras, Morgan segurou sua mão, entrelaçando seus dedos.

– Comece me dizendo o que ela contou, e tentarei preencher as lacunas.

Assentindo, Cordélia resumiu o que sua pequena alucinação havia narrado sobre a guerra do povo do mar. Quando terminou, Morgan ficou vários instantes em silêncio, pensativo.

– Ela não deixou nada de fora – constatou, depois de um tempo – tudo que ela contou realmente aconteceu, Princesa.

– Eu sei, mas... – a garota tentava colocar seus pensamentos confusos em palavras – eu não consigo entender, Morgan. Por que Zózimo faria isso...? Por que assassinaria a própria família para tomar o trono e se tornar um tirano com o povo que o ajudou...?

Aquilo era provavelmente o que mais a incomodava: entender as motivações de seu tio-avô. Até certo ponto, comparava com conhecimentos da história humana que possuía, e era capaz de entender a sede de poder de alguns; não era algo tão raro quanto parecia. Ao longo de séculos, sempre houve aqueles que batalharam por seus próprios interesses, e convenceram outros a ajudá-los.

Mas, por tudo que sabia de seu povo...

– Nós devíamos ser pacíficos, não? – continuou, quase em desabafo – do que você já me contou, da lenda de nosso surgimento... Nós não deveríamos ter sentimentos ruins, não é?

– Ah Princesa... – o tom de voz de Morgan era desolado – infelizmente, não há uma resposta objetiva para suas perguntas. Ninguém sabe realmente o que o Usurpador buscava quando se declarou herdeiro legítimo; nem se ele já planejava assassinar a sua própria família enquanto convencia os habitantes a segui-lo. A única informação que temos certeza é que ele busca o Tridente do Rei – ele apontou para o Colar que ela usava – e que o acessório que usa pode ser a chave para isso.

Ela franziu o cenho.

– Como assim?

– Segundo testemunhas, quando o Rei viu que a tomada do palácio por Zózimo era iminente, ele teria lançado seu Tridente pelos mares, para que não caísse nas mãos de seu irmão traidor. E, uma vez que o Colar de Anfitrite também foi um presente de Poseidon, há quem diga que a única forma de encontrar o Tridente perdido é se um Herdeiro legítimo, usando o Colar, o buscar.

Cordélia levantou uma sobrancelha. Sua função, aparentemente, também envolveria a localização de objetos perdidos. Fechou os olhos, se concentrando no Tridente da mesma forma como fazia com as vidas ao seu redor, tentando descobrir sua localização; e então...

– Nada – abriu os olhos – não sinto nada, Morgan.

Seu guardião deu de ombros, a olhando como quem pede desculpas.

– É só um boato, Princesa, provavelmente criado para gerar esperança nos habitantes. Não se cobre muito por isso – ele franziu o cenho – mas tenha cuidado. Não sabemos a extensão dos poderes do Usurpador, e nem do que ele

seria capaz de fazer caso o Colar caia em suas mãos.

Foi a vez da garota o olhar pesarosa.

– Eu não consigo tirar o Colar – ela revirou a corrente, para que ele visse a parte de trás – desde a primeira vez que eu o coloquei, o fecho sumiu.

Morgan não pareceu surpreso.

– O Colar de Anfitrite só pode ser usado pelos Herdeiros legítimos, e a eles pertence até o dia em que precisem passar ao próximo Herdeiro – explicou – usualmente, após a coroação do Rei, a Rainha passa a utilizá-lo. E, quando o filho dos dois atinge os dezoito anos, a joia é passada a ele, no momento em que deve visitar o Oráculo pela primeira vez.

Cordélia pensou por um momento.

– Mas... minha mãe o deixou em terra, comigo – constatou – e o Colar... Nitta disse que ele é um canalizador do meu poder, capaz de amplificar a minha magia. Não teria feito falta na guerra...?

– Sua mãe... Sabia o que estava fazendo – disse, após alguns segundos de silêncio – eu a acompanhei quando ela a deixou com seu pai, e se tem algo que posso afirmar, é que Princesa Corália agia com convicção.

Aquela afirmação trouxe outra dúvida na mente de Cordélia, muito mais simples do que a confusão que sua mente se encontrava.

– Morgan... Você tinha apenas seis anos – só agora aquela informação parecia ter sido compreendida por seu cérebro – eu nunca me toquei disso mas... Como foi que você acabou sendo meu guardião?

Para sua surpresa, o tritão pareceu... *Encabulado*.

– Princesa Corália fugiu das regras quando me nomeou seu guardião. Usualmente, o tritão escolhido possuiria ao menos um século de vida, com experiência e força acumulada para ser um bom mentor – ele ficou pensativo por um momento – não sei dizer se foi uma atitude impulsiva dela, ou se realmente planejou que acontecesse.

– Como assim?

– Bem... Desde que conheci sua mãe, ela interferiu na minha vida, por assim dizer – um sorriso surgiu em seus lábios – quando pequeno, eu já sabia que queria ser um guerreiro, e ela fez com que isso ocorresse. Fui enviado para a Academia da Guarda Real aos cinco anos, e ela acompanhava com interesse o avanço em meu treinamento.

Cordélia o olhou confusa.

– Mas você era uma criança – apontou, em tom incrédulo.

– Eu lhe disse que crianças-peixes se desenvolvem de forma diferente das humanas, Princesa – ele a olhou com diversão – quando você tiver a oportunidade de conhecer uma, entenderá.

A garota estava verdadeiramente perplexa. Não conseguia imaginar como um jovem de cinco anos poderia ser tão diferente do conceito de criança que possuía. Resolvendo deixar aquele assunto de lado – ao menos por hora –, levantou outra dúvida que a corroía.

– Qual o meu papel, Morgan? Eu sei que atualmente um tirano governa, e que há um grupo querendo destroná-lo, mas... O que esperam de mim? – franziu o cenho – os habitantes sequer sabem que eu existo?

Ele levou sua mão aos lábios, depositando um beijo em seus dedos.

– Você é a esperança viva de muitos, Princesa, e nunca duvide disso – afirmou, convicto – quando a guerra estourou, poucos sabiam que uma nova Herdeira já havia nascido, muito menos que permanecia viva. Ariston, obviamente, possuía esse conhecimento, assim como eu. Mas, como forma de protegê-la, nós mantivemos sua existência em segredo, ao mesmo tempo que espalhávamos rumores de que uma Herdeira ainda vivia – seus olhos brilharam – você ficaria surpresa com a força que um pequeno rumor pode ter. Mesmo sem ninguém confirmar diretamente, muitos passaram a acreditar que a Herdeira legítima retornaria para destronar o Usurpador e tomar seu lugar de direito.

Cordélia não duvidava; pelo que Nitta lhe contara, a desconfiança sobre sua mãe surgira justamente por boatos espalhados por Zózimo. E, apesar de ter sido um subterfúgio mal-usado na época, poderia agora atuar em seu favor.

– Mas, isso quer dizer... Ninguém sabe que você é meu guardião, então? Ele assentiu.

– Somente Ariston, quem me treinou, sabe da minha função com você. Para todos os outros habitantes do mar, sou mais um guerreiro descompromissado, que atua junto aos rebeldes quando lhe dá vontade.

Ela franziu o cenho.

– Isso não é muito lisonjeiro.

– As coisas são como são, Princesa – um olhar carinhoso – eu não me arrependo das escolhas que tomei. E, sendo honesto, ter vivido afastado dos outros me deu a oportunidade de me focar em meu treinamento pessoal, pois tive aulas com Ariston quando ele podia dispor de seu tempo. Além de ter sido o guardião de sua mãe, ele também foi o General da Guarda Real, e atualmente, comanda o exército rebelde.

– Sobre Ariston... Eu não sei bem o que pensar sobre ele – mordeu o lábio



inferior, escolhendo suas palavras – é que... Você me disse que o dever de um guardião é dar a vida por seu protegido. Mas...

Não precisou completar; Morgan já havia entendido onde ela queria chegar. Sendo guardião de sua mãe, como ele poderia ter vivido, e ela perdido a vida da mesma forma...?

– Ele nunca me contou os detalhes, Princesa – confessou – mas o que posso afirmar é que Ariston é o tritão mais honrado que conheci. Não posso imaginá-lo indo contra seus princípios, e se ele não pôde proteger a Princesa Corália...

As palavras se perderam. A garota avaliava o que havia sido dito, mas não conseguia chegar a nenhuma conclusão. Teria sua mãe ordenado que Ariston a deixasse morrer, sabendo que ele seria a pessoa ideal para liderar uma força rebelde? Se desse uma ordem similar a Morgan... Tinha certeza que ele descumpriria.

Novamente, as respostas que procurava só haviam lhe trazido mais perguntas sem solução. Se focou no que já havia ouvido, e quase deixou um detalhe passar despercebido.

– Você disse que sou a esperança para muitos – o olhou de forma avaliativa – mas não disse que sou para *todos*.

Viu como o olhar de seu guardião mudou com a observação, se tornando cauteloso.

– Morgan... – o chamou em tom de aviso. Não queria ter de lembrá-lo de sua promessa de honestidade.

– Às vezes, acho que você é perspicaz demais – ele comentou, inspirando fundo – mas você está certa. Não usei de exageros porque seria uma omissão, e prometi que não lhe ocultaria nada – seus olhares se encontraram – de fato, a subida de Zózimo ao trono trouxe mudanças em como nosso povo passou a existir.

– Que tipo de mudanças?

– Bem... Eu lhe disse que o povo do mar sempre foi pacífico por natureza. Por milênios vivemos em paz, pois tínhamos uma vida equilibrada com um Rei, descendente direto de nosso deus criador. Em todo esse tempo, não havia necessidade de escolha, pois só existia uma única opção.

– Mas o nascimento de Zózimo mudou isso – ela refletiu – ao ponto de dividir o povo e criar uma guerra.

– Exato. E, ao passar a ter o poder de escolha... Há alguns habitantes que vem procurando usar a guerra para se destacarem em seus papéis, visando o reconhecimento por outros – sua voz estava séria – concordam que é necessário

destronar o tirano, mas afirmam também que a linhagem direta de Poseidon terminou com a morte da Família Real. Com isso, pretendem eles mesmos competirem pela posição de governante dos mares.

Chocada, Cordélia levou um tempo para processar aquela informação. No fundo, não estava surpresa; pelo que já havia aprendido, o povo do mar possuiu uma existência equilibrada desde sua criação, e o centro desse equilíbrio parecia ser a ausência de livre arbítrio: eles eram acostumados à vida que levavam, e nunca questionavam.

Por um ponto de vista, poderiam parecer *estagnados*, já que não parecia ter existido qualquer tipo de evolução em séculos; por outro lado, foi aquela *comodidade* que manteve o povo vivendo em paz, pois não existiam desentendimentos capazes de gerar desavenças.

– Em outras palavras, além de destronar meu tio-avô, eu também precisarei provar que sou a melhor opção para o trono – ela concluiu, um gosto amargo em sua boca – não sei se estou ofendida ou lisonjeada com isso, Morgan. Quero dizer, eu descobri que sou sereia há pouco mais de um mês. Não posso culpar ninguém por não querer um governante que mal conhece sua própria natureza.

Morgan a sacudiu repentinamente, a retirando daquele estado deprimido que entrara. Seus olhos brilhavam de raiva, e Cordélia se assustou com aquela reação.

– Nunca mais diga isso, Princesa. Não importa o tempo que possui suas barbatanas, quem você *é* jamais se equipará a qualquer outra sereia ou tritão em todo o oceano – ele afirmou, e sua voz pesava com a convicção que sentia – aqueles que se declaram aptos a sentarem no trono não fazem ideia da distância que os separa de um verdadeiro Herdeiro de Poseidon.

– Mas Zózimo também é – rebateu – ele é gêmeo do meu avô, esqueceu?

– O Usurpador é uma exceção, um desvio, algo que nunca deveria ter ocorrido, se não fosse a maldição que o deus do submundo impôs sobre o nosso povo – ele replicou – nunca possuiu as qualidades que um verdadeiro Herdeiro deveria ter, e passou tempo demais enganando o povo antes de mostrar quem era de verdade.

As palavras de seu guardião trouxeram uma lembrança à mente da garota, pois eram muito similares às outras que Nitta lhe dissera. Segundo sua pequena alucinação, ela possuía as qualidades ideais de um governante, escolhidas pelo próprio Poseidon: coragem, perspicácia e amor.

Pensou em todas as vidas que sentia quando se concentrava no seu redor; eram uma parte *dela*. Não conseguia se imaginar dando as costas para todas

aquelas existências, muito menos as ignorando para seus próprios interesses. Seu tio-avô... Não, o *usurpador*... Definitivamente, não era um verdadeiro Herdeiro de Poseidon, ou jamais teria feito o que fez.

– Obrigada – viu como Morgan pareceu se acalmar – é só... Às vezes é difícil pensar sobre meu futuro.

Seu guardião a abraçou, afundando o rosto em seu cabelo. Permaneceu assim por vários segundos, como se o mero fato de tê-la em seus braços fosse capaz de acalmá-lo.

– Me desculpe por minha reação – ele se afastou, meneando a cabeça – você é importante demais, Princesa. Não apenas para mim, e faço uma ressalva em relação a como me sinto pessoalmente em relação a você – um pequeno sorriso – mas... Você é a única esperança para nosso povo. A única que pode se sentar no trono dos mares e restabelecer o equilíbrio, de forma a voltarmos à existência pacífica que tínhamos antes.

*Será mesmo...?* Cordélia não deu voz àquele pensamento, percebendo como seu guardião tinha uma opinião diversa. Mas, se havia uma coisa que aprendeu na sua vida humana, é que nada dura para sempre. Por terem uma vida mais curta, os humanos tinham absorvido o *carpe diem*: aproveitavam o dia, pois não sabiam se teriam o seguinte para viver.

Mas o povo do mar atingia os trezentos anos, e passaram milênios vivendo sem nenhum risco, nenhuma desavença; agora que vivenciavam uma guerra, seriam capazes de retornar à forma como viam o mundo anteriormente...? Afinal, uma vez que algo se quebra, jamais retorna à sua forma original, pois por mais que fosse concertado, as rachaduras permaneceriam como um lembrete do que ocorreu.

E não tinha certeza se, mesmo que governasse por dezena de anos, algum dia o povo do mar retornaria ao que tinha sido antes da guerra acontecer.

– Acho melhor voltarmos – murmurou.

Estavam naquela gruta subaquática por horas, e provavelmente já havia anoitecido na superfície. Considerando o acidente que causara naquela manhã em seu passeio do colégio, não poderia se dar ao luxo de passar mais um dia em terra, o que significava que só teria aquela noite para se despedir de seu pai.

Sem trocarem mais uma palavra, Morgan entrelaçou a mão à dela, e, com uma sensação de tristeza os preenchendo, retornaram para Tamarama.

\*\*\*\*\*

As luzes estavam apagadas quando entrou pela janela de seu quarto. Estranhou que seu pai ainda não tivesse chegado, mas não era raro que ele precisasse trabalhar até tarde. Foi em cada cômodo da casa, acendendo os interruptores, enquanto Morgan buscava uma blusa para vestir; as regras de Henri envolviam que, enquanto ele estivesse em terra, deveria se portar como um humano, e isso incluía se vestir quando estava embaixo de seu teto.

Notou a luz da secretária eletrônica piscando, e distraída, apertou o botão para ouvir, enquanto ia até a cozinha verificar se havia janta para seu pai, ou se teria que encomendar comida.

*“Você tem um recado”, a voz eletrônica proferiu, antes de um bipe ser ouvido.*

*“Senhorita Dolphin, aqui é o detetive Sheppard, da delegacia de Sidney. Tentamos contato pessoalmente, mas não conseguimos localizá-la.”*

Uma pausa longa.

*“Lamento informar, Srta. Dolphin, mas seu pai foi encontrado morto em seu escritório...”*

Cordélia não ouviu o restante; voltou à sala em um átimo, e violentamente jogou o aparelho telefônico no chão. Aquela só podia ser uma piadinha de mau gosto, feita por algum idiota sem o que fazer; tinha certeza que seu pai estava bem, e provavelmente havia enviado uma mensagem para seu celular, de forma que ela visse quando voltasse do mar.

Com o coração disparado, se virou para ir ao quarto procurar seu aparelho, quando duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: Morgan surgiu no corredor, atraído pelo barulho, e Nitta apareceu ao lado dele, com um semblante sério.

*– A magia é uma troca equivalente. Para conseguir algo, é necessário dar outra coisa em troca – a garotinha proferiu.*

*– Princesa, o que houve?*

Mas a garota não conseguia tirar os olhos da pequena assombração, ignorando que Morgan não era capaz de vê-la ou ouvi-la.

*– A magia de um deus não pode ser rebatida ou mitigada por meros mortais. Sua mãe sabia disso – continuou – então, ela fez uma troca.*

*Não... Ela não poderia estar dizendo...*

*– Uma vida por outra. Para cada existência que tivesse, um sacrifício de*

*igual valor seria necessário.*

*Não, não, não!* Tudo girava ao seu redor, uma pressão em sua cabeça que não conseguia controlar.

*– Ela ofereceu a dela em troca de a filha se tornar humana até atingir a maioridade. E seu pai ofereceu a dele para que a filha voltasse a ser sereia e cumprisse o papel que havia sido destinada a ter.*

Sem perceber, o mundo apagou. Afundando em um desespero silencioso, Cordélia perdeu seus sentidos e encontrou a completa escuridão.



HENRI DOLPHIN HAVIA SIDO encontrado morto em seu escritório naquele início da tarde, por uma assistente histérica. Uma investigação prévia havia sido feita, mas as autoridades humanas logo concluíram por uma causa oficial: suicídio. O empresário teria a posse de uma arma de fogo ilegal, a qual utilizara para tirar a própria vida.

Seu enterro ocorreu no dia seguinte, organizado às pressas pela empresa em que trabalhara nos últimos anos, vez que sua filha não estava em condições de atuar. Após várias tentativas de contato, haviam desistido de localizar Cordélia Dolphin, pois ninguém sabia de seu paradeiro. O telefone havia sido desconectado, e seu celular encontrava-se desligado.

A garota, na verdade, estava em seu quarto, deitada em sua cama. Não havia se movido desde o conhecimento da notícia, em um estado apático que preocupava seu guardião. Quando entendeu o que havia acontecido, Morgan esperou que chorasse; mas a ausência de demonstração de seus sentimentos era preocupante, pois indicava que guardava tudo para si.

Com muito custo, havia descoberto por ela o que realmente ocorrera: em uma voz padecendo de emoção, ela narrou o que o *alter ego* do Colar de Anfitrite havia dito, e por pouco o guardião não foi levado para o mesmo local obscuro onde sua princesa se encontrava.

*Sacrifício.* De muitas formas, as peças haviam finalmente se encaixado: como Princesa Corália havia realizado um feitiço que nunca havia sido feito antes; como ela havia nadado decidida de volta para a guerra, após deixar sua filha em segurança. Ela sabia o que a esperava, e encarou de frente, sem fraquejar em nenhum momento: dava sua vida em troca de quem era mais importante para ela.

E, de alguma forma, Corália havia convencido Henri a fazer o mesmo. Não devia ter sido difícil: bastou um olhar para sua filha, ainda bebê, para ser preenchido pelo amor incondicional de um pai. Faria o impossível para mantê-la em segurança, e se sua vida era a troca, que fosse.

Assim, pai e mãe se sacrificaram, garantindo que a filha tivesse uma vida completa em ambas as existências: como humana e como sereia, de forma que nem o poderoso feitiço do deus Poseidon poderia machucá-la. Até seus dezoito anos, viveu em terra sem acidentes; e após adquirir suas barbatanas, não houve retaliação divina pelo tempo que passou em duas pernas.

Morgan não conseguia nem mesmo imaginar como sua amada se sentia naquele momento. Podia não ter conhecido a mãe, mas a informação de seu assassinato pelo Usurpador a havia afetado; descobrir que ela *escolhera* dar sua vida teria um impacto maior. E quanto à Henri... Era tudo que ela conhecia em sua existência até aquele momento. Descobrir que ele também havia se sacrificado por amor, para que ela vivesse... Seria uma marca que ela levaria para toda a vida.

\*\*\*\*\*

Três dias haviam se passado desde o ocorrido. Algo despertou Morgan naquela madrugada; passava cada minuto ao lado de Cordélia, incluindo velando seu sono enquanto dormia. De alguma forma havia cochilado, mas, ao acordar e olhar para o lado, se deparou com a cama vazia.

Se levantou em um pulo, ativando sua marca de guardião na tentativa de localizar sua protegida. Para sua surpresa, percebeu que ela não se encontrava distante; caminhou pela casa, passando pela porta da sala e seguindo pelas ruas escuras no caminho que levava à praia.

A avistou ainda de longe. Estava de pé na areia, usando a mesma roupa que vestira pelos últimos dias. Seus pés estavam a centímetros da água, mas não a encostava. O guardião parou a bons metros de distância dela, para que não notasse sua presença, e aguardou.

Um passo. Depois outro. Quando Cordélia foi atingida por uma onda, caiu de joelhos... E chorou. Seu corpo tremia com espasmos, e seus gritos de desespero eram abafados pelas ondas, que lavavam suas lágrimas no processo. Abraçava a si mesma, antes de usar as mãos para bater nas ondas que a acertavam,

descontando a raiva que sentia. Raiva pelo mundo. Raiva pelo seu destino.

Morgan engoliu em seco, mas não se moveu. Sabia que sua amada precisava descontrair a frustração que a consumia, ou jamais seguiria adiante. A tristeza sempre estaria presente; uma palavra ativaria uma memória, e ela seria invadida pelas lembranças de seu pai. Mas o mar... Era seu domínio, seu ambiente; da mesma forma que ela compartilhava a vida de seus seres, eles também compartilhavam a dela.

*Deixe o mar levar sua tristeza, Princesa.*

Horas poderiam ter se passado, mas Morgan não se importou. Aguardou pacientemente até que os espasmos reduzissem a meros soluços. Quando a noite silenciou novamente, ficando apenas o som das ondas quebrando, se aproximou da garota, se ajoelhando ao seu lado.

Não disse uma palavra, e nem precisou. Ela levantou uma mão trêmula, e ele aceitou, a puxando para seus braços. Ficaram assim, em um momento destacado da realidade, somente os dois, envolvidos pela água ao redor.

– Jamais me abandone.

Um sussurro. Não sabia se era uma ordem, um pedido ou uma súplica; parecia, de alguma forma, os três juntos. E dentro de si, Morgan sabia que não poderia fazer tal voto; pois, entre sua vida e a dela, sempre escolheria o sacrifício para que ela vivesse, assim como seus pais.

Cordélia sabia disso. Levantou os olhos, e ao invés do vazio que os preencheria nos últimos dias, havia uma determinação que nunca vira antes.

– Me prometa – ela segurou o rosto dele entre as mãos – eu pertenço a você, assim como você pertence a mim. Se algo acontecer a você... Eu estarei ao seu lado, quer você queira ou não.

Ele queria negar. Queria dizer que a vida dela pertencia ao povo do mar, e valia muito mais do que a dele; que se chegasse o momento em que ele se sacrificasse para que vivesse, ela precisaria seguir adiante, tal como agora. Mas o olhar dela o impedia de falar; havia algo de tão sério em suas palavras, que soavam mais como uma *promessa*.

– Eu prometo – cobriu a mão dela com a sua – minha vida é sua para o que desejar.

E com o céu e o mar como testemunhas, selaram aquelas palavras com um beijo, envolvidos pelo silêncio da noite.







## Palavras da autora

Apesar de ser uma obra de ficção, tentei me basear o máximo possível em fatos e mitos já existentes, da onde desenvolvi a história de fundo usada no livro.

O mito da cidade de Atlântida é um exemplo. O primeiro registro histórico que temos é do filósofo Platão, que, em seus contos, diz ter sido afundada 9.600 A.C. Para o filósofo, Atlântida seria uma ilha habitada pelos atlantes, descendentes de Atlas, filho de Poseidon. Os atlantes, regidos por leis justas e riquíssimos, tinham empreendido a conquista do mundo mediterrâneo, mas Atenas os repelira. Finalmente, a degeneração de seus costumes provocara a ira dos deuses, e um maremoto tragara a Atlântida em um dia e uma noite.

Para os fins deste livro, porém, “inverti” o motivo de ter sido afundada: não por *degeneração dos costumes*, mas sim, por ter sido uma sociedade *evoluída demais*, causando inveja em Poseidon por venerarem a Zeus, e não a ele.

A Austrália existe (nossa, não diga rs), e as localizações citadas também, como Tamarama, Praia de Bondi e Recife Elizabeth. O colégio que Cordélia estudou, *Resilio House*, não existe, embora tenha sido fortemente inspirado em uma instituição de ensino localizada em Bondi (cujo nome não vou citar, a fim de evitar um processo judicial rs).

O fato de o povo do mar atingir os seus trezentos anos foi uma homenagem ao conto original “A Pequena Sereia”, escrita por Hans Christian Andersen (e não a versão da Disney). Nele, é afirmado que as sereias atingiriam seus trezentos anos, mas não possuiriam alma, se tornando espuma do mar, diferente dos humanos, que possuiriam uma alma eterna. Utilizando o conto original como inspiração, preferi criar um povo que atingiria essa idade e possuísse almas, mas que estas permaneciam no mar – o que gerou *todo* o problema das maldições

entre Poseidon e seu irmão Hades.

Não preciso dizer que o imaginário humano é permeado pela mitologia das sereias ao longo da história, existindo versões desses seres mitológicos em diversos povos. O “canto da sereia”, então, é um dos artifícios mais usados, por atrair marinheiros para suas mortes. Preferi apenas deixar como um hipnotismo, porque, né... Qual a graça de matar pessoas aleatórias com a voz? Rs

Por fim, sobre a mencionada *linguagem universal* usada pelo povo do mar, nasceu da necessidade, ao me perguntar “mas que língua eles falariam?” – especialmente pelo livro ser escrito em português, mas narrado por personagens que falariam inglês. Para criá-la, me inspirei totalmente na narrativa da Torre de Babel e da linguagem particionada, aproveitando também a existência de mitos similares em outras culturas.

Bom, é isso; espero que tenham gostado desse pequeno esclarecimento dos fatos e mitos que inspiraram o livro!



## Agradecimentos

É muito difícil definir determinadas pessoas a serem agradecidas, quando tantas influenciaram, de alguma forma, para que essa obra saísse.

Eu vou começar com aquela que deu o pontapé inicial: G.S.K. Kitsune. Ela havia sido uma leitora da antiga versão desta obra, e entrou em contato comigo para falar sobre o livro que ela estava escrevendo (e que já é uma trilogia maravilhosa, podem procurar!). De alguma forma, acabamos virando amigas virtuais, cada uma em um estado diferente, mas conversando diariamente sobre todos os tipos de assunto. Em algum momento eu comentei sobre como queria “revisar” meu livro e alterar o que me incomodava antes de prosseguir com a continuação, e ela apoiou cem por cento, estando ali para opinar sobre as mudanças que eu fazia, além de ser a leitora beta de cada capítulo que ficasse pronto. Sem ela, acho que essa nova versão nunca teria saído, e minha motivação como escritora jamais teria retornado. Muitíssimo obrigada!

Não poderia deixar de agradecer à minha amiga e assistente, Nathalya, que no papel de leitora beta – e não conhecedora da versão antiga – também me deu *insights* muito interessantes nessa versão revisada; além disso, o fato de ela ler os capítulos em voz alta para que tanto ela quanto a mãe lessem ao mesmo tempo me inspirou muito em criar determinadas cenas engraçadas.

E há, lógico, aqueles que agradecemos por simplesmente existirem em nossa vida. Meu marido Raphael, em primeiro lugar, por ser sempre um apoiador de todas as escolhas que faço, por mais bizarras que sejam; Fábio Pulla, por ser aquele amigo de todas as horas, que topa dar carona até um shopping onde Judas perdeu as botas somente para eu comprar um teclado decente para escrever (ele vai usar isso contra mim a vida *toda*); Bruna Zózimo, cujo sobrenome foi uma

mera coincidência com um dos personagens da obra, mas que entrou na minha vida ainda na época da faculdade e permanece até hoje; Verônica Mesquita, por ter sempre apoiado minha escrita desde o início, e mesmo com a faculdade de Medicina e os turnos de internato, encontrou tempo para ler e opinar sobre a nova versão; Gisele Alves, por ser aquela amiga perfeita que está sempre lá para te ouvir, não importa o que esteja passando; e, logicamente, meus pais, por existirem na minha vida até hoje e sempre me amarem, mesmo quando não faço exatamente o que eles gostariam da minha vida.

Não há como listar cada uma das pessoas que, de tantas formas, acabaram ajudando essa obra a sair. Até mesmo meu capista favorito, Marcus Pallas, merece um trecho desse agradecimentos, pois foi sua arte maravilhosa que despertou a vontade louca de entregar esse material a vocês o mais cedo possível (e ele já está “comprometido” para os próximos volumes, quer ele queira ou não rs). Sem uma única direção da minha parte além de “não quero que pareça capa de livro infantil”, ele conseguiu entregar um resultado maravilhoso e profissional como nenhum que eu já tivesse visto, e merece um agradecimento enorme por isso!

E agradeço, por fim, aos meus antigos leitores, que ganharam uma seção própria designada a eles nesta nova versão da obra, pois sem eles, “A Herdeira do Mar” não existiria como é no momento, e nem teria uma continuação a caminho. Foi pelo apoio deles, das mensagens recebidas por redes sociais e e-mails, que mantive em mente a vontade que tinha de continuar e entregar um final para a história de Cordélia e Morgan. Muito obrigada!

E aos novos leitores.... Vocês já tem um cantinho especial no meu coração por simplesmente existirem e acompanharem minha escrita. Espero, muito em breve, estar agradecendo diretamente a vocês na continuação desta obra. Até lá!



Advogada e carioca de nascimento, atualmente reside em São Paulo com seu marido. Escrever ficções desde os doze anos de idade, sendo “A Herdeira do Mar” sua primeira obra original a ser publicada. Tem planos para continuação do livro, além de já ter projetos de outras futuras séries literárias em andamento.

Acompanhe as novidades do livro e sua continuação, curiosidades e extras no site:

<http://www.izechikiohaan.com>

e nas Redes Sociais:

[Facebook.com/AHerdeiraDoMar](https://www.facebook.com/AHerdeiraDoMar)

Twitter: [@IzeChiKiohaan](https://twitter.com/IzeChiKiohaan)

Instagram: [@IzeChiKiohaan](https://www.instagram.com/IzeChiKiohaan)

# Table of Contents

[Capa](#)

[Título](#)

[Sobre esta versão](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1 – Rainha do gelo](#)

[Capítulo 2 – O estranho misterioso](#)

[Capítulo 3 – Explicações](#)

[Capítulo 4 – Histórias de família](#)

[Capítulo 5 – Boas vindas ao mar](#)

[Capítulo 6 – Uma noite encantada](#)

[Capítulo 7 – Nova rotina](#)

[Capítulo 8 – Descobertas inesperadas](#)

[Capítulo 9 – Pequenos avanços](#)

[Capítulo 10 – O peso das tradições](#)

[Capítulo 11 – Imaginação fértil](#)

[Capítulo 12 – Aprendizado](#)

[Capítulo 13 – O povo do mar](#)

[Capítulo 14 – Erros e acertos](#)

[Capítulo 15 – Um povo corrompido](#)

[Epílogo](#)

[Palavras da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

[A autora](#)